RB186,577

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

THEATRO COMICO PORTUGUEZ,

OU

COLLECÇÃO DAS OPERAS PORTUGUEZAS,

Que se representárão na Casa do Theatro público do Bairro Alto, e Mouraria de Lisboa,

OFFERECIDAS

Á' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por * * *

TOMO TERCEIRO

Contém
- Adolonimo em Sydonia.
- A Ninfa Siringa.
- Novos Encantos de Amor.
- Adriano em Syria.

LISBOA:

Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. 1790.

Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Vende-se na mesma Officina.

Foi taxado este Livro em papel a trezentos reis. Meza 6 de Setembro de 1792.

Com tres rubricas.

ADOLONIMO
EM
SYDONIA,

Opera que se representou na Casa do Theathro público do Bairro Alto, e Mouraria de Lisboa.

ARGUMENTO.

Adolonimo descendente de sangue Real amava muito a Syrene filha de Estrato Rei de Sydonia, e seu inimigo; e vendo elle que por esta razão lhe não podia manifestar o seu amor, se determinou a ser seu jardineiro; sabendo porém que Cyrene (ainda que constrangida) casava com Demetrio, foi assistir ás bodas mascarado para impedir o desposorio, o que feito, e conhecido, foi prezo; e chegado quasi aos ultimos fins da vida, de que o livrou Alexandre Magno, e o constituio Rei de Sydonia, casando-o com Cyrene, privou do Reino a Estrato.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Horta.*
II. *Jardim.*
III. *Sala de Palacio.*
IV. *Sala de docel bem armada.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Jardim.*
II. *Sala.*
III. *Torre.*
IV. *Jardim.*
V. *Torre.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Sala.*
II. *Torre.*
III. *Campo.*
IV. *Sala.*
V. *Campo, e viſta de Torre*
VI. *Sala de docel.*

INTERLOCUTORES.

Adolonimo, amante de Syrene.
Demetrio.
Alexandre Magno.
Eſtrato, Rei de Sydonia.
Syrene, Princeza, filha de Eſtrato.
Orintia, ſua prima, amante de Demetrio.
Cadeia, gracioſa.
Pimentaõ, Gracioſo, criado de Adolonimo.
Çapato, criado de Demetrio.
Hum Algoz.
Hum General.
Soldados.

ACTO

ACTO I.

SCENA I.

Horta. Apparece Adolonimo em traje de hortelaõ.

CORO.

Decante hoje amor
O doce Hymenêo,
Que gozáo ditoſos
Syrene, e Demetrio.

Adol. SUſpende eſſa cruel harmonia, oh rigoroſo aſpid de meu peito; pois me introduzes na alma o maior veneno disfarçado na ſuavidade de teu canto. Ai de mim! quem dirá, que o ſonoro da muſica, que ſempre foi lenitivo da pena, ſeja de minha pena o motivo que o que tem por effeito o goſto, ſeja a cauſa do meu tormento? que o que para todos he gloria ſeja para mim martyrio?

Sahe de outra parte Pimentaõ ſem Adolonimo o ver.

Pim. Ora vamos entrando por eſta horta aſſim como quem quer couves. Cá eſtá o hortelão; talvez que me queira por companheiro:

verei ſe me poſſo accommodar com o olho da enxada, já que o cruel de meu amo me poz no olho da rua. Vamos deitar barro á parede. Ah Senhor noſs'amo, v. m. quer moço? Não pegou o barro, nem ſe ouvio o berro. Vá de eſtoutra parte: Ah ſenhor, v. m. não ouve? Nada; o certo he que he ſurdo para mais penas ſentir.

Adol. Ah cruel fado! ah cruel amor!

Pim. Ai que eſtou perdido, que ſe queixa de amor! He poſſivel, que hum cavador de enxada padeça o achaque dos que fazem a barba duas vezes na ſemana? que tenha forças para andar ás lutas com Cupido, quem todo o dia anda ás pancadas com a terra? que queira atear o fogo quem todo o dia anda alagado em ſuor? Mas o certo he, que tambem pegão debaixo da agoa as armas, que amor carrega. Ora vamos-lhe outra vez ao couro. Voſſa mercê ouve? Peior: ſupponho que deſte fallou Camões, quando diſſe: A nada diſto o bruto ſe movia. Vá agora tão alto, que não ſómente o faça mover a elle, mas a quantas mulheres prenhes me ouvirem. Ah ſenhor, hum ſujeito que quer....

Adol. Que hé iſto?

Pim. Mas já não quer o ſujeito, e tudo o que quiz o dá por não querido, com perdão de voſſa mercê, ſalvo tal lugar.

Adol. Pimentão?

Pim. Senhor Adolonimo?

Adol. Vem cá, de que te aſſuſtas?

Pim.

Pim. Não me hei de assustar de ver, que sendo vossa mercê o senhor Adolonimo illustre descendente de Real sangue, a qnem tantos annos servi, o veja agora neste vil estado, depois de me ter dito *oculus ruorum*?

Adol. Razão tem a tua lealdade de se queixar de mim; porém já que a fortuna aqui te trouxe, te direi a causa porque te despedi, e o motivo porque aqui me vês com estes rusticos vestidos; com condição porém de guardares segredo.

Pim. Dize, Senhor, seguramente, porque a minha boca he a couſa mais secreta que póde haver.

Adol. Já sabes que sou Adolonimo nascido de Real sangue, e que sempre vivi com grandeza igual ao meu lustre, e de meus progenitores: não ignoras tambem, que na opposição que fiz ao nosso Rei Estrato ao throno de Sydonia, elle por mais fortuna, que meritos, ficou com o Reino, e eu abatido, e desprezado, sem me valerem nem a nobreza, nem os merecimentos; pois he couſa certa serem os nobres, como os entendidos, alvos de toda a desgraça.

Pim. Tambem por cá vai muita couſa disso.

Adol. Ouve agora o mais, que não sabes.

Pim. Vamos ao caso, que he o que importa.

Adol. Tem Estrato huma filha dotada da mais rara belleza, que o mundo até agora vio.

Pim. Isso he o diabo.

Adol. O mais peregrino motivo da admiração,

e o mais admiravel objecto de todo o paſmo: a eſta vi; e como a vi, era forçoſo o adoralla; porque nos altares formoſura he a adoração mais divida, que offrenda.

Pim. De que não ha duvida nenhuma.

Adol. Em huma occaſião, que tive a de lhe fallar, me parece não forão mal acceitos os meus rendimentos, ſe he que me não enganou a idêa, porque aos amantes ſempre ſe lhes repreſenta facil o que deſejão porém como o odio, que me tem ſeu pai Eſtrato (naſcido da oppoſição, que lhe fiz ao throno) foi cauſa de que me faltaſſe de eſperança, quanto me ſobejava de amor, pois apenas podia vella, me determinei deſpedir-te, e aos mais criados, e fazendo-me auſente, buſcar por eſte caminho alguma liſonja ao meu amor, e algum refrigerio a tanto incendio, ſervindo há oito dias de ſeu jardineiro com tal diſfarce, que até ella meſma ignora, que eu ſeja Adolonimo.

Pim. Eu meſmo, ſe te não vira aqui, não havia ſaber que aqui eſtavas.

Adol. Mas ai de mim, que toda eſta eſperança em que vivia, ſe trocou pela deſeſperação em que morro; porque eſta noite a caſa ElRei ſeu pai com hum dos principaes de Sydonia por nome Demetrio.

Pim. E agora que has de fazer mais, que chuchar no dedo?

Adol. Ainda me falta apurar o reſto da deſeſpeção, porque eſta noite hei de hir aos deſpoſorios maſcarado (como he permittido neſte

Rei-

Reino) e offerecer a vida por ultimo ſacrificio, ao que tu tambem has de acompanhar-me.

Pim. Sim acompanhára, ſe eu tambem tiveſſe vida, que offerecer.

Adol. Pois de que modo não a tens?

Pim. Porque já eſtou morto com fome.

Adol. Se he eſſa a dúvida, logo te ſatisfarás.

Pim. Então vamo-nos já remaſcarar: mas ſe acaſo nós formos, e virmos os deſpoſorios, e tu vires com o olho, e comeres com a teſta, que has de, Senhor, fazer ao depois?

Adol. Attende, que eu to digo.

Pim. Oh por tua vida recita-mo muito bem recitado.

RECITADO.

Adol. Se a ſorte rigoroſa, e injuſto fado
Contra mim ſe moſtrar cruel, e irado,
Se a pena do que ſinto, e do que choro,
Me negar o hem unico, que adoro,
Sem procurar da mágoa mais indicio,
Renderei eſta vida em ſacrificio;
Porque a vida com huma infeliz ſorte
He mais, do que viver, continua morte.

ARIA.

Se meus olhos gozar virem
Outrem do meu bem amado,
Amante, e deſeſperado
Terei iras, e furor.
Perderei a cara vida
Neſta pena, e furia inſana,
Porque a morte mais tyranna,
He ſentir hum tal rigor. *Vai-ſe.*

Pim.

Pim. O certo he que ninguem conta, nem canta melhor hum ſucceſſo, do que meu amo, *ſalvo meliori judicio.* *Vai-ſe.*

SCENA II.

Jardim. Sahe Syrene, Orintia, e Cadeia.

Cad. ENxuga, Senhora, o pranto; não chores aſſim por hum auſente quando eſtás para ter a poſſe de tanta felicidade. Eu por mim pégo-me áquelle ditado, que diz: O que o olho não vê, coração já ſe ſabe.

Syr. Que mal entendes, Cadeia, o meſmo que aconſelhas, pois eſſe adagio quer dizer, que não ſe ama o que ſe não vê; porém não ſe virifica em mim, porque depois que vi a Adolonimo, tão preſente o trago no ſentido, e tão repreſentado aos olhos da alma, que já mais pude acabar comigo o eſquecer-me delle, nem deixar de ſentir a ſua auſencia, e ſó me tem ſervido de algum alivio, quando vejo ao noſſo jardineiro, pois he delle tão proprio retrato, que julgára ſer o meſmo Adolonimo, ſe não houveſſe tanta differença nas peſſoas de hum, e outro.

Cad. Pois he juſto que eſtando para te receberes com Demetrio daqui a poucas horas, pagues com lagrimas os carinhos de teu eſpoſo? Ai que ſe fora eu, não caberia em mim de contente.

Syren. E me parece que primeiro que lhe dê

dê a mão, perderei a vida ao rigor deſte tormento.

Orint. Oh aſſim o permittão os Deoſes, que Demetrio não ſeja teu. *á parte.*

Cad. Pois, Senhora, ſe teu pai te obriga a que caſes com elle, que remedio há mais que fazer das tripas coração?

Orint. Eu, Prima, te aconſelho, que reſolutamente digas, que ainda não queres acceitar o eſtado, que te offerecem. Muito convém ao meu amor não querer Syrene á Demetrio, pelo muito que lhe quero, ainda que elle não o merece por ingrato. *á parte.*

Syr. Da Parca o veja eu mortal deſpojo.

Cad. Ai, Senhora, dás ao diabo a quem te quer por tudo quanto Deos lhe deu?

Syr. Deixa loucuras, que não eſtou para ouvir-te.

Orint. Muito empenhada niſto ſe moſtra Cadeia.

Cad. Não he por empenhada, he porque da mulher, e a fazenda o primeiro ajuſte he o melhor; porque tanto a fazenda, como a mulher, quanto mais eſtão, mais ſe damnificão, e muitas vezes algumas fazem ſuas avarias.

Syr. Neſcia eſtás.

Cad. Iſto ha de dizello qualquer maráo, que me eſteja ouvindo.

Sahe Pimentaõ ſem ſer viſto.

Pim. Já a barriga eſtá como hum tambor; vamos agora fazer o exercicio. Mas tá, tá rá, tá tá, que temos cá gente de cutiliqué: eſgueiremonos daqui, antes que venha pelo caminho hum. Sois muito atrevido; andai confia-

fiado ; oh lá deitem fora eſſe villão ruim. *em falſete.*

Cad. Quem eſtá ahi ?

Pim. Meus ditos , e meus feitos.

Orint. Não ouves ?

Pim. Faço-me ſurdo , e vou uſando de afaſtanças , e arredanças.

Syr. Vem cá , dize quem és ?

Pim. Eu , Senhora , já me eſtava hindo ; mas para voſſas Altezas não dizerem , que eu cá que ſou , e que tal , e que ſim Senhoras. . .

Syr. Não te perturbes , falla.

Pim. Eu , ſenhora , fui ... Vim . . . e tornei. . . e dahi tomo , e que faço. . . .

Cad. Eſtá bem medroſo.

Pim. Eu , Senhoras , a fallar a verdade tenho muita vergonha diante de voſſas Altezas.

Syr. Dize quem és , que te não quero fazer mal algum.

Pim. Eu ſupponho que entre as mais voſſa Principeza he que he a Senhora ſua Alteza ?

Syr. Sim , dize.

Pim. Por muitos annos , e bons. (Agora farei as partes a meu amo.) *á parte.* Eu , Senhora , ſou hum pobre Pimentão , que vim buſcar com o hortelão cómmodo para trabalhar neſtas verduras ; porque me mandou á fava hum amo , que tive que era hum Adolonimo dos meus peccados com perdão de voſſa Alteza.

Syr. Que dizes , quem era teu amo ?

Pim. Hum Adolonimo , ou hum Ademonio.

Syr.

Syr. Pois para onde foi, (ai de mim!) que dizem que se auſentára?

Pim. Supponho eu que hiria buſcar alguma Princeza, que devia de perder; porque ſempre andava pelas caſas, como quem buſcava, dizendo: Ai minha Princeza, como hei de viver ſem ti!

Cad. Ahi temos novo atiçador. *á parte.*

Orint. Oh quem ouvira dizer o meſmo de Demetrio? *á parte.*

Syren. E não lhe ſabes o neme?

Pim. Ella não tinha nome certo, porque humas vezes lhe chamava ſoberana, outras ingrata, outras cruel, e quantos exdruxulos lhe parecia. (Parece que vai pegando o viſco.) *á parte.*

Syr. E queria-lhe muito?

Pim. Ui, meſmo a arrebentar.

Syr. Sentia o não vella?

Pim. Iſſo como ſe nunca nos viſſemos.

Syr. Ai amado Adolonimo, que mal ſabes as penas que me cuſtas? *á parte.*

Orint. Ai querido Demetrio, que ſó tu te prézas de ingrato!

Syr. Baſta que chorava a ſua auſencia?

Pim. Sim, Senhora, chorava muito, e por final...

Syren. Por final que?

Pim. Que chorava muito.

Syr. Tira-me de huma dúvida: não te parece o hortelão o ſeu proprio retrato?

Pim. Sim, Senhora, ſó o que tem de differença he o não ſe parecer bem com elle, que no mais he o meſmo cuſpido, e eſcarrado.

Syr.

Syr. Pois em que ſe não parece?

Pim. Em que o hortelão he mais eſpadaûdo, mais pernudo, mais orelhudo, e mais cabeçudo, pois tem huma condição de todos os diabos.

Cad. Não me parece elle ſenão melhor, que Adolonimo.

Pim. Tambem o hortelão he mais barbudo, e mais boquilongo; e ſe voſſa Alteza reparar nelle, quando falla, verá que não tem eſte dente queixal.

Syr. Elle em tudo me parece o meſmo.

Pim. Repare-lhe tambem no nariz, e verá que a venta eſquerda he muito maior do que a outra.

Cad. Que forte mentira! *á parte.*

Syr. Eſtá bem: vai, que eu mandarei dizer ao hortelão que te trate bem.

Pim. Já levo que contar a meu amo. *á parte.* Beijo não as mãos, nem os pés nem ainda os dedos delles, ſenão a mais inferior unha do menor pé de voſſa Alteza. *Vai-ſe.*

Orint. Divertido he eſte criado que foi de Adolonimo.

Cad. O que importa, Senhora, he ſabermos, de que parecer ficas ácerca do deſpoſorio.

Syr. Não me falles em tal.

Cad. Pois, Senhora, ſe daqui a poucas horas ElRei te obriga, a que dês a mão de eſpoſa, que has de fazer?

Syr. Eu te reſpondo.

ARIA.

Para que me ſerve a vida,
Se o viver he cruel morte?
Renderei á Parca forte
O doce alento vital.
Compellida, e obrigada
Perco a liberdade, e a vida:
De eſtar morta quem duvída
Ser manifeſto final? *Vai-ſe.*

Orint. Ah cruel Demetrio, quanto amor me deves?
Cad. Temos, Senhora, ſegunda exclamação?
Orint. Deixa-me, Cadeia, alliviar comtigo a minha pena.
Cad. Comigo? allivie-ſe com quem lhe cauſa eſſe tormento.
Orint. Na verdade ſempre és boa peſſa.
Cad. Sim, Senhora, porque lhe aturo as ſuas buxas, e as da Senhora Syrene.
Orint. Cadeia, ſó te quero encommendar, que não deſcubras a minha Prima, que amo a Demetrio.
Cad. Deſcobrir a ſenhora ſua Prima? iſſo não, que faz muito frio.
Orint. Como eſtás louca, aos ares direi as minhas queixas.
Cad. Faz bem, iſto de areas ſó os ares as ſabem ouvir.

ARIA.

Orint. Até quando, dize ingrato,
Ha de durar teu rigor,
Deſprezando hum firme amor
Tão fino no idolatrar? Pa-

Para que cauſas a morte
A quem te offerece a vida,
Se a huma alma tão rendida.
Não ſe deve deſprezar? *Vai-ſe.*

Cad. Coitadinhas; huma quer caſar com hum, e outra com outro, e na minha opinião quer hum, quer outro não são deſpiciendos; porém o noſſo Quinteiro não era máo para trabalhar na vinha do matrimonio.

Sahe Çapato.

Çap. Minha bella Cadeia, cujos fuzís petiſcando na pederneira de meu coração tanto atêa a iſca da minha vontade, que chegando-lhe a mécha do meu deſejo, logo ſe acende a véla do meu amor, em cujos incendios me abrazo amante maripoſo.

Cad. Senhor Çapato, não ſe ponha comigo neſſes pontos, ſenão olhe, que do couro lhe hão de ſahir as correas.

Çap. Ai cruel Cadeia, que podendo ſer colar do meu peſcoço, és rigoroſo grilhão, que me atormentas!

Cad. E voſſa mercê, Senhor Çapato, quando devia andar debaixo dos pés de todos, já ſe quer pôr comigo no bico dos pés?

Çap. Ai minha Cadeia, quem abrandára a tua dureza!

Cad. Ai meu Çapato, quem re curtíra bem o couro

Çap. Bem pudéras, Cadeia, ſer menos pezada.

Cad.

Cad. Bem pudéras, Çapato, deitar outro roſto, que eſſe já eſtá muito velho.

Çap. Fica-te, Cadeia, já que és rigoroſa. *Vai-ſe.*

Cad. Vai-te, Çapato, já que és tacão.

ARIA.

Vaite, Çapato, para a padaria,
Chichello velho
Roto, e ſuado; vai deſeſtrado,
Pois não me ſerves para o meu pé.
Todo o Çapato, que goſto, e que gaſto,
Ha de ſer apertado que mata,
Com bico de pata
Ou ponta de prata, que he moda tambem.

SCENA III.

Sala de Palacio. Sahem Syrene, e Demetrio.

Dem. SUſpendei, Senhora, o rigoroſo deſdem; pois ſe me concede a ſórte alcançar tão brevemente a ditoſa poſſe da voſſa mão, bem podeis deixar já a tyrannia, e attender mais amante a quem vos adora.

Syr. Que mal soão as finezas ditas por quem ſe aborrece! *á parte.*

Dem. Baſte já de rigor, querida Syrene.

Syr. Quem eſcutára de Adolouimo, o que ouço de Demetrio. *á parte.*

Sahe El Rei.

Rei. Vamos, Demetrio, vinde Syrene, que he já tempo de que Hymenêo vos offereça coroas do mais feliz conſorcio.

Dem. Ditoſo ſerei, ſe tal gloria chego a poſſuir.
Syr. Infeliz ſerei, ſe primeiro não render a vida aos triſtes golpes da morte. *Vão-ſe.*

Sahe Adolonimo, e depois Pimentão maſcarados.

Adol. Vamos, Pimentão?
Pim. Eſpera, Senhor, que eſtou cá aracando iſto: ha tal preſſa! *dentro.*
Adol. Já todos vão entrando para a ſala.
Pim. Pois quer-ſim, quer não; olhe que eſtá boa. *dentro.* Eſtás com huma preſſa, como ſe foras tu o noivo. *ſahe.*
Adol. São horas de entrarmos; que mais alegre vou pelas noticias que me déſte de Syrene.
Pim. Oh pois eu diſſo tive humas grandes alviçaras.
Adol. Não as perderás; e agora te quero advertir, que não has de paſſar da porta da ſala Real; porque na preſença do Rei eſtamos obrigados a tirar as maſcaras, que eſtas ſó são concedidas no meſmo palacio na auſencia da Mageſtade.
Pim. Niſſo não haverá dúvida; mas pregunto: eu aſſim como ſou convidado para o deſpoſorio, ſou tambem chamado para o banquete?
Adol. A iſſo não podemos nós aſſiſtir.
Pim. Pois então vou-me deſfardar; porque cuidava que vinha tirar o ventre de miſeria; que ha tal, que apanhando-ſe em huma tolá deſtas, mete no bucho para quinze dias, ſe antes diſſo não eſtoura por alguma parte.
Adol. Que differentes cuidados te trazem a ti, do que a mim!

Pim.

Pim. Porém mais me admira, que com todos eſſes cuidados, e amores, te aches, Senhor, com paciencia para hires ver a tua dama caſar-ſe com outro: excellente eras para o officio de cordoeiro.

Adol. Em que era bom para eſſe officio?

Pim. Em que tu, e elles andão ás aveſſas dos mais; que neſte caſo coſtumão outros hir para fóra da terra, e tu te queres metter mais pela terra dentro.

Adol. Deſculpo o teu reparo, porque ignoras o meu intento.

Pim. Huma vez que he iſſo, fallemos em outra couſa. Ah Senhor, que taes figuras eſtamos nós depois de maſcarados? Eu te affirmo que eſtás a couſa mais gentil-homem que póde ſer.

Adol. Agradeço-te a liſonja; porém eu de ti affirmo, que provocas a riſo.

Pim. E eu de ti te juro, que provocas a choro.

Adol. Porque?

Pim. Porque me cheiras a defunto: vê bem o que fazes. *Soão inſtrumentos.*

Adol. Mas já querem entrar: vamos que são horas. *Vai-ſe.*

Pim. Eu vou já, que primeiro quero fazer hum ente de razão.

ARIA.

Faço hum ente de razão,
Pois he iſto huma quiméra,
E ſe eſta tem tres cabeças
Que he Leão, Cabra, e Dragão,
Todas tres vejo aqui eſtar.

Meu amo hum Leão parece,
Cabra parece Syrene,
Mas Eſtrato, que he Dragão,
A todos ha de tragar. *Vai-ſe.*

SCENA IV.

Sala bem ornada, e na parte principal della eſtará ſentado ElRei, á mão direita Syrene, á eſquerda Demetrio, e alguns maſcarados com a cara deſcuberta; e cantando o Coro, apparecem á porta Adolonimo, e Pimentão.

Adol. AI Pimentão, que já vejo o adorado iman de meus ſentidos.

Pim. Que te faça muito bom proveito.

Adol. Cala-te, e obſervemos daqui o que ſe faz.

Rei. Para que ſe proſiga o feſtejo com mais goſto; dem Syrene, e Demetrio com as mãos a reciproca união das almas.

Adol. Já ouço a ſentença da minha morte.

Pim. Cala-te, e obſervemos daqui o que ſe faz.

Dem. Com todas as potencias eſpero a poſſe de tanta gloria.

Syr. Que ha de ſer de mim em tanto aperto? *á p.*

Dem. Aqui eſtá a minha mão.

Sir. Ah cruel ſórte, em que afflicção me chegaſte a pôr? *á parte.*

Tira o lenço, e chora.

Adol. Ai Pimentão, que ella a mão lhe quer dar.

Pim. Pois eu, Senhor, que culpa tenho diſſo? Mas ella, o que faz he aſſoar; ou enxugar nos olhos o eſtilicidio, que o teu amor lhe tem derretido no peito. *Rei.*

Rei. Não seja, Syrene, bastante o vosso pejo a dilatar tanto o que ordeno.

Dem. Não me admira, Senhor, o chegar a ventura vagarosa a quem a deseja.

Syr. Oh Deoses immortaes, como vos não compadeceis de mim? *á parte.*

Pim. Isto vai-me cheirando mais a tragedia, do que a boda. *á parte.*

Rei. Já a demora chega a ser desobediencia.

Syr. Eu, Senhor, já obedecendo .... (ah cruel desgraça!) *á parte.*

Dizendo estas palavras Syrene, bindo para dar-lhe a mão, em que tem o lenço, este lhe cahe, a tempo que Adolonimo sahia a embaraçar a acção; porém vendo cahir o lenço, o levanta.

Adol. Ai de mim! Porém o lenço... *levanta-o.*

Dem. A mim me pertence só o levantallo: larga-o. *para elle.*

Pim. Ella está travada; o lencinho ha de chegar aos narizes de alguns. *á parte.*

Syr. Ai, que certamente he Adolonimo! *á part.* Por evitar competencias a ambos o tirarei eu. *tira-o.*

Dem. Com a vida pagarás o teu atrevimento. *pucha por hum punhal.*

Adol. Primeiro será a tua despojo da minha ira. *Pucha por outro, e Syrene se mete no meio de ambos.*

Rei. Prendão esse traidor. *prendem-no.*

Pim. Vamos abalando, antes que chegue por cá a agarratoria. *Vai-se.*

Sold.

Sold. Sigão eſſe maſcara, que ſe auſenta, que tambem veio com o traidor.

Rei. Tirem a maſcara a eſſe atrevido.

Tirão a maſcara a Adolonimo.

Rei. He o traidor de Adolonimo.

Dem. Morrerá.

Rei. Suſpendei, Demetrio, o valoroſo impulſo; que quero que pague com huma pública morte ſeu manifeſto atrevimento.

Syr. Ai querido Adololonimo, quem pudera valer-te? *á parte.*

Rei. Dize, traidor inimigo, em que fundaſte o teu atrevido arrojo?

Adol. De traidor me criminas, e de inimigo me accuſas, quando em nada te offendi; porque o reſtituir hum lenço ao nevado throno de donde tinha cahido, não he inimiga acção, nem traidor atrevimento, o querer-me defender com hum punhal de outro, que me pertendia tirar a vida, não he atrevido arrojo, pois he ſó natural defeza.

Rei. Seja levado á torre de Palacio, donde ſahirá a pagar com a vida a ſua temeridade. (Boa occaſião tenho de me vingar de Adolonimo por ſer oppoſto comigo ao Reino.) *á p.*

Adol. Ah Rei injuſto, e cruel, os Deoſes te caſtiguem.

Rei. Demetrio, a tal ira me provocou o atrevimento deſte traidor, que determino transferir para o ſeguinte dia o voſſo deſpoſorio, em que eſteja mais ſocegado do preſente deſgoſto.

Dem. Obſervo obediente o que ordenas.

Syr.

Syr. Já esta demora suaviza de algum modo a minha pena. *á parte.*

ARIA A 4.

Rei. Pagarás com a dura morte
Dem. De hum traidor justo castigo.
Adol. Não obrei como inimigo
Em servir....
Rei e Dem. Suspende a voz
Adol. A Syrene....
Syr. e Adol. Oh cruel dor!
Rei. Vai-te, aparta-te de mim,
Rei e Dem. Antes que já furioso
Meu impulso } rigoroso.
Adol. e Syr. Cruel fado }
Rei e Dem. Execute o seu }
Adol. e Syr. Suspende tanto } rigor.

ACTO II.

SCENA I.

Jardim. Sahirá Pimentão de entre humas ramas ainda mascarado.

Pim. AQui tenho estado escondido dos que me buscavão: agora que já não sinto nenhum dos aguazis, quero hir mudar a pelle, antes que ma curtão, e largar esta roupa, antes que me cheguem della ao couro. Mas ai, elles comigo; não; he o vento, que alli bolio naquella arvore: forte pavor tive! Ora vamos sahindo, mas ai desgraçado de mim, que medo que mamei; e era aquelle passaro, que vai voando, e me parecia huma tropa de Cavallaria. Ora deitemos o medo para traz, e vamos andando para diante, que ainda que ouça o que ouvir, já não hei de temer.

Sahem por detraz dous Soldados, e pegão nelle.

Pim. Forte pé de vento me lançou a mão.
Sold. 1. Está prezo.
Pim. Valente melro cantou agora.
Quer ir andando.

Sol.

Sold. 2. Voſſê não ouve, que ſe dê á prizão?

Pim. Voſſas marcês perdoem, que cuidei que era algum pé de vento, inda que de todo me não enganei pela trovoada que eſpero.

Sold. 2. Ora ande, não ſeja tollo.

Pim. Pergunto eu: voſſas mercês a quem querem prender?

Sold. 1. A voſſê, ſeja quem quer que for.

Pim. He boa graça, pois voſſas mercês prendem ſem ſaber a quem? E ſe eu não for eu, e for outro, he juſto prender a outro por amor de mim?

Sold. 2. Havemos levar a quem acharmos com eſta maſcara.

Pim. Pois ella acaſo neſte Reino he fazenda de contrabando, para ſe prender a quem ſe achar com ella?

Sold. 1. Ande prezo, não nos dê razões.

Pim. Pois viſto ſer prezo contra minha vontade, háo de me levar á força.

Deita ſe no chaõ.

Sold. 2. Levemo-lo arraſtrando: mas elle peza como chumbo.

Pim. Inda agora voſſas mercês ſabem que ſou homem de muito pezo?

Sold. 1. Não vi pezar ſemelhante!

Pim. Pezem voſſas mercês bem o que fazem, para que ao depois lhes não peze.

Sold. 2. Não he poſſivel levarmo-lo.

Pim. Senhores, eu pela parte materna ſou neto de Anthêo, e aſſim eſtando na terra, ſou mais forte que hum Hercules.

Sold.

Sold. 2. Pois prendamo-lo a eſta arvore, em quanto chamamos mais quem nos ajude.

prendem-no.

Pim. Prendão-me embora á arvore, que talvez colhão muito bom fruto diſſo.

Sold. 1. Prendamo-lo bem porque não fuja.

Pim. Ah Senhores, de manſo com eſſe arroxar; não apertem muito comigo, olhem que deſconfio.

Sold. 2. Deſconfie embora.

Pim. Quando não deſconfie, ſempre me deixão bem encordoado.

Sold. 1. Vá em tanto comendo dois limões-ſinhos deſſa arvore. *Vai-ſe.*

Pim. E he verdade, que ainda agora eu reparo, que eſtou já no limoeiro, quando cuidava que apenas eſtava chegado ao tronco; mas o certo he, que me prendêrão no tronco do limoeiro. Que bellas limas que tem! e he de admirar, que em hum limoeiro, onde ha prezos, ſe conſintão tantas limas; mas a deſgraça he, que havendo tantas, não poſſo eu limar eſtas prizões; e mais he para ſentir que eſteja eu feito Tantalo olhando para ellas. Mas ai, que ahi vem outro algoz, ſe não me engano.

Sahe Çapato.

Çap. Que he iſto quem eſtá aqui prezo?

Pim. Sou eu, inda que me não prendêrão por ſer eu, ſenão por ſer eu a quem achárão.

Çap. Pois porque o prendêrão?

Pim.

Pim. Porque como agora tudo são desposorios, tambem me querem casar á força com a Cadeia.

Çap. Pois com a Cadeia o querem casar? Oh desgraçado homem que sou?

Pim. Peior he esta agora, o homem deve ser doido. *á parte.*

Çap. E ella quer da sua parte?

Pim. A Cadeia por si está prompta, para receber quem quer que for.

Çap. Ah ingrata! E quem ordena isso?

Pim. ElRei Estrato.

Çap. Oh infeliz de mim! quem trocára comtigo a sua sorte.

Pim. Vou-lhe seguindo o humor, que isto deve de ser alguma tratada. *á parte.* Isso meu Senhor tem bom remedio; mudemos os vestidos, e os lugares, mudaremos a sórte; que eu de nenhuma quero a de casar com ella.

Çap. Dizes bem, vamos a isso; eu te solto. *solta o.*

Pim. Anda de pressa, antes que me venhão buscando, e ao depois fique como hum tollo sem se casar.

Çap. Já estás solto.

Pim. Ora vamos para aqui, trocaremos os vestidos. *occultão-se.*

Çap. Não posso aturar que case a gente á força.

Pim. Certamente he mal feito; mas são cousas que succedem: dá cá a capa depressa; pois a rapariga dizem que he huma manteiga.

Çap. Oh que he bella como huma flor.

Pim. Sabe vossê o que nós parecemos? duas crianças.

Çap.

Çap. Porque ?

Pim. Porque voſſê vai-ſe babando , e eu fico chuchando no dedo.

Çap. De contentamento me eſtá o coração téfe , téfe.

Pim. Viſta iſſo depreſſa : o certo he que voſſê hoje , meu amigo , hade-ſe fazer como humas paſcoas. Ah cão-ſinho ! Vamos andando , que póde vir alguem.

Sahem para fóra com os veſtidos trocados , e ata Pimentaõ a Çapato.

Çap. Tomára eu já hir diante delRei : atame depreſſa.

Pim. Ah perro , que eſtás já pulando por te veres neſtas limpezas !

Çap. Não apertes tanto.

Pim. Ora calle-ſe , que para iſſo ſe ha de regalar hoje muito bem regalado.

Çap. Olha que me feres as máos.

Pim. Pois voſſê queria levar iſto ás máos lavadas.

Çap. Iſſo he aſneira : ai , ai.

Pim. Ahi eſtá ; fique-ſe embora , e logre-ſe por muitos annos com eſſa minha Senhora.

Çap. Sempre obrigado por eſte favor.

Pim. Oh meu amigo , tomára eu preſtar para mais. De boa eſcapei ! *á parte.*

Vai-ſe por huma parte Pimentaõ , e ſahem por outra tres Soldados.

Çap. Mas eilos lá vem já buſcar-me : oh quanto folgo ter eſta fortuna !

Sold. 1. Agora veremos ſe ha de vir ou não. *deſataõ-no , e daõ-lhe.*

Çap.

Çap. De vagar, de vagar, que eu já quero hir por minha vontade.

Sold. 2. Já quer hir por bem? pois ha de amargar o que nos fez. *daõ-lhe.*

Çap. Ah Senhores, voſſas mercês querem-me caſcar, ou querem me caſar?

Sold. 1. Ande magano, verá o que lhe ſuccede. *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Sala. Sahem Syrene, e Orintia.

Syr. AI de mim! Para onde encaminho os paſſos, ſe a cada paſſo para a morte caminho?

Orint. Não te entregues, Prima, tanto ao ſentimento.

Syr. Como não hei de ſentir, ſe conſidero a Adolonimo prezo, e eu em liberdade?

Orint. Infeliz eu, que perdi a minha por hum ingrato. *á parte.*

Syr. Oh, quando acabareis, deſgraças, de affligir-me! *á parte.*

ARIA.

Aveſinha ſolitaria
Saudoſa, amante, e triſte
Sou nos écos, que repite
De contínuo a ſuſpirar.
E no canto, em que procura
Dar allivio ao ſeu tormento,
Mais creſce o rigor violento,
Mais ſe augmenta o ſeu penar. *Vai-ſe.*

Orint.

Orint. Oh como he diverſo o meu ſentimento do de Syrene, pois ama a quem por ella offerece a vida, e eu morro por quem me aborrece! *Vai-ſe.*

Çap. De vagar, Senhores, com eſſes empuxões. *dentro.*

Sold. Anda para diante. *dentro.*

Çap. Ah Senhores, voſſas mercês levão-me à caſar a baraço, e pregão? *dentro.*

Sahem de huma parte El Rei, e Demetrio, e de outra Çapato, e os Soldados.

Rei. Que vozes são eſtas?

Dem. He, Senhor, o criado de Adolonimo.

Çap. Deixem-me, que já quero caſar.

Rei. Tirem-lhe a maſcara.

Tirão-lhe a maſcara.

Çap. Aqui eſtou já prompto para caſar com quem Voſſa Mageſtade quizer.

Dem. Eſte he o meu criado!

Rei. Dize-me, porque cauſa acompanhaſte maſcarado a Adolonimo?

Çap. Eu, Senhor, não conheço nenhum Bolonio.

Rei. Pois como o acompanhaſte deſſa ſórte?

Çap. Senhor, iſſo ſupponho que não he do caſo; o que importa he caſar eu, que já eſtou querendo.

Rei. Que louco he eſte?

Çap. Não ſe conſuma Voſſa Mageſtade que eu já quero caſar.

Rei. Levem-no prezo até ſe averiguar a verdade.

Çap. Para que me hão de prender, ſe eu já quero caſar com a Cadeia?

Dem.

Dem. Senhor, este homem he meu criado, e além da sua simples ignorancia, não he crivel que acompanhasse a Adolonimo, pois nem o conhece.

Çap. Se esse Bolonio, que vossas mercês nomeão, he alguem, que me póe embargos ao casamento, he falso; que eu não devo nada a ninguem.

Dem. Cala-te louco.

Çap. Pois já não querem que caze? Saude.

Rei. Vamos, Demetrio, e visto ser vosso criado, fique livre. *Vai-se.*

Dem. Obedeço, Senhor, obrigado a tantas honras. *Vai-se.*

Çap. Que historia será esta deste Bolonio?

Sold. 1. Meu camarada, bem bolonio he vosse. *Vai-se.*

Sold. 2. Vosse parece que he mui camello. *Vai-se.*

Sold. 3. Meu amigo vosse tem muita carne no cachaço. *Vai-se.*

Çap. Que injurias são estas que ouço! O certo he que aquelle magano devia de me enganar; pois se os que prendem para casar, quando sahem sem capa, sahem com mulher; eu fui tão logrado, que fiquei sem mulher, e sem capa. *Vai-se.*

SCE-

SCENA III.

Torre. Apparece Adolonimo na prizão.

Adol. AI de mim infeliz ! ai desgraçado, que a tal fim me chegou o infausto da minha sorte, que só me resta o desesperado fim da minha vida !

Sahe de outra parte Syrene, sem ser vista de Adolonimo.

Syr. Com a chave falsa, que tenho desta torre, entro a ver o meu querido Adolonimo, e aqui occulta ouvirei o que diz. *occulta-se.*

Adol. Que pouco sentiria o trocar-se o ditoso esplendor de minha nobreza pelos duros ferros desta prizão, se ao menos me constasse, que Syrene se compadecia de meus infortunios, e que recusando o consorcio de Demetrio, correspondia ao fino do meu amor ! Porém como ha de assim ser, quando a considero constragida por hum tyranno Pai, que achando opportuna occasião á sua vingança, pertende com a minha morte saciar o cruel odio, que me tem ? Porém não ha de ser assim, porque primeiro será seu verdugo a minha desesperação.

Tira hum punhal.

Que he bem perca a doce vida quem perdeo a belleza de Syrene. Morre infeliz Adolonimo, pois nasceste só para desgraças : rende o ultimo alento ao rigor deste punhal, já

que

que nem hum só alento te concede a esperança nos rigores de tantas penas.

Quer ferir-se, acode Syrene, e lhe segura o braço.

RECITADO A DUO.

Syr. Suspende, amado bem o fero arrojo;
Não sejas de duas vidas cruel despojo.
Adol. Deixa, bella deidade, deixa, deixa
Pôr fim com minha morte a tanta queixa.
Syr. Attende, a que em tanto desatino
No soffrer se requinta o amor mais fino.
Adol. Já demito da morte o instrumento,
Pois me dá nova vida o teu alento.
lança fóra o punhal.

ARIA.

Adol. Pois me ampara huma deidade,
Já não temo a sorte dura.
Syr. Confia } em que a ventura
Adol. Confiando }
Amb. Nem sempre cruel será.
Adol. Se hoje alcanço o teu amparo,
Syrene adorada, e bella,
Não temo } a infausta estrella
Syr. Não temas }
Amb. Que nem sempre he firme o mal.

Adol. Ainda duvído (adorado simulacro do meu amor) que mereci no mais propinquo instante da minha morte alcançar o maior amparo da minha vida; e quasi não creio, que che-

go a gozar tanto bem, quando me conſiderava na maior afflicção do meu mal.

Syren. Não me ſerá preciſo, querido Adolonimo, manifeſtar-te, o quanto te quero, pois o preſente effeito da minha fineza dá cabal moſtra do meu amor; e delle obrigada entrei a ver-te neſta torre quando admirei a impaciente temeridade, que intentava teu afflicto peito; e aſſim te peço (ſe alguma couſa te mereço) pelo que te adoro, ſuavizes com a eſperança de melhor ſorte o cruel tormento da tua deſgraça; porque o infortunio ás vezes ſe cança de perſeguir, e tambem no mal he inconſtante a fortuna.

Adol. Não he a prizão que padeço, nem a morte que eſpero, a maior pena que ſinto; ſó o que me atormenta he o ver, que outrem te ha de gozar, quando eu te perco. Ai adorado bem da minha alma, que ſó eſta conſideração he o maior algoz da minha vida.

Syr. Vive ſeguro, que ou hei de ſer tua, ou de outro não hei de ſer; para o que procurarei melhor occaſião de te dar liberdade: fica-te embora, que receio que me procurem.

Adol. Attende, eſpera, que eſſas palavras forão o mais poderoſo contraveneno de meu mal; e ſe ſe manda repetir o remedio, que cauſa conhecida melhora em qualquer corporea enfermidade, he juſto o meſmo faças a eſſas palavras, que tanto ſuaviſárão a eſta alma enferma de amor.

Syr. Digo, que pódes ter a certeza, que antes per-

perderei a vida, que deixar de ser tua : os
Deoses te guardem. *quer ir-se.*

SONETO.

Adol. Espera, espera mais, Syrene amada,
Communica-me hum pouco esta ventura;
Porque perde o valor de ser segura
A dita, que fugio, quando chegada.
Syr. Permitte, que me ausente violentada;
Pois neste apartamento amor procura,
Que antes sinta a saudade a pena dura,
Do que fique a esperança mal lograda.
Adol. Vai-te pois, segue embora esse conceito,
Que posto queira a sorte hoje ausentar-te,
Sempre ficas comigo no meu peito.
Syr. Fica-te, amor, que ainda que aparte
A esperança com tão tyranno effeito,
Comigo dentro n'alma hei de levar-te. *Vai-se.*

ARIA.

Adol. Alviçaras, amor,
Minha dita hoje decanta;
E se minha gloria he tanta,
Alviçaras me dá.
Larga as settas, toma a tuba,
Publica tanta victoria
Pois timbre da tua gloria
Esta victoria será. *Vai-se.*

SCENA IV.

Jardim. Sahe Pimentão com o veſtido da primeira Scena, e com huns alforges.

Pim. COmo meu amo falta deſde hontem no jardim, antes que ſe ſaiba com a falta delle que era eu, o que fiz, e acontreci, vou-me eſcapando daqui, antes que venha alguem por cá; pois já que me livrei de huma, bom ſerá não me metter n'outra. Aqui levo de caminho o fato daquelle bom homem, que tão ſolto andava por ſe receber, que ſe quiz caſar com hum tronco; ainda que me não admira, pois lá houve hum que quiz caſar com huma arvore, outro com huma eſtatua de pedra, outro com huma pintura &c. que iſto não he para mim que ſou hum aſno.

Sahe Cadeia.

Cad. Voſſe o diz, que eu não o nego.

Pim. He porque voſſa mercê me traz por hum cabreſto; ainda que quando a vejo, me parece que ando bem deſencabreſtado.

Cad. Voſſe não ſervio a Adolonimo?

Pim. E tambem ſe voſſa mercê ſe quizer ſervir de mim, a ſervirei como puder.

Cad. Pois vá-ſe antes que o achem, e o prendão.

Pim. Não me acharão facilmente, porque eſtou mui perdido.

Cad. Eſtá perdido?

Pim. Sim, no labyrintho deſſes olhos.

Cad. Vá-ſe, que não o entendo, ſenão eu me hirei.

Pim. Ouça primeiro huma hiſtoria neſte

SONETO.

Era huma vez hum dia; ſim, bem digo:
Era hum dia huma vez: vai ſenão quando
Hia hum moço bizarro caminhando
A buſcar n'uma caſa a hum ſeu amigo:
Olhe, menina, ás vezes hum perigo
Se levanta dos pés não ſe cuidando;
Mas ai que vão-ſe as quadras acabando!
Agora nos tercetos eu profigo.
Hia elle direito como hum eſpeto
Que eſta moda, Senhora, já ſe uſava
De andar hum homem feito hum eſqueleto:
Ora ha caſo como eſte! he couſa brava!
Que já agora no reſto do Soneto
Não me cabe a hiſtoria que contava.

Cad. Iſſo he o meſmo que tudo nada entre dois pratos; deixe-me hir embora, que o não poſſo ouvir.

Pim. Ora ouça-me mais duzentos, ou trezentos ſonetos.

ARIA.

Cad. Cale-ſe tolo, tolinho.
Pim. Oh meu bemzinho.
Cad. Oh meu aſninho,
Pim. Denguinho,
Cad. Burrinho,
Ambos. Não digas tal.
Cad. Va-ſe embora aſneirão.
Pim. Meu coração.

Cad.

Cad. Meu toleirão.
Pim. Minha affeição.
Cad. Basbaqueirão.
Pim. Baſte ora } já.
Cad. Cale-ſe }

Sahe Çapato.

Çap. Bom! bonito! Iſſo eſſa lindo, meus Senhores! Eſſas galhofinhas não são más! nem eſſes ſaltinhos, minha menina!

Cad. Pois por ventura, Senhor Çapato, eſtes ſaltos são da ſua conta?

Pim. Ai que eſtou perdido, que he o caſador mór do Reino! Mas talvez que me não conheça. *á parte.*

Çap. Voſſa mercê, Senhora Cadeia, tem muita ſoltura.

Cad. Voſſa mercê, Senhor Çapato, ha de miſter huns cordeis.

Çap. Quem he eſſe ſojeito, que tambem bailava por concomitancia?

Pim. Ei-lo comigo. *á parte.*

Cad. He ſujeito de melhores predicados que voſſê.

Çap. Não a quizera eu no reſponder tão logica.

Cad. Não o tomára eu no inquirir tão juridico.

Çap. Mas ai! Elle he! Oh meu cavalheiro? *para Pim.* He o meſmo! *á parte.*

Pim. Falla comigo?

Çap. He o meſmo! Oh magano que me enganou.

Pim. Com quem falla eſte Senhor? *para Cad.*

Cad. Eu ſei que ſalvage he eſſe.

Çap. Não diſfarce, velhaco, que me ha de pagar o que me fez.

Pim.

Pim. Voſſa mercê eſtá em ſeu juizo, meu coração?

Çap. Ainda nega que foi o que me prendeo, dizendo, que o querião caſar com eſſa menina?

Cad. Ai que graça!

Pim. Já ſei que eſtá enganado. A's ſuas ordens, meu Senhor. *faz que ſe vai.*

Çap. Tenha mão, que ha de vir diante delRei. *pega nelle.*

Cad. Antes que ſucceda alguma, vou-me embora. *Vai-ſe.*

Pim. Voſſa mercê devia jantar hoje bem. Pois vá cozello com quem quizer.

Çap. Cuida que me não ha de pagar as injurias, que me fez ſoffrer?

Pim. Sim pagarei; quanto quer por ellas?

Çap. Voſſê logra-me? Ande comigo.

Pim. Largue a mão, ſenão levará nos narizes.

Çap. Oh atrevido.

Pim. Pois já que não larga, tome. *da-lhe.*

Çap. Ah que delRei, ah que delRei.

Pim. Cale-ſe, cale-ſe, que eu eſtava zombando.

Çap. Ah que delRei.

Sahem ElRei, e Demetrio.

Rei. Quem dá aqui vozes?

Pim. Lá vai Pimentão deſta vez. *á parte.*

Çap. Eſte he o magano que me enganou com o caſamento.

Dem. Eſte he o criado de Adolonimo, que eu bem o conheço.

Pim. Eu, Senhor?

Dem.

Dem. Sim, tu és.

Pim. Sim tu és? Pois então eſtá feito.

Rei. Dize-me, a que entraſte maſcarado com teu amo?

Pim. Entraſte maſcarado? Nunca taes traſtes tive.

Rei. Oh da guarda, levem eſte criado de Adolonimo para a prizão, para que tambem o acompanhe na morte. *Vai-ſe.*

Sahem Soldados.

Çap. Já vou ſatisfeito, e vingado. *Vai-ſe.*

Pim. O tal Çapato deo comigo á ſola. *á part.*

Sold. 1. Vamos andando.

Dem. Levem-no já dahi, que na forca confeſſará quem he ſeu amo.

Pim. Na forca quem he ſeu amo? Pois então ſou ſeu criado. *fazendo corteſias.*

Sold. 2. Ande depreſſa.

Pim. Ah Senhores, eſcuzem de me metter as máos nos alforjes.

Sold. 1. Que diz? Voſſê ſabe com quem falla?

Pim. Sim Senhores, eu ſupponho que voſſas mercês são como aquelles excellentes agarradores, que agarrão não ſó aos prezos, mas tambem as alfaias, que elles trazem comſigo.

Vai-ſe com os ſoldados.

Dem. Oh quanto ſe demora huma ventura, quando he appetecida! pois pelo deſgoſto que cauſou a ElRei o traidor atrevimento de Adolonimo, ſe tem dilatado a gloria que já podia ter poſſuido; e aſſim me parece que ſou...

ARIA.

Navegante, que aviſtando
Ao porto appetecido,
De tormenta combatido,
Perde a terra deſejada.
Rigoroſa tempeſtade
Me aſſaltou de huma desdita;
Dilatando-me huma dita,
Que podia ter lograda.

Sahe Orintia.

Orint. Já vejo a Demetrio: Ah ingrato, quanto mal pagas o que te quero! *á parte.*

Dem. Mas Orintia dias ha que dá a entender que me ama; porém fingirei que não a entendo, pois perco o Reino de Sydonia, ſe perco a Syrene. *á parte.*

Orint. Penſativo eſtás Demetrio? já no cuidadoſo pareces caſado, quando na realidade ainda o não és.

Dem. Sempre deve eſtar triſte, quem ſe vê mal acceito.

Orint. Não he porque deixe de haver quem deveras te ame.

Dem. Bem entendo, que por ſi o diz; mas importa disfarçar. *á parte.* Não me conſidero tão venturoſo. *para Orintia.*

Orint. Se deixares de amar a Syrene, muito brevemente me parece que o verás.

Dem. Auſentando-me atalharei que ſe declare mais. *á parte.* Vem tão tarde eſſe conſelho,

que

que já não o posso acceitar: concedei-me, Senhora, licença que ElRei me espera.

para Orintia. *Vai-se.*

Orint. Vai-te, ingrato; amor me vingue de ti, já que pelo limitado interesse de hum Reino desprezas o grande Imperio de amor. Não te fora melhor reinar em hum coração rendido, que aspirares ao dominio de hum peito, que te resiste?

ARIA.

Demetrio ingrato, e querido,
Se ao reinar desejoso
Te moves ambicioso,
Em meu peito reinarás.
Amor o seu vasto Imperio
Das potencias te offerece,
Com os thesouros te enriquece
Dos affectos em te amar. *Vai-se.*

SCENA V.

Torre. Sahe Adolonimo.

Adol. OH penoso tormento! oh rigorosa pena! quando acabareis de affligir-me? Porém já sei que brevemente tereis fim, pois por instantes espero a morte, e só nisto vos considero mais suaves, porque nas penas se encontra o allivio, na certeza de serem as ultimas, e no mal se acha o bem da esperança de durar pouco.

Sahe de outra parte Syrene.

Syr. Para ver se posso pôr em liberdade a Adolo-

lonimo (ſe he que póde dar liberdade a outrem quem perdeo a propria) venho ſegunda vez a eſta Torre. Oh permitta Jupiter que conſiga meu amante intento. *á part.*

Adol. Ah Eſtrato, que tu és o extracto de toda a tyrannia!

Syr. Livrando-o deſta prizão, poſſo ter mais eſperança de ſer ſua. *á parte.*

Adol. Adorada Syrene, o mais reſplandecente aſtro do Ceo da formoroſura, como a Sol vos feſteja a minha alegria, quando com a voſſa viſta deſterrais as ſombras da minha triſteza.

Entra ElRei recatando-ſe, e Syrene o vê, e não Adolonimo.

Rei. Seguindo a Syrene aqui occulto ouvirei a que fim entrou neſta Torre; que ſe for traidora ao ſangue, que lhe communiquei, com hum punhal lho hei de tirar das veias! Ah ingrata filha! *retira-ſe.*

Syr. Ai de mim infeliz, que ſe não me engano, a meu pai vi alli occultar: agora ſe conjurou toda a deſgraça contra mim. *á parte.*

Adol. Abſorto eſtou, Senhora, do voſſo ſilencio.

Syr. Não póde chegar a mais a minha deſdita, nem eu podia eſperar menos da minha fortuna. *á parte.*

Adol. Muito triſte eſtá Syrene! que ſerá! *á p.*

Syr. Não ſei que hei de fazer: valei-me Deoſes em tanto rigor. *á parte.*

Adol. Se vindes, Senhora, dar-me a noticia da minha morte, não duvideis lêr a ſenten-

ça;

ça ; porque já nenhum mal me aſſuſta o coração.

Syr. Porém ſe me der lugar a perturbação , fingirei deſte modo. *á parte.* Bem ſei , atrevido Adolonimo , tereis por novidade o veres-me neſte lugar ; porém aſſim o permitte a minha ira , e a voſſa ouſadia. *para Adolonimo.* (Oh quem pudera avizallo que disfarçaſſe.) *á p.*

Adol. Que he iſto , valhão-me os benignos Deoſes. Ou me tem louco a pena , ou apenas eſtou em mim. *á parte.*

Syren. E aſſim vos quero perguntar , com que intento ſahiſtes a embaraçar o deſejado deſpoſorio , que ditoſamenre contrahia com Demetrio. Oh que mal poſſo pronunciar eſtas palavras ! *á part.*

Adol. Como não eſtallas coração dentro deſte deſgraçado peito ! *á part.*

Syr. Oh piedoſo Jupiter remedêa compaſſivo o perigo , em que eſtou. *á parte.*

Adol. Ah mudavel , ah falſa ! Eſta he a liberdade que me prometteſte dar ? *á part.* Tyranna deidade , ſe... *para Syren.*

Syr. Nem repoſta vos quero ouvir , porque baſta para ſatisfazer-me a vingança , que hei de conſeguir com a voſſa morte.

Adol. Impia he a voſſa cruel ſentença , pois nem me permittis o reſponder , por temeres vos convença a minha juſtiça.

Syr. Ai Adolonimo ſe conheceſſes o meu interior ! *á parte.*

Adol. Não he eſte meſmo o lugar onde ouvi que.... *Syr.*

Syr. Não profigais, que mais me offendem as desculpas que pretendeis allegar.

Adol. Oh penas, poderá chegar a mais o vosso effeito? *á parte.*

Syr. Oh rigores, poderá haver em vós mais tyrannia? *á parte.*

Adol. Como não tem já fim esta vida, que tanto aborreço?

Syr. Valei-me Deoses, que não póde o coração dissimular tanta mágoa. *á part.*

Rei. Como já sei o fim, a que veio Syrene, quero entrar outra vez claramente, porque não presuma a minha desconfiança. *á part. e vai-se.*

Adol. Senhora, em que vos offendi? Se o excesso de adorar-vos.

Syr. Suspende o aleivoso éco. (Ai de mim que se declara! *á parte.*

Adol. Permitti-me ao menos o queixar-me de tão.....

Syr. Emmudece.

Adol. Repentina mudança!

Syr. Não profiga mais o vosso atrevimento.

Estrondo na porta da Torre, e entra ElRei.

Adol. Mas quem será o que entra? Porém ElRei..

Syr. Como he possivel, (ai de mim!) que meu Pai entre agora, quando eu cuidava que me estava ouvindo. *á parte.*

Rei. Como assim vos vejo, Syrene, nesta torre, quando a ella me conduz o saber se estão seguras as prisões de Adolonimo?

Syr. Senhor, com a chave, que tu não ignoras

ras tenho deſta torre, entrei a eſtranhar a eſſe fementido o ſeu atrevimento, e aſſim aos teus pés, ſe niſto errei... *ajoelha.*

Rei. Levantai-vos, e ainda que vos não louvo a acção, vo-la perdo-o, até averiguar com cautella ſe he aſſim. *á parte.*

Adol. Como tardas, oh Rei, em me deſpojar deſte alento que reſpiro?

ARIA A 3.

Rei. Vai-te oh Barbaro inſolente.
Aparta-te de mim.
Adol. Se offender não foi meu fim,
Rei e Syr. Em que te offendi / Pois te conheci } traidor.
Rei. Em iras reſpira o peito.
Syr. Mal me animo. *á part.*
Adol. Mal me alento. *á parte.*
Rei. e Syr. Não foi traidor meu / Mas ao teu traidor } intento.
Adol. Para haver tanto
Rei. e Syr. Correſponda o meu. } rigor.

Vão-ſe.

ACTO

ACTO III.

SCENA I.

Sala. Sahem ElRei, e Cadeia.

Rei. AQui pertendo averiguar a ſuſpeita, que me ficou de encontrar na torre a Syrene; e ſe me certificar do que preſumo, ha de desfazer com o ſangue a mancha do ſeu deſcredito. *á parte.*

Cad. ElRei trazer-me para aqui ſó comſigo, que ſerá? Eu huma moça donzella, e elle hum homem viuvo, iſto he alguma couſa. *á parte.*

Rei. Deſta criada hei de ſaber ſe quer bem a Adolonimo. *á parte.*

Cad. Ai que elle olha muito para mim! certos são os touros; pois ſe elle deſſe em me querer bem, e me fizeſſe Rainha, eu me vingaria de certas peſſoas que ſei. *á part.*

Rei. Quero primeiro levalla por bem; e o que não puder com agrados, conſeguirei com rigores. *á parte.*

Cad. Elle tem pejo de me fallar, pois eu tambem me hei de fazer muito de manto de ſeda. *á parte.*

Rei. Vem cá minha Cadeia.

Cad.

Cad. Que me quer Voſſa Mageſtade? (Ai he o que eu digo.) *á parte.*

Rei. Bem ſei terás por novidade o chamar-te aqui.

Cad. De contentamento me eſtão tremendo as pernas. *á parte.*

Rei. Porém a ira, e o amor tudo deſculpa.

Cad. Ai que ahi ſe declarou, que me tem amor: oh que ditoſa que ſou. *á parte.*

Rei. Tu bem ſabes que ſou Rei de Sydonia.

Cad. Bem ſei que Voſſa Mageſtade póde fazer Rainha a quem quizer.

Rei. E que poſſo gratificar todo o affecto de quem me fizer o goſto.

Cad. Sim, mas Voſſa Mageſtade bem ſabe que ſou huma moça donzella.

Rei. E aſſim de ti eſpero, que me has de aqui deſcubrir o teu peito.

Cad. Ai Senhor, deſcubrir o peito aſſim ſem mais, nem mais?

Rei. E ſe o fizeres, como pertendo, eſpera de mim todo o premio, que podes appetecer.

Cad. Não ſei ſe ſerá bom pedir-lhe eſcrito de caſamento? *á parte.*

Rei. Ah ingrata filha! *á parte.*

Cad. Deſta vez fico Rainha, e minha ama feita minha enteada. *á parte.*

Rei. E aſſim ſupponho ſabes o que pretendo, em querer me deſcubras o teu peito!

Cad. Se Voſſa Mageſtade me quizeſſe fazer hum eſcrito, já ſe ſabe....

Rei. A minha palavra he a propria eſcritura.

Cad. Sim, Senhor, mas o prometter he mais facil, que o pagar. *Rei.*

Rei. Pois presumes que eu poderei faltar ao que prometto ?

Cad. Não Senhor , mas como ha morrer , e viver . . . .

Rei. Fia de mim toda a segurança.

Cad. Olhe , a fallar a verdade , Vossa Magestade sempre necessitava de quem lhe governasse a sua casa , mas a Senhora Syrene não ha de gostar , em sabendo que que eu cá...

Rei. Não receies a Syrene , pois te basta o teresme da tua parte.

Cad. Ora ahi vai , e veja lá ao depois...

Rei. Nada temas.

Cad. Isto são mãos perdidas. *á parte.* Ahi lhe faço já o gosto , ahi lhe descubro o peito.

Ao dizer as seguintes palavras descobre o peito , e torna a cubrillo.

Cad. Ora eis-ahi , eis-ahi , ora pois , vio já ? Como he maganão ! *melindrosa.*

Rei. Que louca he esta ! Pois não presumas com esses nescios disfarces , que deixarás de pagar com a vida , se me não descubrires , se Syrene ama a Adolonimo.

Cad. Que he isto ! oh desgraçada de mim ! *á p.*

Rei. Prepara-te, ou para morrer, ou para confessar.

Cad. Oh quem se pudera sepultar debaixo do chão. *á parte.*

Sahe Demetrio.

Cad. Vio-se alguém em maior aperto ? *á part.*

Rei. A que má occasião vem Demetrio ! Porém importa disfarçar , para que não presuma o que intento saber de Syrene. *á parte.*

Dem. Senhor, Voſſa Mageſtade tão ſuſpenſo?

Cad. Boa occaſião tenho de eſcapar daqui.

á parte e vai-ſe.

Rei. Em que cuido, Demetrio, he que eſſe traidor em todos os modos ſeja hoje vil deſpojo de hum cutéllo.

Dem. Como o ordenaſte, hoje ha de morrer com o criado.

Rei. Pois vamos que hoje ſerá tua Syrene. *Vai-ſe.*

Dem. Oh premitta amor que veja o fim a tanta eſperança.

ARIA.

Louca eſperança minha
Da poſſe, que não ſe alcança,
Creio que és louca eſperança,
Pois louco eſtou de eſperar.
Quando ha de chegar a poſſe
Deſſe peregrino encanto?
Mas como o deſejo tanto,
Muito tarde ha de chegar. *Vai ſe.*

SCENA II.

Torre. Sahe Adolonimo, e depois Pimentaõ.

Adol. AH ingrata Syrene, que mais ſinto a tua falſidade, do que a morte, que por inſtantes eſpero! Em que te offendi, tyranna, para tão repentinamente fazeres tal mudança? Eſtas são as firmezas que me prometteſte? Eſta a conſtancia que me juraſte?

Pim.

Pim. Ai que me matão ſem remiſsão ! Ai que me enforcão ſem appellação , nem aggravo! *gritando.*

Adol. Suſpende , Pimentão as queixas , que não he valor temer a morte.

Pim. Eu ſe eſtranho o morrer , he por ſer a primeira vez que tal me ſuccede.

Adol. Oh quem antes mil vezes morrêra , que experimentar a falſidade de Syrene !

Pim. Ah tal ſyrenear ! Eu , Senhor , te confeſſo , ſem ceremonia , que já não poſſo ouvir a ſerenata , com que ſempre tão ſereno , me eſtás ſerenicando o cerebro.

Adol. Oh quem já com o fim da vida puzera limite a tantas penas !

Pim. Deixemos iſſo , e dize-me em tua conſciencia (ſe he que a tens , pois me chegaſte a eſtes termos) eu tenho já cara de enforcado ?

Adol. Bem ſei que tens razão de te queixares de mim ; porém perdoa-me.

Pim. He muito boa conſolação eſſa ; mas eu te prometto que já agora ſim morrerei por eſta vez , mas affirmo-te que não hei de ſervir mais a ninguem.

Adol. A compaixão me move a tua deſgraça.

Pim. Se deſſa compaixão mais cedo te tivéras movido , não ſeria eu agora infeliz aborto do parto da tua temeridade.

Adol. Ah cruel Princeza ! ah tyranna !

Pim. Tornamos á vaca fria da Princeza ?

Adol. Oh quanto me paracia ſerem os peitos nobres iſentos de enganos !

Pim. Senhor, deixa-te diſſo, e dize-me ſe iſto de ſer enforcado he couſa que doa muito?

Adol. He morte, além de violenta penoſa.

Pim. Ai meu rico peſço do meu coração, que te has de hoje ver em tão grande aperto!

Adol. Pena me cauſa o ouvillo! *á parte.*

Pim. Ah Senhor, dizem que huma couſa tem de boa os enforcados, e he que tanto que lhe apertão o gaſnate, nunca mais gaſtão em comer, nem beber.

Adol. Louco te faz a imaginação da morte.

Pim. Não vêz, Senhor, que diz Ariſtoteles, que *imaginatio facit caſum.*

Adol. Tens razão.

Pim. E me parece que eſtou já enforcado *per intellectum.*

Adol. Ai, Syrene mudavel! ai inconſtante Syrene!

Pim. E o peior he, que logo o havemos ſer *à parte rei.*

Adol. Que dizes?

Pim. Que logo havemos ſer enforcados da parte delRei.

Adol. Tomára eu já que eſte fora o ultimo inſtante da minha vida.

Pim. Olha Senhor, que he morte além de violenta, penoſa.

Adol. A morte ſempre he tormento,
Sendo breve, he menos mal,
Mas he pena ſem igual
O morrer a fogo lento:
He eſte modo violento,

E he morte mais rigoroſa;
De ſeu fim tarde ſe goſa,
Sendo no muito que atura,
Por dilatada, mais dura,
Por continua, mais penoſa.

Pim. Adverte, Senhor Adolonimo, que eſtas caſas são izentas de Decimas; mas viſto ſeres tu tão grandioſo, eu tambem quero pagar a que me toca, por deſcargo de minha conſciencia.

He poſſivel, que louvar
Se uſe o morrer deſta ſorte!
Pois eu ſemelhante morte
Já mais a pude tragar:
Morrer hum homem no ar,
Qual de dependura hum cacho,
Nenhuma graça lhe eu acho;
Nem póde por vida minha,
Paſſar-me a tal mortezinha
Da garganta para baixo.

Adol. Oh morte, como não voas para eſte infeliz, ſe ſabes que das minhas penas pódes fabricar duplicadas ázas!

Pim. Oh morte, máos raios te partão, pois partes como hum raio contra mim.

ARIA.

Adol. Deſeſperado, confuſo,
Louco, e enfurecido
Buſco cégo e já perdido
Qual remedio ao meſmo mal:

Abor-

Aborreço a cara vida,
De todo o bem deſeſpero,
E até da morte que eſpera,
Me atormenta o eſperar. *Vai-ſe.*

Pim. Olha, Senhor, que he morte além de violenta, penoſa. Mas foi-ſe deſeſperado de eſperar a morte, quando a minha deſeſperação he porque a eſpero. Mas ai enforcado de mim, que ſe não me engano a hi ſinto já vir os algozes! E que eſtrondo vem fazendo eſtes medonhos archeiros da morte, racionaes gravatas do cachaço humano!

Sahe Çapato com huma condeſſa.

Pim. E o que vem por guia he o cruel Çapato, que por lhe eu metter duas pallas me tem poſto no calçado velho.

Çap. Ora que vai de novo, meu amigo?

Pim. Vem ahi os mais camaradas enforcatrizes?

Çap. Não ſe aſſuſte que não lhe faltará huma hora em que morra; e por agora venho ſó trazer-lhe eſte conforto, que no dia da morte ſe coſtuma dar aos padecentes. Ahi tem para ſeu amo, e para voſſê, que lhe faça muito bom proveito.

Pim. Aſſim lho faça a voſſê quanto comer em ſeus dias,

Çap. Ahi tem, leve a ſeu amo que eu eſpero pelos pratos, que me são preciſos; e não ſe deſconſole que logo ha de acabar os dias da ſua vida.

Pim.

Pim. Ah perro, que te cahio a ſopa no mel para a vingança. *á part.*

Çap. Ora diga-me ſo Pimentão; todavia reſolveo-ſe a caſar com a Senhora Cadeia? Que tal ſe acha com eſſe matrimonio?

Pim. Ainda eſpero que voſſê me ponha embargos.

Çap. Ora não diga iſſo, que a noiva he muito ſizuda, encerrada, e muito rica, porque tem muito ferro, ainda que ſem letra.

Pim. Bem pudéra voſſê ſazerme neſte dinheiro algum troco, trocando ſe comigo.

Çap. O trocado ha de voſſê hoje dançar no ar.

Pim. Antes cegues que tal vejas. *á part.*

Çap. Ah cãoſinho, que hoje te has de fazer humas paſcoas, e a mim me não hão de faltar prazeres de te ver.

Pim. Cale-ſe, que ainda não ſabe o que ſerá de voſſê.

Çap. Ora ande, que he hum aſno; tão máo he ver o enterro em vida? E para que veja como ſou ſeu amigo, eu meſmo lhe levarei hum banquinho para voſſê o hir vendo com mais deſcanſo.

Pim. Que me não poſſa eu vingar deſte velhaco! *á part.*

Çap. Ah perro, que eſtás pulando por te veres ja neſſas limpezas.

Pim. Não me logre, Senhor Çapato, que ainda o poderei apanhar deſcalço.

Çap. Já agora ſeguro eſtá o barco.

Pim. Mas ter mão, que já dei em huma boa.

Eu

Eu trouxe nos alforges o veſtido, que elle comigo trocou, que he ſemelhante ao que traz, com o qual eſpero eſcapar da morte, e vingarme delle. *á part.*

Çap. Não cuide niſſo, ſe he que lhe dá pena.

Pim. Não me dá ſenão goſto. Ora eu vou levar a condeça, e em tanto póde retirar-ſe para aquellá ſalla, que tem aſſentos.

Vai-ſe com a condeça.

Çap. Não preciſo de aſſentos, porque agora bem deſcançado eſtou, porque me vejo livre de ti. Vai, que bem vingado me chego a ver das injurias que me fizeſte paſſar. Veremos agora ſe te trocas comigo; mas já eſtou diſſo ſeguro, e hoje me regalarei de te ver pernear em huma forca. Ora vejamos iſto cá por dento. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Campo. Diz dentro Pimentão.

Pim. COm licença, Senhores guardas. *dentro.*

Sold. Não quizerão comer? *dentro.*

Pim. Peior he eſta, ſe agora reparão em mim. *á part.*

Sold. 2. Pois venha, que nós lhe aliviaremos o pezo. *dentro.*

Pim. Eſtejão quietos, não brinquem comigo.

Sold. 1. Ora venha ao menos huma pinga.

Pim. Eſtá boa impertinencia! deixem-me hir em cortezia.

Sold. 2. Deixa-o hir, que iſſo he hum ſalvage.

Sahe

Sahe Pimentão com o vestido de Çapato, com a condeça.

Pim. Mais salvages são vossês, que os logrei. Já o maior perigo he passado; o que importa agora he não encontrar alguem, que me conheça, que bom foi guardar estes trapinhos, que tanto agora me servem, e lá fica o miseravel em meu lugar.

ARIA.

Se quem tem capa
Sempre se escapa
Eu escapei,
Porque alcancei
Verme com capa.
O meu Çapato
Fica fechado
E bem logrado
Se ha de achar.

Sahe Demetrio, e vê a Pimentão.

Dem. Se não me engano, a Çapato vejo vir da torre.

Pim Ai desgraçado de mim, que aquelle, ou he Demetrio, ou o diabo por elle. *á part.*

Dem. Chamallo-hei para lhe perguntar o que faz Adolonimo, que certamente me compadeço da sua desgraça; pois não se satisfaz a ira de hum nobre, sendo vingada por outrem.

Pim. Ai que me atalha os passos! Agora acabo de crer, que sou desaventurado. *á parte.*

Dem.

Dem. Çiparo ?
Pim. Senhor, lá vou para caſa. *andando.*
Dem Ouve o que ti digo.
Pim. Vou agora carregado, não me poſſo deter.
Pim. Eſpera, que tenho que dizer-te.
Pim. Ora deixeme aqui : ah tal impertinencia!
vai andando.
Dem. Tu não ouves o que te digo ?
Pim. Deixe-me hir lá pôr iſto, já venho. Não há mais remedio que fugir a bandeiras deſpregadas. *á parte.*

Vai para fugir, ſahem lhe ao encontro Çipato, e e dous Soldados.

Çap. Eſte he o magano, agarrem-no depreſſa.
pegão nelle Çapato, e os Soldados.
Dem. Que he iſto, oh Çapato ?
Çap. e Pim. Senhor ?
Dem. Reſpondem me dous ! Que he o que vejo ?
Pim. He hum par de Çapatos.
Çap. He eſte magano que me tornou a enganar ſegunda vez.
Dem. Dize me, inſolente, como ſahiſte da prizão em que eſtavas ?
Pim. Eu digo a voſſa mercê: aſſim deſte modo.
querendo fugir.
Dem. Adverte que te deſpojarei da vida, ſe intentares a minima repugnancia.
Pim. Não he preciſo voſſa mercê moleſtar-ſe com iſſo.
Çap. He bem deſavergonhado !
Dem. Quem te deu eſſe veſtido ?

Pim.

Pim. O ſeu criado, quando queria caſar.

Dem. He poſſivel que enganaſſes a mais de quarenta guardas que tem a torre!

Pim. Elles he que ſe enganárão comigo.

Sold. 1. Senhor, como vimos o meſmo veſtido, e a condeça do que entrou, era facil o engano.

Çap. E ſem duvida eſcapava, ſe eu admirado da tardança o não buſçára.

Dem. Levem-no para a torre, e tenhão vigilancia com eſtes prezos, que são de grandes aſtucias.

Pim. Vamos, que por mais que queira livrar eſte maldito peſcoço, he eſcuſado, porque já vejo que naſceo para garrote.

Vai-ſe com os Soldados.

Çap. Ah Senhor, vamonos depreſſa, que ainda aqui me não dou por ſeguro. *Vão-ſe.*

SCENA IV.

Sala. Sahe Syrene, Orinta, e Cadeia.

Cad. EU, Senhora, cuidava outra couſa, e o que elle queria perguntar era, ſe tu querias bem a Adolonimo; e ſe não entra Demetrio, temos muita lá que tingir.

Orint. Ai Demetrio ingrato, quanto mal agradeces o que te quero! *á parte.*

Syr. Ai Cadeia, logo eu prezumi, quando meu pai me vio na torre, que elle ficava ſuſpeitando o meu intento, que por diſfarçallo me

me parece deixei a Adolonimo duvidoso da minha firmeza.

Cad. E já elle me queria matar, se eu não confessasse.

Syr. Porém pouco sinto tudo isso em comparação da pena irremediavel, de que dizem, que logo Adolonimo .... não me atrevo a proferillo. *Chora.*

Orint. Não te entregues, Prima, tanto á pena.

Cad. Senhora, que remedeas tu com tantos excessos? Por ventura com chorares tanto ha de deixar de morrer?

Syr. Suspende a tyranna voz (ai de mim!) pois se não posso proferir essa cruel palavra, menos a poderei escutar.

Cad. Talvez que viva .....

Syr. Assim mo diz o meu coração; que se fosse tão tyranno para comigo, que me dissesse o contrario, eu mesma o arrancára do peito.

Cad. Tyranna estás até para comtigo.

Orint. Oh permittão os Deoses que Adolonimo viva; pois em quanto elle não morre, vive em mim a esperança de ser de Demetrio. *á parte.*

ARIA.

Syr. Inimiga de mim propria
A triste vida aborreço;
Só a morte he que appeteço
Por allivio a tanto mal.
Fim não vejo ao meu tormento,
Pois que em tanto padecer

Não

Nem acabar de morrer
Posso comigo acabar. *Vai-se.*

Cad. E tu, Senhora, como estás com os amores de Demetrio?

Orint. Ai Cadeia, amando cada vez mais, e esperando cada vez menos.

Cad. Pois para que te pozeste a amar a quem te não quer?

Orint. Eu te digo a causa.

Cad. Já sei o que pertendes fazer; eu ando meia ariada, tu a gora me queres embutir mais essa aria para me ariares de todo.

ARIA.

Orint. Violenta me impellio
Amor cego, e Deos tyranno,
Tão cruel, e deshumano
A hum ingrato adorar.
O não ser correspondida
Desdita he da minha sorte
E deste rigor tão forte
O remedio he só penar. *Vai-se.*

Cad. Que te faça muito bom proveito. *Vai-se.*

SCENA V.

Porta da Torre, e Campo, aonde estará huma forca para Pimentão, e hum cadafalso para Adolonimo. Sahe Pimentão a enforcar com algoz, e Soldados junto delle.

Pim. REqueiro a vossas mercês, que quero hir de meu vagar, já que vou violento.

Sold.

Sold. 1. Venha como quizer, que hoje lhe havemos fazer todas as vontades.

Pim. Aceito a palavra. Pois eu tenho vontade de me hir daqui embora.

Algoz. Isso não, meu amigo.

Pim. Quem he este mestre das reparações, que aqui vem á minha ilharga?

Sold. 2. He o verdugo.

Pim. Pois então requeiro que não quero hir com elle.

Sold. 1. Porque razão?

Pim. Porque neste tempo he crime andar com verdugos.

Sold. 1. Não lhe dê isso cuidado.

Pim. Tambem me não ha de causar pena não saber eu porque carga de agoa me enforcão.

Sold. 2. Deixe-se disso, e vamos andando.

Pim Ora senhores, deixem-me descançar, e tomar algum alento.

Sold. 1. Sim, mas por pouco tempo.

Pim. Tomára-me eu fortalecer com huma gota de licor tavernal.

Sold. 1. Não deixará de satisfazer esse desejo.

Pim. Só por esta piedade se póde ser enforcado.

Sold. 2. Aqui tem.

Pim. Ora passemos este ultimo trago da vida *bebe e cospe fóra.* Ah senhores, logo pelo aspero parece vinho de enforcado.

Sold. Será algum tanto cascarrão.

Pim. Pois se he carrascão vá pela saude do senhor carrasco. *bebe.*

Algoz. Que lhe preste.

Pim.

Pim. Aſſim preſte a v. m. como a mim me cuſta a paſſar eſtes amargozos tragos!

Sold. 1. Amarga ao pez.

Pim. Mais negro que o pez o hei de eu logo amargar.

Sold. 2. Vamos andando que já vem ſahindo Adolonimo.

Pim. Ai meu rico Amo, quanto ſinto verte neſte eſtado! Quem me déra eſtar dez, ou doze legoas daqui fó por te não ver.

Sahe da Torre Adolonimo acompanhado de General, e Soldados.

Algoz. Vamos, que he tarde.

Pim. V. m. tem muita preſſa? Pois ſe tem que fazer, vá que eu eſperarei; e em quanto vai, e vem, me folgão as coſtas.

Algoz. O que tenho que fazer he enforcallo.

Pim. Pois olhe v. m. ſim me enforcará por eſta vez, mas eu lhe prometto que ella ſeja a primeira, e a derradeira.

Algoz. Aſſim o creio; ora vamos, que já eſtá perto.

Pim. Ai que já eſtou ao pé da forca! Ah Senhores, enforquem primeiro a meu Amo, que terá mais preſſa do que eu.

Algoz. Não tenho eſſa ordem.

Pim. Pois eu o enforcárei.

Sold. 1. Eſſa he a tua lealdade?

Pim. Pois ainda v. m. duvída que todo o criado he o maior verdugo de ſeu amo?

Algoz Vamos, e deixemos razões.

Pim.

Pim. Ora, Senhor, ſe iſto ha de ſer, peço-lhe por favor, que me enforque muito de manſinho.

Algoz. Todo o bem ſe lhe fará.

Pim. Na verdade he de admirar ver os bons genios, e brandura que tem toda eſta comitiva enforcante!

Algoz. Não ſei ſe o diz de veras.

Pim. Se eu de veras não o digo, enforcado morra eu daqui a cem annos.

Algoz. Ora vá ſe chegando para a eſcada.

Pim. Que não haja quem ponha embaraço a eſte baraço, que me eſpera!

Algoz. Não ſerá facil.

Pim. Eu lhes confeſſo, que não poſſo morrer, porque tenho eſta morte atraveſſada nas goellas.

Algoz. Chegue-ſe para a forca, que eu lha deſapegarei. *ſobe até o meio da eſcada.*

Pim. Não ha quem me acuda! Ai deſgraçado Pimentão, que amargoſa morte que tens! Oh Baco permittes que eu aſſim morra?

Dentro Viva, viva. *vozes ao longe.*

Pim. Ai, que reſponde, que viva! Oh piedoſo deos, que ſempre havias acudir a hum Pimentão, como attractivo do teu licor!

Sold. 1. Que novidade ſerá eſta, dizerem confuzas vozes.....

Dentro. Viva o grande Alexandre, viva.

Pim. Aquillo não he comigo; mas viva quem vence.

Dentro Viva o invicto Alexandre, viva.

Pim.

Pim. Viva o afflicto, e Alexandre viva.

Gener. Páre a execução que entra por este lugar Alexandre Magno em Sidonia.

Adol. Que sempre haja embaraços para a morte de hum infeliz!

Pim. Viva Alexandre, viva.

Sahe Alexandre Magno, e acompanhamento.

Alex. Para quem he aquelle patibulo?

Gener. Saberás, Senhor, que he para nelle morrer Adolonimo.

Alex. Suspenda-se a execução, e venha Adolonimo a Palacio á minha presença; pois pela noticia que delle tenho, mais me parece ser acredor de premios, que de castigos.

Gener. Como o ordenas, se executará.

Vai-se Alexandre Magno, e acompanhamento.

Adol. He possivel que procurem os Deoses dilatarme a vida, porque desejo a morte! Oh nova especie de tyrannia, negar-se hum mal, porque se appetece como bem! *Vai-se Adolonimo, o General, e o seu acompanhamento.*

Pim. Ah Senhores, levem-me tambem com meu Amo, porque desta execução eu tambem sou membro, ainda que podre pelo máo cheiro.

Sold. 1. Vamos, que bem sei que a ambos pertence.

Pim. Oh Divino Baco, que por isso te chamão Liber, porque livras os teus devotos.

desce da escada.

Sold. 2. Vamos para Palacio.

Pim. Diga-me primeiro; este Alexandre Magno he aquelle de quem dizem, que tira Reis,

e faz Reis por quaeſquer dous reis de cominhos?

Sold. 1. He univerſal Senhor de todo o mundo.

Pim. Tomára eu, que elle tirára o Reino a Eſtrato, e o fizera ſó Rei de páos, já que elle me fez o ſuja na eſcada. *andando.*

Algoz. Pois com eſſe deſamor me deixa?

Pim. Ah ſenhor Verdugo das coſtas, tomára eu ſempre vello no deſcanço da alampada: á ſua ordem. *Vão-ſe*

SCENA VI.

Sala de Palacio. Sahem Alexandre Magno, Eſtrato, Demetrio, Sirene, Orintia, e acompanhamento.

Alex. BEm noticiado eſtou já, Eſtrato, da iniquidade, com que exerces o teu governo, principalmente da injuſta morte, a que condemnaſte a Adolonimo.

Eſtrat. Saberás, Senhor, que elle aleivoſamente.....

Alex. Suſpende a voz, que até me offendem eſſas falſas deſculpas, e podéras attender, a que he deſdouro da Mageſtade o vingar inveterados odios na innocencia dos ſubditos.

Eſtrat. Muito receio o caſtigo de Alexandre: infauſta he a minha ſorte! *á parte.*

Syr. De hum fio pende a minha vida em caſo de tão duvidoſo fim. *á parte.*

Dem. Muito temo a minha deſgraça, vendo a Eſtrato desfavorecido de Alexandre. *á parte.*

Orint. Em ſucceſſo de tanta duvida não perde o meu amor a eſperança. *á parte.*

Sa-

Sahe Adolonimo acompanhado do General.

Adol. Invicto Monarca, a quem he todo o Orbe pequeno throno para tanta grandeza, (*de joelhos*) e toda a vaga região celeste limitado espaço para tanta fama; eu sou o infeliz Adolonimo, e só feliz por estar aos teus pés. Saberás que o amor, e o odio me condemnão á morte, pois por ser fiel amante de Syrene, procedeo contra mim a cruel ira de Estrato, sendo nos mesmos altáres de amor funesta victima de hum inexoravel odio; e como he manifesta a minha innocencia, não pertendo desculpar-me; porque aonde há desculpa, há culpa; e sómente te rogo (oh iucliro assombro do mundo) me permittas o executar-se nesta infeliz vida a pronunciada sentença da minha morte; pois me basta para immortal gloria minha o chegar a verme subido ao elevado throno dos teus pés; e como não aspiro a maior ventura, permitte-me, que com a morte ponha limite ás mais desgraças.

Alex. Levanta-te Adolonimo, Rei de Sidonia, e toma posse do Sceptro de Estrato, que estou já cabalmente certo do teu merecimento, e da sua injustiça.

Adol. Egregio Heroe, seja immortal a tua gloria, e ao puro Olympo suba a tua fama (*levanta-se*) pois tendo mais poder, que o mesmo fado, fazes ditoso a hum infeliz.

Estrat. Oh Deoses tyrannos, não basta perder

o Reino, ſenão ficar Vaſſallo de hum meu inimigo! *á parte.*

Syr. Já vejo a ſorte mais favoravel; porque mais eſtimo o augmento de Adolonimo, do que ſinto a infelicidade de meu pai. *á parte.*

Dem. Deſgraçado me conſidero, pois perdi o Reino, a que aſpirava com o conſorcio de Syrene. *á parte.*

Orint. Com eſta mudança ſe alenta mais a minha firmeza. *á parte.*

Adol. Ah cruel Sirene, que ſe não foras mudavel, me podia já chamar ditoſo. *á part.*

Dentro todos. Viva o noſſo Rei Adolonimo.

Sahe Pim. Viva o noſſo Rei Adolonimo.

Alex. E como ſei que mais que o Reino eſtimas a belleza de Syrene, lhe podes dar a mão, que quero com a minha preſença honrar tão venturoſo conſorcio.

Adol. O ſer já impoſſivel eſſa gloria, he, Senhor, a maior infelicidade, que ſinto; porque reduzindo-me a tal extremo o adoralla, Syrene ingrata, e.....

Syr. Não proſiga, Senhor, mais a tua deſconfiança; e ſaberás que o ſentir que meu pai me vinha ſeguindo, quando na torre entrei a fallar-te, me obrigou a fingir, que te aborrecia.

Rei. Ah filha ingrata, que aſſim mo certificou a criada, que te acompanhava, e já o meu rigor fulminava a vingança contra a tua vida.

Sahe Cad. Senhora Syrene, a teus pés peço me perdoes, porque eu ſe diſſe ao Senhor Eſtrato o muito que amavas ao Senhor Adolonimo,

mo, foi porque elle me deu outra atracação peior que a primeira, e não tive mais remedio que confeſſar a verdade.

Syr. Levanta-te que antes agora te eſtimo por ſeres teſtemunha da minha firmeza.

Adol. A' viſta de tal deſengano, pedindote mil perdões do meu erro, te offereço Senhora a minha mão. *dão as mãos.*

Syr. Com a minha te entrego juntamente a alma. (Ditoſa eu mil vezes) *á part.*

Adol. Oh alegrias não vinhaes juntas que quaſi não cabeis no peito. *á parte.*

Pim. He a primeira vez que vi caſarem-ſe os enforcados. *á parte.*

Todos. Viva Alexandre, e viva o noſſo Rei Adolonimo.

Syr. Saberás, Demetrio, que me conſta o muito que te ama minha Prima Orintia, e me parece que não premiares com a mão o ſeu amor, ſerá quereres merecer o titulo de ingrato.

Dem. Não poſſo negar que o affecto me inclinava a correſponder-lhe; e ſe ainda tem lugar o meu rendimento, com a mão eſpero a poſſe de tanta ventura.

Orint. Ditoſa eſperança, que me concedeo tão deſejado fim..... *dão as mãos.*

Pim. Agora entro eu. Com licença (*ajoelha*) Alexandriſſimo, e Magniſſimo Monarca, á viſta de cuja corpulentiſſima grandeza he Polifemo huma topeira, Atlante huma formiga, Centimano huma ſantopeia, e Tifeo huma triſte couſa; para cujo esfaimado deſejo de

con-

conquiſtar fica ſendo todo eſte Mundo hum grão de milho em boca de aſno : ſeja tão boa a tua vinda , como a da morte (a hum malfeitor) ; e já que o peccado aqui te trouxe (explico-me , o peccado de Eſtrato) ſaberás , que no vinagre dos teus pés procura a ſua conſerva eſte verde Pimentão , a quem querião fazer de huma forca cahir de maduro.

Alex. Pede o que quizeres.

Pim. Queria que a tua Grandifallencia me concedeſſe empregar o reſto da vida em huma Cadeia.

Alex. Pedes por premio a prizão ?

Pim. Huma prizão deſejo , e a ſoltura de outra ; e aſſim trocando eſte grilhão por aquella Cadeia (com quem eſpero ter ditoſa liberdade) me terei pelo mais feliz enforcado , a quem atou o matrimonial garrote.

Alex. Da-lhe a mão , ſe he vontade ſua.

Cad. Eu não quero mão de enforcado.

Pim. Bem pódes acceitar a hum enforcado amante.

Cad. Se ha de ſer , vamos a iſſo.

Pim. Oh bella Cadeia , em cujas delicioſas prizões deito venturoſo as mãosſinhas de fóra !

dão as mãos.

Çap. Ai invejoſo de mim , que eſtou em pontos de eſtourar ! *á parte.*

Pim. Item , Senhor , eu como ſou hum tanto louco , quizera que me déſſes hum bom talento de ouro para poder tratar da minha vida.

Alex. Dez talentos te mando dar.

Pim.

Pim. Dez talentos ? Das dez que tal me dem, mas ſempre me virá á mão o dizimo.

Çap. Ah maior ventura! Em ſahindo daqui, logo me vou enforcar. *á parte.*

Adol. Senhor, eu cedo do Reino em Eſtrato; pois mais eſtimo a belleza de Syrene, que o dominio de todo o Mundo.

Dem. Oh acção digna de immortal memoria!

Alex. Agora mais te confirmo no Reino; pois ſó merece governar quem ſabe ſatisfazer aggravos com beneficios.

Eſtrat. Já todo o odio que tinha a Adolonimo ſe me converteo em íntimo affecto. *á parte.*

Pim. Item, Senhores, eſtá-me fazendo grandes ancias no buxo hum ſegredo que engoli, e aſſim o vomito; e he que meu Amo foi hortelão do Senhor Eſtrato.

Alex. Repitão ſonoras vozes a acclamação, e Himenêo do voſſo novo Rei Adolonimo.

CORO.

Viva eternos annos,
Viva ſempre heroico
O noſſo Monarca
No Himenêo ditoſo.

A NIN-

A NINFA SYRINGA,

OU OS AMORES DE PAN, E SYRINGA,

Opera que se representou pelo Carnaval no Theathro do Bairro Alto de Lisboa, anno de 1741.

ARGUMENTO.

PAn semideos rustico, irmão de Silvia, amava muito a Ninfa Syringa, irmã do semideos Silvano; e vendo-se sempre despresado em seus amores, a esperou em hum bosque para alcançar della por violencia, o que não podião os rogos; e em fim encontrando-se ambos, e vendo Syringa que difficultosamente se defenderia delle, invocou a Jupiter que lhe valesse, e logo ficou convertida em hum Canaveal, até que por grandes rogos de Pan a tornou Jupiter á sua primeira forma, e se casou com o dito Deos Pan, e tambem se despoza Silvano com Silvia, cujos amores, e o mais constará do contexto da Historia.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Mutação de Campo.*
II. *Mutação de Sala.*
III. *Mutação de Caſa terrea com dous fornos.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Mutação de Jardim.*
II. *Mutação de Antecamara.*
III. *Mutação de Jardim.*
IV. *Mutação de Boſque.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Mutação de Boſque com Canaveal , e Salgadeiras.*
II. *Mutação de Caſa de forno.*

INTERLOCUTORES.

Pan , Semideos ruſtico.
Silvano , Semideos ruſtico.
Syringa , Ninfa ruſtica , irmã de Pan.
Coſcorão primeiro Gracioſo , criado de Pan.
Eſguicho ſegundo Gracioſo , criado de Silvano.
Lingoiça velha , criada de Silvia.
Goloſina , criada de Syringa.

ACTO I.

SCENA I.

Campo. Sahem Pan, e Coscorão.

Pan. DEixa-me, Coscorão.
Cosc. Senhor Pan, que desatino he esse?
Pan. He aborrecer a vida, e desejar a morte.
Cosc. Não sou eu assim, que á minha vida quero-lhe como ao viver.
Pan. Ai de mim!
Cosc. Senhor acaba já com isso: conta-me os teus males.
Pan. Não póde ser; porque os meus males não tem conto.
Cosc. E quem tos causou?
Pan. A Ninfa Syringa.
Cosc. Quem tal dissera daquella sonçasinha!
Pan. Não posso já soffrer tanto rigor.
Cosc. Não posso já aturar tanta insolencia.
Pan. O que?
Cosc. Que huma bogia te pregue semelhante mono.
Pan. Isto succede aos mais pintados.
Cosc. Que succeda aos mais pintados *transeat*, mas que assim te chegue ao vulto, não aturo tal.
Pan. Coscorão, eu quero-me finar: tenho dito.
Cosc. Senhor, por tua vida te peço te não queiras matar.

Pan.

Pan. Eu eſtou morrendo por morrer. Bem ſei que ſou hum aſno, mas não ſei que lhe faça.

Coſc. Ora dize-me, tu não és o Senhor Pan, que dos Paſtores és venerado por ſemideos, ainda que na verdade és ſemidiabo?

Pan. Aſſim he; mas ſujeitou-me eſſe tyranno Deos vendado, a que adoraſſe a cruel Ninfa Syringa, irmã de Silvano, com tal violencia, que não poſſo eſtar hum inſtante ſem a ſua viſta, ao meſmo tempo que ella diz, que me não póde ver; quando baſtava para merecer a ſua compaixão, ter eſte peito cheio de ſettas.

Coſc. Eſſa he a cauſa porque ella te não quer.

Pan. Porque?

Coſc. Porque tendo o peito cheio de ſettas, tens muito vaſia a aljava.

Pan. Pois que remedio dás a meus males?

Coſc. Huns ſuores.

Pan. Que dizes?

Coſc. Que para te livrares deſſe amor, ha de te ſuar o topete.

Pan. Não zombes de mim quando eſtou com a minha pena.

Coſc. Iſto não he zombar; toma tu o meu conſelho; mette-te na eſtufa do eſquecimento, e verás como te ſahe do ſentido a tyrannia ſua, ainda que com o ſuor do teu roſto.

Pan. Eu não te peço remedio para a tirar do ſentido, pois a tenho de tal ſorte encaſquetada nos miolos, que já não ma tirão de cá, nem que me quebrem a cabeça.

Coſc.

Cosc. Pois que pertendes?

Pan. Remedio para que ella me queira a mim.

Cosc. Isso he cousa que peça ninguem? Mas olha, em tu a vendo faze-lhe muita macaquice, assim a modo de macaco, talvez que lhe dês coca.

Pan. Que dizes que não te entendo?

Cosc. Que lhe faças carinhos, e lhe digas muitas finezas.

Pan. Até isso não póde ser; pois tão prezo me considero quando a vejo, que se vou para soltar alguma palavra, não ato, nem desato.

Cosc. Assim será, que ainda que és Pan, tens muito pouco miolo.

Pan. E ainda que soubesse expressar-lhe o meu amor, até me faltão as occasiões; pois não ignoras que seu irmão he tão zeloso que huma cousa he vello, outra dizello.

Cosc. Ora, Senhor, venha achado, já, e logo; vamos.

Pan. Achado, de que?

Cosc. Que já lhe achei hum remedio bom.

Pan. Não te detenhas em mo dar.

Cosc. Pois, Senhor, o melhor caminho he procurarmos occasião de sahirmos ao encontro a Silvano, e ver se me posso accommodar com elle; que ficando em casa, deixa o mais por minha conta (e tambem o estimo para me vingar do rigor de Golosina.) *á parte.*

Pan. Está bem achado! Nem Platão podia dar em tão boa idéa.

Cosc.

Cosc. Vamos pois cuidar no melhor modo de introduzir.

ARIA.

Pan. Confessar-me-hei venturoso,
E terei gloria infinita,
Se para alcançar tal dita,
O caminho Amor me dá.
Já com esta incerta gloria
Se alenta a minha esperança,
E cuida o peito que alcança
O premio do seu amor. *Vão-se.*

Sahem Silvano, e Esguicho.

Esg. Senhor Silvano, que tristeza he a tua? Descobre o teu peito; que ainda que he inverno, senão desabafas receio-te alguma queimação de sangue.

Silv. Ai Esguicho, que o não ter eu alegria, he que me faz andar triste.

Esg. Isso succede a muita gente boa; mas explica-te mais.

Silv. Tu sabes.....

Esg. Sim, que és o Senhor Silvano semideos destes bosques, irmão da Ninfa Syringa, e grande amante de Silvia, irmã de Pan; e que ella depois que te vio, não lhe peza porque nasceo.

Silv. Pois não sabes o mais que sendo o meu amor bem aceito della, não permitte o zeloso do irmão lugar de dizermos hum ao outro chus, nem bus.

Esg.

Esg. Nem a mim de dizer á minha querida chíqui, nem miqui.

Silv. Pois Esguicho, cuidemos no remedio.

Esg. De lhe fallares, é teres entrada?

Silv. Sim.

Esg. Pois bem facil he elle, se puder ser.

Silv. Dize, qual he?

Esg. Se eu me podesse imbutir por seu criado, não era má tolá para nós ambos.

Silv. Dizes bem; cuidemos nisso: mas senão me engano, ahi vem Pan ás pancadas com o criado.

Esg. Oh! bella occasião temos; faze tu o mesmo comigo, e deixa o mais por minha conta.

Silv. Oh atrevido, desobediente, espera. *dálhe.*

Esg. Ah Senhor, mais de manso, que me doe. Ai, ai, ai.

Sahe Pan seguindo a Coscorão, e este se vale de Silvano, e Esguicho foge para Pan.

Cosc. Valhame, Senhor Silvano.

Esg. Acudame, Senhor Pan. . . . .

Cosc. Porque meu amo cruel. . . . .

Esg. Porque o cruel de meu amo. . . . .

Cosc. Querme moer os figados.

Esg. Querme ralar os bofes.

Pan. Bella occasião busquei! *á parte.*

Silv. Achei bella occasião! *á parte.*

Pan. Para lhe metter a Coscorão em casa. *á parte.*

Silv. Para lhe introduzir em casa a Esguicho. *á parte.*

Cosc.

Cosc. Se v. m. me quizesse por seu moço.....
Esg. Se v. m. quizesse ser meu amo.....
Cosc. Eu seria tão seu amiguinho.....
Esg. Eu ficaria tão contente.....
Silv. Pan? } ambos juntos.
Pan. Silvano? }
Silv. Que quereis? } ambos.
Pan. Que ordenais? }
Silv. O vosso criado. } ambos.
Pan. O vosso moço. }
Cosc. Ora falle hum por cada vez, para entendermos todos.
Silv. Vós não quereis este moço?
Pan. Não; se vos quereis servir delle, ahi está ás vossas ordens.
Silv. Sempre obrigado; tambem vós podeis dispor de estoutro.
Pan. Oh fortuna, que boa occasião me descobriste! *á parte.*
Silv. Oh sorte, que bom caminho me mostraste! *á part.*
Esg. Senhor Coscorão, se v. m. he servido de meu amo, ahi o tem á sua ordem.
Cosc. Senhor Esguicho, obrigadissimo; ahi está tambem meu Amo á sua obediencia.
Esg. Vá contente com elle, que não lhe ha de faltar senão o que houver mister.
Cosc. Vá muito satisfeito com Pan, que na sua companhia saberá qual he o pão que o diabo amassou.
Pan. Oh quanto mal sabes o que levas para casa! *ápart.*

Silv.

Silv. Oh ſe ſoubeſſes o que para caſa levas! *á parte.*

Pan. Senhor Silvano, vede ſe quereis que faça alguma couſa no voſſo ſerviço, que tenho neceſſidade de me hir?

Silv. No voſſo ſerviço quero eu ſempre eſtar de focinhos.

Pan. Fica-te, que bem logrado ficas. *á p. e vai-ſe.*

Silv. Vai te, que bem logrado vás. *á p.*

Coſc. Senhor Pan, ſaude, e hum queijo.

Eſg. Senhor Silvano, ſaude, e patacas. *Vai-ſe.*

Coſc. Oia Senhor meu Amo novo, hoje iſto aqui foi feira das beſtas.

Silv. Porque o dizes?

Coſc. Porque houve muita troca.

Silv. Sabes, que te quero encommendar o que eſtá á tua obrigação de criado honrado.

Coſc. Dize, Senhor.

Silv. Tu ſabes, que a minha irmã he mulher?

Coſc. Supponhamos que ſim.

Silv. E que as mulheres em ſahindo de caſa, que as póde ver qualquer homem?

Coſc. De que não há duvida nenhuma.

Silv. Pois então não tenho mais que te dizer.

Coſc. Explica-te mais, que poſto falles tão claro, não te entendo.

Silv. Venho a dizer, que quero ſejas ſeu guarda, e vigia.

Coſc. Eu te prometto, Senhor, andar-lhe ſempre pelos alcances; pois baſta encommendarmo meu Amo. (Ah pobre, como te encravas!) *á parte.*

Silv.

Silv. Ora vai para caſa, que eu vou já nas tuas coſtas.

Coſc. Não virá por certo, que eu a ninguem dou ancas. *Vai-ſe.*

Silv. Oh ventura! com que te hei de pagar tanto bem, pois em dous criados me concedes tanta gloria: em hum a ſentinella para a minha honra, em outro vigia para o meu amor.

ARIA.

Se a ventura me permitte
Em dous tão fieis criados
N'um ſocego aos meus cuidados,
N'outro auxilio ao meu amor:
Já ſeguro viver poſſo,
Já poſſo eſtar contente,
Se a ventura me conſente
Lograr bem tão ſuperior. *Vai-ſe.*

SCENA II.

Sala. Sahem Syringa, e Goloſina.

Gol. SEnhora Syringa, acabo de crer que he deſgraçado Pan, pois não te póde cahir em graça.

Syr. Goloſina, não eſtá mais na minha mão: não o poſſo ver com dous olhos, que tenho na cara.

Gol. Em não quererem vello, são crueis os olhos da tua cara, quando a tua cara he a menina dos ſeus olhos.

Syr. Capaz eſtou de tirar a minha cara fóra, ſó por lhe tirar os olhos a elle.

Gol. Não faças tal, Senhora; pois não poſſo vello a elle mais cégo, nem a ti mais deſcarada.

Syr. Olha, eu talvez lhe não quizera tão mal, ſe não lhe tivera tamanho odio.

Gol. Pois porque lho tens?

Syr. Porque he hum pedaço d'aſno.

Gol. Em que, Senhora?

Syr. Ainda o perguntas, quando ſabes, que elle faz verſos?

Gol. Pois não he bom para noivo quem tem boas prendas?

Syr. A mim não me importão as prendas; importa me comer.

Gol. Senhora, tem a certeza, que em quanto tiveres comtigo Pan, não has de morrer á fóme.

Syr. Ora queres tu ouvir a carta, que hontem me trouxeſte?

Gol. Terei grande goſto diſſo.

Syr. Verás que até na caſta do verſo, em que eſcreve, he tollo.

Gol. Pois que verſo he?

Syr. He hum Romance lyrico, quando para fallar com huma mulher da minha eſféra, havia hum Romance heroico, ou huma Canção real.

Gol. Ouçamos o que diz.

Syr. Attende, que he deſta ſorte.

Tira hum papel, e lê.

Ingratiſſima Senhora,
Que por tão grande homicida
Sois Cocrodilla das fontes,
E dos campos Baſiliſca.
Fera leoa dos boſques,
Quando em vós ſe verifica,
Que a maleita dos rigores
Sempre aquece, e nunca esfria.
Porca montez furioſa,
Que na amargoſa campina
Vibrais o dente ao agrado,
Fazeis focinho ás caricias.
Sois Tigra, e tambem ſois Onça,
Quando vejo em taes fadigas,
Vos não peza o pé huma onça
Para fugires eſquiva.
Tambem ſois Loba tyranna,
Pois de rigores faminta
Fazeis mil eſtragos crueis
No curral da minha vida,
Sois Urſo.....

Gol. Eſpera, Senhora, que não ſei quem entra.

Syr. Ai de mim! Deixame eſcondello, não ſeja meu irmão.

Eſconde-o perturbada, e ſahe Lingoiça.

Ling. Ai os eſconderellos de papelinhos, que aqui vão! Eſta he a caſta de boa caſta!

á parte.

Syr. Que vai de novo, Lingoiça?

Ling. Eu , Senhora , não quero eſtorvar eſſa leadura.

Syr. Não importa , dize.

Ling. Pois manda dizer-lhe a Senhora Silvia , que v. m. de cá , e ella de lá quer vir paſſar eſta tarde de parte a parte com v. m.

Syr. Dize-lhe , que tão ancioſa eſtou por vella , que fico ſuſpirando pela ſua vinda.

Ling. E como não ſou mais larga , nem mais comprida , fico á ſua ordem.

Gol. Senhora Ligoiça aſſim ſe vai , ſem dizer á gente tirte , nem guarte.

Ling. Ai perdoa-me , que não reparava.

Gol. Pois niſſo he que eu reparo , em v. m. não reparar em mim.

Ling. Logo lhe fallarei , que quero ver ſe acho ao Senhor Silvano , para ter o achado de certas noticias.

Gol. Va-ſe , que já ſei anda nas occupaçõeſ do ſeu officio.

Ling. Iſto não he por officio , he por curioſidade. *Vai-ſe.*

Gol. Ora , ſenhora , dize-me em que aſſentas ácerca dos acintes que fazes a Pan ; que na verdade ſinto , que conſintas ande o pobre de ſentimento moido como hum centeio.

Syr. Eu te reſpondo.

ARIA.

Não te canceſ , Goloſina ,
Com tão louco deſvario ,
Que a Pan tenho tal taſtio ,
Que não o poſſo tragar :

Já

Já mais não me falles niſſo
Ha tal teima! ha tal loucura!
Bem neſcio he, ſe procura
Ter em meu peito lugar. *Vai-ſe.*

Gol. Que me tenha Pan peitado para que ſeja ſua oradora com minha Ama, quando ella não dá ouvidos a meus brados! Mas venhão vindo os cumquibus, que nunca ceſſaráõ as noſſas vozes.

Sahe Coſcorão.

Coſc. Minha querida Goloſina, como permittes, que ſintas o amargo dos teus rigores, quando o melifluo da tua belleza me põem o mel pelos beiços?

Gol. Não he eſte mel para a boca deſſe aſno.

Coſc. Já que és mel, mette-te no favo do favor.

Gol. O melhor que voſſê me póde fazer, he fallar em outra couſa, ou hir-ſe embora.

Coſc. Eſcolho a primeira. Sabes minha Goloſina, que Pan quer que hoje em todos os modos o introduzas cá para fallar a noſſa Ama.

Gol. Eu bem ſei que pelo muito obrigada que lhe eſtou, aſſim o devo fazer; mas receio muito a noſſo Amo.

Coſc. Pois não haverá hum lugar mais ſeguro para o intento?

Gol. Sómente ſe elle quizer metter-ſe dentro em hum forno.

Coſc. Dentro em hum forno! Que dizes?

Gol. Sim; porque hoje faz minha Ama hum pouco de pão de ló, e como ha de vir ao for-

forno vello, então lhe póde fallar ſeguramente, que he parte onde nunca entra Silvano.

Coſc. Dizes bem, vou avizallo, que não deixará de vir, porque ſempre eſtá pelos meus conſelhos.

Gol. E tu para maior disfarce o pódes trazer n'um taboleiro.

Coſc. E dize-me, terei eu tambem hum lugarſinho de cozer o biſcouto do meu amor no forno da tua graça?

Gol. Se tornas com eſſas aſneiras, vou-me embora.

Coſc. Não te vás por amor de quem vem padecer os vaivens da tua tyrannia.

Gol. Continuas? Pois deſta ſorte te reſponderei. *Vai-ſe.*

ARIA.

Coſc. Goloſina, eſpera, eſpera,
Que ſem tal doçura,
Fico ſem ventura
Chuchando nos dedos,
Mordendo nos beiços
Sem goſto encontrar:
Oh deixame, deixame ao menos
Goloſina minha
Cavaca, caſquinha,
Alfinim, perada,
Ou huma talhada
Se quer de cidrão *Vai-ſe.*

SCE-

SCENA III.

Campo. Sahem Silvano, e Esguicho.

Silv. DIze-me, Esguicho, se tens já descuberto algum caminho por onde possa hir encaminhando este meu desencaminhado amor?

Esg. Ahi! Tu já entras a perguntar como quem vai de caminho.

Silv. Ora acaba já de dizermo, senão queres dar cabo da minha vida.

Esg. Eu te conto já tudo de cabo a rabo.

Silv. Pois dize-me, poderei hoje fallar com a minha querida Silvia?

Esg. Poderás, se não te der algum estupor na lingua.

Silv. Não zombes de mim, conta-me como a poderei ver.

Esg. Abrindo os olhos.

Silv. Não me dilates tanto esta gloria.

Esg. Ahi to digo já de huma vez.

Silv. Tem mão, não me dês a beber de huma assentada esse delicioso cordeal, que quero hir tomando-lhe o gosto pouco a pouco no paladar da minha alegria

Esg. Ao depois pressa, e agora vagar? Ora eu o diga de vagarinho, Senhor, esta tarde vai visitar tua irmã, lá a tens em casa.

Silv. Já disseste tudo?

Esg. Pois que mais querias? Se queres mais, vai a tua casa.

Sa-

Sahe Lingoiça.

Ling. Ai! Aqui eſtava voſſia mercê! E tenho corrido ſéca, e méca por ver ſe o encontrava.

Silv. Havias encontrar bem, ſe eu nunca andei por ſéca, nem méca.

Ling. Ai! eſtou deitando os bofes pela boca fóra.

Eſg. Ah perra, que devias comer hoje alguma forſura!

Ling. Porque julga iſſo?

Eſg. Porque vens muito esboforida, e muito aforſurada.

Silv. Ora dize-me, trazes-me alguma boa noticia.

Ling. Deixa-me primeiro tomar o folgo. Ai! aprelá! manda dizer-lhe a Senhora Silvia, que eſta tarde vai viſitar a Senhora Syringa, e que lá lhe quer fallar.

Silv. E em que parte hei de eſtar?

Ling. Senhor, nós eſta tarde fazemos hum pouco de pão de ló; e como ella ha de hir ver cozer-ſe no forno, lá eſtarás eſcondido para lhe fallares.

Silv. E em que parte me has de lá eſconder.

Ling. Como os fornos são dous, em hum delles te eſconderás.

Silv. Irra! Eu dentro no forno! não coſo tal.

Eſg. Ah Senhor, não percas tão boa fornada.

Silv. Eſtá feito: vaite, que me acharás aſſado, e cozido.

Ling. Pois fique-ſe embora até logo. *Vai-ſe.*

Eſg. E eu tambem me vou, que me póde Pan achar menos. *Vai-ſe.*

Silv. Hide fieis Mercurios do meu amor.

Sa-

Sabe Coſcorão com Pan ás coſtas em hum taboleiro.

Coſc. Ah Senhor, não te mexas muito; e já que vens tanto coſta acima, não dês coſta abaixo.

Silv. Ditoſo me conſidero. *á parte.*

Coſc. Mas ai encoſcorado de mim, que dei com Silvano.

Silv. Que he iſſo, Coſcorão?

Coſc. Vejão agora o que poderá ſer!

Silv. Que levas neſſe taboleiro?

Coſc. Que hei de levar? levo pão.

Silv. Para onde o levas?

Coſc. Levo-o lá para noſſa caſa; vai lá para o forno.

Silv. E de caſa de quem he?

Coſc. He de caſa da Senhora Silvia.

Silv. Não ſei ſe mentes.

Coſc. Cozido ſeja eu, ſenão te fallo a verdade Pan por pão.

Silv. Pois Silvia não tem forno em caſa?

Coſc. Senhor, de modo que como cá a Senhora Syringa acende hoje o forno para cozer o pão de ló, tambem póde cozer o Pan de lá.

Sliv. Dize-me mais.

Coſc. Ah Senhor, compadece-te de mim, que eſte Pan peza muito; não cuides que he pão de palhinha, he meſmo aqui Pan da terra.

Silv. Não eſtava lá Eſguicho para o trazer?

Coſc. Eu quiz trazello, porque eſte Pan ſempre ha de deixar para Goloſina huma poia.

Silv.

Silv. Em minha caſa não ſe preciſa de poias alheias ; ora vai-te já. *Vai-ſe.*

Coſc. Sim hirei , que eſtou já derreado com o pezo ; o tal Panſinho deve de ſer pão de munição , porque peza como chumbo. *Vai-ſe.*

SCENA IV.

Caſa do forno. Sahe Goloſina para o varrer.

Gol. MUito tarda Coſcorão ! Certamente Pan não devia querer vir ; mas pelo ſim pelo não , vamos varrendo o forno , porque quero fazer os meus enredos limpamente , e ſaber ſer alcofinha com aceio.

ARIA.

Alimpando o forno.

Varre-te forno
Mui bem ſacudido
Que hum doudo varrido
Em ti ha de entrar:
De metter-te lenha
Não trato em rigor ,
Que o fogo de amor
Só te ha de aquentar.

Sahe Coſcorão.

Coſc. Ora graças a Vulcano , que já eſtamos no forno : ajuda-me Goloſina que eſte Pan me tem feito n'um bollo.

Gol. Vamos que chegaſte a boa occaſião.

Ti-

Tira-se Pan do taboleiro.

Cosc. Irra com a hiſtoria! Muito cuſta ſer mariolla de Cupido.

Pan. Ahi! tanto te cuſtou?

Cosc. Pergunta-o ás minhas coſtas quanto cuſtas.

Gol. Sejas bem vindo, Senhor Pan.

Pan. Minha Goloſina, deixa eſtar, que eu te agradecerei tanto favor, que por eu agora não trazer couſa nenhuma, por iſſo te não dou alguma couſa.

Gol. Não falles em tal, que eu ſou muito limpa de mãos.

Cosc. Mas muito ſuja de conſciencia.

Gol. Já o forno eſtá muito bem varridinho.

Cosc. Eſtá elle já acezo?

Gol. Porque?

Cosc. Porque elle vem muito frio no caſo; e ſenão tomar algum calor, em vendo a ſua dama, dirá mil frialdades.

Pan. Ainda eſſa tyranna he a meſma que era d'antes.

Gol. Eu bem aperto com ella para que te queira bem.

Pan. Oh Goloſina, quando tiveres occaſião, faze ſempre por mim quanto poderes, que não o deitas em ſaco roto.

Gol. Ora andate eſconder, antes que venha alguem, e Coſcorão, ſe quizer, póde occultar-ſe debaixo daquella lenha.

Cosc. Nada, que eſtou ardendo, e póde pegar logo nella.

Pan.

Pan. Em fim hei de meter-me no forno? Oh amor a quanto obrigas!

Gosc. Em fim hei de esconder-me na lenha? Oh a quanto constranges alcovitisse!

Pan. Amor, o meu peito interno
Não entende o teu suborno;
Porque me abrazas n'um forno
Com fogo, que he só de inferno?
Mas na obediencia eterno
Te entrego esta alma abrazada:
Seja de ti bem tratada,
Pois te pede no seu rogo,
Que se entro com tanto fogo
Saia bem desta fornada.

chega-se para o forno.

Cosc. Espera, Senhor, ouveme, que tambem he justo, que ficando da lenha debaixo, diga tambem a minha decima.

Bem medo he justo, que eu tenha
Desta treta e desta traça,
Pois creio que por desgraça
O vento me ajunta a lenha:
Muito receio me venha
Algum foguete no cabo,
Eu a gracinha não gabo,
E por certo desconfio,
Que entrando na lenha frio,
Saia com o fogo no rabo.

Gol. Anda Senhor, antes que alguem te veja.

Entra Pan no forno.

Cosc. Mette-o com a pá; que não tens máo geito para forneira de Venus.

Gol.

Gol. Entra lá bem para dentro, que eu te tapo.
Cosc. Por mais que o tapes, não ha de deixar de ter deſtampações.
Gol. E tu, ſe queres, anda eſconderte, que alli tenho aquelle feixe de lenha preparado para ti.
Cosc. Ora ſeja o primeiro feixe de lenha, que a tua alma ache na outra vida.
Gol. Vamos andando.
Cosc. Pois não me deixas primeiro dizer-te duas palavrinhas?
Gol. Não te quero ouvir nada.
Cosc. Ainda não vi mulher menos converſante.
Gol. Tapar a boca, e metter debaixo da lenha.
Cosc. Ah cachorra! que és amiga de metter os cães na mouta, e deitarte de fóra!
Gol. Ora entendamo-nos; de duas huma, ou ró ró, ou feixe de lenha.

ARIA A DUO.

Gol. Eſcondes-te, ou não!
Cosc. Eſpera meu bem.
Gol. E ſe algum.
Cosc. E ſe alguem.
Gol. Dalli ſahe.
Cosc. Dalli vem
Gol. Que ſerá?
Cosc. Que dirá?
Ambos. Irra! irra!
Gol. Ora eſcondete já. } ambos.
Cosc. Ora cobreme já. }
Cosc. Mas ai, que receio.....

Gol.

Gol. Pois eu voume embora.
Cosc. Espera.
Gol. Que agora. ....
Cosc. Que susto.
Gol. Que medo.
Cosc. Que mamo
Gol. Que tenho
Ambos. Nos venhão pilhar. *Vai-se Gol.*

Esconde-se Coscorão, e sahe Lingoiça.

Ling. A bom tempo me parece que venho.
Cosc. Destapemos a cara para ver quem entrou. Má estreia! já cá temos Lingoiça, não faltarão logo chicoradas. *á parte.*
Ling. Senhor Silvano, entre, que agora he boa occasião.
Cos. Peior he esta! já o forno me vai cheirando a esturro.
Silv. Que me obrigue amor a esconder-me na minha mesma casa! *sahe.*
Ling. Ora, Senhor, anda-te esconder no forno, antes que alguem venha.
Cosc. Ai que temos outro enfornado!
Silv. Vamos, e amor me tire daqui com bom successo. *entra no forno.*
Ling. Entra neste, que esoutro será o que hei de accender.
Cosc. Ah pobre Pan, que fogaça que hoje levas!
Ling. Entra bem para dentro, e eu te tapo, para ficares mais occulto.

Sahe Esguicho.

Esg. Venho a bom tempo, minha Lingoiça?
Cosc. Outro demonio tenemos.

Ling.

Ling. Vem embora, meu rico Eſguichinho, que alli tenho aquelle feixe preparado para ti.

Eſg. Ora anda depreſſa, cobreme, que parece que ſinto gente. *eſconde-ſe.*

Coſc. Vai, que já que tambem entras no jogo dos eſcondidos, logo te bateráõ nas coſtas.

Eſg. Deſtapemos ainda aſſim a cara e o que he jogo de eſcondidos, não pareça cabra cega.

Coſc. Ora iſto eſtá bonito! logo a todos deo hoje o vinho em quererem cozer aqui a ſua fornada!

Eſg. Mas ai que lá vem gente.

Entrão Syringa, Silvia, e Goloſina.

Gol. Ai cá eſtá v. m. Senhora Lingoiça?

Ling. Sim Senhora.

Coſc. Sim, eſteve tambem cá pondo o ſeu Adonis de ameijoada. *á parte.*

Syr. Affirmo-vos, Silvia, que eſtimo muito vervos neſta caſa.

Silv. E eu com a voſſa viſta tanto me alegro, que he huma couſa nunca viſta.

Syr. A eſta Silvia, quero-lhe como a vida, quando a ſeu irmão aborreço de morte. *á part.*

Silv. A eſta Syringa graça lhe não acho, quando ſeu irmão me tem tanto cahido em graça. *á p.*

Gol. Eu ſupponho que Silvia, e Lingoiça eſtão para de vagar. *á part.*

Ling. Eu creio que Syringa, e Goloſina eſtão de pachorra. *á parte.*

Eſg. Ora quando acabarão de converſar, que me eſtá eſta lenha laſcando o corpo? *á parte.*

Coſc.

Cosc. Ora quando me verei livre desta lenha, que me está alanhando os ossos? *á parte.*

Syr. Golosina, acende o forno para o pão de ló.

Cosc. Eu por mim já me contento com duzentas arrochadas. *á parte.*

Pegão Lingoiça, e Golosina em os forcados.

Ling. Deixe estar menina, que eu farei isso.

Gol. Eu tenho boas mãos, guarde para lá os arenques.

Esg. Se Lingoiça não acende o forno, estou perdido. *á parte.*

Cosc. Se Golosina não tira a lenha, fico varado. *á parte.*

Ling. Deixe-me, que sou muito amiga de fornear.

Gol. Ai não, que está muito mirrada, e ha de lhe fazer mal o lume.

Ling. He boa teima!

Gol. He boa impertinencia!

Ling. Pois eu a ajudarei; tiremos desta lenha e acendamos aquelle forno.

Cosc. A bom mato vens buscar lenha. *á p.*

Gol. Não; tiremos desta, e acendamos aquelle.

Esg. Peior he esta. *á parte.*

Ling. Esta parece que está mais seca.

Cosc. Não está por certo.

Syr. Ora acabemos: que he isto?

Ambas. Já vamos, Senhora.

Gol. Eu não sei que faça! *á parte.*

Ling. Eu estou preplexa! *á parte.*

Cosc. Ainda não me vi n'outra desde que exercito o officio cupidinario.

Gol.

Gol. Ora ahi vai, daqui tenho dito.
Eſg. Lá vai Eſguicho deſta vez roto. *á parte.*
Ling. Tenha mão, que eu cá tiro deſta.
Coſc. Lá vai Coſcorão deſta vez paſſado. *á p.*
Eſg. Eu ſupponho que já agora ſempre lamberei de Goloſina a minha chuçada. *á parte.*
Coſc. Eu creio que deſta vez não ficarei ſem a minha eſpetada de Lingoiça. *á parte.*
Gol. Cá tiro.
Ling. Cá metto. *metem os forcados.*
Eſg. Irra! } *ſaltão fóra da lenha.*
Coſc. Arre! }
Syr. Que he iſto?
Coſc. São dous coelhos que ſahírão do mato.
Eſg. Ai que tambem cá eſtava Coſcorão! *á parte.*
Gol. Aquella moſina deitou tudo a perder. *á p.*
Ling. Aquella maldita arruinou tudo. *á parte.*
Syr. Que fazieis alli debaixo?
Coſc. Eu cá por mim o que fazia não ſou tão deſcortez que o diga na ſua preſença.
Syr. Com que neceſſidade vos metteſtes alli?
Coſc. A neceſſidade, com que eu entrei, eu ſei que tal era.
Syr. E vós atrevido que fazieis tambem alli?
Eſg. Eu, Senhora, não fazia nada, mais mande v. m. ver.
Syr. Ora deixai vir meu irmão, que vós o vereis.
Silv. Não vos afflijais, Syringa, com eſſes tollos.
Coſc. Ficámos apanhadinhos em contas. *á p.*
Syr. Ora vamos já accendendo o forno.

Gol. Ahi vou, Senhora.
Ling. Ai não eſtá aqui hum? } *Ambas.*
Gol. Ai não eſtá aqui outro? }

Deſtapão os fornos.

Coſc. O caſo vai de mal para peior. *á parte.*
Eſg. Hoje leva Silvano huma fumaça. *á part.*
Gol. Eſte ſe ha de accender.
Ling. Ha-de-ſe accender eſte.
Syr. Temos outros argumentos? Oh Goloſina accende hum forno.
Ling. Lá vai Silvano.

Chega Goloſina o lume ao forno, e grita dentro Silvano.

Silv. Tenhão mão, que eſtou cá.
Syr. Que he iſto? meu irmão dentro no forno?
Coſc. Porque elle não he tambem da meſma maſſa dos mais? *ſahe Silvano.*
Silv. Ai de mim que certamente ſe tinha eſcondido para me fallar. *á parte.*
Eſg. Iſto parece-me aſſim a modo de entrega.
Silv. Ai amor que ainda tinha iſto para paſſar! *á parte.*
Syr. A que fim vos metteſtes dentro no forno?
Silv. Não ſei (corrido eſtou!) *á parte.*
Ling. Pois tambem agora quero accender eſte.
Gol. Não he preciſo; vá lá governar a ſua caſa.
Coſc. Para que? não eſtá já aquelle deſpejado?
Ling. Tenho dito que tambem tenho a minha bitra. *chega lume ao forno.*
Gol. Alguma deſgraça temo. *á parte.*

Eſg.

Eſg. Se agora ſahia outro, tinha bem que ver.
Dentr.Pan. Tenhão mão que eſtou cá dentro.
Todas. Ai que he Pan! *ſahe Pan.*
Silv. Que he iſto que vejo!
Coſc. Hui! nunca ſe vio? he Pan que ſahe do forno.
Silv. He Pan?
Coſc. Meſmo em carne.
Silv. Dentro no meu forno Pan!
Coſc. Pois pedras? he por ventura forno de cal?
Silv. Meu irmão aqui! he boa loucura!
Pan. Tambem Silvano aqui eſtá! eu não ſei que foi iſto. *á parte.*
Syr. Eu eſtou com a boca aberta de ver aqui Pan!
Coſc. Eu ſupponho, que eſta gente nunca vio Pan em ſua caſa.
Gol. Eſte Pan ſahio do forno embuxado.
Eſg. O tal Pan depois que ſe vio com tanta miſtura, não ficou muito pão trigo.
Coſc. Pan parece couſa de ló, porque ficou huma eſtatua de pedra.
Pan. Oh ſoberano Jupiter, que taes injurias tinha eu de paſſar! *á parte.*
Silv. Mas como me detenho, que a eſte atrevido .... porém eu tambem cahi no meſmo engano. *á parte.*
Coſc. Silvano como vê Pan tão mole eſtá capaz de o comer. *á parte.*
Eſg. Silvano depois que vio ſahir Pan do forno, eſtá capaz de o fazer em fatias. *á parte.*
Syr. Muito temo que meu irmão faça alguma aſneira. *á parte.*

Silv. Muito receio que meu irmão faça alguma toliſſe. *á parte.*

Pan. Que não ache eu huma deſculpa para dar a eſta gente! *á parte.*

Silv. Minha irmã aqui, Pan alli, que farei? ai de mim! *á parte.*

Coſc. Eſte Pan, que ninguem o póde tragar, tem embaçado a todos.

Gol. Tudo iſto ſuccede por culpa de Lingoiça. *á parte.*

Ling. Tudo iſto por culpa de Goloſina ſuccede. *á parte.*

Silv. Mas eſperem, que agora me lembra. *á p.*

Coſc. Ai elle olha para mim! eſtou bem aviado. *á parte.*

Silv. Dize-me, velhaco, que pão era aquelle que trouxeſte para o forno?

Coſc. E para iſſo he neceſſario v. m. chamar-me velhaco?

Pan. Oh permitta Jupiter, que Coſcorão ache alguma boa deſculpa! *á parte.*

Coſc. Enganarei a hum, e deſculparei a outro. *á parte.*

Silv. Reſpondes ao que te digo?

Coſc. Pois v. m. não o ſabe?

Silv. Quem mo havia dizer?

Coſc. A mim parece-me que lhe diſſe, que era o Senhor Pan, que alli eſtá.

Pan. Ah traidor, aſſim me deſculpas? *á parte.*

Silv. Pois és tão atrevido, que tal commettes?

Coſc. He porque v. m. não ſabe o porque.

Silv. Pois dize-o.

Coſc.

Cosc. Porque elle me disse que o trouxesse.
Pan. Ah desleal criado! *á parte.*
Silv. Ha maior insolencia!
Cosc. Espera não se enfade, que ainda não sabe tudo.
Pan. Ahi me entrega de todo. *á parte.*
Silv. Acaba de o dizer.
Cosc. V. m. não sabe, que o Senhor Pan he muito divertido, e muito descarolado, e assim por fazer huma peça a estas Senhoras, he que se quiz esconder no forno, pois tambem o tempo pede estas galanterias.
Pan. Só o engenho de Coscorão podia achar tão boa desculpa. *á parte.* Não ha duvida que assim he; e se nisso vos offendi, perdoai-me. *para elles.*
Silv. Pois que isto me cheira a engano, he preciso valer-me do mesmo para disfarçar o meu erro. *á parte.* Tambem com o mesmo intento me escondi eu; porém não vos succeda Pan outra onde minha irmã estiver. *para elle.*
Pan. Nem a vós onde estiver minha irmã.
Esg. Receio, que estas peças venhão a dar em estouros. *á parte.*
Cosc. Ora Senhores, se ambos fizerão isto por peça, metta cada hum a sua buxa na boca.
Pan. Assim he.
Silv. Tens razão. (Honra dissimulemos.) *á p.*
Syr. Destas peças só nós nos deviamos aggravar.
Silv. Destas graças só nós deviamos ser as queixosas.

ARIA A 4.

Pan. Eu por peça
Silv. Eu por graça
Ambos. Me eſcondi, e me occultei
Syr. Taes graças nunca goſtei
Silv. Eu nenhuma graça achei
Ambas. Em gracinhas de
Ambos. Que he gracinhas de } aſſuſtar } *Tod.*
Pan. Ignorava que offendia
Silv. Não ſabia que aggravava
Ambas. Eſta aſneira cauſa dava
Para o meu
Ambos. Não vai a } deſconfiar } *Todos.*

ACTO II.

SCENA I.

Jardim. Sahem Syringa, e Goloſina, e logo depois Pan, e Coſcorão.

Pan. DIze-me, Coſcorão; Syringa vem eſta tarde eſtar com minha irmã?

Coſc. Se tu a vês já no teu jardim, que me perguntas?

Pan. Vejo, e não o creio: ora deixa-me fallar-lhe.

Coſc. Eu não te pego na lingoa, ainda que bem neceſſitas, que te puxem pelo beiço.

Pan.

Pan. Suſpendei, bella Syringa, as eſguichadélas do voſſo deſdem: bem baſta eſtar tão aguado pelo voſſo rigor.

Syr. Senhor Pan, de duas huma; ou vos callai, ou não digais couſa alguma.

Pan. Pois quereis, que eu morra aſſim á chucha calada?

Syr. Não vos quero ouvir, tenho dito.

Pan. Quem for mais ingrata que vós, olhai que ha de dar bem á unha.

Syr. Voltando-vos as coſtas, vos taparei a boca.

Pan. Primeiro que vos vades, ouvi-me ao menos quanto tenho que vos dizer.

Syr. Eſcuzai de me vires ſeguindo, que eu eſcuſo rabos atraz de mim, e muito menos ſendo tão pezados. *Vai-ſe.*

Coſc. E tu tambem te vás, minha Goloſina?

Gol. Ouve, deixe-ſe ficar, que eu eſcuſo pages e muito menos ſendo tão patólas. *Vai-ſe.*

Pan. Ah ingrata! ah fera!

Coſc. Ah porca! ah cadella!

Pan. Que te parece, Coſcorão, iſto?

Coſc. Que te parece, Senhor, eſtoutro?

Pan. Não póde haver maior tyranna, que aquella.

Coſc. Não póde haver maior velhaca, que aquelloutra.

Pan. Ai de mim que eſtou capaz.....

Coſc. De que, Senhor?

Pan. De me dar na tóla hir-me por eſſe mundo como huma couſa tola.

Coſc. Ah lacaia de borra, que neſta berra eſtou capaz..... *Pan.*

Pan. De que?

Cosc. De me dar na birra hir-me por esse mundo como huma cousa burra.

Pan. Póde haver maior mal, que o que padeço?

Cosc. Ainda que a minha pena tambem me tem cheio as medidas, eu te confesso que tens alqueires de razão.

Pan. O que mais sinto he aquelle ultimo chasco que me deu.

Cosc. Qual? dizer-te que não queria rabos tão pezados?

Pan. Sim; pois que te parece?

Cosc. Quero pregar huma peça a meu Amo, que elle tem sitio para tudo. Parece-me que isso tem bom remedio. *para elle.*

Pan. Qual he!

Cosc. Qual he? isso pergunta-o ninguem? Quem diz que não quer rabo pezado, he que quer rabo leve.

Pan. Pois que vens a dizer nisso?

Cosc. He possivel, que não o sabes? Estas Senhoras querem-se galanteadas, e ella estranha, que sendo tu seu amante, não uses com ella a galantaria de lhe pores hum rabo leva, que he o divertimento do tempo.

Pan. Tens razão, que assim me toa; ora deixa-mo hir buscar. *Vai-se.*

Sabe Golosina.

Gol. Já se foi Pan? Na verdade Coscorão sinto vello tão desprezado.

Cosc.

Coſc. Se elle ſe foi, aqui fiquei eu, que tambem ſou *ejuſdem furfuris, & farinæ.*

Gol. Eu vinha dizer-lhe, que ſe não cançaſſe já com Syringa.

Coſc. Porque, já lhe não queres dar ajuda?

Gol. Se minha Ama não quer ouvir fallar nelle.

Coſc. Ora pois fallemos em mim; como eſtou eu comtigo?

Gol. Eſtás muito mal, pois ſe cahiſte enfermo de amor, não tem remedio o teu achaque.

Coſc. Pois ſe eu ſei que tu me pódes dar cura, para que me queres fazer incuravel?

Gol. Ora ouça que lhe quero reſponder muito de ré mí fá ſol.

ARIA.

Senhor Só, c, e, cos
C, ó, có, ram, me, ram
Não ſeja aſneirão
Marmanjo tolaz.
Porque g, ó gó
L, ó, ló, z, i, zina
Não cuide he tollina,
Que a ha de lograr.

Sahem Syringa, e Silvia.

Silv. Iſſo, Syringa, he pagares-me a viſita, que hontem vos fiz?

Syr. Não foi ſenão meſmo por me dar na cabeça.

Silv. Dizei-me, voſſo irmão não vos diſſe ſe havia logo vir?

Syr.

Syr. Eu ſupponho, que ſe elle vier, cá o teremos hoje.

Silv. Alviçaras Coſcorão. *á parte.*

Syr. Mas elle não eſtá muito couſa com voſſo irmão.

Silv. Permitta amor, que Pan não eſteja cá eſta tarde.

Coſc. Não eſtará tarde, porque elle ahi vem já bem cedo.

Sahe Pan eſcondendo atraz das coſtas o rabo leva, e andará por detraz de Syringa para lho pôr no veſtido.

Pan. Coſcorão, aqui trago o rabo atraz.

Coſc. Fazes bem, que obras como gente.

Silv. Oh quanto ſinto ver aqui meu irmão, pois ſe póde encontrar com Silvano! *á p.*

Syr. Quanto me aborrece ver eſte homem! *á parte.*

Gol. Elle que vem tão ſizudo, alguma tolice quer fazer. *á parte.*

Syr. Que anda eſte Senhor aqui fazendo por traz da gente?

Coſc. Quer moſtrar, que já no ſeu amor anda muito atrazado.

Syr. Pois que he iſto, que eſte homem procura?

Coſc. Senhora, elle diz, que tem muito medo dos teus rigores, e aſſim quer namorar-te ás eſcondidas, de ſorte que não o vejas.

Silv. Ora meu irmão cada vez eſtá mais neſcio. *á parte.*

Syr.

Syr. Que procurais, Senhor? Dizei.
Pan Quero moſtrar, que ſei ſer amante.
Coſc. He o que eu digo, quer namorar-te ás eſcondidas de ti.
Syr. Nem iſſo quero.
Coſc. Olha Senhora, iſto tambem he impertinencia.
Pan. Ai que já lho puz: rabo leva, rabo leva.
Coſc. He verdade: rabo leva, rabo leva.
Syr. Que he iſto Goloſina?
Gol. Vês, Senhora, he hum rabo leva. *tira-lho.*
Syr. Que vos parecem, Silvia, as ignorancias de voſſo irmão?
Silv. Não ſei que vos diga.
Pan. Ora merecerei vervos já com menos rigor?

ARIA.

Syr. Ha tal tollo! ha tal neſcio!
Que importuno me atormenta!
Não adverte, não attenta
Em eſquiva o deſprezar
Se outra vez, louco atrevido,
Proſeguir em tal loucura,
Verá que o rigor procura....
Mas não ſei o que verá. *Vai ſe.*
Silv. Pan, eſtais ainda pouco enfarinhado em amante. *Vai ſe, e Gol.*
Pan. Ella parece que vai mal comigo?
Coſc. Aquillo, Senhor, he hum deſdem.
Pan. E que te parece o dito de minha irmã, dizer que ainda não eſtou enfarinhado?

Coſc.

Cosc. Tem razão, que me esquecia advertir-to. (Ainda a corriola ha de hir adiante.) *á p.*

Pan. Pois dize-me, que vem a dizer nisso?

Cosc. He que agora todos os que andão enfarinhados no amor, apparecem ás suas damas enfarinhados, e tambem as enfarinhão.

Pan. Isso parece asneira.

Cosc. Qual asneira! se ella não se alegrar, põe-me a culpa.

Pan. Não sei se ella levará isso a bem.

Cosc. Senhor, has de enfarinhalla, se quizeres que ella faça comtigo boa farinha.

Pan. Ora eu sigo o teu conselho; anda-me enfarinhar. *Vai-se.*

Cosc. A farinha, que este Pan havia mister, havia ser farinha de páo. *Vai-se*

SCENA II.

Antecamara. Sahe Syringa, Silvia, Golosina, e depois Silvano.

Silv. ADorada Silvia, só a vossa belleza podia ser guindaste do meu amor, senão não vinha cá, ainda que me arrastassem por huma corda.

Silvia. Porque razão?

Silv. Porque depois, que vi Pan no meu forno, fiquei huma braza.

Silvia. Tambem eu sentiria, que elle cá vos visse, pelo muito cioso que he.

Gol. Pois elle anda sempre por aqui a rondar.

Syr.

Syr. Ora mano, ide-vos, não vos venha algum desgosto.
Gol. Ou senão, eu fecho a porta.

Vai para fechar a porta, e entra Coscorão.
Cosc. Que he isto? v. mercês dão com as portas nos narizes da gente?
Silv. Que procuras aqui.
Cosc. Ai! cá está v. m., pois o Senhor Pan ahi vem.
Silvia. Ai de mim infeliz!
Syr. Que ha de ser de nós?
Silv. Zeloso lhe tirarei a vida, se intentar averiguar seus zelos.
Silvia. Ai Senhor Silvano, não lhe tireis a vida, porque fico dezirmanada.
Syr. Ai meu rico mano, não o mateis, porque póde succeder alguma desgraça.
Gol. Não faça tal, que se ficamos sem Pan, morreremos todos á fome.
Cosc. Ah Senhor, não nos tires o pão cá de casa, porque isso he querer pornos a pão de padeira.
Gol. Coscorão, não dás remedio a isto?
Silv. O remedio he matar, ou morrer.
Cosc. Ora espere, não se mate, que eu remedeio isso: pergunto, que porta he aquella?
Silvia. He a porta da minha camara.
Cosc. E aquelloutra?
Gol. He a que vai para a despensa.
Cosc. Essa he a melhor; pois querem que o Senhor Pan não veja aqui ao Senhor Silvano?

Silv.

Silv. e Syr. Eſſe he o noſſo cuidado.

Coſc. Pois para que não ſeja viſto aqui, eſconda-ſe alli dentro.

Silv. Só tu podias dar em tão bom caminho.

Coſc. Parece-me a hiſtoria dos que querião meter com ceſtos ao Sol dentro em huma caſa eſcura.

Gol. E então que ſuccedeo?

Coſc. Que hum ſujeito lhe evitou eſte trabalho, mandando abrir na caſa huma janella.

Silv. Mas eu eſconder-me? Iſſo não eſtá bem ao meu valor.

Coſc. Qual valor! Não faças caſo diſſo, que ninguem o ſabe ſenão nós todos.

Silv. Attendei, Silvano, ao perigo em que eſtou-

Coſc. Ah Senhor, vê o que fazes, que eſtá a Senhora de perigo, e póde mover-ſe aqui alguma ruina.

Silv. Só por eſſa cauſa o farei.... *eſconde-ſe.*

Coſc. Anda, Senhor, deixa-te de eſcrupulos, que todos ſomos de caſa.

Sahe Pan com a cara enfarinhada, e com huma mão cheia de farinha.

Silv. Ai que he iſto! Eſte he o meu irmão?

Gol. Que celebre traſte que vem! *á parte.*

Syr. Que tollo he eſte? *á parte.*

Coſc. Senhor, tu vens muito gentil-homem, e muito apolvilhado.

Pan. Coſcorão, ellas parece que folgão de me ver.

Coſc.

Cosc. Ah Senhor, de gosto estão estourando com rizo.

Pan. Ora venho já capaz de apparecer?

Silv. Muito havia rir se não estivera com tanto medo. *á parte.*

Syr. Se não estivera com tanto susto, muito havia de rir. *á parte.*

Pan. Acabareis de conhecer, bella Syringa, quanto desejo agradar-vos. Alviçaras, Coscorão, que já me deu hum ar de rizo. *Para Cosc.*

Cosc. Ora anda para diante, e com esse ar não fiques tolhido.

Pan. Já sei, Syringa adorada, que os amantes são como os bacalháos.

Syr. Porque?

Pan. Porque os mais enfarinhados são os melhores.

Syr. E eu cuidava, que erão como os figos passados.

Pan. Porque?

Syr. Porque quanto mais enfarinhados por fóra, mais ocos por dentro.

Cosc. Eu tambem quero dizer o meu conceito; e he que os amantes os comparo ao pão dos escouçados.

Gol. Porque?

Cosc. Porque quanto mais farinha por fóra, mais farello por dentro.

Gol. Dizes bem, que nestes casquilhos apolvilhados tudo he farelorio.

Syr. Tomára, que este homem se fora já daqui. *á parte.*

Pan.

Pan. Coſcorão ; parece que he tempo de lhe hir com as mãos á cara.

Coſc. Vai, que ainda fóra do entrudo o pôr-ſe na cara tanta farinha he que faz a farinha cara.

Pan. Concedei-me , Senhora, lincença para requintar de todo a minha fineza.

Syr. Que me quererá eſte neſcio ? *á parte.*

Chega-ſe Pan a Syringa , e enfarinha-a.

Pan. Ora eis ahi , eis-ahi vereis ſe ſei ſer amante.

Syr. Que he iſto , que me ſuccede ! Ha maior atrevimento !

Silv. Syringa , por vida voſſa disfarçai , por não ſucceder alguma.

Pan. Oh Coſcorão , eſtão-me as mãos folgando.

Syr. Que ſoffra eu iſto pelo riſco , em que eſtá meu irmão. *á parte.*

Pan. Pois que dizeis ? ando já enfarinhado em amante , ou não ?

Syr. Sim , eſtou-vos muito agradecida.

Pan. Mas entendei , que eſta he a primeira vez , que deito as minhas finezas em roſto.

Syr. Eſtá feito ; ora hide-vos embora , para vos ficar mais obrigada.

Pan. Qual hir ? porque eu ſou aſno ? Oh lá haja merenda , e mais merenda.

Syr. peior he eſta. *á parte.*

Silv. Ha maior infortunio ! *á parte.*

Pan. E eu meſmo hei de hir dentro buſcalla , e ſervir á meza.

Coſc. Agora eſtá o caſo mal parado. *á parte.*

Gol. Que ha de ſer de nós ? *á parte.*

Pan.

Pan. Pergunto, Silvia, eſtão lá dentro aquelles queijos, que hontem mandei fazer?

Silv. Não, já os comi. (Digo iſto, porque não os vá buſcar.) *á parteá*

Pan. Ahi! Comeſtes mais de vinte queijos? Ja ſei que comvoſco não poſſo coalhar couſ. alguma.

Silv. Tambem mandei alguns de preſente.

Pan. E as caſtanhas que mandei para caſa?

Silv. Não me lembra aonde as puz.

Pan. Supponho, que tambem com ellas vos encheſtes como hum ouriço?

Coſc. Não, as caſtanhas, de burro que tal comeſſe.

Pan. Sempre vou á deſpenſa buſcar o que houver.

Coſc. E eu vou-me daqui, para ver ſe atalho alguma deſgraça. *Vai-ſe.*

Gol. Senhor Pan, a Senhora Syringa ſó com a ſua viſta ſe ſuſtenta.

Pan. Callai-vos ahi buginica, que vós ſois a primeira que eſtais já deſejando que dar á dentuça.

Silv. Mano, deixai-vos eſtar, que eu vou.

Pan. Qual! eu meſmo hei de hir em peſſoa. *pegão nelle.*

Syr. Senhor, affirmo-vos, que não quero comer couſa alguma.

Pan. Pois quero eu; que depois que me vejo correſpondido, tenho huma fome, que não poſſo parar.

Vai para entrar, e ſahe Coſcorão chorando.

Coſc. Ah Senhor Pan, acuda-me depreſſa.

Pan. Que he iſto ? que tens ?
Coſc. Acuda me , antes que o magano ſe vá.
Pan. Pois que te fizerão ?
Coſc. Derão-me muitos nomes meus no cachaço. Ai , ai , ai.
Pan. Cala-te , não tens vergonha de chorar ?
Coſc. Quando ha de hum pobre Coſcorão ter vergonha , ſe levou tão deſavergonhados Coſcorões ?
Pan. Ora és hum choramingas.
Coſc. Hum cho . . . que ?
Pan. Hum choramingas.
Coſc. Pois não hei de ſer choramingas , ſe me fizerão n'uma aſſorda.
Pan. Conta-me , como foi iſſo ?
Coſc. Anda tu comigo.
Pan. Dize-mo primeiro.
Coſc. Ora ouve.

RECITADO

Chorando.

Hum magano , hum maroto , hum mariolla
Me pregou mil carollos na carolla
Com tal manha , tal força , e por tal arte ,
Com tal modo , tal geito , e por tal parte ,
Que na terra moido
Como hum caſſão fiquei molle , e eſtendido
E vendo-me caſſão em tal trabalho ,
Me quiz álli deixar de molho d'alho ;
E eu que livre me colho ,
Os teus pés buſco agora de remolho.

ARIA

ARIA.

Senhor Pan, ſe és branco, e alvo,
Vale a hum pobre eſcouçado,
Deſancado, e derreado,
Que chorando aqui te eſtá.
Vem comigo, antes que fuja,
Anda Senhor, anda já;
Vamos, antes que ſe vá.
Vaõ ſe Coſc. e Pan.

Silv. Iſto deve ſer traça de Coſcorão.
Syr. Pois vamos deitar fóra a Silvano, já que temos occaſião diſſo. *Vaõ-ſe.*

SCENA III.

Jardim. Sahem Eſguicho, e Lingoiça.

Eſg. QUe queira eſta maldita velha, que á força eu lhe queira bem, quando ſó morro pela minha bella Goloſina!
Ling. V. m. Senhor Eſguicho vejo o já muito deſcuidado.
Eſg. Ora não me venha já com eſſas aſneiras.
Ling. Iſſo me diz, ingrato, depois de eu ter gaſto com voſſê tanto cabedal?
Eſg. Eu digo, que he aſneira deſconfiares do meu amor.
Ling. Não ſei ſe o creia, porque o vejo muito mudavel, e muito valdevelorios.
Eſg. Em ſinal de que he verdade, toma eſte abraço.

Ao tempo em que ſe abração ſahe Coſcorão, e Pan.

Coſc. Para deter a meu Amo, e vingar-me de Eſguicho, boa occaſião he eſta *á parte*. Anda, Senhor Pan, que aqui eſtão os velhacos, que me derão. *para Pan.*

Pan. Foi Eſguicho?

Coſc. Foi elle, e mais eſſa caveira deſdentada.

Eſg. e *Ling.* Há maior teſtemunho!

Coſc. Callem-ſe ahi marmanjos.

Pan. E porque te deu!

Coſc. Ha dizer te derão, porque ambos me forão ao couro.

Ling. Pois eu deite?

Coſc. Sim Senhora, tambem cá pelas coſtas ſenti meu pedaço de Lingoiça.

Pan. E porque te derão?

Coſc. Porque reprehendi ſeus beſtiaes namoratorios.

Eſg. Como lhe dei eu, ſe ainda hoje não o vi?

Coſc. Eu não ſei ſe me via, porque dava pancadas de cego.

Ling. O que mais ſinto, he ficar a minha honeſtidade em bocas do mundo. *á parte.*

Pan. Coſcorão, ahi vem já Syringa; ſupponho, que vai para caſa, peço-te a leves pelo boſque para gozar algum favor ſeu, pois vejo que já não lhe deſagrado.

Coſc. Vai-te eſperar deſcançado, que eu as levarei por lá.

Pan. E tu Eſguicho adverte, que não offendas am-

mais eſte moço, porque tu és tu, e elle he elle. *Vai-ſe.*

Eſg. Ora cale ſe, que eu me vingarei. *á part.*

Sahem Syringa, Silvia, e Goloſina.

Ling. Olhem para que eſtava eu guardada no cabo dos meus ſeſſenta?

Silv. Como já Silvano ſe foi, ſeguras eſtamos.

Syr. Pois mana, ficai-vos embora, que são horas de me hir. Vamos, Coſcorão.

Silv. Hide com os deoſes.

Coſc. Vamos que mal ſabes o que te eſpera. *á parte.*

Vaõ-ſe Syringa, Goloſina, e Coſcorão.

Silv. Quanto eſtimo ver-me livre de tão grande ſuſto. *á parte.*

Eſg. Deſta ſorte me vingarei de Pan, e ſervirei bem a meu Amo. *á parte.*

Ling. Se Eſguicho não caſa comigo, não me lavo com quanta agoa tem o mar. *á parte.*

Eſg. Eſtou, Senhora, admirado de ver o teu deſcanço.

Silv. Em que?

Eſg. O Senhor Pan, vai daqui ameaçando-te que te ha de matar.

Silv. Que dizes? Ai de mim!

Eſg. Não ſei que enredos lhe meteo Coſcorão, que vai daqui deſeſperado, dizendo, que és a ſua deshonra.

Silv. Ai, que ſem duvida lhe diſſe o traidor Coſcorão, que eſtava comigo Silvano. *á p.*

Eſg.

Esg. Digo-te isto, por cumprir com as obrigações de bom criado.

Silv. Perdida estou! Não ha mais remedio, que ausentar-me para casa de Syringa. *á p.*

Ling. Para que dirá Esguicho esta mentira? *á parte.*

Silv. Sem lhes dizer para onde, me ausentarei. *á parte.*

ARIA.

Onde hei de hir triste de mim
A buscar amparo, e horte,
Já que meu irmão a morte
Me fulmina com rigor?
Por fugir ao triste damno,
Que fulmina o seu forror,
Azas dá o mesmo amor. *Vão se*

SCENA IV.

Bosque. Sahe Pan.

Pan. AQui estou esperando para gozar os favores da bella Syringa, e pela esperança em que estou, me parece cada hora sessenta minutos. Mas eu que não a vejo, final he que ainda não vem. Mas ai que se não me engano, ahi sinto vir gente, e certamente, ou he ella, ou outrem: quero-me retirar, para ver quem he. *occulta-se.*

Sahem Syringa, Golosina, e Coscorão.

Cosc. Oh Senhoras, vossas merces hão de seguiar por mim, ou não? *Syr.*

Syr. Por onde nos levas tu?
Cosc. Deixem-se hir comigo, que eu darei conta de vossas merces.
Syr. Por este caminho não se vai para nossa casa.
Cosc. Onde estará este homem, que ainda não apparece? *á parte.*
Gol. Este caminho he muito solitario.
Syr. Estou capaz de voltar para traz.
Cosc. Não Senhoras, hão de vir comigo, que eu hei de entregallas ao Senhor meu Amo.
Syr. Golosina, vamo-nos para traz.
Cosc. Tenhão mão em cortezia, mas quem vem lá?

Sahe Pan.

Syr. Ai de mim, que vejo!
Gol. Peior he esta. *á parte.*
Cosc. V. m. por aqui, Senhor Pan?
Pan. Minha bella Syringa, a vossa presença festejão estes bosques, que embrulhados nos capuzes das suas sombras estão dançando a contradança da capuchinha.
Gol. Me melem, se isto não he entrega de Coscorão. *á parte.*
Pan. Não me respondeis, Senhora? já mudastes de parecer?
Syr. Muito receio o atrevimento deste homem. *á parte.*
Pan. Pouco tempo ha, que vi o vosso semblante mais alegre; porque estais agora tão embezerrada?
Syr. Coscorão, para isto nos trouxeste por aqui?

Cosc.

Cosc. Eu adivinhava, que haviamos ter tão bom encontro?

Pan. Senhora, por mercê não me fareis hum favor?

Syr. Que favor?

Pan. Hum abraço, ou couſa que o valha.

Syr. Ai triſte de mim! Ha quem tal diga!

Pan. Deixai-me, Senhora, chegar a boca á nevada catimplora das voſſas mãos.

Syr. Ainda os fados me tinhão guardada para ouvir iſto!

Cosc. Ha quem tal faça! Queres tomar neve em tempo tão frio?

Pan. Toda eſta neve para mim he hum trago, ou hum ſorvete.

Gol. Eſtá iſto bom, Senhor Coſcorão?

Cosc. Eu tenho culpa de Pan eſtar tão lêvado de amor? Mas eſpera, que eu meto as mãos na maſſa. Ah Senhor v. m. que quer a minha Ama?

Pan. Coſcorão, deixemos diſfarces, que eſtou deſeſperado.

Cosc. Pois que eſperas? Faze o que te parecer.

Syr. Ah criado falſo traidor!

Gol. Ah desleal! ah feinentido!

Cosc. Tudo iſto são queſtões de nome: vamos *ad rem*; venha tambem minha Goloſina hum abraço cá para o pobre.

Gol. Hum dardo que o atraveſſe.

Cosc. Bem me atraveſſa quem he tão traveſſa.

Pan. Senhora, concedei-me o que peço, ſenão farei o que poſſo.

Syr.

Syr. Oh piedoſo Jupiter, vale-me em tanta afflição.

Coſc. Não te cances, Senhora, em chamar por Jupiter, que he tão bom tonante como qualquer de nós.

Pan. Pois valerme-hei da força, ainda que quebre comvoſco.

ARIA A DUO.

Syr. Vós, oh Deoſes ſoberanos.
Pan. Oh ingrata eſpera, eſpera.
Syr. Valei-me.
Pan. Tyranna fera.
Syr. Ai de mim! valei-me já
Pan. Aos meus braços chega já } *Ambos.*
Syr. Piedoſos me attendei.
Pan. Não reſiſtas bella, ingrata.
Syr. Se voſſa clemencia grata
A todos auxilio dá } *Ambos.*
Pan. De mim não te livras já

Vai Pan a abraçar-ſe com Syringa, e ſe converte em hum canaveal.

Coſc. Que he iſſo? Ah Senhor, tem máo que te abraças com humas canas.

Gol. Que vejo! oh deſgraçada de mim!

Pan. Ha maior deſdita!

Coſc. Pois que te parece, o que foſte fazer, e desfazer.

Pan. Deixa-me Coſcorão, que perco o juizo.

Gol. Ai minha rica Ama do meu coração, que te tragou a terra.

Coſc.

Cosc. Tens razão de chorar, minha Golosina, que o tragalla a terra foi para todos hum amargoso trago.

Pan. Oh piedosos Deoses, se a reduzis á sua propria fórma, eu vos prometto....

Cosc. Promete-lhe huma Syringa de prata para ajuda do custo.

Gol. Vou-me por esse mundo acabar a vida.

Cosc. Espera, dame ahi primeiro dez mil abraços, para não te hires rindo de tua Ama.

Gol. Ha maior loucura! vossê não vê o exemplo diante dos olhos?

Cosc. Não tenhas medo, que tu estás segura, pois nem a terra te ha de poder tragar.

Gol. Pois valhão-me os pés: *vai para fugir.*

Cosc. Tenha mão. *segura nella.*

Gol. Valei-me, Deoses piedosos.

Vai para a abraçar, e converte-se em huma salgadeira.

Cosc. Mas ai, dei com os narizes n'um sedeiro!

Pan. Que he isso Coscorão?

Cosc. He hum merhamorphorseos lacaial.

Pan. Irados estão os Deoses contra nós.

Cosc. Estão hoje apostados a pregarnos a pessa.

Pan. Em huma salgadeira se tranformou?

Cosc. Isso tenho eu contra huma, e outra, que se não converterão ao menos em arvores fructiferas, pois não era má para o tempo a fruta de Syringa.

Pan. Vem cá Coscorão, dáme algum alivio em tanto mal.

Cosc.

Cosc. Oh Senhor, adverte que eu não sou fole do Maranhão para supprir nas faltas de Syringa.

Pan. Não zombes de mim, quando me vês estar penando.

Cosc. Deixe me, que tambem estou enfadado, e senão gritarei pelos Deoses, ainda que me convertão em alfavaca de cobra, ou em cebolla albarrã.

Pan. Deixa loucuras, e aconselha-me, o que devo fazer neste caso.

Cosc. Isso agora sim, que eu entendia cá outra asneira. Senhor, o remedio que ha he regarmos com lagrimas esta seara que temos feito.

Pan. Que importa, que eu chore tanto
Com excessivas ternuras,
Se a estas canas tão duras
Não abranda hum mar de pranto.

Cosc. Pois eu cá por minha móssa
Em chorar tenho assentado;
Porque tudo o que he salgado
Só com muita agoa se adóça.

Pan. Pare o pranto, pois se perde,
E quer o peito rasgar
Para com sangue regar
Huma esperança tão verde.

Cosc. Neste salgado em que apanho
Hum defluxo tão sem par,
Sómente quero chorar
Ainda que o chorar faz ranho.

Pan. Feliz tu, que a lisongeira
Sorte; com gloria reserva;

Po-

Pois para a tua conſerva
Te deu huma ſalgadeira.

Coſc. Feliz tu, que a ſorte ufana
Te dá curas tão ſubidas;
Pois para as tuas feridas
Tens agoardente de cana.

Fallão ambos em ſegredo, e ſahe Silvia junto ao canavial.

Silv. Pelo que me diſſe Eſguicho, venho buſcando a caſa de Syringa; mas já vejo que perdi o caminho. Porém ai de mim infeliz, que alli eſtá meu irmão fallando com aquelle traidor! Sem duvida que me anda procurando: occultarme-hei entre eſtas canas, os Deoſes me defendão.

Eſconde-ſe entre as canas.

Pan. Coſcorão, não ſei que ha de ſer de mim.

Coſc. O que? hirmos para caſa, que são horas de cuidar na cea.

Pan. Iſſo he ſeres bruto; ha quem queira comer á viſta deſtes eſpectaculos?

Coſc. Eu não digo, que comamos á ſua viſta, vamos comer para caſa.

Pan. Já não eſpero ter conſolação na minha vida.

Coſc. Mas ai que eſtamos perdidos, que ahi vem Silvano direito a nós!

Pan. Ainda mais eſſa?

Coſc. Has de dizer ainda mais eſſe.

Sahe Silvano.

Silv. Eſperai Pan, que vós, e eſte aleivoſo criado

do me hão de dizer onde me ſumirão minha irmã, pois a virão entrar com elle para aqui

Coſc. Pois vê-a v. m. aqui comigo?

Silv. Não.

Coſc. Logo he ſinal certo, que não eſtá cá.

Silv. E vós, Senhor Pan, dai-me tambem conta della; pois já eſtou informado, de que atrevido a ſolicitaveis.

Pan. O certo he que o caſo eſtá bem mal parado. *á parte.*

Coſc. Todavia v. m. não ſabe onde eſtá?

Silv. Não, e mais tenho corrido tudo.

Coſc. Então como havemos ſabello nós, que não temos paſſado daqui.

Silv. Logo devia tragalla a terra.

Coſc. Talvez, que aſſim ſuccedeſſe.

Silv. Oh atrevido, zombas de mim? morrerás.

Pan. Tende mão, Senhor Silvano.

Silv. Vós, e elle morreráõ, ſe me não derem conta della.

Pan. Na verdade quereis ſaber della?

Silv. Pois não?

Pan. Obrais como irmão amante.

Silv. Pois aonde eſtá? aviemos.

Pan. Boa conta lhe darei eu della. *á parte.*

Silv. Não reſpondeis? pois briguemos.

Pan. Eſperai, Silvano.

Coſc. Eſpere, Senhor: aſſim ſe achão as couſas tão depreſſa!

Silv. Que hei de eſperar?

Coſc. Deixe-nos conſiderar primeiro, para ver ſe damos nella.

Pan. Eu não tenho mais remedio, que reſponder-lhe a verdade. *á parte.*
Silv. Pois que dizem?
Coſc. Outra vez. Se nos eſtiver atarantando, não nos lembrará nada que lhe dizer.
Silv. Grande he a minha paciencia!
Pan. Senhor Silvano, a quem procurais, buſcai entre as canas, que vedes, e ſe não vos deres por ſatisfeito, por aqui vou. *Vai-ſe.*
Coſc. E eu tambem. *Vai ſe*
Silv. Vejamos ſe he aſſim.

Chega Silvano ao canavial, e ſahe Silvia.

Silv. Mas que vejo! vós Senhora aqui... quando...
Silv. Eu ſou, Silvano.
Silv. Que he iſto! Pan entregar-me ſua irmã, para que eu lhe não procure a minha! porém hei de matallo, porque mais eſtimo a honra, que o amor. *á parte.*
Silv. Muito penſativo eſtais! peza-vos de me veres aqui?
Silv. Senhora, eſperai, que já venho.
Silv. Detende-vos, e valei a huma muiher infeliz, ſe ſois amante, e nobre.
Silv. De tudo me prezo; porém dai-me licença.
Silv. Amparai-me, porque meu irmão me pertende tirar a vida, por ſaber, que vos amo.
Silv. Ella cuida, que não entendo os ſeus diſfarces. *á parte.*
Silv. Ponde-me em ſeguro, e depois averiguai o que quizeres.
Silv. Diz bem, levala-hei comigo, e depois o buſ-

buſcarei para lhe dar a morte. *á parte.* Muito deveis ao meu amor, que tanto refreia aos meus zelos. *Vamos.*

ARIA ADUO.

Silvia. Já ſeguirte intenta
Quem firme te adora.
Silv. Seguime, Senhora.
Ambos. Que o tempo me falta.
Silv. Para me vingar. } *Ambos.*
Silvia. Para te lograr. }
Silv. Sem ti não me alento.
Silvia. Sem honra não vivo.
Ambos. E he tormento eſquivo.
Silvia. O não te aviſtar. } *Ambos.*
Silv. O ſem honra eſtar. }

ACTO III.

SCENA I.

Boſque com o canavial. Sahe Coſcorão.

Coſc. ASſim como qualquer porco tem por centro a ſua ſalgadeira, aſſim eu tambem, ainda que me façáo em poſtas, hei de buſcar eſta ſalgadeira por meu centro. Mas he poſſivel que ſe transformaſſe em couſa tão ſalgada huma Goloſina tão doce, para cuja aſſu-

aſſucarada belleza concorrião os amantes como moſcas? Mas ai, que ahi vem o ſalvagem de Eſguicho, e ſupponho que tambem vem com a moſca, pela preſſa com que caminha, e eu vou-me moſcando, porque não haja alguma moſquetaria de ſocos.

Vai para ſe hir, e ſahe Eſguicho.

Eſg. Ah ſou camarada?
Coſc. Camarada he marujo.
Eſg. Ah ſou amigo?
Coſc. Amigo he bebado.
Eſg. Ah ſou praceiro?
Coſc. Praceiro he preto.
Eſg. Ah ſou homem?
Coſc. Homem he mariola.
Eſg. Ah ſou aſno?
Coſc. Agora ſim, que diſſe voſſê o que he.
Eſg. Voſſê empulha-me?
Coſc. Voſſê he que ſe empulhou, dizendo ah ſou aſno, ſou aſno.
Eſg. Seja o que for, não gaſtemos tempo em couſas de pouco fundamento.
Coſc. Aſſim he; vamos ao mais que tenho preſſa.
Eſg. O que eu quero he, que voſſê me dê conta de Goloſina, porque ſei, que a ſumio onde quer que he.
Coſc. He o que eu digo, ahi temos entalação.
á parte.
Eſg. Vamos dando conta della.
Coſc. V. m. não ſabe onde ella eſtá?
Eſg. Não.

Coſc.

Cosc. Pois busque-a, que talvez que não appareça.
Esg. Vossê zomba? olhe que lhe hei de romper as tripas.
Cosc. Se vossê me rompe as tripas, então tem Golosina certa.
Esg. Pois preparar, ou para nos matarmos, ou para ella apparecer.
Cosc. Está boa impertinencia! Eu não sei como escape deste salvagem. *á parte.*
Esg. Aviemos, senão olhe que lhe dou.
Cosc. Mas imitando a meu Amo com a mesma verdade lhe responderei. *á parte.*
Esg. Não ouve? pois levará.
Cosc. Espere, diga o que quer, não he saber onde ella está?
Esg. Sim não me ouve?
Cosc. Ora acabe com isso; pois meu amigo procure-a naquella salgadeira, que alli se escondeo, ainda que vossê não a ha de conhecer.
Esg. Ora eu vejo. Mas ai de mim! que he isto! espera, Coscorão, espera.

Vai ver, e sahe huma burra de entre a salgadeira.

Cosc. Que quer? (Mas ai que por acaso alli estava huma burra, proseguirei no engano.) *á p.*
Esg. Esta he Golosina?
Cosc. Pois porque te disse eu, que não a havias conhecer!
Esg. He possivel, que isso seja assim.
Cosc. He fadario, que tem de dias em dias. Meu amigo, somos miseraveis.

Eſg. Eu em todo o tempo, que eſtive em caſa, nunca vi que tal fadario tiveſſe.

Coſc. Porque? logo ſe havia transformar á ſua viſta? quantas vezes a veria feita burra, ſem que a conheceſſe?

Eſg. Pois pergunto: as mulheres tambem tem eſte fadario?

Coſc. Quantas, meu amigo por fadario são burras toda a ſua vida.

Eſg. Oh meu Coſcorão, quando ha de ella tornar a ſi?

Coſc. Eſtas duas horas ainda ſe não ha de deſemburrar.

Eſg. Sempre he para ter pena; olhe o que ſomos, e em que nos tornamos!

Coſc. Ah ſou Eſguicho, eſte fadario havião ter todas as mulheres dos homens pobres, porque ſervião de grande deſcanço aos maridos.

Eſg. E a mim me ſerve de afflicção.

Coſc. Sabe voſſê para que era boa huma deſtas?

Eſg. Para que?

Coſc. Para mulher de hum agoadeiro.

Eſg. Forte magoa! ver eu mudada em huma ridicula burrinha huma moça como huma urca!

Coſc. Tenha a conſolação, que logo a verá gente em ſe deſaſnando.

Eſg. Não tenho mais remedio, que levalla para caſa.

Coſc. Faz bem; e eu tambem me vou, e tenha a conſolação, que logo lhe paſſa eſſa transformação burrical. *Vai-ſe.*

Eſg. Quem me havia dizer, minha doce prenda,

da, que te havia eu ver mança como huma burrega, quando eras ariſca como huma gata! e já que te vejo tão quieta, hei de me fartar de te abraçar. *abraça-a*

Sahe hum ruſtico.

Ruſt. Que vejo! Aquelle aſno eſtá abraçado com hum burro? Já eu ouvi dizer, que ſe abráçavão aſnos com ameixieiras; porém aſnos abraçados com outros, ainda agora o vejo.

Eſg. Ora anda para caſa, meu amor.

Ruſt. Mas ai, que he a minha burra! Ha maior inſolencia! que não poſſa hum homem ter a ſua jumenta ſegura deſtes maganos ladrões!

Eſg. Mas quem he o que lá vem?

Ruſt. Ah ſou amigo, aonde leva eſſa burra?

Eſg. Senhor, iſto cá he huma couſa, que lhe não importa.

Ruſt. Não me ha de importar a minha jumenta, que comprei?

Eſg. Olhe v. m. que ſe engana, que eſta burra he como qualquer de nós.

Ruſt. Será como elle, atrevido; ora tome. *Dalhe.*

Eſg. Ai, ai, ai! baſta Senhor; ahi eſtá a burra, quer ſeja gente quer não.

Ruſt. Já ſe crê do que lhe digo?

Eſg. Sim Senhor, que v. m. prova, o que diz com ſilogiſmos em *Dari.*

ARIA.

Ruſt. Larga a burra, magano, atrevido,
Náo ma queiras tomar, ladronaço;
Se náo vê que o teu triſte cachaço
Ha de ſer derreado, moido;
Irra vaſco com tal deſaforo!
He por certo valente furtar.
Vaite, antes que me atente,
Pois te vejo ſem modo de gente,
Mais que a burra, valente animal.
Vai-ſe.

Eſg. Eſtá iſto lindo! Darſe-há caſo que o tal Coſcorão me albardaria com a burra! Mas calte que ſe me emburricaſte, eu te tangerei.
Vai-ſe.

Sahe Pan.

Pan. Aſſim como o navegante, que navega em eſtreito canal, tendo contrario o vento, tudo he dar voltas; aſſim neſte canal, em que o meu amor naufraga, tudo he dar gyros como a cobra; e ſe a huma cobra facilmente mata huma cana, que farei eu vendo tantas contra mim! Ai triſte, aonde acharei conſolação! Mas já que vós ſois o motivo do meu penar, quero cortando-vos, que decanteis comigo a minha infauſta ſorte, e já que ſois a cauſa do meu mal, haveis de ſer o clarim do meu tormento. (*Corta nas canas.*) Supponho, que náo vos offende o cortar-vos, pois tambem Dafne ſe náo queixou de Apollo

lhe

lhe cortar para a coroa ſua verde rama ; e aſſim já que foſtes quem me fugio , he razão ſeja eu quem vos aſſobie ás botas.

Chega as canas que cortou á boca , e canta o ſeguinte.

RECITADO FLAUTADO.

Verei ſe aſſim ſoprando com a boca.....
Ai , que harmonia faz ! ai como toca !
Oh que tão bella induſtria amor me enſina
O inſtrumento he hum theſouro , he huma mina.
Como he ſonoro , doce , e tão ſuave !
Que conſonancia faz , tão bella , e grave
Que a meus triſtes ouvidos
Eleva com tão doces ſuſtinidos.

ARIA.

Doce calamo decanta
Já comigo a minha magoa ,
Pois que neſta triſte fragoa
Sinto a auſencia de hum amor:
E ſe a ſorte me condemna
A chorar na minha pena ,
Dame alivio em tal rigor.

Sabe Coſcorão por detraz do canavial.

Coſc. Vejamos ſe ſe auſentou já daqui aquelle ſalvagem. Mas ai , que alli eſtá meu Amo ! he ſorte deſgraça ! Que não poſſa ter lugar hum pobre Coſcorão de ſe frigir no azeite

das

das finezas! Ora eſcondamonos aqui, até ver ſe ſe vai. *eſconde-ſe no canavial.*

Pan. Quando vejo eſte verde canavial, ſe me entriſtece a minha eſperança.

Coſc. Pois razão tinha para ſe alegrar com o verde. *á parte.*

Pan. Oh como te cuſtou ſalgada huma graça de amor!

Coſc. Mais ſalgada cuſtou a Goloſina, que eſtá feita ſalgadeira. *á parte.*

Pan. Talvez não chegaſſes a tanto, ſe não fora o teu amor com Pan tão duro.

Coſc. Ao meſmo chegou Goloſina, e mais não arreava a pão mole. *á parte.*

Pan. Que farei infeliz de mim?

Coſc. Ora quero fazer huma peça a meu Amo. *á parte.*

Pan. Que hei de fazer, quando louco o teu amor me traz?

Coſc. Traz. *por falſete.*

Pan. Ai que ſe não me engano, hum éco ouvi! Por ventura, adorado bem, ſerás tu eſſa voz, que ſoou?

Coſc. Sou.

Pan. Ditoſo me conſidero! Perdoa-me, meu bem, ſer eu cauſa de tu eſtares aſſim.

Coſc. Sim.

Pan. Torna outra vez á tua fórma, que eu prometto, de que outra vez te não agarre.

Coſc. Arre.

Pan. Ainda és ingrata contra mim?

Coſc. Im.

Pan.

Pan. Pois que intentas, ou queres em tanta magoa?

Cosc. Agoa.

Pan. Agoa? Eu vou, Senhora, buscalla, pois tão perto está a fonte. *Vai-se.*

Cosc. Elle se foi, e eu me estou tambem hindo com sono; porém tomo acordo de não dormir, sem primeiro cantar hum bocadinho.

ARIA.

Ai, que estou pingando!
Não posso já bulirme,
E o sono a perseguirme,
Aqui me hei de deitar:
E que lhe hei de fazer
Se o cão aperta tanto?
Tenha lá mão desse canto
Que não me hei de entregar.

Cahe dormindo entre as canas, e sahe Pan com huma quartinha de agoa.

Pan. Aqui venho já obediente aos vossos preceitos. *Deita a agoa sobre Coscorão.*

Cosc. Ai, que me matão! *levanta-se.*

Pan. Que he isto?

Cosc. Ai que estou cego!.... *chora.*

Pan. Tu choras?

Cosc. Ainda mo perguntas, quando me vês os olhos arrazados de agoa?

Pan. Não sabia, que aqui estavas.

Cosc. He possivel, que sendo tu Pan, me fizesses a mim n'uma sopa?

Pan.

Pan. Dize, que fazias aqui dormindo?
Cosc. Dize-me tu, porque carga de agoa me fizeste bacalháo de molho?
Pan. Eu cá sei o meu intento.
Cosc. Tu sabes o teu intento, e eu no entanto vou soffrendo as tuas aguadas. (Mas eu tive a culpa, pois cuidando que te lograva, vim a cahir na corriola.) *á parte.*
Pan. Ai, Ai, Coscorão! não sei como ando! eu morro.
Cosc. Pois se estás mal, eu sou cá orinol para te tomar as agoas?
Pan. Estou ardendo n'um inferno de penas.
Cosc. Pois se estás ardendo, toma hum banho como eu.

Pan. Hoje nesta amante fragoa
Vejo contrarios primores;
Pois eu padeço os aores,
Tu és quem recebe a agoa:
Meu coração sente a magoa,
E tu te ficas queixando,
E nisto se está mostrando
O intento todo frustrado;
Porque tu ficas aguado,
E eu sou o que vou aguando. *Vai-se.*

Cosc. Agoa vai! sede lá moço
De hum Amo tão dezalmado,
Que acorda hum triste coutado,
Que dorme qual pedra em poço!
Afogado até o pescoço

eM

Me vi neſta amante fragoa:
He por cerro grande magoa
Ver, que hum tal Amo aſſim obre,
Quando ſe queixa de hum pobre,
Que o ſerve por baixo da agoa.

Vai-ſe

Sahe Silvia.

Silv. Fugindo ás amoroſas inſtancias de Silvano, venho tão perdida do caminho, como do ſentido; pois cuidando achar alivio na companhia de Syringa, como eſta não apparece em caſa, ſómente encontrei amoroſos atrevimentos em Silvano, e fugindo a ſeus rogos, venho guiando os paſſos, ſem ſaber para onde. Mas ai de mim, que ahi vem meu irmão! Que farei piedoſos Deoſes! Porém eſte canaveal ſerá ſegunda vez meu abrigo. *eſconde-ſe.*

Sahe Pan, e Coſcorão ſeguindo a Eſguicho, que ſe retira.

Pan. Suſpende os paſſos, e dize-me aonde eſtá minha irmã?

Eſg. Por me livrar deſte demonio, encravarei a meu Amo. *á parte.* Senhor, pergunta por ella ao Senhor Silvano, que a tem em caſa.

para elle.

Pan. Oh desleal, perderás a vida.

Eſg. Valhão-me os pés. *foge e vai-ſe.*

Pan. Eſpera, infiel criado.

Coſc. Senhor, não nos cancemos em ſeguillo, porque o medo lhe pôs azas nos pés.

Silv.

Silv. Não poſſo perceber, porque ſe enfada meu irmão. *á part.*

Pan. Que te parece iſto, Coſcorão? Não baſtava eſtar ferido de amor, ſenão eſcalavrado do credito?

Coſc. Pois curate com agoardente de cana, que logo ſáras.

Pan. Oh Coſcorão, como eſtará Silvano com Silvia ſoberbo!

Coſc. Oh Senhor, e como hirá Eſguicho com Lingoiſſa enchoriçado!

Pan. Com a morte de ambos me ſatisfarei.

Coſc. E eu me fartarei com deſancar o palaio aquelle esfaimado tragador de Lingoiſſas.

Pan. Mas ai, que de toda a força desfaleço, quando vejo aquelle eſpectaculo!

Coſc Mas ai, que tambem enfraqueço quando vejo aquelle eſpantalho!

Pan. Igual he o noſſo ſentimento.

Coſc. Pois Senhor Pan, eu com ſer Coſcorão, tambem ſou da meſma maſſa, que tu és.

Pan. Pois que havemos fazer neſte caſo?

Coſc. Chorarmos como humas crianças.

Fallão á parte, e ſahe Lingoiſſa junto á ſalgadeira.

Ling. Por aqui ando perdida, ſem ſaber caminho, nem carreira. Mas ai, que alli eſtá meu Amo! deſgraçada de mim! Aqui me eſconderei até ſe hir.

Eſconde-ſe na ſalgadeira.

Pan Já vejo, Coſcorão, que o meu mal he ſem remedio. *Coſc.*

Cosc. Se isso he por falta de Syringa, o remedio he bom.

Pan. Qual he?

Cosc. Mandar chamar huma cristaleira.

Pan. Pergunto eu, Coscorão, dar-se-ha caso que estas canas estarão tapando a Syringa, e que esteja debaixo dellas?

Cosc. Nem duvido, que Golosina esteja debaixo da salgadeira.

Pan. Que eu não creio, que estas canas sejão Syringa.

Cosc. Qual? Esguichos de cana, já eu vi, mas Syringas não.

Pan. A mim me parece que não nascerão della.

Cosc. E a mim, ainda que Aristoteles diz que *productio unius est corruptio alterius.*

Pan. Que he isso?

Cosc. He hum sujeito, que disse, que a producção dos caniços he corrupção das arterias.

Pan. Pois Coscorão, entremos a cortar.

Cosc. Pois Senhor, entremos a desfazer.

Silv. Que ouço! Ha maior desdita! *á parte.*

Ling. Que escuto! Ha maior desventura! *á parte.*

Pan. Com esta espada.

Cosc. Com esta faca.

Pan. Vá o corte ás canas.

Cosc. Vá o jogo ás salgadeiras.

Silv. Ai de mim infeliz! *á parte.*

Ling. Ai desgraçada de mim! *á parte.*

Pan. Que como as canas tem olhos, he bem lhe chegue a sua séga.

Cosc.

Cosc. Que como a salgadeira tem folhas, he justo lhe chegue a sua desencadernação.
Pan. Mas ai que temo, que com esta séga perca de vista a luz dos meus olhos!
Cosc. Mas ai que receio, que com esta ancia se me vá o meu bem ao cahir da folha!
Pan. Mas cortemos, e saia o que sahir.
Cosc. Mas rompamos, e venha o que vier.

Vão para envestir, sahe Silvano; e suspendem-se.

Silv. Que vejo! Este homem está louco? *á p.*
Pan. Mas Silvano! Nelle vingarei as minhas iras.
Cosc. Ai que ella ahi está travada! *á parte.*
Silv. Senhor Pan, estaveis ensaiando-vos para a peleja?
Pan. Não he isso da vossa conta, o que importa he vir para cá minha irmã.
Silv. Este homem he louco? entregou-me a irmã, e agora pede-ma. *á parte.*
Pan. Vamos andando; ou minha irmã, ou a vida.
Silv. Mas isto sem duvida he disfarce nelle, por saber, que já me fugio aquella ingrata, mais leal a elle, que ao meu amor.
Cosc. O tal Silvano está muito mula; hoje nos moe aqui a couces. *á parte.*
Silv. Atalhou-se hum perigo com outro maior. *á parte.*
Ling. Ora vejão aonde eu me havia vir meter! *á parte.*
Pan. Senhor Silvano, não me ouvis?
Cosc. Como está réo o magano do furta irmãs! *á parte.*

Silv.

Silv. Eſtou obſervando o deſcoco de me pedires vós o meſmo, que eu vos peço, cuidando de me ganhares por mão.

Coſc. Por mão ſim lhe ganhará, me Amo, mas por unha ninguem ganha a v. m.

Pan. Eu voſſa irmã não vo-la tenho; vós me entregai a minha.

Silv. Ha maior ignorancia! Eſte homem cuida que me eſquece a hiſtoria do canavial; mas quero ſeguir-lhe o humor, e lhe darei a morte. *á parte.*

Pan. Muito conſiderais.

Silv. Niſſo me pareço comvoſco.

Pan. Não eſtejamos com ſanxas marranxas: apparesça minha irmã, ou briguemos.

Silv. Ora quero darte o chaſco com a meſma reſpoſta que me déſte. *á parte.*

Silv. A deſgraça hoje he infallivel. *á parte.*

Coſc. Já ſe ſabe, que em os vendo puxar, largo a fugir. *á parte.*

Pan. Eſta duvida, Silvano, vai-me cheirando a cobardia.

Silv. Enganais-vos; porém adverti, que em ſemelhante caſo me não déſtes vós tão prompta reſpoſta.

Coſc. Não era por medo; porque o Senhor Pan não tem papas na lingua, nem he nenhum papas de páo.

Silv. Em fim quereis ſaber de voſſa irmã?

Pan. Para que o perguntais, ſe o ſabeis?

Silv. Ora eſpera que eu te lembro o logro. *á parte.* Pois procurai-a nas canas que ahi vedes. *para elle.* *Coſc.*

Cosc. Ai que tambem lhe dá com as canas! *á parte.*

Silv. Ai triste, infeliz de mim! *á parte.*

Pan. Está feito. Mas que vem meus olhos! morrerás.

Sahe Silvia do canavial, e foge para Silvano.

Silv. Valei-me, Senhor Silvano.

Silv. Que vejo! Ah ingrata, que segunda vez te occultaste por ordem de Pan, para que eu não lhe pudesse pedir minha irmã.

Ling. Ai cá estava a Senhora Silvia! *á p.*

Pan. Pois como a defendeis de mim, se ma entregais?

Silv. Mas já vejo que nisto acudirão os Deoses pela minha innocencia, e assim me vingarei. *á parte.* Bem vedes, que vos dou conta de vossa irmã; porém não vo-la hei de entregar sem apparecer a minha. *para elle.*

Cosc. He justo isso; mão por mão.

Pan. Agora a isto não sei que responda.

Cosc. Ahi torna Pan a ser réo. *á parte.*

Silv. Não vos resolveis?

Silv. Oh quem não tivera vida.

Pan. Eu não sei o que faça. *á parte.* Oh Coscorão, o Senhor pede conta de sua irmã, e he muito justo.

Cosc. Ui, pois não? que o sangue corre pelas veias.

Pan. Mas dize, como lhe havemos nós dar conta della?

Cosc. Agora desta conta serei eu o nós fóra.

Silv.

Silv. Muito deveis á minha paciencia!

Cosc. Ah Senhor, não o esteja atarantando, que está lá fazendo a sua conta, para ver se lha deve dar, ou não.

Pan. Silvano, já vejo, que este caso he como hum casamento.

Silv. Porque?

Pan. Porque só com a morte de hum se póde acabar.

Silv. Morrerás, aleivoso.

Silv. Tende mão Silvano. Ai de mim!

Pan. Só os Deoses vos pódem dar vossa irmã.

Cosc. E crei, que só Plutão, porque ella lá se encaminhou para o inferno.

Silv. Pois briguemos.

Pan. Briguemos.

Silv. Silvano, Pan, ai de mim!

Cosc. Ah Senhor, tenha dó dessa menina, que lhe está pedindo pão.

Silv Aparta-te falsa.

Pan. Retira-te traidora.

Silv. Todos me injuriais, quando a nenhum offendi.

Ling. Olhem para isto? todos fazendo fachina, e eu occupando a salgadeira! *á parte.*

Pan. Esperai, Silvano, deixai-me implorar os Deoses, e se não valerem os rogos, supprirão as espadas.

Silv. Está feito.

Cosc. Grita bem para que te ouçáo.

Silv. Oh Jupiter, remedeia lance tão apertado.

RECITADO.

Pan. Oh tu Jupiter alto, e poderoſo,
Os teus olhos inclina hoje piedoſo;
Já baſta de caſtigo,
Atende ao damno, mova-te o perigo.
Torna Syringa á ſua propria fórma,
Que tanto o meu amor já ſe refórma,
Que pelo Stygio faço juramento
De não mais offendella o penſamento.

Converte-ſe o canavial em Syringa, e ſuſpendem-ſe todos.

Todos. Que portento!
Syr. Ai de mim!
Ling. Que he o que vejo! *á parte.*
Syr. Quem me acordou? Mas aqui! Silvano eu ſem cúlpa.
Silv. Não vos aſſuſteis.
Syr. Querida Silvia valei-me.
Silv. Não temais que vos offenda, contaime o ſucceſſo.
Syr. Sabereis, Silvano, que eſſe atrevido me eſperou neſte boſque, e querendo-me dar hum abraço, eu não o quiz aceitar, e teimando, chamei pelos Deoſes, e como fiquei ignoro, ſó ſei que até agora nada ſenti.
Silv. He poſſivel que a tanto chegaſſe o exceſſo de meu irmão? *á parte.*
Silv. Pois que vos parece, Pan, a voſſa ouſadia?
Pan. Como vos entrego voſſa irmã, tenho cumprido com o que devo, pois lhe não tirei ne-

nehum pedaço ; porém minto , que já me lembra que de huma cana , que cortei , fiz huma flauta , que por lhe pertencer a quero entregar.

Vai para tirar a flauta , e tira huma trança de cabellos.

Pan. Mas que he iſto ! Converteo-ſe em huma trança de cabellos !

Silv. Que prodigio !

Silv. Que portento !

Coſc. Ah Senhor , os Deoſes pregarão-ta de cabellos.

Syr. Ai , que cá me falta a minha rica trança. *apalpa.*

Coſc. Por hum cabello não a deixas creca.

Pan. Com reſtituilla pago o devo. *dalha.*

Silv. Olhem ſe ſuccede cortar-lhe a cana de hum braço.

Coſc. Se lhe corta-ſe alguma cana da lingua , não importava , pois he o que as mulheres tem mais de ſobejo.

Syr. Aonde eſtá Goloſina ?

Coſc. Peior he eſta. *á parte.*

Pan. Iſſo pergunte-ſe a Coſcorão.

Coſc. Eu ſei della ? pergunte-ſe a Plutão , que devia levalla para coſinheira do inferno.

Silv. Morrerás.

Coſc. Eſpere , Senhor , deixe-me primeiro ver ſe fazendo a minha choradeira aos Deoſes , a vomita a terra.

RECITADO.

Oh Jupiter tonante, que goloſo,
Chuchas na Ambroſia o nectar ſaboroſo,
Peço te por doçura tão divina
Nos largues tambem huma Goloſina;
Debruça-te deſſa aguia, e orelhudo
Os ouvidos applica Deos barbudo,
Que por Baco te juro aqui em ſegredo
De mais em Goloſina não pôr dedo,
Ainda que hum pobre homem
Deite lingua de palmo á pura fome.

Convcrte-ſe a ſalgadeira em Goloſina, e dá Lingoiſſa hum pulo aſſuſtada, e admirão-ſe todos.

Ling. Ai, que me leva Plutão em corpo, e alma!
Gol. Ai, que he iſto que me ſuccede?
Todos. Que prodigio!
Gol. Valha-me, Senhora minha Ama.
Ling. Senhora minha Ama, acuda-me.
Gol. Que não ſei que he iſto.
Ling. Que não ſei que he aquillo.
Coſc. Senhor Jupiter da Coſta, v. m. viva muitos annos.
Gol. Aonde eſtive eu até agora?
Coſc. Eſtiveſte apanhando moſcas.
Ling. Eſtou ſem pinga de ſangue.
Pan. Silvano, eſtais já entregue de tudo o que vos pertence, vede que mais quereis.
Silv. O que quero he tirar-vos a vida.

Pan.

Pan. Se he pelo que vos offendi, com dar a mão de eſpoſo a voſſa irmã, e vós á minha, ficamos em paz.

Coſc. Antes ficão mais em guerra, ficando cunhados.

Syr. Eu não quero caſar com quem he tão deſavergonhado.

Silv. E eu o receber voſſa irmã he impoſſivel, tanto por me ſer falſa, como por ſer introduzida por vós á queima roupa.

Silv. Ah ingrato! *á part.*

Coſc. Tem razão o Senhor Silvano; porque as mulheres, que são introduzidas á queima roupa, andão depois com nove maridos a furta-lhe o fato.

Pan. Se vós ma furtaſtes de caſa para que dizeis iſſo?

Silv. Senhor Pan, fallemos claro, não vos lembra quando ma entregaſte no canavial com ordem para que me fugiſſe?

Silv. Silvano eſtais enganado, porque tanto não ſabia meu irmão de mim, que antes delle vinha eu fugindo para voſſa caſa.

Silv. Cala-te traidora, que a ti propria te deſmentes, pois ſe fugias de teu irmão, como eſtavas junto delle? E ſe para mim fugias, como de mim te retiraſte?

Silv. Sou infeliz, e baſta.

Gol. Iſto ſem deſgraça não acaba. *á parte.*

Pan. O voſſo Criado he teſtemunha de viſta, do que digo.

Silv. Não he poſſivel que elle tal diga, que

Eſguicho he verdadeiro ; e mais venha á minha preſença.

Pan. Pois eu o vou buſcar , que ſó aſſim fica a minha verdade clara.

Silv. Eſtá feito , hide , que não creio que ſeja iſto caminho de abalares com bom tempo.

Pan. Nem eu duvido , que por mim eſpereis.

Vai-ſe.

Coſc. Goloſina , por tua vida não olhes para mim , eſcuſa de me tentar.

Gol. He bem tollo ! Quem olha para elle ?

Coſc. Não me faças quebrar o juramento.

Ling. Olhem em que de couſas me tenho viſto !

Silv. Mas agora me lembra , que Eſguicho me ha de eſtar eſperando : melhor me ſerá hir procurallo para ſe averiguar iſto depreſſa , e porque Pan o não peite. *á parte.*

Coſc. Que eſtará Silvano fallando entre dentes ? *á parte.*

Silv. Coſcorão ?

Coſc. Eilo entra em contas comigo. *á p.*

Silv. Poſto ſejas pouco fiel , a vida te vai no que te quero encommendar , e he que em quanto vou , não deixes apartar daqui a ninguem.

Vai-ſe.

Coſc Ah Senhor não me deixes por paſtor de hum gado , que nem a terra o póde aturar muito tempo.

Gol. He bem atrevido.

Coſc. Goloſina , deixa-me em cortezia ſe não queres tornar a ſer ſalgadeira.

Ling. Não me eſquece o ſuſto. *á parte.*

Gol

Gol. Que eſtarão fallando de manſo Silvia, e Syringa?

Coſc. Goloſina, deixa-me por tua alma, que já me não poſſo ſoffrer.

Gol. Voſſê eſtá doudo?

Coſc. Cada vez, que deitas eſſe rabo do olho, me fazes andar a rabo.

Syr. Tendes razão, Silvia; vamo-nos.

Silv. E ha de ſer para voſſa caſa, porque meu irmão he o mais queixoſo.

Syr. Sim, mas Coſcorão?

Silv. Fingiremos, que cada huma vai por diverſa parte, e no fim do boſque nos ajuntaremos.

Syr. Eſtá bem; Goloſina vamos.

Silv. Vamos Lingoiſſa.

Ling. e Gol. Para onde?

Syr. Não repliques.

Silv. Não repugnes.

Coſc. Ai! que he iſſo, Senhoras? voſſas mercês querem-me deitar a perder?

Syr e Silv. Não ſejas neſcio.

Coſc. Que conta hei de dar de mim, ſe não der conta de voſſas mercês?

Syr. e Silv. Não nos importa iſſo.

Coſc. Pois hei de ſeguillas.

Syr. Como, ſe cada huma vai por ſua parte?

Coſc. Ora vejão ſe não vale mais ſer guardademos, que guarda damas.

Silv. E vamos para longe?

Coſc. Pois acompanharei a voſſa mercê.

Silv. Se vieres para cá, te matarei.

Coſc.

Cosc. Não se moleste; cá hirei com a Senhora Syringa.

Syr. Se para cá vieres, te tirarei a vida.

Cosc. Não se mortefique; eu cá vou com Golosina.

Gol. Oh atrevido. *Dalhe.*

Cosc. Não, cá vou com Lingoissa.

Ling. Oh desavergonhado. *Dalhe.*

Cosc. Guardaivos lá demonios, que já a nenhuma sigo.

Silv. Se queres viver, não nos acompanhes.

Cosc. Porque, vossas mercês vão a morrer?

Syr. e Silv. Sim.

Cosc. Pois sabem o que faço? vou contallo a meu Amo. *Vai-se.*

SCENA II.

Casa de forno como no Acto primeiro, e sahe Esguicho.

Esg. FUgindo ás iras de Pan, venho buscando a casa de Silvano; e como este tem as portas fechadas, porque tem a casa limpa de mulheres, quero ver se neste forno me posso occultar: para ser na lenha, parece que mal me escondo, aonde já me achárão; mas no forno me occultarei até elle vir.

Esconde-se no forno, e sahem as mulheres todas.

Syr. Silvia, que ha de ser de nós, pois tem meu irmão as portas fechadas?

Silv. Em tudo me succede mal; não sei em que offendi os Deoses! *Gol.*

Gol. Senhoras, andámos para traz como o caranguejo.

Syr. Vejamos ſe aqui nos podemos eſconder, até ſe pôr em paz tanta embrulhada.

Silv. Haverá aqui parte aonde poſſa ſer?

Syr. Alli eſtá huma caſinha, mas não cabem lá ſe não duas peſſoas.

Gol. Ai, não importa, eſcondão-ſe voſſas mercês, porque eu, e Lingoiſſa nos meteremos debaixo daquelles feixes.

Silv. Ora vamos, que aonde eſtranhámos noſſos irmãos eſconderem-ſe, nos eſcondemos nós.

eſcondem-ſe para dentro.

Ling. Olhe, mana, em que viemos parar!

Gol. Não menos que em carqueijeiras.

Ling. Que ſeja poſſivel, que jogue eu as eſcondidas no cabo da minha velhice!

Gol. Pois ſe ha de ſer, vamos, antes que venha alguem. *eſcondem-ſe.*

Ling. Vamos, que iſto são os meus peccados.

Gol. Iſto he caſtigo, pois nos eſcondemos aonde zombámos de ſe eſconderem os outros.

Ling. Olhem para que eſtava eu guardada!

Gol. Cale-ſe, que ſinto gente.

Sahem Pan, e Coſcorão com huma véla aceza.

Pan. Põem para ahi o lume, e ajunta a lenha para ſe pôr o fogo á caſa.

Ling. Ai maldita de mim! *á parte.*

Gol. Que he iſto, que ouço! *áparte.*

Pan. Baſta que o inſolente Silvano apenas me apartei, logo ſe foi? Cobarde he além de traidor. *Coſc.*

Cosc. E de tal sorte abalou com os cachimbos, que supponho não verás mais fumos delle; e dahi cada huma dellas tomou o seu tolle, e eu fiquei como hum tollo.

Pan. Pois ajunta a lenha, que quero abrazar-lhe as casas, já que o não posso fazer a elle.

Cosc. Tambem não será máo depois de lhe queimares as casas, tocar-lhe muito bem a fogo.

Pan. Por mais que se esconda, lhe hei de tirar a vida.

Cosc. Ora vamos ajuntando a lenha.

Mete o forcado, e sahe Golosina.

Gol. Ai que me matão!

Pan. Que he isso?

Cosc. Já os coelhos fogem da queimada.

Gol. Ai meu braço!

Cosc. He para que saibas, Golosina, quanto amarga huma chuçada.

Pan. Aonde está tua Ama?

Gol. Eu não sei, pois vim sózinha.

Pan. Pois espera, contarás a teu Amo os estragos da minha ira.

Gol. Ah Senhor, não ponhas fogo ás casas, sem primeiro tirar a minha caixinha das unturas.

Pan. Anda Coscorão.

Cosc. Ahi vou.

Gol. Ah pobre Lingoissa. *á parte.*

Mete Coscorão e forcado.

Ling. Ai que me estourão!

Pan. Que he isso?

Cosc.

Cosc. Ai, que me cahio Lingoissa debaixo da mão! Oh Golosina, dá cá esse lume depressa.
Gol. Para que?
Cosc. Anda, que havemos ter hoje Lingoissa assada. *segurando-a.*
Ling. Ai que arrebento!
Pan. Que queres fazer?
Cosc. Quero-lhe dar huma assadura em paga de certa espetada que me deu.
Pan. Aparta-te lá. *retira-o, e ergue Ling.*
Ling. Ai que estou estrelicando!
Cosc. Larga-me, Senhor, esta Lingoissa, que lhe tenho grande gana.
Pan. Dize-me, aonde está minha irmã?
Ling. Eu Senhor não sei; vim, metime aqui! Ai desgraçada de mim.....
Pan. Pois para que te apartaste della?
Ling. Ai, que não posso articular palavra!
Cosc. Mas ai que lá vejo dentro no forno as pernas de Esguicho! Espera que has de sahir assado.

Pega na lenha, e acende o forno.

Pan. Para que acendes o forno?
Cosc. Temos hoje hum bom assado.

Mete lume no forno.

Esg. Ai, que me matão! ai que me queimão! *dentro.*
Pan. Que me fazes? tem mão.
Esg. Quem me acode, ai, ai, ai.
Cosc. Senhor, deixa-mo assar, se queres ter hum bom prato. *Pan.*

Pan. Não ſejas louco.

Coſc. Pois Senhor, ſe tu queres abrazar as caſas, tambem ſe deve queimar Eſguicho, que he traſte pertencente a ellas.

Eſg. Cala-te magano, que tu mo pagarás.

Coſc. Pois voſſê queria comer Lingoiſſa ſem ſe eſcaldar

Pan. Coſcorão, não he crivel que eſtando aqui eſtas Criadas, deixem de eſtar tambem cá as Amas, e em quanto vou ver aonde eſtão, não deixes ſahir daqui ninguem. *Vai-ſe.*

Ling. e Gol. Ai, que lá vai dar com ellas.

Eſg. Deixa eſtar, velhaco, que entre as minhas unhas has de morrer.

Coſc. Bem ſabemos, que voſſê eſtá coſtumado a matar muita couſa entre as unhas.

Gol. Ora façáo as pazes, não ſejáo aſnos. Mas ai, que ellas lá vem!

Sahe Pan com as Damas.

Silv. Infeliz ſou! *á parte.*

Syr. Muito me perſegue a fortuna! *á parte.*

Chega Silvano á porta, e não entra.

Silv. Para ver ſe vejo a Eſguicho, venho aqui ſegunda vez. Mas ai! que he iſto? Como me detenho, que não mato aquelle traidor? *á parte.*

Pan. Não vos quero dar mais ſatisfaçõẽs, do que ſejais teſtemunhas do principio da minha vingança. Coſcorão, vai pondo o fogo a eſtas caſas.

Silv.

Silv. Que ouço! *á parte.*
Gol. Ai meu rico ſolimão da minha vida!
Coſc. Cala-te, que como ſolimão he turco, não importa, que morra queimado.
Todas. Senhor, ſuſpende a ira.
Pan. Deixai me todas, que eſtou eſcaldando.
Coſc. Oh que bello eſtava agora Pan para ſe comer com manteiga.
Silv. Verei daqui o que intenta, e logo lhe tirarei a vida. *á parte.*
Pan. Mas primeiro quero averiguar huma couſa: dize-me, Eſguicho, tu não me diſſeſte, que Silvano me tinha levado minha irmã?
Eſg. Ai, que hoje me fazem eſguichar a alma fóra! *á parte.*
Pan. Reſponde, ou te matarei.
Eſg. Senhora Syringa, valha-me, que eu confeſſo a verdade.
Coſc. Ui! pois para purgar a verdade, preciza de ajuda de Syringa?
Syr. Dize, que ninguem te ha de offender.
Eſg. Pois, Senhor, perdoa-me, que eu he que fui a cauſa da Senhora Silvia te fugir, pois lhe diſſe, que tu a querias matar, com raiva de me dares por amor de Coſcorão.
Silv. Que ouvem os meus ouvidos! Oh como fiz bem em ter prudencia. *á parte.*
Silv. E por eſſa cauſa vós fugi, para me valer de Syringa, e encontrando-vos no caminho, me eſcondi no canavial, aonde me entregaſtes a Silvano, ſem ſaberes que era eu.
Pan. E foſte com elle?

Silv.

Silv. Sim ; porém ſabendo a falta de Syringa, me retirei delle , e encontrando-vos ſegunda vez , me tornei a eſconder no canavial , aonde por acaſo Silvano me deſcobrio.

Silv. Oh piedoſo Jupiter , que tal accaſião me déſte para ſe aclarar tanto enredo !

Pan. Com tudo , por me fugires , morrerás.

Sahe Silvano.

Silv. Parai o impulſo.

Pan. E tu tambem traidor.

Silv. Suſpendei-vos , pois a vós offereço os braços , e a Silvia a mão de eſpoſo.

Pan. De que naſce eſta novidade , quereres agora o que ha pouco recuzaſtes ?

Silv. Porque tudo tenho ouvido ; e como já reconheço a Silvia tão amante como honeſta , lhe offereço a mão , e ſó me falta , que dando vós a voſſa a minha irmã , me livreis de zelos.

Pan. Ditoſo ſou.

Silv. Feliz me conſidero.

Syr. Viſto ſer goſto de meu irmão , caſarei com quem elle quizer.

Silv. E perdoai-me os aggravos paſſados , e juntamente o fingir , que não queria a Eſguicho , para que foſſe meu terceiro em voſſa caſa.

Coſc. Ai não faça caſo diſſo , que o Senhor Pan tambem lhe pagou na meſma moeda.

Gol. Olhem o que ſe tem deſembrulhado.

Coſc. Senhor Pan , peço-te que attendendo aos fracos ſerviços , que tenho feito a Goloſina ,

me

me deſpaches com huma tença paga no tribunal do ſeu conſorcio, e receberei mercê.

Pan. Eu to concedo, como pedes.

Eſg. Tenha mão, que eu entro com embargos de tercéiro.

Ling. Senhores, não lhos recebão, ſem que elle me receba o mim, pois ando defamada com eſte homem.

Silv. Já eſſas ſupplicas não erão para os voſſos annos.

Ling. Senhora, eu ſó o faço por me livrar de bocas do mundo.

Silv. Eſtá feito, ſeja teu Eſguicho.

Eſg. Deſgraçada ſou! mas por não chuchar nos dedos, roerei neſtes oſſos.

Silv. Agora vamos para cima, qne não he eſte lugar decente para os noſſos deſpoſorios.

Coſc. Iſſo não importa, que o Senhor Pan nunca tem melhor goſto, do que quando eſtá no forno.

Pan. E vós outras cantai alegres tanta felicidade.

MUSICA.

Venha Hymeneo
Venha glorioſo
Aſſiſtir feſtivo
A eſte conſorcio.

NO-

NOVOS
ENCANTOS DE AMOR.

Opera que ſe repreſentou na Caſa do Theatro da Mouraria.

INTERLOCUTORES.

Feliſardo, Principe de Dinamarca.
Hypolito, Sobrinho del Rei de Suecia.
Cardenio, Sobrinho do Ceſar de Moſcovia.
El Rei de Suecia, Barba.
Machavélo, Criado de Feliſardo.
Zápete, Sevandija de Palacio.
Florisbella, Filha del Rei de Suecia.
Altéa, ſua irmã.
Etcætra, Criada da Princeza.
Quatro Aldeãs, Soldados, Guardas, e Monteiros.

SCE-

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Arvoredo, e no fundo huma gruta cercada de ramas.*
II. *Viſta de Montes.*
III. *Praça de Cidade, e viſta de mar.*
IV. *Sala.*
V. *Jardim de caniços, com alegretes de huma, e outra parte.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Viſta de Boſque.*
II. *O arvoredo do principio, e a gruta.*
III. *Muros de jardim com varandas, e janellas.*
IV. *Jardim de alabaſtros, e na boca da eſcotilha mais diſtante murtas que a encubrão.*

ACTO I.

SCENA I.

Viſta de arvoredo, e no fundo huma gruta, cuja boca eſtará cercada de verdes, e emmaranhadas ramas. Corre-ſe a cortina, e ſobre hum pequeno penhaſco, que eſtará diante da gruta, hum pouco afaſtado, ſe vê Florisbella reclinada; a ſeus pés aſſentada Etcætra, e em pé poſtas em boa proporção, quatro Aldeãs, as quaes cantão o ſeguinte.

CORETO.

A noſſa Prrnceza,
Fermoſa, e urbana
Divina, e huma,
Mais bella Diana
Dos Boſques vem ſer.

Danção, e em acabando diz diz Florisbella.

Flor. OH raro portento da harmonia! oh ſingular privilegio da variedade! que até na inculta ruſtiquez deſtas humildes Aldeás és agradavel encanto para os ouvidos! és for moſo recreio para os olhos! Continuai com os feſtivos obſequios, que o voſſo affecto me de-

dedica ; que hoje conſeguindo a ſingeleza agrados na ſoberanía , fazem as verdades o officio das liſonjas.

Cantão.

A' ſua belleza ,
Que logra os primores
De eternos verdores
Grinaldas de flores
Lhe vamos tecer.

Dançaõ , e em acabando continúa Florisbella.

Flor. Que bem enlaçadas vozes ! que bem proporcionados movimentos ! Aquellas dáo paſſos ao ar , e eſtes dáo ar aos paſſos ; que elevando a quem os ouve , que ſuſpendendo a quem os vê , fazem que ſe admire corpo nos ares , firmeza nas mudanças. De donde veio tanto primor ao toſco ? a que preceitos ſe ajuſtou a ignorancia ? Porém que perde o rudo no perito , ſe tambem ſerve de arte a natureza ? Agradecida me confeſſo ao voſſo amor , á voſſa lealdade : hide a colher-me flores ; que para moſtrar que vos aceito os cultos , não quero deſprezar-vos as offrendas.

Fazem reverencia , e vão-ſe duas por huma parte , e duas por outra.

Flor. Oh ditoſa ſolidáo ! verde agradavel retiro ! Só vive em ſi quem em vós vive. Aqui não habita a inveja ; que ſeus impetos ſoberbos menos ſe atrevem ás choças , que aos Palacios.

Nas maiores fortunas ſe encontrão as maiores infelicidades: mais rica de deſcantes he a voſſa pobreza; pois ſe logra com mais ſocego, o que com menos ancia ſe appetece. Sempre que ElRei meu Pai me conduz ao exercicio da caça, me retiro do aſpero dos montes para o ameno deſte ſitio, achando maior paz o meu coração nos alegres feſtejos, com que me divertem eſtas candidas Lavradoras, que no fatigavel uſo da caça, que como imagem da guerra, me enche de horrores o peito, mais que de recreios a viſta. E tu que dizes?

Etc. Eu Senhora, digo nada: eu eſtou como hum toucinho em ſaco, e ainda que de te ouvir paſmada, não eſtou com a boca aberta, ſó porque ſe me não ſolte alguma palavra.

Flor. Pois de que he tanta ſuſpensão?

Etc. He porque de ouvir-te eſtou com grande cuidado em ti.

Flor. Porque cauſa?

Etc. Não vês que eſtás toda pilhada de moral, que he em ti peior, que cuberta de bortoeja?

Flor. Que loucura!

Etc. Sempre ouvi dizer, que fallar latim quem nunca o aprendeo, he ſinal de eſtar endemoninhado; e diſcorrer em moral quem nunca o eſtudou, parece-me que he ſemelhante caſo.

Flor. Sempre me divertes com as tuas galantarias: pois parece-te que diſſe muito quando louvei a vida do campo, e achas que não he a mais ſegura, e ſocegada do mundo? Só por não viver ſujeita á ſemrazões de Eſ-

ta-

tado, eu trocára o ser Princeza de Suecia, com o humilde estado de huma destas Aldeãs.

Etc. Ai Senhora, por qualquer ninharia, que me dês, eu farei com qualquer dellas, que troque comtigo, se tens empenho nisso.

Flor. Se isso fora possivel, não estivera o meu coração padecendo receios no tratado consorcio do Principe de Dinamarca, cujas travessas inclinações são tanto contra o meu genio.

Etc. Ainda isso está em velo-hemos: isso foi só fallar em ElRei teu Pai attento ás conveniencias da Coroa; mas se isso te dá pena, deixemos isso. Que te pareceo a letra daquella musica?

Flor. Até me agradou a singeleza de suas expressões.

Etc. Pois eu da primeira vez, não lhe entendi mais que. A' nossa Princeza, e Anna Bagana Rabeca Susana: devia tazella o Barbeiro, ou o Boticario, que nas Aldêas são os sujeitos de mais letras. Mas já que tocámos na tecla (ainda que seja sem acompanhamento de cravo) bem podias tu cantar alguma cousinha que isso fica aqui entre nós. Ora dize, que aqui ninguem nos ouve.

Flor. Quem canta para que a não oução melhor he estar callada.

Etc. Se até agora estiveste prégando em deserto, que importa que agora nelle seja a tua.... não posso dizer: *Vox clamantis.*

Flor. Ora quero-te fazer essa graça para pagarte as que me dizes.

Etc. Iſſo ſim, que he ſer generoſa; pois communicas neſſa prenda hum favor, que não tem preço: iſſo ſim, que he ſaber ſer muſica: não já eſtar cá: Ai, eu não ſei, eſtou muito rouca, em outra occaſião ſerá, agora não poſſo, não trago papeis, não ha inſtrumento, e ſe acaſo depois de muitos rogos ſe reſolve, he a tempo que mais eſtimarião ſe calaſſe, mas havia ſer como os melões ſe calão.

Canta Florisbella.

A R I A.

A gala no ar apura
A rama florecente:
Na liquida corrente
Agrada o que murmura:
Da queixa faz doçura
A acorde Filoména;
Aqui ao peito triſte
O Ceo propicio ordena
Se não os fins da pena
As ſuſpensões do mal.
Só neſta doce calma
Os ſentimentos d'alma
Me chegão a faltar!

Vai adormecendo.

Mas ai que até os ſentidos
Já quaſi adormecidos
Me vão faltando já.

Etc.

Etc. Foi-se como hum passarinho mas que muito se cantou como hum rouxinol.

Apparece na gruta Felisardo vestido de pelles.

Fel. Que doce, que suave, que pregrino accento!
Na voz, e na destreza
As mãos se derão arte, e natureza.

Etc. Ella dorme declaradamente: ninguem adormece com mais suavidade: mui bem sabe acalentar-se: mas na materia da musica, como já cobrou fama, deitou-se a dormir. Ora eu me retiro, por não despertalla, e vou tambem colher flores pelo prado, ainda que as camaradas me não deixarião senão malmequeres.

Vai-se.

Fel. Huma Dama se ausentou, e outra me parece ficou rendida ás lisonjas de Morféo. Oh se fosse esta a Princeza! Mas he loucura imaginarme tão feliz.

Vai sahindo.

Quero sahir deste triste carcere da noite, onde como sombra de mi mesmo, vivo prezo por sorte, e por e leição. E pois em quanto a vista examina, se não descobre quem me sirva de embaraço, verei de donde nascerão os impulsos, que nas branduras de huma voz com tanta força me attrahírão, arrebatandome desde os íntimos seios daquella gruta....
Cujo effeito mostrou com evidencias
Nas suavidades o uso das violencias.

Vê a Princeza.

Mas ai de mim! aſſaltou-me a morte com os disfarces da vida: bebi pelos olhos todo o veneno de amor. Eſta he a glorioſa cauſa de minha amante pena: eſte he o deſejado perigo de minha liberdade. Oh quanto abraſa de pérto eſte activo incendio da formoſura! já moſtra a viſinhança de tantas luzes que leva a ſua belleza muitos exceſſos á ſua fama. Mentirão os pinceis, que ao multiplicar-lhe imagens lhe diminuirão perfeições: os obſequios da pintura lhe forão mais aggravos, que liſonjas.

Fermoſiſſima Deidade,
Que offereces (por mais troféo)
Entre os laços de Morfeo
As prisões da liberdade.
Como, ſem que elles te ultrajem
Rendes com lethargo forte
A' triſte imagem da morte
Da vida a mais bella imagem?
Se rendida ao ſono agora
Chegas a tirarme a vida,
Como até eſtando rendida
Sabes ſahir vencedora?
Rendeſte, e o troféo alcanças?
Feres, ſem que a fuga penſes?
Se deſmaias, como vences?
Se matas, como deſcanças?
A alma abſorta, o coração
Mortal tenho, e neſta calma

Con-

Conſerva a elevação da alma
Da vida a extrema porção.
Se hoje a acabar me deſtinas,
Acorda, que em meus deſmaios,
Quero fazer com teus raios
Ditoſas eſtas ruinas.
Deſperta, que ao verte irada
Quero antes, bella homicida,
Ver morta tão pouca vida,
Que tanta luz eclipſada.
Mas não; ceſſem meus intentos,
Detenhão-ſe adormecidos,
Se hei de achar nos teus ſentidos
Mais cauſa aos meus ſentimentos.

Deſcança.

Diz El Rei dentro.

Rei. Por eſta parte Monteiros.
Huns. Ao Vale.
Outros Ao Boſque.
Fel. Aqui devem de encaminhar-ſe, e já por aquella parte ſinto paſſos; aqui me occultarei.

Retira-ſe ao Baſtidor, e ſahe pela parte de fóra Cardenio com maſcara no roſto, como recatando-ſe.

Card. Aqui coſtuma retirar-ſe a Princeza Florisbella: ſim, aqui eſtá, e ao ſono entregue: opportuna occaſião me offerece a ſorte para lograr os meus mortiferos intentos. Deſte disfarce valido a accommetterei, mas ſeguro o meu arrojo. Oh amor! oh temeridade! Entre

os

os dous vacilla o meu animo ; aquelle por excessivo move , e esta por grande me suspende. Para que Altéa logre a Coroa , determino despojar da vida a Princeza. Morra ; e pois dormindo se acha , não he preciso outro instrumento da sua desgraça , que as minhas mãos para a suffocação dos seus alentos. Mas ai de mim ! se me verá alguem ? Oh coração , agora titubeas ? De mim mesmo me corro se o meu intento não executo. Morra pois : aos meus impulsos seja eterno o seu sono.

Vai chegando á Princeza , e sahe Felisardo.

Fel. Suspende a mão , sacrilego tyranno ; não se atreva o mortal ao soberano.

Card. Este he o Principe de Dinamarca , retirarme he forçoso. Ai de mim ! successo infausto !

Vai-se , e acorda a Princeza assustada.

Flor. Ai , ai de mim ! que he o que vejo ? Soccorro , Criados , Monteiros.

Fel. As vozes suspendei , detende os passos Senhora.

Flor. Ai de mim ! eu aqui .... desanimada me sinto.

Fel. Do temor de verme neste traje se deixou penetrar. *á parte.* Senhora Ninfa , ou Deidade destes Bosques , despedi do coração os temores injustos , que deste inopinado acaso se originão , e vede que em mim ....

Flor. Deixa-me monstro , prodigio , ou animado

do aborto deſtas montanhas, que no horror de verte, e no paſmo de ouvirte, não me dá o ſuſto faculdades ao acordo.

Fel. Não vos aſſuſte, Senhora, o ver-me com ſinaes de féra, que ſe o traje todo he asperezas, todo he branduras o peito. A nenhum perigo eſtais comigo expoſta; antes entre a minha ferocidade, e a voſſa belleza, são taes as circumſtancias, que em mim eſtá a defenſa da voſſa vida, e em vós a origem da minha morte.

Flor. Menos temeroſa o attendo. *á parte.* Como póde ſer iſſo? pois tendo vós por habito a ferocidade, e eu o temor por natureza, nem eu de vós poſſo eſperar ſoccorros, nem vós de mim ſentir receios?

Fel. Ai, e como ignorais, que ſendo a voſſa formoſura cauſa da minha fereza, ſempre em mim ha de exiſtir por affectuoſo o terno, e o feroz como affectado!

Flor. Não vos entendo; e porque me não eſteja mal o comprehender-vos, quero auſentarme para de todo ignorar-vos.

Volta para hir-ſe, e em ouvindo a Feliſardo torna a voltar como admirada

Fel. Tem-te, eſpera, não pague eſſa belleza
Com minha morte, a minha idolatria:
Veja-ſe hoje a brandura na fereza,
Mas não na Divindade a tyrannia.

Flor. Que novo eſtilo de encantar he eſte modo de perſuadir? Admirada eſtou! *á parte.* Homem, quem és, que com encontrado aſſombro,

bro , és eſcandalo dos olhos , e és portento dos ouvidos ?

Fel. Não he muito , Senhora , que moſtre contrariedades , quando em mim tudo são extremos. Hum monſtro ſou de fogo , e neve , hum epilogo de glorias , e de penas , e o mais fiel idolatra da maior Deidade humana.

Flor. Como em hum ſujeito ſe pódem unir tantos oppoſtos ?

Fel. Fogo abrigo ; porque amor em chammas me abraſa : neve oſtento ; porque ao vervos ſinto gelar-me entre reſpeitos , e temores : glorias ſinto ; porque a morte ſolicito entre as luzes que adoro : penas paſſo ; porque me offende o que vivo , ſem ver a cauſa porque morro : fiel idolatra ſou ; porque offerecendo religioſos cultos ao divino ſimulacro de voſſa fermoſura. . . .

Flor. Baſta , baſta ; já iſto he contra o meu decoro : que loucos atrevimentos produzem eſtes boſques , ou abortão eſtas montanhas ? Vai-te occulto parto deſtas eſcabroſas penhas ; ou ; dando vozes aos meus Monteiros , farei , que ſejas eſcarmento de atrevidos , e. . . . .

Fel. Baſta , Senhora , baſta ; não ſeja objecto da voſſa ira , quem ſó o deſeja ſer do voſſo agrado. Eu me vou a morrer ; mas quero primeiro que advirtais , que quem me obriga a partir he o reſpeito , e não o temor.

Vou-me porque ao preceito ſatisfaço ,
Não por ſentir ſer do furor objecto ?
Que obedecer ás forças do decreto
Não he temer as iras do ameaço.

Faz

Faz que se vai, e ella o detem.

Flor. Que dizes? Espera. Que feitiço tens nas vozes, que encanto nas palavras? que assim.....

Volta Felisardo, e ella se enfada.

Fel. Que he, Senhora, o que me ordenas?
Flor. Mas dou ouvidos a hum louco! de mim mesma me admiro, que consinta desaires ao decoro. *á parte.*

Vai-se, quer seguilla Felisardo, e sahe-lhe ao encontro Hypolito.

Fel. Espera, espera, não te ausentes, ouve-me.
Flor Deixa-me hamana fera. *Vai-se.*

ENTRECHO.

Hyp. Suspende-te inhumano?
Fel. Aparta-te tyranno.
Hyp. Oh barbaro, que emprendes?
Fel. Oh perfido, que intentas?
Hyp. Detem, detem os passos.
Fel. Suspende os teus intentos.
Ambos. Senão de entre os meus braços
Verás que os teus alentos
A morte ha de roubar.

Dentro ElRei.

Rei. A soccorer a Hypolito, que lutando se acha com huma féra.
Todos. Vamos por esta parte.

Hyp.

Hyp. Canſado me ſinto deſta luta, deſarmado me colheo eſte ſucceſſo.

Fel. Já he preciſo auſentarme: por todas as partes vem gente em minha offenſa.

Vai-ſe pela gruta, e ſahe ElRei, e ſoldados.

Rei. Hypolito, eſtás maltratado? ſentes algum damno?

Hyp. No maior que experimentaſſe, ſentiria a mais alta vaidade na gloria de auxilio tão ſoberano. Não Senhor, ſem lezão me ſinto.

Rei Por onde ſe auſentou a prodigioſa féra, que procurando offenſas á tua vida, deu novos applauſos ao teu valor?

Sold. Por nenhuma parte podia eſcapar-ſe, ſem que de nós foſſe viſta.

Outro. Por entre aquellas ramas a vi meter.

Rei. Examinai vós outros os mais eſcondidos ſeios deſte boſque, que hei de premiar a quem conſeguir o bom effeito da diligencia.

Hyp. Em rara confuzão me ſinto. *á parte.*

Sold. 1. Vamos nós outros a conſeguir o premio.

vão chegando.

Sold. 2. Mas huma medonha concavidade ſe occulta defendida deſtas verdes ramas.

Detem-ſe á boca da gruta.

Sold. 3. Medo cauſa a ſua profundidade.

Rei. Em que vos detendes, cobardes?

Sold. 1. *e* 2. Já te obedecemos,

Vão entrar, e sahe de dentro Machavelo muito espantado, vestido de caminho.

Mach. Ah que delRei! quem me acode? guarde diante todo o mundo, fujão todos de mim que trago hum valente medo.

Sold. 2. Homem detem-te.

Mach. Eu agora não me posso deter, que vou com o fogo no rabo, e he fogo salvagem, que mo pegou hum, que entrou nessa gruta agora; mas se vossas mercês são da sua quadrilha, eu me dou por assalvajado, e me sujeito a toda a salvajaria. Ai eu não estou em mim.

Rei. De que he tanto temor? socega hum pouco.

Mach. Não Senhor, eu não posso socegar pouco nem muito; porque agora neste instante vi.... Ai! eilo lá vem.

Hyp. Homem entra em ti, e perde o receio.

Mach. Por onde hei de entrar em mim, se assim como o senhor salvagem me fez sahir de mim, de medo se fechárão todas as portas, e janellas, e fiquei posto no olho da rua feito (com perdão de vossas mercês) hum engeitado de mim mesmo?

Rei. Dize-nos, que foi o que tanto te assustou?

Mach. Ai Senhores! foi hum tremendo animal, e o mal deste ani devia de ser contagioso; pois eu só de vello fiquei tambem tremendo. Ai! eilo ahi sahe. *foge.*

Hyp. Continúa o que viste, e não temas.

Mach. Elle era tamanho como não sei que: feio

feio como não sei que diga: cada boca que abria, não fallemos nisso. Os dentes... tremem-me as carnes! os olhos... eu não vi tal! os narizes... apre loureira! o corpo... fóra cotalho! as pernas... irra vasco! o rabo... isso agora he mais comprido! mas eilo comnosco. *foge.*

Rei. O medo o confunde. *á parte.* E a que fim entraste naquella gruta? *para elle.*

Mach. Eu entendo que ao fim da minha vida, pois das garras daquella féra fiquei quasi morto.

Rei. Estás com alguma ferida?

Mach. Eu não sei aonde, mas eu em alguma parte estou ferido; porque me estou esvaindo.

Hyp. Tudo o que dizes são quimeras, que te finge o medo. Senhor, o que viste pugnando comigo braço a braço não era nenhuma irracional féra, algum inhumano traidor fim, que quando cheguei a este sitio intentava offender a Princeza minha Senhora, pois ella se retirava apressada, e elle a seguia ancioso.

Rei. Pois como, Hypolito, sabendo isso, não tens buscado a Princeza? Ai de mim! Parti logo, e discorrei todos estes destrictos até a achares, não haja algum traidor, que offenda a minha na sua vida.

Hyp. Eu serei o primeiro, que com incessante diligencia a busque. *Vai-se.*

Sold. Todos partimos a obedecerte. *Vão-se.*

Mach. Ai Senhor! não fiquemos sós, que póde vir a féra, que he tão má de digerir, que nem a terra a póde tragar; pois quando a en-

engolio aquella gruta, ſe lhe embrulhou o eſtomago de tal ſorte, que vomitou em mim quanto tinha na barriga. *á parte.* Não tenho feito mal o papel de medroſo para livrar ao Principe Feliſardo, que a eſtas horas terá deſembucado pela outra boca da gruta, que eſtá junto ao mar.

Rei. Mal fiz em não mandar que ſeguiſſem ao traidor pela meſma parte por onde ſe occultou.

Mach. Ai Senhor, difficil couſa ſeria eſſa; porque são tantos os trocicólos, as lapas, e concavidades que ha daquella boca para dentro, que entendo que o Valarinto de Crépa, que ſe fez não ſei como, lá não ſei donde, ſeria huma rua publica, á viſta deſta confuſão.

Rei. E como entraſte alli?

Mach. Aſſim. *vai andando.*

Rei Eſpera não te vás. Ou he mui ſimples, ou mui malicio. *á parte.* Digo a que effeito alli entraſte? *para elle.*

Mach. Faça v. m. de conta (que eu não ſei com quem fallo) que vinha eu caminhando para a Cidade Sthokolmo aſſim a modo de quem não quer a couſa: com que Senhor, vai ſe não quando anoitece, e neſte meio tempo (como era tão grande o eſcuro que não ſe via por aquelles campos outra couſa) tomo eu, e que faço? perco o caminho: (mas não tinha a algibeira rota, nem o forro deſcoſido) mas foſſe como foſſe, eu perdi-o, e vendo-me ás eſcuras, (aſſim a modo de quem não vê nada) comecei a andar daqui

pa-

para alli, dalli para acolá, da colá para cá, e nem de lá, nem daqui, nem da colá, nem de cá, pude hir para alli, nem vir para aqui, nem andar para acolá, nem caminhar para cá. Em fim de nenhuma ſorte pude dar caminho ao negocio. Com que tal, ſim Senhor, para cá, para lá, toma deixa, foi e tornou; faça v. m. de conta (fez já de conta?) que andei vádiando toda a noite, namorando arvores, e rondando penhaſcos: até que (oh Deos nos acuda!) me ſahio de traz de humas brenhas hum medo tamanho, que devia de ſer o pai dos gigantes, ſegundo era deſmarcado. Eu, quanto que o vi tão grande, fiquei tamanino, que ſe tivera acordo para iſſo, todo eu me podia meter na algibeira dos meus calções. Fugi logo daquelle ſitio (como lá dizem) a quantos pés me pudérão levar, até que quando me não precatei, vi que vinha o dia affim a modo de quem vai a padecer, já com alva veſtida (por final que a arvore rompeo no eſgalho daquella) e vendo que já a aurora começava a rir-ſe de mim, e achando-me com todas aquellas couſas, que métem a lebre a caminho, ſendo-me neceſſario o ſono para os olhos, como páo para a boca, me meti por entre aquellas ramas (com licença de v. m.) como piolho por coſtura, e achando aquella negra gruta com a boca aberta, entrei com ella: ſenão quando eſtando eu dormindo todo, tamanho eu era, vem a ſalvaginha eſtugentada cá de fóra, e não ſó

en-

entrou na cova, mas quiz tambem entrar comigo, de sorte que se eu entre mim não tomára o acordo de fugir, a estas horas estaria levado de Belzebub, que he o caminho que leva quem anda mal encaminhado. Mas ai! ei-lo comnosco.

Rei. Notavel relação! O modo deste homem he exquisito. *á parte.* E que hias buscar á Cidade?

Mach. Hum Amo, que se accomodou comigo me trazer tão desaccomodado.

Rei. E que qualidade de homem he teu Amo?

Mach. Da sua qualidade não sei nada, agora da sua quantidade sim, que não tem nada de seu.

Rei Pois tão pobre he teu Amo?

Mach. Sim Senhor, que he musico de gosto, e não de interesse, e como tem muita graça no cantar, canta sempre de graça.

Rei Tão bem canta?

Mach. Ui, não fallemos nisso: he hum homem que mete o canto por dentro a qualquer pessoa, e isso ahi a cada canto: canta com tal suavidade, que todos lhe chamão o segundo Arpéo.

Rei. Orféo dirás.

Mach. Valha a verdade, que eu não sei bem nomear essas cousas; porque o meu mestre nunca quiz, que eu chamasse nomes a ninguem. Tem tambem meu Amo comsigo huma cousa, que o não deixa ter nada de seu, e he (fallando mal) ser Poeta.

Rei. Notavel graça he essa!

Mach. Notavel desgraça lhe chamarei eu, pois por ella concebe, e não coalha.

Rei Não te entendo.

Mach. Digo, que concebe os partos do engenho, mas não coalha vintem na algibeira.

Rei. Em fim, dizes que he bom Poeta?

Mach. Isso he huma cousa notavel! faz versos por si, que he hum desamparo. Isto he, que está fallando com a gente, e de improviso (de que Deos nos livre) começa a fazer versos sem se sentir, e isto ou he do Sol, ou da Lua.

Rei. Porque o dizes?

Mach. Se he furor; dizem que he porque se lhe metteo o Sol na cabeça, e se he furia, dizem que he porque anda com a Lua.

Rei. Procura-o pois na Cidade, e vai com elle a Palacio, que a ambos vos hei de favorecer. *Vai-se.*

Mach. Visto isso Vossa Magestade he ElRei em Pessoa? Pois eu.... Foi-se? não importa, que eu muito bem o sabia. Ora eu andei com entendimento em me fazer tolo, que assim será melhor a nossa introducção em Palacio. Agora vou buscar o Principe no sitio assinalado, que já póde ser que me espere, como eu delle o premio de meus serviços.

Vai-se.

SCE-

SCENA II.

Mutação de montes. Sahem as Aldeãs, duas por huma parte, e duas por outra fugindo, e depois sahe Zapete como seguindo-as.

Todas. FUjamos que anda huma féra no Monte.

Ald. 1. Ai de mim!

Ald. 2. Morta venho!

Zap. Esperem meninas, esperem, aonde vão com tanta pressa? Eu de vellas correr estou corrido. Fogem de mim acaso? Ellas devião de atemorizar-se de ver-me, e o verem-se nestas pressas, não foi estarem correntes para mim, foi não se correrem comigo. Ai de mim! já lá vão, e a bom correr: levárão-me os olhos como quem vai de caminho; e o peior he, que ainda que são tão correntonas, não fazem carreira a cégo. Eu não sinto que se vão, mais que por hirem entre ellas as meninas de dous olhos verdes, que parecem duas aboboras meninas. Ai que estou atravessado de meio a meio! metteo-me amor hum chuço pelo coração, que he peior que hum dardo pelas tripas. Já Etcætera he huma trampa para mim; á vista daquelles olhos, ficão os seus a perder de vista. Ai, ai, e vejão como deixárão o campo semeado de flores! Ellas logo me cheirárão a flor da canella; estas sim, que se pódem tirar pelo rasto, pois an-

dão com pés de flores. Oh quem fora agora bem discreto! aqui vinha nascendo o fallar florido; mas se eu sou hum asno, que lhe hei de fazer? isso dá-o Deos a quem he servido. Ai olhos verdes, que me mataſtes, sem deixar-me esperanças de vida!

Sahe Etcætera, e repete o que ellé disse.

Etc. Ai olhos verdes, que me mataſtes sem deixar-me esperanças de vida! Que he isto? Senhor Zapete? V. m. fazendo lamentações, amantes?

Zap. Oh boca, que tal disseſte! Colheo-me com a palavra na boca, que ha de ser de mim?

á parte.

Etc. Que? não falla? Continue, que gosto de ouvir estas cousinhas: v. m. está mui fino.

Zap. Mofino me posso eu chamar. Ora vejão vossés o diacho o que havia de fazer! *á p.*

Etc. Olhem como está réo! Que olhos verdes são esses? Por certo que não são os meus, que nelles agora tudo anda azul.

Zap. Sim; porque he a côr do ciume. Mas eu não sei que côr hei de dar ao negocio. *á p.*

Etc. Já me enfada tanto callar: eu sou aqui alguma preta?

Zap. Eu bem sei, que v. m. he muito branca, mas eu, graças a Deos, tambem sou como Deos me fez.

Etc. Falle a proposito, marmanjo.

Dalhe hum empurrão.

Zap. Ai, não me aquillo, não me faças mal.

Etc.

Etc. Chegue para alli.

Zap. Ai, olhe para iſto! iſſo he deſpropoſitação.

Etc. Ora vejão iſto! e nem me dá huma ſatisfação.

Zap. Eu, menina, acho-me tão alcançado, que nem huma ſatisfação te poſſo dar: os tempos não eſtão para gaſtos.

Etc. Póde haver maior deſaforo! Falla de chachara comigo?

Zap. Pois hei de fallar de chichara? *á parte.* Eu não ſei na verdade o que lhe hei de dizer.

Etc. Ora já que me trata deſſa ſorte, nunca mais o quero ver: vaſſe embora ingrato, falſo, aleivoſo, bem me dizião a mim, que me não fiaſſe em voſſê. Iſto he couſa que ſe creia! Em negra hora o vi eu, em negra hora me namorei de voſſê: para iſto? para iſto? *chora.*

Zap. Oh menina.

Etc. Fiz eu tantos exceſſos..... *chora.*

Zap. Ouve?

Etc. Para ſer deſprezada..... *chora.*

Zap. Iſſo não vai de valha.

Etc. Por alguma porcalhona? *chora.*

Zap. Quer-ſe callar?

Etc. Não ſei aonde eſtou, que não arranco eſtes cabellos, que não tiro eſtes olhos. *maltrata ſe.*

Zap. Ai coitado de mim! Oh mulher, iſſo he deſeſperação.

Etc. Guarde ſe lá, magano.

Zap. Ai que afflicção! Senhores, eu prometto hu-

huma pendencia de cêra, ſe ella abrandar eſta furia. *á parte.* Ai menina, iſſo não he loucura? Aquillo dos olhos era hum minuete, que eſtava eſtudando, que diz. Ai olhos verdes que me mataſtes!

Etc. Era hum minuete? Voſſê parece que me baila. Ora não ſeja inſolente, atrevido, que faça cá zombaria de mim. Faça-me graça de não ter mais galantarias comigo, que em hindo para a Cidade, lhe hei de entregar tudo quanto me tem dado, que não quero nada ſeu.

Zap. E voſſê he poſſivel lembrar-lhe quanto eu lhe dei?

Etc. Sim Senhor, muito bem. Duas varas de fitta.

Zap. Não erão ſe não duas fittas de vara.

Etc. Não he tudo o meſmo? Deu-me mais dous pentes velhos.

Zap. Velhos? porque? tinhão já cabellos brancos? Se os tiverão, ſeria depois que voſſê os metteo na cabeça.

Etc. Erão rão velhos, que já não tinhão dentes.

Zap. Não lhe faltavão mais que quatro pela noſſa amizade.

Etc. Qual amizade? deu-me mais hum avental já uſado.

Zap. Pois eu era tão jarra, que te deſſe couſa que não ſe uſaſſe?

Etc. Não me deu mais nada.

Zap. A primeira couſa, que v. m. me ha de paſſar para cá, são dous boſetões, que eu lhe dei em certa occaſião.

Etc. Mente deſavergonhado, tome, tome. *Dalhe.*

Zap.

Zap. Não, não, deixa eſtar, eu não o dizia pelo tanto. Valha-te huma figa, ſó iſſo me reſtituiſte depreſſa?

Etc. He porque o tinha aqui mais á mão.

Zap. Pois ſabe que mais? que me poz a mão na cara, que me tirou a minha honra, trate de ma pagar, ſenão metta-me em hum Convento, que eu não quero cá andar em bocas do mundo.

Ri-ſe Etcætera.

Ora acaba com iſſo, que eſtou ha duas horas eſperando por eſſa riſada. Minha Etcætera, ri-te de tudo, e ſabe que os olhos por quem morro, são ſó os teus. E ſe diſſe que erão verdes, he porque como me cego com elles, não poſſo julgar de cores.

Olhando para a parte contraria.

Mas ai! que he o que vejo!

Olhando para a parte contraria.

Etc. Mas ai! que he aquillo que acolá vem!

Zap. Que féro urſo!

Etc. Que deſmarcado giganté!

Zap. Ai que medo! por eſta parte fugirei.

Etc. Ai que pavor! eſcaparme-hei por eſta parte.

Vai a entrar Machavello pela meſma parte aonde eſtá, e ſahe-lhe ao encontro Zapete, e vai Etcætera a querer hir-ſe pela ſua parte, e encontra-ſe com Feliſardo, e ficão ambos aſſuſtados.

Fel. Suſpende o paſſo.
Etc. Peior he eſta. Ai de mim!
Mach. Detem a furia.
Zap. Eſta he peior. Ai triſte!
Etc. Que forte ſalvagem! Ai, não ſei como me não deſmaio de temor.
Zap. Que valente animal! Ai, não ſei como me não dá de medo algum accidente.

Canta hum com branduras, e outro com horrores a ſeguinte.

ARIA.

Mach. Confunde-te. *Fel.* Deſcança.
Mach. Deſmaia-te. *Fel.* Socega.
Mach. Auſenta-te. *Fel.* Não fujas.
Mach. Retira-te. *Fel.* Não temas.
Mach. Guar-te mofino diante de mim.
Fel. Que brandas ternuras
Só aches em mim.
Fel. Não julgues que ſou féra.
Mach. Mas não, detem-te, eſpera.
Fel. Pois em meu peito ſe acha.
Mach. Que ao ver-te a horrenda facha.
Fel. Brandura para amar
Razão para ſentir.
Mach. Sem te poder tragar
Te tenho de engolir.

Zap. Não ſe moleſte v. m. mais, que eu me retiro a toda a preſſa.
Etc. Ainda aſſim, com tudo iſſo eu vou-me embora, muito de carreira. *Vão-ſe.* *Fel.*

Fel. Que penetrada vai do temor!

Mach. Que fuſtigado vai do medo! Ora Senhor, tenho corrido montes, e valles em buſca de ti, e já tinha quaſi perdidas as eſperanças de achar-te.

Fel. E eu da fuga fatigado, já ſem alento chegei a eſte ſitio.

Mach. De boa eſcapaſte, e em boa me meteſte. Quando hão de acabar, Senhor, eſtas novellas? A que fim ſe encaminhão eſtas cavallerias andantes? que para mim são cavallerias altas, pelos perigos em que ando mettido. Nós feitos hoſpedes de cavernas, roubando, ſenão o appellido, a morado dos lobos? Tu cuberto de pelles, por ſer o frio menos trabalhoſo, e eu com a pelle ſobre o oſſo, pelo trabalho de te livrar delles? E o peior hę, que ſe nos colhem os caçadores de alguma vez, tu mudarás a pelle como a cobra, e eu andarei arraſtado como ella; porque ſempre me terão pela pelle do diabo. Agora te livrei do riſco de te colherem, ſahindo a affectar medos, e a fingir temores, dizendo vira entrar huma féra pela gruta, e com as minhas induſtrias embaracei que te ſeguiſſem; e de mais a mais como ſei que tu o deſejas, te tenho introduzido nem mais nem menos, que no Palacio delRei de Suecia.

Fel. Que dizes! E a tanto chegou a tua induſtria? E com que pretexto o diſpozeſte?

Mach. Tudo te contarei depois, que primeiro quero ſaber o fim a que ſe encaminhão eſtas

trans-

transformações: já que sou companheiro dos trabalhos, seja participante dos segredos. Estes excessos, Senhor, ou são effeitos de grande odio, ou impulsos de grande amor; ou tu vens a Suecia por matar a alguem, ou por morrer por alguem.

Fel. Ai Machavello, e como acertaste nessa parte?

Mach. Ui Senhor! isso he cousa nova. Já eu vi andar por terras alheias por buscar a vida; mas para perdella, só em ti o vejo agora.

Fel. Em tudo me singularisou a fortuna.

Mach. Ora Senhor, ella sempre he loucura de marca, e indigna de hum Principe de Dinamarca (permitte-me o dizello) ver-se quem estava feito a delicias, desfeito a trabalhos: quem vivia em Palacios, sepultado em cavernas: quem vestia gallas, trajar pelles; verdade seja, que se aquellas erão mais ricas, estas são mais custosas.

Fel. Oh se fossem conhecidos tantos excessos! Oh se fossem remuneradas tantas finezas!

Mach. Ah! já está conhecido de todo o teu achaque; e já está confirmada a tua loucura, pois he de amor o teu mal; porém quizera, se he que não me atrevo a muito, saber o como se originou esta paixão? que podendo tu arrotar de farto em Dinamarca, te faz andar á gandaia de amor em Suecia: tu bem podias namorar-te na tua patria, que o ser amante não he ser Profeta.

Fel. Já que he forçoso....

Mach. Espera.

Fel.

Fel. Que he o que dizes?

Mach. Eſſa relação lei eu; mas he em caſtelhano. Ya que és forçoſo, que en eſta ocaſion.....

Fel. Sempre has de eſtar de graça?

Mach. Eu de graça? Não Senhor, eſſe não he o ajuſte que nós fizemos; eu ſirvo-te porque me pagas. Mas deixando graças, dize, que eſtou arrebentando por ſaber o que te pergunto.

Fel. Já que he forçoſo fiar da tua lealdade o que até aqui vivia occulto no meu coração, para que conheças que delle faço depoſito no teu peito, eſcuta os meus empenhos, dos quaes eſpero ſahir, ajudado da tua induſtria.

Mach. Se em mim há cabedal para os deſempenhos de hum Principe, já te offereço quanto valho.

Fel. Pois ouve-me.

Mach. Já te atendo: dize; e pois eſte he meſmiſſimo exordio das relações de Comedia, vá ſem contar valentias, nem pintar cavallos.

Fel. Já ſabes.....

Mach. Eſtou vendo ſe diz: como em Urgel.

á parte.

Fel. Que delRei de Dinamarca ſou filho primogenito, e herdeiro immediato de ſeus Eſtados.

Mach. Já ſei, que ainda que foras leigo, eſtás para ſer de coroa.

Fel. E ſabes tambem, que haverá dous annos faltei da minha patria, da qual eſtive auſente hum, ſem que em todo eſſe tempo ſe ſoubeſſe de mim em Dinamarca, ſendo inutil o cui-

cuidado, com que ElRei meu Pai por varios Reinos, com incançavel diligencia, mandou me buſcaſſem. Cujo ſucceſſo junto com algumas leves traveſſuras de minha juvenil idade, me derão fama de indocil no genio, e traveſſo nas inclinações.

Mach. Tudo iſſo ſei muito bem, e tambem ſei, que deſapareceſte bravo, e appareceſte manſo: tanto, que eu entendi que tinhas hido caſar, e ſe cumpria em ti o adagio de caſarás, e amanſarás. E ſei tambem (por pouparte outro já ſabes) que agora ſegunda vez te auſentaſte, trazendo me em bolandas comtigo arraſtado por eſſe mundo até eſte ſitio, aonde ſe não me mataſte, déſte comigo na cova, que he o meſmo. Sei mais, que vivendo encovado naquella gruta, tenho ſido eu o que vou á Cidade a buſcar proviſão para ambos: ſem que até aqui poſſa alcançar (por mais que tenho corrido) o fim para que vivemos ſepultados antes de mortos, ſe não he que me enterraſte, porque morri por ſabello.

Fel. Pois agora ſaberás o que até aqui tens ignorado.

Sobre as azas da Fama voava por todo o mundo o nome da Princeza Florisbella; ſendo a ſua formoſura univerſal aſſumpto das vozes mais eloquentes, glorioſo emprego dos mais elegantes raſgos. Como conſeguio opiniões de divina, começárão-lhe os pinceis a repetir ſimulacros, começárão-lhe os corações a render ſacrificios! Fez-ſe a fama toda imagens, fez-ſe

a admiração toda olhos; quando os meus incautamente ouſados, vendo huma copia ſua, ſe deixárão perſuadir dos ouvidos, para pagar os atrevimentos de hum exame nas cegueiras de huma idolatria.

Cego fiquei a tantas luzes. E deſde aquelle venturoſo infortunio comecei a reduzir as claridades da viſta ás ſombras da fé; até que creſcendo no coração o fogo de amor, rebentou em deſejos quanto opprimio em tolerancias. Levado pois deſta paixão, me conduzio a actividade do meu affecto de Dinamarca a Suecia, conduzindo-me amor com ſuave violencia deſde os deſcanços da Patria aos diſcommodos da eſtrangeira terra. Aqui diſfarçado no traje, e occulto na publicidade, logrei o vello algumas vezes fazendo luminoſo Oriente das janellas de ſeu Real Palacio. Fiquei de novo rendido, entregando de todo ao ſeu imperio os dominios de minha liberdade: moſtrando aquella venturoſa viſta, a ſuſpenſões do paſmo, na minha immobilidade a minha prizão; mas quem ſem eſpiritos me venceo, que faria com os esforços da alma?

Chegou á minha noticia, que ElRei ſeu Pai por dar allivio ás ſuas melancolias, intentava retirar-ſe a huma caſa de campo, que não longe deſte ſitio eſtá, e adiantando-me eu (por ver ſe nas liberdades do campo me offerecia a fortuna occaſiões de vella de mais perto) examinei penhaſcos, penetrei boſques, até que deſcobri o occulto ſegredo, que a natureza

za guardou na profundidade daquella gruta; em cuja boca ſó ſe ouve o ſilencio, em cujo ſeio ſó ſe abriga o paſmo.

Alli conſtitue o meu domicilio alguns dias, deſcobrindo naquella ſubterranea concavidade, não ſó que por outra boca junto ao mar reſpira horrores, mas que por ſecretos conductos encaminha huma de ſuas gargantas até huma abobada, que no jardim da Regia habitação ſervia de receptaculo ás agoas. Mas foi tal a minha inimiga ſorte, que nunca ſe effeituou a mudança da Real familia a eſte ſitio; porque aggravando-ſe a queixa da Princeza, reduzio aos ultimos termos a ſua vida: até que eu levado de tão exceſſiva pena, me parti a Dinamarca para que me mataſſe na minha patria a noticia de ſua morte.

Mach. Oh Senhor, ſiquemos ahi na morte, que como ella he o fim de tudo, bem póde ſer o cabo da tua relação, que he muito dilatada, e eu quero dever á minha habilidade o ſaber o que falta, que ſem duvida foi, que melhorando a Princeza, e chegando á tua noticia (ſem me dilatar em dizer que com eſſa nova cobraſte novos alentos, e outras couſinhas mais deſte teor) eſperaſte occaſião, e acompanhado de mim, que ſou eu, te fizeſte na volta de Suecia, e mettendo-me a mim tambem nas voltas, viemos á meſma ſubterranea habitação, aonde acontecco o que tenho viſto.

Fel. Tudo he como imaginas.

Mach.

Mach. Pois Senhor, não percamos tempo, vai dar ordem a mudar de veſtido, que ſendo tu tão modeſto, não he razão que vás em pelle, quando eu fallando a ElRei na tua, te pertendo introduzir em Palacio.

Dentro Altea.

Alt. Hypolito.

Fel. Mas já he forçoſo auſentar-nos deſte ſitio, pois ouço vozes. Amor ajuda os meus intentos. *Vai-ſe.*

Mach. Vamos a veſtir o empellicado, e a caminhar para Palacio. Fortuna, livra-me de algum ſarambeque de couces. *Vai-ſe.*

Sahe Hypolito.

Hyp. Tenho vagado todos eſtes deſtrictos, ſem que poſſa achar a Princeza, e agora lenti chamar-me. Se ſerá ella? Quero ver ſe ſou tão feliz, que a encontre neſte ſitio. Florisbella? Senhora? *chama.*

Sahe Altea.

Alt. Ah enganoſo! ah falſo! já eu me admirava de achar-te para os ſoccorros, ſem que te encontraſſe para os ciumes. Não he Florisbella quem te chama, he ſim Altea quem te buſca.

Hyp. Meu bem, Senhora, não me julgava tão venturoſo, que em parte tão remota te encontraſſe, quando aſſiſtias em companhia das Damas em bem differente ſitio. E não entendas,

das, que o buscar neste retiro a Princeza foi por cuidado, mas sim por preceito. Ai amor, e como me trazes vacilante entre dous distinctos affectos! *á parte.*

Alt. Pois entre estas brenhas como era possivel achar-se a Princeza?

Hyp. Como tu ignoras, que amedrentada de huma féra, ou hum traidor, que queria offender a sua vida, se perdeo por estes bosques, não he muito que te admires, como eu, de ver-te tambem neste sitio.

Alt. Eu ouvindo dizer, que huma féra andava correndo o monte, e vendo-te de longe vir para esta parte; te segui cuidadosa, deste venablo fiando a defensa; até que perdendo-te de vista, tambem me emboscquei; mas com a differença, que Florisbella se ausentou de medo, e eu te segui com valor, e ambas andamos.... ella perdida de receios; e eu perdida de amores.

Hyp. Oh que ditoso he, Senhora, quem merece á sorte ser objecto de tantas finezas! Oh se lográra em ti huma coroa quem já em ti conseguio hum affecto! *á parte.*

Alt. Oh que infeliz he, Hypolito, a que chega a desconfiar de quem a póde favorecer! Oh se os excessos, que devo a Cardenio a quem engano, e aborreço, se transferissem para o peito de Hypolito, a quem receosa estimo! *á parte.*

Den-

Dentro Zapete, e Etcætera.

Zap. Aqui eſtá Hypolito.
Etc. Aqui eſtá Altea.
Zap. Senhor. } *Sahem.*
Etc. Senhora. }
Zap. Já a Princeza appareceo.
Etc. Já appareceo a Princeza.
Zap. E ahi vem já. . . .
Etc. E já ahi vem. . . .
Zap. Toda a familia. . . .
Etc. A familia toda. . . .
Zap. Do Palacio Real.
Etc. Do Real Palacio.
Zap. Deixa-me a mim fallar.
Etc. Deixa-me fallar a mim.
Zap. E eu vendo-te para aqui vir. . . .
Etc. E eu vendo-te vir para aqui. . . .
Zap. Te venho ſeguindo para dizerte. . . .
Etc. Para dizerte te venho ſeguindo. . . .
Zap. Que te vás metter no eſcaler. . . .
Etc. Que no eſcaler te vás metter. . . .
Zap. Que já todos ahi vem.
Etc. Que ahi vem já todos.
Zap. Deixa-me fallar a mim.
Etc. A mim me deixa fallar.
Alt. Ceſſe a porfia.
Hyp. Que tendes mais que dizer?
Zap. e Etc. Couſa nenhuma.
Alt. Vamos, pois já nos procurão, e eu quero adiantar-me: adeos Hypolito. *Vai-ſe.*
Hyp. Senhora, o Ceo vos guarde.

Zap. Vamos, vamos, Senhora, que são horas.
Vão-se.

Hyp. Vai, que já sigo a Real familia.

Canta. ARIA.

Vacilante, cuidadoso,
Confuso, indeterminado,
Da belleza arrebatado,
E do Sceptro desejoso:
A qual hei de preferir
Não me acerto a resolver.
Neste enleio dos sentidos,
Nesta luta dos affectos
Não me sei determinar
Qual he o bem mais superior;
Pois em mim reina o amor,
E o desejo de reinar. *Vai-se.*

SCENA III.

Vista de Praça da Cidade, e no fundo mar. Sahe Felizardo de gala, e Machavello.

Mach. ORa o certo he, que hum homem em mudando a pelle fica outro. Estás tão differente do que hontem eras, que eu mesmo te desconheço, não te conheço de hoje nem de hontem. Estou tão equivocado comtigo, que até aqui te tive por outro. E a não ser eu o que tive a habilidade de tirar-te a pelle sem te esfollar, havia entender que me enganavas; pois até me pareces ho-

homem de duas caras. Bem te aſſentão as galas.

Fel. Como intentamos entrar em palacio, já começas a adular-me: iſſo he moſtrar que já vamos para o centro das liſonjas.

Mach. Tudo o que te digo são verdades; mas apoſtemos, que não te eſcandalizas tu de te gabarem? Ainda os que conhecem, que a liſonja he mentira, goſtão de ſer liſonjeados.

Fel. Sempre deve ſer aborrecida pelo que tem de engano.

Mach. Oh Senhor, não ha couſa, que mais offenda, que a verdade, e ſe alguem a deita da boca, he ſó porque lhe amarga. Mais vale cuſpir no roſto a hum homem, que dizer-lhe na cara os ſeus defeitos: ſendo huma couſa ſujar-lhe a cara, e outra lavar-lhe o roſto; e pelo contrario, a liſonja ſerá engano, mas não ha pirola mais bem dourada, nem que melhor ſe trague neſtes tempos.

Fel. Eſtás mui ſentencioſo. Deixa eſſa materia que he para ti eſtranha.

Mach. Sim, deixa eſſa materia, já te entendo. Apoſto que queres que te falle de amor? não? Sim, iſſo entendo eu á legoa: eſſa ſim que não he materia eſtranha por ſer natural em todos: mais he materia tão peçonhenta, que a todos mata.

Fel. Experimentaſte já o ſeu veneno? Ai Machavello, e como he doce o ſeu mortal effeito.

Tal he a morte de amor para ſentida;
Que por ella ſe dá com goſto a vida.

Mach. Começas a trovejar? Ah tal desenteria! em te fallando de amor vas-te como hum cesto roto. Senhores, que terá a Poesia com o amor?

Fel. Não vês, que ambos se encaminhão ao mesmo fim? Pois o amor, e a Poesia ambos se introduzem na alma, e só differem, em que amor entra pelos olhos em consonancia de partes, que he a harmonia da formosura, e a discrição pelos ouvidos, em concerto de vozes, que he a formosura da harmonia.

Mach. Ora vejão! Eu não sabia dessa perigrinação, que fazem o amor, e a discrição a visitar o templo da alma; e tu o pintas de tal modo; que me parece que os ouço hir cantando como romeiros, e que os vejo hir entrando pelo buraco de S. Tiago.

Ora Senhor se aborreces a lisonja por mentiras, os Poetas são os mais lisonjeiros, porque são os maiores mentirosos. Se tu disseras, que a Poesia denota pobreza, e que quem he pobre anda despido, e que quem anda nú he o amor, e que daqui nascia a sua connexão, eu te crera; porque os Poetas, e os amantes todos andão por portas: huns pedindo esmolas, outros dando suspiros, huns por pobres, e outros por miseraveis. Mas espera que já se ouvem os instrumentos com que ElRei costuma acompanhar-se na marcha das caçadas; e já vão chegando os Bergantins que conduzirão ao bosque a Real familia. Tem pois cuidado em que desde hoje

has

has de ſer meu Amo Sigiſmundo, ſe até agora eras o meu Principe Feliſardo.

Fel. Em tudo o que temos diſpoſto, eſtou muito certo. Oh amor, oh fortuna, deſculpa as minhas temeridades, favorece as minhas ouſadias.

Vão-ſe, e ao ſom de huma marcha, vão paſſando pelo mar varios Bergantins, e depois ſe vê mutação de ſalla, e ſahem El Rei, Florisbella, e Altea.

Rei. Toda foi confuſão a caçada de hoje: penſão da vida humana, que aonde ſe buſcão os recreios, ſe encontrão os pezares.

Flor. Maior foi, Senhor, o ſuſto, que o damno; pois não ſenti a menor offenſa, quando te dei o maior cuidado.

Alt. Não fui eu quem teve a mais pequena parte nos ſobreſaltos de hoje; pois ſenti no meu coração a ferida, quando temi no teu peito o golpe.

Flor. Não ſe me aparta da memoria, a fraſe doce, e o horrivel traje daquella humana féra. *á parte.*

Alt. Não ſe me tira da imaginação ver em Hypolito a expreſsão das ſuas finezas, e a razão dos meus ciumes. *á parte.*

Rei. Deſde que tive a noticia, Florisbella, de que houve quem offenderte queria, não teve mais ſocego o meu coração, achando a pena aonde procurava o alivio.

ARIA.

ARIA.

Qual o incauto paſſageiro
Que afligido, e fatigado
Se reclina ſobre o prado,
E lhe ſahe de repente
De entre as flores a Serpente
Que do alivio faz o horror.
Aſſim pois meu peito triſte,
Bem que aos males ſe reſiſte,
De improviſo a encontrar veio,
Nas delicias de hum recreio,
Os inſultos de hum traidor.

Vozes dentro. Tenha mão.
Mach. Duas mãos tenho eu, quanto mais huma.
Outros. Tome, atrevido.
Mach. Por iſſo voſſês me dizião: tenha mão; porque tinhão que me dar: pois entrarei com tudo iſſo.
Dentro. Não ha de entrar.
Rei. Que rumor he o que eſcuto?

Sahe Zapete.

Zap. Senhor, he hum homem atrevido, que quer fallar a V. Mageſtade, a guarda não o quer deixar entrar, e elle quer ſahir com a ſua.
Rei. Se ſerá o que no monte me fallou? Dize que o deixem entrar.
Zap. E por certo que não entra de graça: bem cara lhe ſahio a entrada. *Vai-ſe*

Rei

Rei. Eſte he hum ſincéro ſujeito, cuja gracioſidade vos ha de ſervir de divertimento.

Sahe Machavello roſnando.

Mach. Ora nunca tal me ſuccedeo! Tenho entrado em muitas partes, mas em nenhuma tive táo má ſahida.

Rei. Que tens?

Mach. Muita couſa que me derão lá fóra.

Rei. Chega, chega mais para cá.

Mach. Já lá me chegárão baſtante, não he neceſſario mais.

Rei. Impedirão-te os da minha guarda?

Mach. Não Senhor, deſimpedirão-me; porque eu fiquei ſujo da pendencia, e iſto não me cheira bem. Impedirão-te? Porque eu cá fiz algum eſcrito de caſamento, ou devo alguma couſa á tua guarda, para me pôr impedimentos? He boa hiſtoria!

Flor. Notavel he a ſua ſingeleza.

Alt. Galantaria tem na ſua ſimplicidade.

Mach. Ai, ai, ai, coitado de mim, eſcutem voſſês: lá vão os narizes com os diabos? Em negra hora eu vim aqui: eis-aqui o que eu vim cá buſcar: deitar a perder os meus narizes: os meus narizes, que era a melhor couſa que eu tinha na minha cara! já agora bem poſſo deitar os narizes para traz das coſtas. Ai deſnarigado de mim!

Rei. Pois de que te queixas? Vem cá.

Sahe Zapete.

Zap. Senhores, que gritaria será esta cá dentro?

Mach. Já não serei senhor do meu nariz: meus ricos narizes-zinhos do meu coração. Ai, ai.

Vira-se para o bastidor.

Rei. Vê tu o que tem.

Zap. Volta para cá, deixa ver.

Mach. Guarde lá: tambem me quer chegar aos narizes? Ai os meus narizes!

Zap. Ui homem! quantos narizes tens? volta para cá, que bem pódes enchernos os olhos de narizes.

Mach. Quantos narizes tenho? até aqui tinha hum, mas fizerão-mo em dous aqui os criados de Sua Magestade.

Rei. Derão-te alguma pancada nelle?

Mach. Não Senhor; derão-me nelle todos de pancada.

Zap. Deixa ver, estás ferido?

Mach. Pois não hei de estar ferido, se o nariz está escorrendo?

Zap. Mostra, mostra.

Mach. Ei-lo aqui, que está todo molhado.

Zap. Olhe o tolo! isso he ranho. *Ri-se.*

Mach. Ha de ser bem ranho. Oh he verdade ranho he: apre lá! Pois cuidei tinha os narizes alagados em sangue.

Rei. Muito me diverte o seu raro estylo.

Flor. Exquisito he o seu modo.

Alt. Notavel peça para Palacio.

Zap.

Zap. Adeos, ſe eſte entra a ſer gracioſo, começará Zapete a ſer deſgraçado.

Mach. Tenho que fazer-me tolo em Palacio, que aſſim farei melhor o meu negocio. *á p.*

Rei. Como te chamas?

Mach. Eu?

Zap. Não hei de ſer eu.

Mach. Chamo-me, chamo-me: agora não direi.

Rei. Notavel eſquecimento.

Mach. Deixem me bater na teſta. Ai, lembre-me Deos em bem.

Zap. Já te occurreo?

Mach. Sim, já me lembra, que ha muito tempo que me eſquece o meu nome.

Zap. Póde haver couſa igual!

Flor. Eſſe he caſo novo.

Mach. Nem eu me parece que me chamo couſa nenhuma.

Alt. Como póde iſſo ſer?

Mach. Porque? Os pobres tem nome no mundo?

Rei. Não eſtá de neſcio o dito.

Zap. Maldita a graça que lhe eu acho.

Rei. Aqui, ainda que ſejas pobre, deſde hoje não te faltará nada.

Zap. Melhor foi a ſua dita, que o ſeu dito.

Mach. Agora já ſei como me chamo: Machavello criado de V. Mageſtade.

Rei Improprio nome para tão ſimples ſujeito.

Mach. Iſſo he honra, e mercê que Voſſa Mageſtade me faz.

Flor. De que terra és?

Mach. Sou da meſma terra de que V. Alteza he.

Flor.

Flor. Tu não és de Suecia.
Mach. Não sou de Suecia, mas sou de barro, não desfazendo na pessoa de V. Alteza.
Zap. O dito não he barro; mas eu não o posso cozer. *á parte.*
Mach. Importa-me não declarar a Patria. *á p.*
Alt. Em que parte aprendeste a nossa lingua?
Mach. Eu! Arrenego do demonio. Eu prendi a sua lingua em alguma parte? a sua lingua de V. Alteza he mui solta, quem se havia de atrever a prendella?
Alt. Não digo senão aonde, ou em que terra começaste a fallar nesta nossa lingua?
Mach. Fallar na sua lingua? Eu não sou digno de tomar na minha boca a lingua de ninguem: ainda que eu estivera com lingua de palmo: não Senhora, isso he testemunho.
Rei. Rara brutalidade!
Zap. Boa parouvella! e o peior he que lhe hão de achar graça. *á parte.*
Rei Buscaste já a teu Amo?
Mach. Busquei-o, e achei-o: bem, se elle fora alguma cousa boa não havia de apparecer.
Rei. Pois porque não o trouxeste a Palacio?
Mach. Tão besta seria eu que o trouxesse; não que elle péza como hum salvagem: se quizer ha de vir pelo seu pé, que de carne he.
Rei. Isso he o que te digo: pois porque não veio?
Mach. Como tem muita vergonha, não vai a nenhuma parte senão de noite.
Alt. Vai logo a conduzillo.

Mach.

Mach. Não ſe canſem, que não ha de vir.

Flor. Porque não?

Mach. Ai Senhores, ſe o outro eſtá ſem çapatos, como ha de pôr o pé na rua?

Zap. Logo tu deves de ſer mais rico, que teu Amo?

Mach. Oh? pergunte-nos voſſê tambem alguma couſinha: apre loureira quatro a perguntar! Não ſei como eſte me não tem conhecido; mas o ſeu medo, e o meu traje lhe farião differente a minha fórma. *á parte.*

Zap. Eſtá-ſe-me afigurando, que já vi eſta cara em outro corpo; mas ha muitos diabos que ſe parecem huns com os outros. *á p.*

Sahe Cardenio.

Card. Senhor.

Rei. Cardenio, já te deſejava o cuidado da regencia: vem aſſiſtir ao deſpacho, que da tua direcção ſó fio os meus acertos.

Card. Eſtimo, Senhor, chegar a tão bom tempo, que ſeja de ti deſejado. Ai de mim! aqui eſtão os dous extremos da minha fortuna. *á parte.*

Flor. Não ſei que horror me cauſa a viſta de Cardenio. *á parte.*

Alt. Não ſei como me exima de Cardenio ás importunações. *á parte.*

Rei. Vai Machavello conduzir a teu Amo: vamos nós outros a acudir ao deſpacho, que não he razão eſtragar o tempo nas diverſões, quando ſe uſurpa ás diſpoſições do governo. *Vão-ſe.*

Flor.

Flor. Vamos nós, Altea, pois já faltão de Febo os ardores, a gozar no jardim as ſuavidades do brando Zefiro.

Alt. Vamos, galharda Florisbella, a buſcar eſſe alivio. Se ha couſa que o poſſa dar a hum coração ferido de zeloſas ſuſpeitas.

á parte. e vão-ſe.

Zap. Ora, Senhor, vá voſſê a trazer ás cavalleiras a eſſe tal Amo, e vá a horas que o não apanhe deſcalço.

Mach. Bem pudéra voſſê vir a dar-nos ajuda para iſſo.

Zap. Ajuda! Ui, voſſê acha-me com cara de criſtaleira?

Mach. Cara de criſtaleira eu? para traz que voſſê tal tenha: agora nariz de ſyringa, iſſo ſim.

Zap. Galante traſte por vida minha!

Mach. Oh pois voſſê he boa vaſilha por minh a alma.

Ao baſtidor Etcætera.

Etc. A buſcar a Princeza venho; mas á aqui não eſtá. Quem ſerá eſte ſujeito, que eſtá com Zapete? Não he mal poſto com os pés no chão: os olhos são maganos ſem ſer de aſſobio.

Mach. Voſſê he o que diz as graças cá em Palacio? Sim he, que eu logo lhe vi carinha de galhofa.

Zap. Quer-me voſſê não dizer graças? Olhe que lhe hei dizer olé.

Etc. Ai, que o logra! pois eu tomára achar algum amante em commodo, para me desfazer de Zapete, que para mim no jogo de amor não vale nada.

Mach.

Mach. Oh Senhor, como ſe chama, não vai a deſconfiar: nós havemos de ſer amigos daqui por diante. Olhe cá Senhor.

Zap. Quer voſſê eſtar quieto? olhe para iſto. *amua-ſe.*

Etc. Ai, que eſtá fazendo beicinho! oh triſte de mim! Eu ſaio para o envergonhar. *Sabe.*

Zap. Peior he eſta! Ai coitado de mim, que ella he bonita, e elle póde namorar-ſe della. *á parte.* Ora meu machacaz, ou meu Machavello; vai aonde te mandou ſua Mageſtade que tudo o mais he graça. *para elle.*

Mach. Ai, que formoſo par de olhos! ai que dengue de rapariga! *á parte.*

Zap. Vai, vai, aonde te mandárão. Etcætera, que queres aqui? Vai ao jardim, que para lá foi a Princeza, e te procura.

Mach. Menina, não procura tal: eſte engana-a, e ſó eu lhe hei de fallar verdade: deixe-ſe eſtar, que a mim não me ſerve de deſcomodo.

Zap. A mim he que me não accommoda iſſo. Eu eſtou perdido! *á parte.* Vai te já Machavello. *para elle.*

Etc. Para que he eſtar eſpantando a gente? iſſo parece-me a modo de quem quer eſpantar a caça.

Mach. Que importão os ſeus eſpantos ſe já ſe lográrão os voſſos tiros.

Zap. Se não ſoubera que elle era tolo, havia jurar agora, que elle era diſcreto: iſto não eſtá bom; elles namorão-ſe ſem nenhum remedio. *á parte.*

Etc.

Etc. Elle eſtá-me muito inclinado, que eu bem lho conheço na olhadura. *á parte.*

Zap. Vai-te já, ou farei queixa a ſua Mageſtade do mal que lhe obedeces: anda, vai-te.

Mach. Como me hei de hir, ſe eſtou prezo?

Etc. Aquillo he comigo. *á parte.*

Zap. Ai a minha teſta que aſſim me carrega? *á parte.* E quem he que te prende? *para elle.*

Mach. A guarda, que como me não deixou entrar, entendo que me não deixará ſahir. Ai amor, que forte brecha me abriſte no peito. *á parte.*

Zap. Ai, que féro ſuſto! Cuidei que o dizia por Etcætera. *á parte.*

Mach. Já he preciſo hir conduzir ao Principe. *á parte.* Ora Senhor, já me vou, e ſaiba, que levo mais do que trouxe. *para elle.*

Etc. Que leva?

Mach. Huma ferida muito penetrante.

Etc. Bom vai iſto, achei o que buſcava. *á p.*

Zap. Que ferida he eſſa?

Mach. Não te lembra, que me quebrárão os narizes depois.

Zap. Ai, cuidei que o dizia por outra couſa. *á parte.* Não te deſenganas ainda, que era ranho, e não ſangue? *para elle.*

Mach. Oh, nem tal me lembrava: pois com eſſa me vou. *Retira-ſe ao baſtidor.* Mas daqui ouvirei o que paſſa.

Faz Etcætera que ſe vai.

Zap. Com que v. m. tambem ſe vai, como quem

quem não diz nada? Assim me quer deixar pela calada?

Etc. Pois que tenho eu aqui que fazer mais? Diga.

Zap. Ora espere menina, e até agora que tinha?

Etc. Eu bem sei o que tinha, e a vossê que lhe importa isso? Vá lá buscar os seus olhos verdes, e os meus tire delles as esperanças.

Mach. Máo está aquillo.

Zap. Que olhos verdes? eu nunca fui amigo de olhos da alface. Hoje ha de hir o diabo em casa do Alfacinha. *á parte.*

Etc. Não metta isso a graça, que não ha de ser admittido.

Mach. He porque o devo de estar eu.

Zap. Falias de veras?

Etc. Não, não lhe zombo.

Zap. Em negra hora eu fallei em olhos verdes. Pois, menina, vê o que queres que eu faça para ser restituido outra vez á tua graça.

Etc. Acolá (senão me engano) está o tal Machavello. Pois hei de fazer a este tolo huma peça. *á parte.* Ponha-se ahi de joelhos.

Zap. Aqui estou já a joelhado. *ajoelha.*

Etc. Ora assente-se agora no chão.

Zap. Já estou assentado. *assenta-se.*

Etc. Erga-se de pressa.

Zap. Já estou erguido. *levanta-se.*

Mach. Ella fallo andar n'uma dobadoura.

Etc. Ora agora vá bailando, em quanto eu for cantando.

Zap.

Zap. Minha Etcætera, olha que eu tenho meus achaques, e não posso fazer esses excessos.

Etc. Pois a Deos. *Faz que se vai.*

Zap. Ai, espera, espera, que eu bailarei até me levar a fortuna. Ai olhos verdes, quanto me custais! *á parte.*

Mach. Ha mais celebre capricho!

Canta Etcætera, e baila Zapete.

Etc. Vamos andando
Cantando, e bailando,
Trate esse orate
De ser bonifrate,
Ai, ai, para aqui,
Ai, ai, para alli,
Andar para cá,
Voltar para lá,
Para aqui, para alli,
Para lá, para cá,
Boa figura
Mach. Bello pexote
Ambos. Bom balharote
Mach. Eu não vi tal.
Mas de tal ver
Ambos. Rizo me dá
ah, ah, ah, ah.

Zap. Isto he traição; bom anda o meu credito! Eu envergonhado diante de gente! isto não esperava eu de ti Etcætera: hum homem da minha authoridade feito bailarote? a minha firmeza mettida em mudanças? Bem me soubeste

beſte metter nas voltas. Ai, eſtou quaſi eſtafado. Ora ſerás já minha amiguinha?

Etc. No jardim ás eſcuras te eſpero logo.

Zap. A mim?

Etc. Havia de fallar comtigo? eu te arrenego.

Sahe Machavello.

Mach. A mim?

Etc. A v. m. appello eu por mim! Hei de ver ſe vai o que eu quero. *á parte. e vai-ſe.*

Zap. Comigo he, mas a negação foi modeſtia. *á parte.*

Mach. A mim mo diſſe, pois a elle já o deſpreza. *á parte.*

Zap. Senhor Machavello, não diga nada diſto a ninguem.

Mach. Ui! vá deſcançado, que eu ſe o diſſer, ha de ſer a alguem. *Vão-ſe.*

SCENA IV.

Mutação de Jardim, e de huma parte hum alegrete, ou fórma de aſſento, e da outra parte outro, e no fundo hum boſete de pedra, e eſtará o Theatro eſcuro. Sahem Florisbella, e Altea.

Flor. JUntas, irmã, viemos a eſte Jardim, e ambas nos dividimos no paſſeio, divertida cada qual na ſua imaginação.

Alt. Ahi verás quanto arrebata hum penſamento, pois faz dirigir os paſſos aonde ſe não

encaminha a vontade. Mas já me unio outra vez á tua companhia, não a caſualidade, mas o affecto.

Flor. Ai louca fantaſia, que quimeras me fundas ſobre o vento! *á parte.*

Alt. Ai amor tyranno, quantas mortes repete hum ſó ciume! *á parte.*

Flor. Ja do paſſeio fatigada me ſinto; e pois neſte ſitio nos convida ao deſcanço, reſpirando fragancias, o Favonio, aqui podemos ſentarnos.

Alt. Dizes bem; eu já eſtava do meſmo parecer; mas a tua voz ſe anticipou a intimar o effeito; para que ſe veja, que he minha a tua vontade, e tua a minha obediencia.

Flor. A Hypolito vi no jardim, e ainda que o ſeu rendimento me não deſagradou, depois que reconheci a ſeu favor o empenho de Altea fujo ás occaſiões, em que para mim poſſão paſſar de politicas urbanidades as ſuas attenções. *á parte.*

Alt. No Jardim anda Hypolito, pois áquella parte o vi, antes que de todo cahiſſe a ſombra da noite, e ſinto que a Princeza tomaſſe aquelle lugar; porque por entre aquellas ramas tinha commodo para fallar-lhe, quando elle ouvindo me o procuraſſe. *á parte.*

aſſentão-ſe

Flor. Oh que agradavel he a hum triſte o ſilencio da noite; pois com mais deſafogo ſe póde entregar todo ao ſeu cuidado!

Alt. Oh que proprio he para hum peito amante o re-

o retiro ; pois com menos embaraços póde elevar-ſe nas contemplações de mor !

Flor. Parece que eſtás penetrada dos ſeus golpes?

Alt. O deſtino fez , que o meu peito foſſe o alvo das ſuas iras.

Flor. Antes eu julgava na tua belleza a imagem das ſuas adorações.

Alt. Nos ſeus altares ſó ſe conhece por idolo a tua formoſura. Muito ſe declara o meu ciume. *á parte.*

Flor. Parece , que em mim receia preferencias. *á parte.* Não , Altea , não me offendas com a liſonja que eu como reconheço em ti vantajens para a idolatria , não havia de uſurpar os cultos , que ſó ſe devem ás tuas aras.

Alt. Entendeo-me ; porque ſe não offenda , quero mudar de ſentido. *á parte.* Eu ſó nas do amor com que te venero , ſei ſacrificar-te affectuoſo o meu cuidado , e não he pouco o que agora me cauſa o ver-te triſte. Qual he a pena que te affligе ? Deſcança Florisbella no meu peito.

Flor. Ai Altea , e como o querer explicar o meu cuidado , fora emprender hum impoſſivel !

Alt. Póde o mal padecer-ſe ſem alcançar-ſe ?

Flor. Sim , quando no ignorar conſiſte o padecer.

Alt. Como no que padeces , não conheces o que ignoras ?

Flor. Padecendo o que ignoro , e ignorando o que padeço.

Alt. Ai Florisbella ! e como me parece que eſtou conhecendo , e que tu eſtás ignorando !

do! Oh como são de amor esses extremos!

Flor. Suspende a voz, não escute a razão nesse nome a sua offensa, e agora melhor será que se empregue em ser lisonja dos meus ouvidos, e suspensão dos teus cuidados.

Alt. Como só as tuas vozes podem servir de suspensões, acompanha o meu canto, que assegurando os agrados logrará pelo indulto o que não alcança pelo merito.

Cantão.

Flor. Loucas memorias.
Alt. Tyrannos zelos.
Ambas { De meus desvellos / Causa immortal.
Flor. Como ao render-me.
Alt. Ao maltratar-me.
Ambas { Já de matar-me / Não acabais.
Flor. Mas ai!
Ambas { Que isto he morrer / Sem acabar.

Sahem pela parte de fóra Hypolito por onde está Florisbella, e Cardenio por onde está Altea.

Hyp. Aqui ouço a Florisbella.
Card. Aqui escuto a Altea.
Hyp. Valer-me-hei das sombras, para lhe intimar as minhas finezas.
Card. Fiado no escuro da noite, lhe quero declarar os meus excessos.
Flor. Para cantar mais convida o silencio do que o rogo.

Hyp.

Hyp. Não me enganei ; deſta parte eſtá a Princeza.

Alt. Tambem o rogo he attenção.

Card. Deſta parte eſtá a Infanta ; não me enganou o meu ouvido.

Flor. Eſſa ás tuas vozes ſó deve.

Alt. As minhas ſó ſabem ſubir , quando chega a louvar-te.

Hyp. Por eſta rua , que ſerve de paſſeio ao Jardim , hirei para fallar-lhe mais ſeguro de ſer ſentido de Altea. *Vai-ſe.*

Card. Por de traz deſtas latadas , que fórmão parede a eſte retiro , quero hir , para lhe fallar com menos ſuſto de que o preceba Florisbella. *Vai-ſe.*

Flor. Em vão procuro eſquecer-me do que no boſque vi , e eſcutei. *á parte.* Mas ai de mim ! não ſei que rumor ſenti neſtas ramas. *levantão ſe.*

Alt. O vento ſeria ; mas ſe tens ſuſto , muda-te para eſte lugar , que ſerá mais accommodado. Verei ſe he Hypolito , que me buſca. *á parte.*

Trocão os lugares.

Flor. Receio , que ſeja Hypolito , que venha a importunar-me. *á parte.*

Sahem os dous pela parte de dentro , chega Hypolito a Altea , e Cardenio a Florisbella.

Hyp. Cobarde chego.

Card. Temeroſo a buſco.

Flor.

Flor. Mas ai de mim! paſſos ſinto. *á parte.*
Alt. Gente ſe aviſinha: alviçaras coração. *á parte.*
Hyp. Divina Florisbella?
Card. Altea ſoberana?
Hyp. Não me crimines de muito ouſado.....
Card. Não me culpes de pouco amante.....
Flor. Não percebo ſe he Hypolito. *á parte.*
Alt. Se he Hypolito não averiguo. *á parte.*
Hyp. Se te buſca a minha fineza para dizer-te que hoje no boſque conſegui a de arriſcar a minha vida por evitar a tua offenſa.
Alt. Que eſcuto, pezares! *á parte.*
Card. Se te procura o meu exceſſo para declarar-te, que hoje no boſque obrei por ti, o de emprender tirar a vida á Princeza para que tu conſeguiſſes a Coroa.
Flor. Que he iſto que ouço, penas! *á parte.*
Hyp. Não deſprezes pois, Senhora, os meus rendimentos, quando tu és teſtemunha das minhas finezas.
Card. Não deſeſtimes pois, Senhora, as minhas adorações, quando tu és a cauſa de taes exceſſos.
Alt. Com a Princeza minha irmã ſe vão confirmando os meus aggravos. *á parte.*
Flor. Com minha irmã Altea ſe communicão as minhas offenſas. *á parte.*
Dentro ElRei, Levem luzes ao Jardim.
Hyp. Já retirar-me he preciſo. *á part. e vai-ſe.*
Cārd. Já he força o retirar-me. *á p. e vai-ſe.*
Flor. Não eſtou em mim de ſentimento *á p.*

Alt.

Alt. Morta me tem o pezar. *á parte.*

Sahem por fóra Machavello por huma parte, e Zapete por outra.

Mach. Pois ElRei com Felisardo fica divertido, quero a foro de tolo, ver se vejo ás escuras a Etcætera neste Jardim.

Zap. Pois Etcætera disse que viesse ao Jardim de noite, se a não vir por sombras, quero ao menos apalpalla.

Mach. Oh quem me dera dar com ella.

Zap. Ainda que estou ás escuras, não se me dava de ter com ella huma topada.

Mach. Se estará para aqui?

Zap. Se estará para cá?

Flor. Ai de mim infeliz!

Alt. Ai de mim triste!

Mach. Mas ter mão, que aqui ouvi suspirar.

Zap. Porém vamos de vagar, que aqui senti resfolgar.

Mach. Sim, aqui ouço o ruje ruje das saias.

Zap. Sim, aqui ouço o estralicar das chinellas.

Mach. Se a minha sorte he tão feliz, que mereço ser admittido, nas minhas mãos, dará fim a pessoa que aborreces. *para Florisbella.*

Isto diz Machavello a Florisbella, e o seguinte diz Zapete a Altea.

Flor. De novo se ratifica a sentença da minha morte. Em fim Altea me aborrece! ah traidora! *á parte.*

Zap. Se mereço que me restituas á tua graça, mil

mil vezes arriſcarei eſta vida por lograr outra vez os teus favores. *para Altea.*

Alt. De novo ſe intimão as ſuas finezas. Em fim Florisbella o tem favorecido! ah falſa! *á parte.*

Mach. Falla-me, mais que ſeja pela boca da noite.

Zap. Reſponde-me, mais que ſeja em eſtylo eſcuro.

Flor. No peito hum incendio abrigo. *á parte.*

Alt. Hum Ethna occulto no peito. *á parte.*

Mach. Dize, não te embarace a vergonha.

Zap. Falla, não te perturbe o pejo.

Mach. Meu bem.

Zap. Meu amor.

Flor. e Alt. Já iſto não póde ſoffrer-ſe. *á p.*

Flor. Traidor, barbaro, atrevido.....

Alt. Falſo, aleivoſo, inſolente.....

Mach. Que vai, Senhor Machavello? *vira.*

Maſ. Senhor Zapete, que tal?

Sahem dous criados com duas ſerpentinas de luzes, que porão ſobre a meza, e outro com huma cadeira, que põem a hum lado.

Flor. e Alt. Como aſſim!

Flor. Mas que he o que vejo! *á parte.*

Alt. Mas que he o que noto! *á parte.*

Mach. e Zap. Ai deſgraçado de mim!

Mach. Oh quem ſe vira em Berberia!

Zap. Oh quem ſe vira em Salé!

Flor. Que encanto he eſte, cuidados! *á parte.*

Alt. Que prodigio he eſte, amor! *á parte.*

Mach

Mach. Eu ſe acaſo... agora... quando... Deſta vez me maſſão o cagueiro. *á parte.*

Zap. Eu ſe aqui... então... porque..... Deſta vez me derreão o palaio. *á parte.*

Flor. Não he poſſivel, que deſte ſimples naſceſſem aquellas razões: em vão me animo. *á parte.*

Alt. Não he poſſivel articularem ſe aquellas palavras na boca deſte neſcio: penas reſpiro. *á parte.*

Mach. Oh quem advinhára que aonde buſcava a Etcætera havia de achar a Florisbella! Antes eu me fora metter no calcanhar do mundo. *á parte.*

Zap. Oh quem ſoubera que em lugar de huma lacaia ſe havia de achar huma Infanta! Antes eu me fora encaixar no cu de Judas. *á parte.*

Flor. Examinallo he preciſo. *á parte.*

Alt. Averiguar eſte caſo he neceſſario. *á parte.*

Mach. Eſtou vendo ſe me mandão com trezentos mil diabos. *á parte.*

Zap. Eſtou vendo ſe me mandão dar trezentos mil açoutes. *á parte.*

Flor. Vem cá: dize-me.

Mach. Direi, ſe ſouber o que digo.

Alt. Vem cá: reſponde-me.

Zap. Eu não ſou tão mal enſinado como iſſo.

Sahem ElRei, e Feliſardo, eſte fica em pé, e ElRei ſe aſſenta.

Flor. Mas ceſſe por agora o exame. Ai de mim! *á parte.* *Alt.*

Alt. Ai infeliz! mas ceſſe a averiguação por agora. *á parte.*

Rei. Florisbella, Altea, filhas, o meu amor, que ſempre deſeja dar-vos goſto, traz á voſſa preſença eſte gàlhardo mancebo, que he Apollo na diſcrição, e Orféo na modeſtia: com as ſuas prendas quero liſongear-vos.

Flor. e Alt. Conteſpondemos-te Pai, e Senhor, com igual fineza.

Mach. Pois eſtão entretidos, bom ſerá por agora uſar da eſcapatoria. *á parte. e vai-ſe.*

Zap. Pois divertidos ſe achão, não ſerá máo agora uſar da eſgueiração. *á parte. e vai-ſe.*

Fel. Ai amor, e que encanto he eſte da formoſura, que tanto me arrebata os ſentidos! Sem mim eſtou!

Rei. Falla Sigiſmundo, agora emmudeces? Eſta he a Princeza minha filha, a quem deſejo divertir.

Flor. Galharda preſença! *á parte.*

Alt. Bizarro ſujeito! *á parte.*

Rei. Chega a fallar-lhe, não te acobardes.

Fel. Oh, não julgues Monarca eſclarecido, que deixo de fallar quando emmudeço: aonde as admirações hão de expreſſar ſe, não ha fraze mais propria que o ſilencio.

Rei. Bem ſe deſculpa. *á parte.*

Chega Feliſardo á Princeza, e ajoelha.

Fel. A voſſos pés, Senhora, (amor piedade! não me mates, a nima agora o peito. *á p.*) Já me proſtro: (ai de mim! não ſei que di-

digo. *á parte.*) animoso, cobarde, lince, cego.....

Rei. Perturbou-se . *á parte.*

Fel. A vossos pés, Senhora, (outra vez digo) a ser adoração passa o respeito, que aonde não se admittem igualdades, se conhece a attenção pelos excessos.

Rei. Mui bem emendou o defeito. *á parte.*

Flor. Outro encanto me suspende: parece que me seguem os prodigios. *á parte.*

Alt. Apenas chega a agradar-me, quem tanto exalta a minha maior inimiga. *á parte.*

Flor. Não culpeis, se me dilato em pagar com agradecimentos, o que devo aos vossos applausos; que se bem o advertis, ao vosso estylo tambem são devidas as minhas suspensões.

Ajoelha Felisardo jmnto a Altea.

Fel. Em vós, Senhora, he o pasmo successivo, quando chego a admirar hum tal portento, que sem duvida fora sem segundo a não crear o Ceo outro primeiro.

Alt. He privilegio da discrição fazer lisonja da offensa. *á parte.*

Flor. E quanto sentirá que me prefirão, quem tanto se empenha em que me offendão! *á parte.*

Alt. Tanto me exalta o modo porque me louvais, que vos aceito por obsequios os desenganos.

Rei. Mais lhe deu a natureza a este Estrangeiro nas prendas, que o adornão, que a mim a for-

a fortuna na Monarquia, que governo. *á p.*
Com que motivo vieſte, Siſgiſmundo, a eſtas regiões?

RECITADO.

Fel. Amor da amada Patria me deſterra:
Venho ſeguindo as forças do deſtino
Infeliz, derrotado, peregrino,
Buſcando abrigo na eſtrangeira terra:
Aos mares me entreguei que de opprimidos
Com pezo infeliz de meus cuidados,
Prorompêrão em horridos bramidos;
E tanto contra a terra conjurados,
Que ver pude em diverſos horizontes
Voar os mares, e nadar os montes:
Mil perigos venci com peito forte,
Até que a minha feliz ſorte
No teu amparo me aſſegura,
Quanto eſperar pudéra da ventura.

ARIA.

Pois me dá ſeguro amparo
O teu peito heroico, e claro,
Deſſe modo
Já lá vai o meu mal todo,
Aqui eſtá todo o meu bem.
Ao ſeguir tão fixo norte,
Já não tenho á dura ſorte,
Que temella,
Pois vejo a minha eſtrella,
Que a domina o teu poder.

Rei.

Rei. Deſde hoje ſerás o primeiro na minha eſtimação, que aſſim o pedem as diſtinções com que te formou a natureza.

Fel. Oh Senhor, quanto exaltas a minha humildade!

Rei. Nada tens niſſo que dever á fortuna, antes toda ella cedeo ao teu merecimento. Vamos, que quero deſtinar lugar para a tua habitação em Palacio. *Vai-ſe.*

Fel. Já te ſigo, Senhor, reverente, e agradecido. Ai Florisbella, e a quantos exceſſos me obrigas! Queira amor favorecer a meus empenhos. *á parte. e vai-ſe.*

Flor. Não ſei em que hão de parar tão prodigioſos acaſos: encanto me parece quanto eſcuto, e vejo. *Vai-ſe.*

Alt. Não ſei em que háo de vir a dar tão continuados martyrios: contra mim ſe diſpõem quanto vejo, e quanto eſcuto. *Vai-ſe.*

Vem dous criados a levar as luzes, ſahe Etcætera ſó, e como ás eſcuras.

Etc. Agora que ficou o Jardim deſembaraçado, quero ver ſe encontro o tal Machavello, que para cá me dizem que veio.

Sahe Machavello.

ach. A' luz, que de huma janella da galaria ſe communicava, vi que para eſta parte vinha Etcætera, e ainda que eſcaldado da primeira, quero cahir na ſegunda.

Sahe.

Sahe Zapete pela outra parte.

Zap. Como os meus ciumes me trazem ſempre á lerta, ando feito ſentinella deſte Jardim; porque o ver no paſſado ſucceſſo ao Senhor Machavello, me deſpertou o cuidado.

Etc. Aqui ſinto paſſos: ſe ſerá o meu novo emprego?

Mach. Aqui eſcuto rinjir ſeda; ſe ſerá a menina dos meus olhos?

Zap. Eu perdi o tino, não ſei aonde eſtou: ſupponho que hirei dar comigo na nora.

Elle anda mais apartado.

Etc. Ei-lo comigo; agora o que me reſta he ſer Zapete. *á parte.*

Mach. Ella he, eu me reſolvo: ſe eu dava agora com alguma Princeza, era huma fallada. *á parte.* Se ſe permitte a hum amante morcego, que entre as ſombras da noite ronda a luz delles olhos, queimar as azas em tão doce incendio, terei por felicidade o ficar deſazado cahindo-te em graça, ſó porque fique outro paſſaro de aza cahida nos teus favores.

Zap. Para eſta parte ouço cuchichar.

Ect. Eſte he Machavello. *á parte.* Se deſejas abrazar-te nas minhas luzes, não ſejão de morcego os teus voos. Aondè ficão as Mariposas, as Fenix, e as Salamandras? Não ſou eu tão pouco altiva, que não deſeje nos meus amantes a imitação dos melhores exemplares: o mais fique para Zapete, que como paſſaro nocturno, ſó he do rancho de Gralhas, Morcegos, e Corujas. *Zap.*

Zap. Pois que vai? he olho, ou buraco? Eſtá bonito iſto! *á parte.*

Etc. Mas aqui ſinto paſſos, quero retirar-me depreſſa. *á parte. e vai-ſe.*

Mach. De mais a mais, não he beſta a rapariga. *á parte.* Pois meu dengue, já que me permittes ſer paſto das chammas do teu amor, admitte-me deſde hoje pelo menor dos teus amantes, bem que entre todos me acharás unico nas finezas.

Zap. Eu eſtou por inſtantes dando hum cerra Eſpanha. *á parte.*

Mach. Que reſpondes meu bem?

Zap. Se ella callou, conſentio. *á parte.*

Mach. Ui, não me reſponde; quero ver ſe ſe ruſentou. *á parte.*

Zap. Mas quero ver ſe a topo. *á parte.*

Eſtendem ambos o braço, e toca hum na cara do outro.

Mach. Porém que he iſto? femea com bigodes.

Zap. Mas que he iſto! Etcætera com barbas?

Mach. Quem me pega?

Zap. Quem me agarra?

Mach. Póde haver maior deſaforo!

Zap. Ha maior pouca vergonha?

Mach. Iſto he caſo de bigode.

Zap. Iſto he ſucceſſo de barbas.

Mach. e Zap. Logrou-me patife!

Mach. Pois tome. } *Dá hum no outro.*
Zap. Tome }

Mach. Lá vão dous dentes fóra.

Zap.

Zap. Lá vão duas coſtelas dentro.

Sahe Etcætera com luz.

Etc. Que he iſto, Senhores, eſtão doudos voſſês jogando os murros ás eſcuras? vejão o que fazem, que para iſſo lhes trago luz.

Zap. O que eu ganhei, de boa mente to déra de barato.

Etc. Se eu fora emparelhada com Machavello, tu perdêras mais.

Mach. Eu topei a tudo, e ſe tu não vens ainda não parava.

Zap. Não ſeja deſavergonhado, que voſſê não me poz mão.

Mach. Tenha tento no que diz, ſe não hei de dobrar a parada.

Zap. Oh magano! } *Tornão a*
Mach. Oh deſavergonhado! } *dar ſe.*

Etc. Ai meus peccados, que ſe torna a accender a pendencia.

ARIA.

Aparte-ſe a bulha,
Acabe-ſe a pendencia,
Já que a competencia
Em dar he que dá;
E porque ſe apartem,
Vai tu por aqui, *a Mach.*
Voſſê vá por lá. *a Zap.*
E não me reguingue *a Zap. tudo iſto.*
Se não levará
Muita pancada,

Mui-

Muita bofetada,
Muita arrochada,
Muita pauletada,
E não me reguingue,
Vai tu por aqui, *a Mach.*
Voſſê vá por lá. *a Zap.*

Fim do primeiro Acto.

ACTO II.

SCENA I.

Mutação de Boſque. Sahe Cardenio, e hum Soldado.

Card. NÃo te admires, Lidoro, de que viva ha tanto tempo, negado aos deſcanços da Patria, ou admira-te em quanto te não relato os motivos, que me movem a ſeguir com goſto os deſterros della. E pois no retiro deſte boſque, ainda que a natureza concedeo alma ás plantas, não permittio ouvidos aos troncos; fiarei de ti os meus cuidados, ſem que periguem os meus ſegredos.

Sold. Não he novo, Senhor, o favorecerem-me os Principes da Caſa Real de Moſcovia, e menos o ſerá em ti, pois tantas experiencias tens da lealdade com que te ſirvo.

Card. A Infante Altéa, como já sabes, foi eleita para esposa do Duque de Moscovia; cerradas as capitulações, e assentadas as conveniencias das duas Coroas, foi trasladada desde Suecia áquellas Provincias, aonde chegou acompanhada da mais rara formosura, que he o mesmo que da maior infelicidade; pois hum dia antes que ella chegasse a Moscovia, morreo seu futuro esposo precipitado do furor de hum cavallo desde a eminencia de humas altas rochas: trocando a instavel fortuna ao recebella as gallas em lutos, e o thalamo em feretro.

Sold. De cujo lastimoso acaso se penetrou tanto a galharda Infanta, que em muitos dias não cobrou os espiritos, que lhe roubou o desmaio.

Card. Entrou na regencia daquelle Imperio, como legitimo successor do Cezar defunto, o grande Basilio irmão seu, e meu tio, com o qual repugnou Altéa o consorcio, por não violentar o gosto na companhia daquelle, em quem a natureza depositou invisiveis as excellencias com que o dotou; pois tanto concedeu ao seu interior de generosidade, discrição, e prudencia, quanto negou á sua pessoa de exterior bizarria, e gentileza. Dous mezes descançou da pena, e da jornada, antes de pôr por obra o regresso da patria. Eu que neste tempo tinha chegado de Dinamarca, aonde me tinhão conduzido as travessuras do meu genio (vivendo disfarçado naquella Corte, aonde

aonde muitas vezes entrei com o Principe Felisardo em contencioso certamente já na luta das forças, já na destreza das armas, exercicios de sua maior inclinação) me senti tão rendido ao formoso imperio de seus olhos, que mil vezes pelos meus lhe dei a ler os caracteres, que amor me imprimio no coração.

Sold. E ella devia de entendellos, pois tu a seguiste até este Reino de Suecia, aonde ha dous annos vives disfarçado assistindo a El-Rei em todos os negocios graves do Reino, estimando elle tanto a tua grande sciencia, que de ti vive inseparavel.

Card. Entendeo as minhas ancias, mas desprezou os meus cuidados. Vio que disfarçado a segui: conheceo que dissimulado a acompanhei, e tanto dissimulou, que o conhecia, que eu mesmo duvidava se era disfarce o não reparar, ou ignorancia o não conhecer. Nestas confuzões vacilante o meu discurso, vinha seguindo o norte de tão soberanas luzes, quando na passagem de hum pequeno rio, ordenou a fortuna, que na desordem dos que a acompanhavão, ao meter-se no bergantim se precipitou nas aguas: não sei se foi, que a Deosa Thetys ao admirar tanta belleza, quiz illustrar os imperios de Nuptuno com os timbres de outra Divindade. Ficárão todos immoveis, ou de pena, ou de embaraço, reduzindo aos lamentos toda a presteza das execuções; mas eu que obrigado da ancia de salvar a minha vida, desprezei todos os horro-

res, que podia offerecer-me a morte, com arrebatada promptidão me lancei ás correntes, que servião de prisões aos animos dos cobardes, que com inveja o admiravão, de donde sahi triunfando de todo hum elemento, feito Athlante de todo o celeste globo.

Sold. Notavel fineza, Senhor! E como correspondeo a tanta obrigação?

Card. De tal sorte reconheceo á divida, que me fez depositario de mil ditosas promessas. Disse-me, que desde aquelle ponto admittio com agrado as minhas finezas, e correndo o tempo me certificou, que se as enfermidades da Princeza sua irmã, (que então por instantes crescião, a reduzisse aos imperios da morte) sendo ella herdeira do Reino, a nenhum admittiria por seu esposo se não a mim, que que só faltaria a fé desta palavra, quando eu intentasse offender a sua vida, o que á vista delha ter já dado, se fazia impossivel crer.

Sold. Quem arriscou huma, que tinha, por livralla, mal podia offender huma que adora, e a da Princeza Florisbella parece que se dilata a pezar dos teus intentos.

Card. Agora, Lidoro, entra a maior fineza, que por ti faço, e o maior empenho em que te occupo. Desesperado eu das demoras com que se dilata o logro dos meus desejos, cego de amor, alheio já da razão, e attento só a salvar a vida, que nos braços da dilação por instantes ma vai usurpando o rigor do meu adverso fado, intentei (ai de mim!)

tirar

tirar (oh amor a quanto obrigas !) a vida... mas eſpera , que até o ſilencio deſte boſque me parece mais attenção cuidadoſa , que natural ſocego.

Examina ſe ouve alguem.

Sold. Notavel recato ! *á parte.*

Card. Sós eſtamos. Digo pois , que intentei tirar a vida á Princeza Florisbella.....

Sold. Notavel tyrannia ! *á parte.*

Card. Só a fim de que Altea conſeguiſſe ſer Rainha de Suecia , e eu a fortuna de ſer ſeu eſpoſo. Não detenhas aqui o diſcurſo em ponderar a gravidade do caſo , extende a attenção ao que dizet-te quero. (Oh como temo que me eſcute a razão ! *á parte.*) Hum dia , pois , que a Princeza obrigada das ſuas melancolias , ſe retirou (como tinha de coſtume quando ElRei a conduzia ás caçadas) para hum ameno , e ſolitario ſitio , viſinho deſte boſque , valido dos disfarces de huma maſcara , quiz acabar de huma vez com a ſua vida , a tempo que ſahio de entre humas arvores a embaraçar os meus intentos o Principe Feliſardo , o qual habita neſtas montanhas veſtido de pelles , e tão diſſimulado no traje , que ſó eu (que tantas vezes , e de tão perto lhe vi o roſto , e ouvi a voz , o poderá conhecer :) retirei-me cuidadoſo diſſimulando o delicto com engenhoſos disfarces , e agora te mandei vir a eſte ſitio , para que com os companheiros , que te eſperão occultos ,

buſ-

buſquemos a Feliſardo, que neſtas montanhas habita, e nellas demos ſepultura á ſua vida, porque ainda que não ſei os ſeus intentos, como ElRei vive tão inclinado a fazello com a mão de Florisbella herdeiro de ſeus Eſtados (que o não tello poſto por obra he ſó por não violentar a Princeza, que lhe tem natural aversão, ſó pela noticia que a fama divulgou de ſuas travelſuras) quero na ſua vida tirar hum embaraço ás minhas fortunas.

Sold. Rara malevolencia! *á parte.*

Card. E aſſim pois a eſtação da madrugada ainda convida a ſocego a toda a Real familia, que a eſte ſitio ſe mudou deſde a Corte, vamos a correr todos eſtes viſinhos montes, para lograr o que tenho determinado. Morra Feliſardo, e morrão quantos poſſão ſervir de embaraço ás minhas felicidades.

Sold. A minha obediencia ſerá aos teus preceitos a reſpoſta mais prompta. Mais obra em mim o temor, que a obediencia. *á parte.*

Card. Oh a quantos exceſſos ſe arroja hum coração amante! *á parte.*

Sold. Oh a quantos precipicios ſe expõe hum animo malevolo! *á parte. e vão-ſe.*

Soão inſtrumentos, e ſahe Altéa cantando.

ARIA.

Que proſpera vai ſulcando
A candida Paſtorinha
Na florida, e tenra ervinha
Hum placido verde mar.

Mas

Mas tremula já receia,
Se estrepito ouvio na rama,
Das lagrimas, que derrama,
No pelago naufragar.

Sahe Hypolito.

Hyp. Raras são as prendas, e a formosura de Altéa! A não conseguir as soberanias da Coroa, não póde haver mais gostoso emprego para os meus affectos. *á parte.* Galharda Altéa, que novo desvanecimento dás hoje aos Ceos, e aos Prados, pois anticipando a sahida nesta alegre, e saudosa madrugada, em competencia da Aurora, vens duplicando alvores, e rosicleres? Quando se vio a Alva com mais feliz estrella? Quando mais risonha, que com a alegria de tuas vozes? Com mais gloria nunca se rompeo, nem o silencio da noite, nem a luz do dia.

Alt. Ah tyranno, e como vestes de lisonjas a tua traição! *á parte.*

Hyp. Não fallas? não respondes? meu bem, meu amor. . . . .

Alt. Meu mal, meu odio, que queres que te diga? que queres que te responda?

Hyp. Que novo rigor he este, ai de mim! *á parte.*

Alt. Que queres que responda aos teus carinhos falsos, quando só são verdadeiras as tuas aleivosias? Dize, ingrato.

Hyp. Alheio termo he este para a minha fineza. Não alcanço de donde póde nascer o excesso

ceſſo deſte enfado. Se lhe communicaria a Princeza o meu affecto ? *á parte.*

Alt. O teu meſmo ſilencio eſtá confeſſando a tua culpa.

Hyp. Que culpa , Senhora ? (Difficultoſamente me animo. *á parte.*) Que culpa pódes accumular a hum amor , que por puro ſempre ha de ſer innocente ? Em que te offendi , Senhora ? declara-te ; ſe me matas com a ira , não me poderá valer a verdade , porque chegará tarde com o remidio.

Alt. Que verdade , traidor , póde haver em hum peito , que eu meſma averiguei caviloſo ?

Hyp. Se me veria fallar no Jardim com Florisbella ? mas o recato da voz , e a ſombra da noite , me livrão do receio. *á parte.*

Alt. Quero averiguar de huma vez as ſuas traições. *á parte.* Dize-me , não foſte hontem ao Jardim ?

Hyp. Por aqui começa o exame ? *á parte.* Sim , fui , Senhora.

Alt. E fallaſte com alguem , quando cahírão as ſombras da noite ?

Hyp. Só comtigo foi o meu intento fallar. Ai infeliz ! *á parte.*

Alt. Com cautellas me reſponde. *á parte.* Dos teus intentos não procuro ſaber por ora , das tuas obras he que aqui pretendo informar-me.

Hyp. Grande aperto he o em que me acho : ſe declararei que fallei com a Princeza ? *á parte.*

Alt. A verdade não neceſſita de enſaios : deixo por

por agora os discursos que não quero que cuides o que me has de responder.

Hyp. Eu, Senhora, confesso que com a Princeza fallei; mas foi engano das sombras; porque cuidei que eras tu. Não sei o que digo. *á parte.*

Alt. Hei de apurallo. *á parte.* Com que descubriste o nosso segredo amoroso? e ella que te respondeo?

Hyp. Nenhuma palavra, Senhora, ouvi da sua boca.

Alt. Pois como soubeste que era ella a com quem fallavas? Ah falso! *á parte.*

Hyp. Notavel erro! *á parte.* He porque depois pude advertir, que quando.....

Alt. Com que affirmas, que com a Princeza fallaste?

Hyp. Negallo seria offensa: com ella fallei.

Alt. Mentes, aleivoso, que não foi ella com quem fallaste.

Hyp. Raro suceesso! mas eu o emendarei. *á parte.* Senhora, para que he estar-vos affirmando o que vós sabeis com tanta realidade? Comvosco fallei no Jardim, que só a vós se encaminhou a diligencia de procurallo. Eu havia de fallar a outrem? tudo o mais he graça, na supposição de que estais nisso certa.

Alt. Finalmente affirmas, que comigo no Jardim fallaste?

Hyp. Quando se averigua, que foi com a Princeza, direi como já disse, foi por engano. *á parte.* Huma, e mil vezes o affirmo.

Alt.

Alt. Mentes, e huma, e mil vezes o farás, se mais aqui comtigo expozer a desaires o meu decóro.

Sahe Florisbella ao bastidor.

Flor. Aqui está Hypolito, e Altéa; ouvirei a sua questão.

Hyp. Não te irrites, formosa Altéa, contra mim, quando sabes que hontem no Jardim te manifestei o meu amor; porque só a ti se encaminhão os meus amantes rendimentos.

Flor. Este he o tyranno da minha vida. *á p.*

Alt. Com a Princeza fallaste, e não comigo, ingrato.

Hyp. Pois se agora affirmas, porque me desmentiste quando to confessei? Confuso estou! *á parte.*

Alt. Porque são tantos os enganos do peito, que mentes quando dizes que comigo fallaste, e se dizes que com a Princeza, tambem mentes. *Vai-se.*

RECITADO.

Hyp. Detente, suspende doce homicida,
Pois se fico sem ti, acabò a vida:
Não te ausentes, espera bella ingrata;
Se meu amor sem teu desdem me mata,
Para que he com rigor tyranno, e forte
Duplicar o motivo á minha morte.

ARIA.

ARIA.

Deixaſte-me tyranna:
Ai que eſpiro! ai que morro!
Soccorro, amor ſoccorro,
Que já ſem alma eſtou.
Já ſinto em tal deſmaio
O peito intercadente
A lingua balbuciente
Tremula, e torpe a voz.

Hyp. Eſpera, Senhora, não te auſentes, ſem que primeiro me declares enigma tão difficil de entender.

Vai a ſeguilla, ſahe Florisbella, e o detem.

Flor. Eſpera tu, detem o paſſo, e ſuſpende o aleivoſo accento.

Hyp. Ai de mim! que novo infortunio me offerece a ſorte? Entre Scila, e Caribdis me vejo naufragante. *á parte.*

Flor. Averiguar quero eſte caſo. *á parte.* Não venho, Hypolito, a pedir-te ſatisfações das finezas, que expreſſaſte da Altéa; porque nenhum cuidado me dá o engano, que neſſa parte me tens feito; quero ſim examinar a qual das duas fallaſte hontem no Jardim, para tirar-me de huma ſuſpeita, que me traz ſem ſocego.

Hyp. Ha maior deſgraça que a minha! Altéa me deſpreza, e Florisbella me deſengana: para com ambas me deixa ſem meritos o amor. *á parte.* Senhora, ſe a verdade mere-

ce

ce attenções, escuta nas minhas vozes os teus desenganos. Como o conhecer em minha Prima Altéa algum affectuoso cuidado me tem obrigado a não corresponder com desattenções aos seus agrados, e porque dahi nascerá algum inconveniente ao meu amor, não a tenho já desenganado do pouco que o meu affecto se lhe inclina. E como só nas tuas aras sei fazer amantes sacrificios, a ti hontem te buscava para dar-te parte das finezas, que por ti tenho obrado, valido do negro manto da noite para não ser visto de Altéa, que comtigo estava.

Flor. Que he o que escuto! Comigo confessa ter fallado, e diz que foi para dar-me parte das suas finezas, quando só delle alcancei os meus aggravos? *á parte.*

Hyp. Esta he, Senhora, a verdade.

Flor. Ella he, Hypolito, a mentira; pois eu sei com evidencia infallivel, que vós comigo não fallaste, e só foi a prática com minha irmá.

Hyp. Ha maiores confusões! Quem se vio em igual labyrintho! *á parte.*

Flor. E não foi para expressares finezas, mas sim communicares traições contra a minha vida. Em que vos offendi, para mostrares contra mim tanto rancor?

Hyp. Eu estou para perder o juizo. *á parte.* Formosa Florisbella, se vós sabeis que eu comvosco fallei, e que vos declarei, que por livrar a vossa vida, contendi braço a braço com

com huma féra, ou com hum traidor, que tirar-vo-la intentava, como podia eu conspirar em vossa offensa?

Flor. Mais favor achei eu na féra, de que vós me livrastes, do que em vosso peito, que tão amante significais. Ai louco pensamento! *á parte.*

Hyp. Essa he a desgraça de hum benemerito, que só tem por premio a ingratidão, e o desconhecimento.

Flor. Ora, Primo, ainda que pudéra, dando parte a ElRei meu Pai da vossa traição, examinar com rigores a causa dos meus receios, quero só com brandura persuadir-vos, a que me digais a razão com que se empenha Altéa contra a minha vida, e quem vos moveo a vós a ser o executor da sentença da minha morte?

Hyp. Já isto passa a desesperação. *á parte.* Não tenho, Florisbella, mais que dizer-vos, senão que pudéra dar-me por mui offendido de vós, por estares na suppoſição de que era capaz hum peito, que se anima do vosso sangue mesmo, de ser asilo de traições: comvosco fallei, vós mesma o sabeis, pois ouvistes as minhas vozes, e nellas pronunciar o vosso nome.

Flor. Ha maior atrevimento! Elle faz ludibrio da minha pessoa, confessando a culpa no mesmo estilo de desculpar-se. *á parte.* Bem vos entendo, falso, injusto: comigo fallastes quando com Altéa conferistes as vossas traições,

e

e a mim me nomeaſtes quando diſpozeſtes contra meu peito os eſtragos da voſſa ira; mas a minha juſta indignação ſaberá tomar vingança de tanto genero de aggravos.

Vai-ſe por onde veio.

Apparece Zapete ao baſtidor.

Hyp. Piedoſos Ceos, he poſſivel que ſem mais culpa que a de infeliz, me condeneis á pena mais ſenſivel para o meu coração!

Zap. Mão! elle eſtá enfadado: mas já agora paciencia, eu não quero perder occaſião de deſencarregar a minha conſciencia, vomitando eſte bocado que tenho atraveſſado na garganta. *Sahe.* Salve Deos a peſſoa, tenha voſſa como ſe chama, alegriſſimas auroras, Senhor, eu venho aqui a que.....

Hyp. Sem alma eſtou!

Zap. Mas eu bem ſei, que agora não he occaſião, mas.....

Hyp. Não ſei em que hei de reſolver-me, pois quanto mais me deſculpo, mais me condemno.

Zap. Com que, Senhor, faça v. m. de conta que.....

Hyp. Alcéa diz que eu nem á ella, nem a Florisbella fallei, dando-me a entender que fallei a ambas.

Zap. Elle era de noite, fazia hum eſcuro, que era metter o olho pelo dedo, e eu.....

Hyp. Florisbella nega, que eu com ella fallaſſe, quando eu lhe fiz expreſsão da minha fineza.

Zap. Eu hia aſſim a modo de quem vai tomar o freſco ao Jardim, e.....

Hyp.

Hyp. Quem será motivo de tão nunca vista confusão?

Zap. Vai senão quando, como lhe vou contando, topo com sua Alteza de meio a meio.

Hyp. Que dizes?

Zap. Topei com ella, e neste meio tempo vem luzes.

Hyp. Que luzes?

Zap. As das serpentes pequeninas que....

Hyp. Vai-te louco. *Dalhe.*

Zap. Oh mal haja a tua mão, que sem ser de gral me machucou os queixos, como se os meus dentes fossem de alhos.

Hyp. Quem vio maior confusão!

Zap. Quem sentio bofetão maior!

Hyp. Eu com as esperanças quasi perdidas!

Zap. Eu com os queixos quasi esmigalhados!

Hyp. Em huma descuberta a minha cautela, e em outra desprezado o meu affecto!

Zap. Em hum inchada huma gingiva, e em outro abalado hum dente!

Hyp. Que isto sinto, e tenho vida!

Zap. Que isto passo, e tenho paciencia.

Hyp. Não ha piedade nos Ceos?

Zap. Não ha Justiça na terra?

Hyp. Ai de mim!

Zap. E ai de mim tambem!

Hyp. Vai-te insolente, ou te matarei.

Zap. Irra.

Vai-se-

Vai-se Zapete com preſſa, topa com Cardenio, que ſahe irado, e lhe dá.

Card. Detente barbaro.

Zap. Arre. *Vai-se por outra parte.*

Card. Infructifera foi toda a diligencia, pois encontrar não pudémos a Feliſardo. Tudo me ſuccede mal; mas Hypolito! diſſimularei a minha cólera. *á parte.*

Hyp. Cardenio! diſſimularei a minha pena. *á parte.*

Card Tão cedo, Senhor, no campo?

Hyp. A gozar as delicias da madrugada me anticipei hoje que nas aſſiſtencias do campo todo o tempo que ſe dá aos deſcanços, ſe nega aos recreios.

Card. O meſmo motivo me obrigou a ſahir do meu quarto tão anticipadamente.

Sahe ao baſtidor Florisbella pela parte por onde tinha hido, e pela outra Altéa, que he aonde ſe acha Cardenio.

Flor. Outra vez torno á preſença de Hypolito, porque quero com mais prudencia acabar de fazer eſte exame.

Volta Hypolito.

Hyp. Alli vem Florisbella. *á parte.*

Alt. A Hypolito torno a buſcar; porque continuando a averiguação, de huma vez quero deſenganar-me.

Volta

Volta Cardenio.

Card. Aqui vem Altéa. *á parte.*
Hyp. Ainda dura, formoſiſſima Florisbella, no teu peito o rigor, que contra mim moſtras?
Card. Ainda, belliſſima Altéa, poderá o meu amor alentar eſperanças na tua promeſſa?
Flor. Dura a cauſa, mas não dura o rigor, por agora..... Mas alli eſtá Cardenio, paſſarei adiante. *á parte.*
Alt. Poderá: mas eu não poderei cumprir a promeſſa, ſem que..... Porém alli eſtá Hypolito, não dilatar-me he preciſo. *á parte.*
Vão paſſando ambos.
Hyp. Ai de mim! por Cardenio ſe auſenta: e ſe viria com mais piedoſo intento? *á parte.*
Card. Ai de mim! por Hypolito diſſimula: e ſe acharia na ſua voz algum allivio o meu cuidado? *á parte.*
Flor. Altéa?
Alt. Florisbella?
Flor. Não ſei que alteração ſente o peito com a viſta de Altéa, depois que vivo receoſa da ſua traição. *á parte.*
Alt. Não ſei que deſagrado me cauſa a preſença de Florisbella, deſde que a ſupponho alvo dos meus ciumes. *á parte.*
Flor. Tão cedo no prado?
Alt. Já do campo te retiras?
Flor. Sim, que como coſtumada a traições não eſtá no campo ſegura a minha vida.
Alt. Sim, que como ſujeita a deſvelos, ſem-

pre me ſuccede madrugar para os pezares.
Flor. Bem me entenderia. *á parte.*
Alt. Muito me declarei. *á parte.*

Vão paſſando, e chega Florisbella a Cardenio, e Altéa a Hypolito.

Hyp. Aqui vem Altéa; verei ſe mais aplacada me attende. *á parte.*
Card. Aqui vem Florisbella; para aſſegurar a minha peſſoa, darei aviſo da minha traição, pondo o delicto em cabeça alheia, para que em mim ſe não eſcrupulize, quando logre o meu intento. *á parte.*
Flor. Verei ſe ao paſſar falla a Hypolito. *á p.*
Alt. Receio que Cardenio me veja fallar a Hypolito. *á parte. Virão ambas a cabeça.*
Hyp. Senhora, tens já advertido, que ſó a ti ſe dedicão os meus amantes cultos?
Card. Sabe, galharda Princeza, que ha quem pertende offender a tua vida.
Flor. Piedoſos Ceos, que he o que eſcuto! e que he o que vejo! aqui me confirmão os meus temores, e alli fallando Hypolito com recato a Altéa, confirma as minhas ſuſpeitas. *á parte.*
Alt. A' Princeza fallou Cardenio com recato; deſte motivo me valerei para a repulſa dos ſeus cuidados, e agora auſentar-me he preciſo, para que a Princeza não repare. *á parte. e Va.-ſe*
Flor. Vai, Cardenio, e em Palacio me eſpera.
Card. Vou, Senhora, a obedecerte. *Vai-ſe.*

Hyp.

Hyp. Ficou, Florisbella, e pois o sitio convida a maior desafogo, quero ver se abrando a sua dureza, e a primeira das duas, que comigo se mostra favoravel, será o unico norte dos meus cuidados.

DUETO.

Hyp. Meu bem, idolo amado,
Suspende o rigoroso.
Flor. Ai deixa-me enganoso,
Aparta-te homicida.
Hyp. Repara que esta vida
Se anima deste amor.
Flor. Não seja a minha vida
Objecto ao teu furor.
Hyp. De hum peito, que te adora,
Não formes tal conceito.
Flor. Ah falso, que em teu peito
Só tratão de animar-te
Impulsos da fereza,
Excessos do rigor.
Hyp. Attende, que o meu peito
Só sabe contemplar-te
De celestial belleza
Divino resplandor. *Vai-se.*

SCENA II.

Mutação de ſala ordinaria. Sahe Feliſardo, e Machavello.

Mach. POis como vai de negocio, Senhor Feliſardo? que temos de novo na materia de amor? Dame conta das tuas fortunas, que depois que te viſte em Palacio valido, e junto á peſſoa, parece que te eſqueceſte de que já eras Principe, quando cá te introduziſte. Tenſte mudado, como aquelles que vivem pobres no mundo e apenas tem algum augmento-ſinho quando logo ſe endireitão, põem a barbinha no ar, deitão a barriga muito para fóra, cansão em dando quatro paſſos, padecem faltas de viſta para não cortejarem os amigos, ſe os encontrão, dizendo que os não vem; enchem a boca de... minha carruagem, meus criados, minhas beſtas, meu mercador, meu Letrado finalmente ainda que de ſeu não tenha nada, não ha nada que não ſeja ſeu, e todo o mundo o ſerá porque nenhum deſtes tem vergonha. Ora vamos de vagar, e ſabe que te conheço, que ainda hontem não tinhas hum veſtido para veſtir, pois pelo não ter, andavas em pelle, e vê que ſe não fora eu, a eſtas horas poderias eſtar na cova.

Fel. Vai, Machavello, dando uſo ao genio com as tuas continuadas galanterias, que mais ſe

deve

deve invejar o animo desafogado de hum humilde sujeito, que os imperios do maior Monarca do mundo.

Mach. Basta, basta, não nos metamos nisso, que se começas a discorrer, começarei eu a correr, só por te não ouvir. Quero que me falles de amor, que depois que entrei em Palacio, entrou elle comigo de sorte, que entendo não sahirei bem da galhofa. Ai! eu estou namorado desde os pés até á cabeça: não tenho em mim bocado tamanho como isto, que não esteja feito fiambre por estar desfeito: tão esbandalhado, esmigalhado, esmiuçado, espicaçado me tem as séttas de Cupido, que estou feito hum çarrabulho vivente, hum sarapatel animado.

Fel. Que? já gostas dessa pratica? já entendes dessa faculdade? Ai Machavello! se haverá quem tenha vida, sem que morra de amor? se haverá quem tenha juizo, que de amor não enloqueça? E se haverá quem estime a liberdade, se não para offerecella de amor aos dulcissimos laços? Mal vive quem não ama: pouco entende quem não adora: e fazendo na izenção inutil o alvedrio; sem as delicias, sem a luz de amor, nem a vida tem que lograr, nem o entendimento que comprehender.

A quem ama, amor o alenta
(Bem que mata em hum instante)
Não he o primeiro hum amante,
A que o veneno alimenta.

Só

Só conhece a formoſura
Quem enlouquece de amor,
E então deſcobre melhor
O juizo na loucura.
O alvedrio ter vaidades
Póde de amor na prizão,
Pois ſem ter limites, são
Malquiſtas as liberdades.

Mach. Olá! temos verſos ſinhos?
Eu te faço roſto já?
Ainda que os meus verſos cá
São taes como os meus focinhos.

Fel. Ama o bruto ſem razão
Entre aſperas montanhas,
E as duriſſimas entranhas,
Troca em branda condição.

Mach. E os gatos agatanhados,
Que no frio achão o ardor,
Tem no Janeiro hum amor
Por cima deſſes telhados.

Fel. Enlaçada no eminente
Tronco a vide vegetante,
Bem ſe lhe declara amante,
Pois o abraça eſtreitamente.

Mach. E a Hera, que era tão bella,
Tambem na era de agora
Ao muro velho namora,
Pois lhe faz pé de janella.

Fel. E no mar na penha dura
(Se de amor myſterios ſondas)
Como as lagrimas as ondas
Na dureza achão branduras.

Mach.

Mach. E ainda o ar amor reſpira ;
Pois (ſe o nota o teu talento)
Até parece que o vento
Pelas cavernas ſuſpira.

Fel. A tudo o creador , Machavello , parece que amor anima.

Mach. O Criado Machavello ſou eu , mas o amor não me anima ; antes parece que me mata , pois me fere , e de vontade.

Fel. Só a bella ingrata , que adoro amante , não ſabe ſujeitar o alvedrio ás leis de amor.

Flor. Ninguem melhor que eu o ſabe. *Dentro.*

Fel. Feliz acaſo ! Eſta he a Princeza , retiremonos , Machavello , que a ſua preſença me perturba.

Mach. Vamos , que iſſo he impulſo de amor : não ſei que effeito cauſa a improviſa viſta do que ſe am , que he reſpeito , e parece temor.

Retirão-ſe ao baſtidor os dous , e ſahe Floriſbella , e Etcætera.

Flor. Outra vez repetirei , que ninguem melhor que eu ſabe quem deſeja tirar-me a vida.

Fel. Quem ſerá o barbaro , que a tanto inſulto ſe atreva ?

Etc. Pois Senhora , ſe tu ſabes quem offender-te determina , porque não aſſeguras a tua vida com a ſua morte ?

Mach. Se fora eu quem o intentaſſe , bem morto me tinhão os teus olhos.

Flor. Ainda que Cardenio me não declarou o nome

nome de quem a traição intenta, eu tenho certas evidencias de quem o ſolicita.

Fel. Ai amor! deſde hoje ſerá o meu peito eſcudo, que defenda a tua vida

Etc. Pois, Senhora, não zombemos com iſſo: vê que te póde ſucceder huma deſgraça aſſim a modo de graça: a tua vida não he couſa para perder.

Mach. Bem perdido me acho eu por ti.

Flor. São tantos os que ſe conjurão contra a minha peſſoa, que ignoro a quem entregue o cuidado da minha defenſa.

Sahe Feliſardo como arrebatado.

Fel. A mim, Senhora, ſó compete eſſe cuidado; pois na voſſa vida..... Ai de mim! arrebatou-me o affecto. *á parte.*

Mach. Ui, Senhores, eſte homem endoudeceo?

Flor. Pois a vós toca defender a minha vida?

Fel. E não me gratifiqueis a fineza, pois nada niſſo me deveis; todo o intereſſe he meu.

Flor. Não vos entendo. Ai, e quanto me leva as attenções eſte galhardo eſtrangeiro! *á p.*

Fel. Se a minha vida defendo, em que vos deixo obrigada? Amor, a muito me atrevo. *á parte.*

Flor. Logo percebi mal, quando entendi, que vós a mim me intentaveis defender?

Fel. Não Senhora, bem me entendeſtes.

Flor. Pois como dizeis, que a voſſa vida ſó guardais?

Fel. Porque aſſim vos defendo a vós, pois vós ſois a minha vida. *Etc.*

Etc. Este Poeta deve ter vea de doudo, ou atrevimento de Musico; pois descobre tão altos pensamentos; eu os deixo, e me vou, por ver se acaso topo as minhas Machavelices *Vai-se.*

Mach. Ai que se foi, e eu de sentimento me estou indo.

Fel. Senhora, tão suspensa vos deixou a minha fineza?

Flor. Não, Sigismundo, não me suspende a vossa fineza, admira-me sim a vossa ousadia. Muito valor tendes, pois vos obrigais a tanto empenho.

Fel. Quando a tanto me arrisco, mais valor tem os meus affectos, que os meus impulsos.

Flor. Logo errais a diligencia pois para defender-me, mais necessito dos vossos impulsos, que dos vossos affectos.

Fel. Quando dos meus affectos nascem os meus impulsos, primeiro deveis estimar aquelles, porque duplicão o valor a estes.

Flor. Que caibão em sujeito humilde pensamentos tão elevados, e que tal me tenha huma louca paixão, que se lisonjeão os meus agrados dos seus atrevimentos! *á parte.*

Fel. De ousado me criminará, oh quem pudéra declarar se! *á parte.* Que me respondeis, Senhora? admittis os meus amantes rendimento?

Flor. Homem, quem és? que á vista de tanta elevação, não sei se te devem castigos, ou agradecimentos?

Mach. Estou vendo se isto para em abraços, ou em murros.

Flor.

Flor. Não és tu de esfera muito inferior á minha soberania? Ai, se foras mais do que imagino! *á parte.*

Mach. Ahi se declara, e leva dous abraços.

Fel. O meu estado, Senhora, não confessa o meu nascimento?

Mach. Oh discreto tolo!

Flor. Pois como nescio, e ousado te atreves a voar com azas de cera, aonde só aches raios que te abrazem, e iras, que te precipitem? Ai, e quanto me violento em aggravallo! *á p.*

Mach. Meu dito, meu feito; aqui cahem bem os murros.

Fel. Suspende o furor violento,
Com que a hum amante maltratas;
Pois quando hum rendido matas,
Infamas o vencimento.

Mach. Assim, vale-te das tuas habilidades.

Fel. Se me nega altas vaidades
Por humilde o meu destino,
Oh, repara que o Divino
Não se offende de humildades.

Mach. O homem empenhou o resto.

Flor. Haverá quem resista a tão raro encanto! *á parte.* Ai Sigismundo, e que grande te formou a natureza! que ha mais que ver, aonde ha tanto que admirar!

Fel. Favoravel já me parece que se mostra. *á p.*

Po-

Poderá, formoſa Florisbella, declarar-ſe nos meus ſacrificios a minha adoração?

Flor. Oh ſe pudéra reſponder o affecto ao que he preciſo reſponder o decoro. *á parte.* Sigiſmundo, conſole-vos na pena de infeliz, quem vos confeſſa que lograis a gloria de benemerito. *faz que ſe vai.*

Mach. He boa conſolação.

Fel. Ai de mim! de que ſerve o merecimento ſe me deixais ſem a gloria? (Eu me declaro. *á p.*) Pois ſenhora, ſe por naſcer deſigual havia de viver infeliz, ſabei que ſou mais do que pareço.

Mach. Ora acaba com iſſo.

Flor. Que dizes? (Ai de mim! em novas penas fluctuo. *á parte.*) Com que tu és mais do que publicas?

Mach. Os abraços hão de ſer alviçaras da boa nova.

Fel. Voſſo igual me fez a fortuna.

Flor. Oh ſe emmudeceſſes ao querer pronunciallo. *á parte.* Vai-te, vai-te de minha preſença, e deſte Palacio que toda a grandeza, que occultas, he labeo com que infamas.

Mach. Quem tal diſſera! nem murros, nem abraços? Eſta Princeza he má de contentar: ella ſerá muí formoſa, porém tem muito má boca.

Fel. Ha rigor mais eſtupendo!
Ha pezar mais exquiſito!
Se ſou menos, vos irrito,
E ſe ſou mais, vos offendo?

Mach.

Mach. Sim Senhor, nem mais, nem menos: melhor fora não ser nada para ser alguma couſa.

Fel. Fez-me grande a natureza
Para ſer mais deſgraçado,
Reduzio o meu eſtado
Ao meu mal toda a grandeza.

Flor. Já não ha quem ſe reſiſta; venceo o affecto ao decoro. Seja o que occulta, ou ſeja o que parece, eu me reſolvo a querer-lhe, que o amor não diſtingue qualidades. *á parte.* Se o Ceo vos concedeo tantas excellencias, não quero fazer inuteis tantos meritos. Eu me reſolvo.... O decoro me embaraça. *á parte.*

Mach. Ora anda com iſſo.

Flor. A que hoje aqui..... A modeſtia me opprime. *á parte.*

Mach. E para logo?

Flor. Por premio de tanta fineza..... A muito me atrevo. *á parte.*

Mach. Ai, ai, ai.

Flor. Mas o pudor me deſalenta. *á parte.* Não ſei ſe alguem nos eſcuta.

Mach. Eu ſó, mas eu ſou hum ninguem. Ui Senhores, que quererá ella fazer ſó com elle?

Fel. Sós eſtamos, Senhora, proſegui. Oh quão feliz me conſidero! *á parte.*

Flor. Digo Sigiſmundo, que são taes as amaveis circunſtancias, que em vós deſcubro, que

que me reſolvo a que hoje aqui, por premio de tanta fineza, ſe declare o meu amante rendimento; e que ſuppoſto dizeis ſois mais do que eu imagino, eu o não quero examinar, porque ſó quero, ao querer-vos, levar na fineza os exceſſos de ignorar-vos. *Vai-ſe.*

Sahe Machavello.

Mach. Ora ſeja muito para bem meu Senhor.

Fel. Tão feliz amor me tem
Neſta gloria ſem igual,
Que ainda julgo tanto mal
Pouco preço a tanto bem.

Mach. Elle não eſtá em caſa, ou eſtá fóra de ſi de contente. *á parte.* Ah Senhor? A' outra porta. *á parte.*

Fel. Cançou-ſe a minha ſorte
De perſeguir-me;
Já deixa de affligir-me
O rigor forte:
Do adverſo fado,
Que o meu cuidado
Attenções mais que humanas
Já chega a merecer. *Vai-ſe.*

Mach. Pois adeos? Qual, não reſponde. Eſte he como o Ciſne, que ſe vai cantando; mas aquelle quando parte, canta como quem ſe deſpede; e eſte quando ſe aparta, canta por ſe-

ſe não deſpedir, pois não eſtava muí depreſſa; antes vai muito de re, mi, fa, ſol, por andar com paſſos de garganta. Já aquillo he outro cantar: elle eſtá favorecido, por iſſo ſubio tanto de ponto; ſó eu fiquei ao canto no concerto de amor, e he cantochão porque eſtou poſto por terra. Ai doces prendas por meu mal achadas! São tantas as de que ſe adorna Etcætera, que por infinitas, ao querer individuallas, he preciſo repetir muitas vezes Etcætera; porque ella he bonita, diſcreta, engraçada, airoſa, Etcætera. Ella canta.....

Sahe Etcætera.

Etc. Aqui eſtá quem canta.

Mach. Ella: mas aqui he ella.

Etc. Vá continuando.

Mach. Etcætera; pois fora hum nunca acabar o querer relatar quanto inclue Etcætera.

Etc. Pois então Etcætera; deixemos iſſo, que tudo o que ha mais que dizer ſe póde entender por Etcætera.

Mach. Quanto ha que bom ſeja, por ti ſe póde entender; ſó eu não poſſo alcançar, ſe alcançar mereço de ti algum favor.

Etc. Conforme correr comigo, aſſim alcançará de mim.

Mach. Eu, menina, eſtou tão alcançado, e tão corrido me acho diſſo meſmo, que nada alcançarei de amor, ſe não correr bem a fortuna.

Zapete ao baſtidor.

Zap. Oh deſgraçado de mim! cá eſtá o meu rival. O meu amor eſtá mui perigoſo, e eu entendo que acabará de eſtallo.

Mach. Parece que não goſtou de ſaber que eu eſtou alcançado. *á parte.*

Etc. Quero fingir que me deſagrado delle por pobre. *á parte.*

Mach. Não me reſpondes, meu bem?

Etc. Seu bem? Bem mal que tal ſeja: quem eſtá tão pobre como v. m. ha de ſer falto de bens.

Mach. Deſſa ſorte me reſpondes?

Etc. Que cabedal hei de eu fazer de quem não tem nenhum?

Zap. Por aqui não vai mal: pobre de mim ſe elle fora rico.

Mach. Oh ſe eu pudeſſe fazer verſos de improviſo, para aſſim conduzir agrados como meu Amo! mas eu cá não fui criado para iſſo, ainda que todos trovamos de repente. *á p.*

Etc. Va-ſe, va-ſe, que he hum pobrete.

Zap. Muito bem lhe vai fazendo a caridade.

Mach. Baſta que me não favoreces?

Etc. Irmão, perdoe pelo amor de Deos.

Mach. Se a favorecer começa
Quem por irmão me deſcobre,
Não me trates como pobre,
Aſſim Deos te favoreça.

Zap.

Zap. Ai que hei de ficar por portas, e elle ha de ficar entrado: porque fazendo-lhe verſos, ha de-lhe dar c'os pés na alma.

Mach. Minha vida, o meu não ter
Não te deixe hoje aſſuſtada,
Que ainda que não tenho nada,
Sempre tenho o que has de miſter.

Zap. O homem vence-a: moſtra-lhe as prendas? pois deu com ella por terra.

Etc. Ai que boas couſas tem! cada vez me agrada mais; mas ainda hei de fingir. *á parte.* Olhe, eſcuſado he cançar-ſe, que não me ha de render, ſendo pobre.

Zap. Se for, ſeja pelas coſtas.

Mach. Eu bem ſei que hum pobre não póde ter rendimentos; mas o pouco que tenho, eu farei com elle com que renda.

Etc. Eſſa he de que eu neceſſito para me ſuſtentar, que ralhos não fazem ſopas.

Zap. Eu hei de vencella, mas que lhe dê hum caldo.

Mach. Ora minha Etcætera, já que tu me deſprezas por pobre, eu te quero deſcobrir em ſegredo os meus haveres.

Zap. Se elle os deſcobre em ſegredo, deve tellos no Limoeiro.

Etc. Oh ſe tiveſſe tambem a circunſtancia de ter! *á parte.*

Mach. Pois has de ſaber, que eu não ſou tão

tão pobre que não seja Morgado, e não tenha muito boa fazenda.

Zap. Olhem com que se sahio agora.

Etc. Oh bem afortunada mulher! *á parte.* Com que tu és Morgado?

Zap. Ahi o admitte por seu legitimo marido.

Mach. Cabedal me deu a fortuna.

Etc. Oh se fosses antes gandaeiro! *á parte.* Vai-te, vai-te de diante de mim, que quando Morgado te inculcas, mais sem cabedal te mostras.

Zap. Quem tal disera! Pois cuidei que o recebia com ambas as máos.

Mach. Ha tormento mais estranho,
Nem martyrio mais agudo!
Pois por pobre perco tudo,
E por rico nada ganho!

Zap. Sim Senhor, nem tanto, nem tão pouco. Essa moça não gosta dos extremos, só gosta das medianías.

Mach. Pobre de quem não tem achado
Na riqueza prejuizo;
Porque não anda o juizo
Em cabeça de morgado.

Etc. Já não ha quem se resista aos combates de tanta galanteria. *á parte.* Ora sejas pobre, ou sejas rico, eu quero ser tua de toda a sorte; porque tendo-te a ti, sempre tenho muito de meu.

Zap. Ora fiai-vos lá em mulheres.
Mach. Que ventura! *á parte.*
Zap. Que desgraça!
Mach. Ella deu-me vida. *á parte.*
Zap. Ella matou-me.
Mach. Com que triunfei da desgraça?
Etc. Sim meu bem, e ganhaste a mão; porque eu hei de ser tua.
Zap. A trampa lhe saiba: levou-ma de codilho.
Mach. Com que ninguem fará vasa comtigo?
Etc. Eu hei de empatallas a todos.
Mach. Então quem poderá delempatar a mão?

Sahe Zapete.

Zap. Zapete.
Etc. Não vale nada em juizo de tres.
Zap. Tu serás a arrenegada.
Mach. He boa resposta essa.
Etc. Elle sempre perde por carta de mais, mas eu me descartarei delle. *Quer ir-se.*
Zap. Com que viras-me o ás de copas?
Mach. Ahi havias tu agora metter os bigodes a ver se a podias levar á boca. Mas deixando este jogo, querem vossês, pois nos achamos sós, e em quinta, que joguemos algum jogo de galhofa?
Zap. Eu não, que não estou agora para graças.
Etc. Pois que tens tu agora que te dê pena? dize, meu rico, meu bello, meu Senhor, já vou.
Zap. Se tu me deixas, ainda queres que tenha mais?

Mach.

Mach. Olhe o tollo, ſe ella te deixa, então tens tu menos.

Etc. Eu deixo-te? ai! não: eu hei de ſer a tua dor de ilharga.

Zap. Ora bem me parecia a mim, que ella não havia deixar de querer quererme.
á parte. Vamos a iſto, que eu eſtou por tudo.

Etc. Ora lá vai hum, em que o que perder ha de pagar a pena, que lhe impozerem.

Mach. e Zap. Vá embora.

Etc. Pois tomem ſentido. Eu hei de dizer a minha perlenga, e quando apontar para algum de voſſês, ha de reſponder depreſſa.

Mach. e Zap. Vamos adiante.

Canta Etcætera.

Dizia-me minha Avó
Que Cupido era menino;
Se o amor he pequenino,
Como he grande o meu amor!
Porém ſeja como for,
Arder, ſoffrer, merecer,
Viver, morrer, padecer,
Eu comtigo quero ſó.

Etc. Tu queres tambem? *para Mach.*

Mach. Sim quero, e aſſim não perco.

Etc. Perdeſte.

Zap. Ainda bem. *á parte.*

Mach. Como podia perder? Não diſſeſte tu, que havia reſponder depreſſa?

Etc. Sim.

Mach. Pois eu reſpondi com bem promptidão.

Etc. Reſpondeſte com promptidão, mas não reſpondeſte depreſſa.

Zap. Aquillo agora não entendo eu.

Etc. Eu não te dizia que reſpondeſſes apreſſado, mas que pronunciaſſes eſta meſma palavra: depreſſa.

Mach. Iſſo agora he outra couſa: pois então dou-me por cangado, vê o que queres que eu faça.

Zap. Vejão a malicia das mulheres! Para enganar os homens são peiores que os diabos.

Etc. Já que perdeo, pague-nos a pena em goſto. Ha de fingir huma contenda entre tres; hum eſtrangeiro, huma velha, e hum galego.

Zap. Boa condemnação, e facil de cumprir; porque quem come por quatro, melhor fallará por tres.

Mach. Iſſo he fallar: ora em boa eſtou mettido! Eu nunca ral fiz, mas vá, que huma vez he a primeira. Ora lá vai o que paſſou com hum eſtrangeiro, e hum galego, huma velha que vendia caſtanhas: chega o eſtrangeiro, e diz: O' Sinhori, quanti dar vudmece a mim de caſtanhi per hum ventem? Reſponde a velha. Tire lá os arenques, que fedem a fumo; que he o que quer? Mim querer tomari caſtanhi... Maria Caſtanha ſelo-ha elle, e mais a ſua alma: cuida que o não entendo.... Ora via, via ſinhori. Eis que chega o galego... Ah Senhora bendedeira, boſ-

boſſé oube, ou num oube?... Guarde lá, já lho dixerum: olhe o futre dos diachos... Vocimici eſtar muiti tollinhi... Linhas não tenho, ſe quijer quentes dar-lhos-hei... E a boſſé num oube? Cantas dá á moeda?... Ai Senhor vaſſe dahi imora: olhe o que me havia de vir! Tambem tu maroto? Num ſeja refauſtelada ca ſe num ſaverei correjela... Oh valhaco! Ora não eſtar tão infadada... Paſſa aqui futre, paſſa alli ratinho... Oh não fallar co as mãos ſinhori... Não nos meta os dedos pelos olhos, guarde para lá... Oube boſſe cantas dá por-ral, e meio? ... Queſme deixar agora? e voſſe tambem ... Eſtar muiti deſivergonhadi, tomar, tomar ... Ha maior pouca vergonha! porme as mãos na cara hum breado! Não ha quem me acuda? ... He munto vem feito... Toma atrevido, toma. Ha delRei! Ha delRei! num ha juſtiça!

Zap. Baſta, baſta; appello eu! que póde acudir gente, cuidando que he alguma couſa: ha tal gritaria!

Mach. Pois então já aqui não eſtá quem fallou.

Etc. Tudo fazes com graça; vá pois continuando o jogo.

Mach. Eu invento; ora eſcuta. Eu dou as mãos a Etcætera, vem tu dacolá correndo, e ſe paſſares por baixo, ganhas; e ſenão podéres paſſar, perdes.

Zap. Iſſo de darem voſſês as mãos, não me contenta, que entendo que ficarão com mão alçada para mim.

Mach.

Mahc. Ui! desconfias?

Etc. Isto he sómente brincar, que tomando ás mãos não he nada: agora se tu és desconfiado, não brinques.

Zap. Ora essa he boa historia! Eu estou gracejando; eu havia desconfiar em materias de zombarias? Não, nem que vossês fizessem o que fizessem: por graça quanto vossês quizerem, agora de veras, isso nem zombando.

Mach. Ora vamos a isto.

Dão as mãos Machavelo, e Etcætera.

Zap. Deixem-me lugar bastante.

Etc. Tu cabes em toda a parte, vem seguro.

Zap. Eu vou lá. Eu te rogo bom barqueiro, que me deixes tu passar.

Mach. Bom barqueiro se-lo-ha elle. Ora ande que isto não he graça.

Vai Zapete correndo, e não póde passar.

Zap. Ui! eu não posso passar adiante.

Etc. Ora vá outra vez, que todo esse partido te fazemos.

Zap. Vá. *Torna a fazer o mesmo.*

Mach. e Etc. Ainda não vai desta.

Zap. Senhores, lindo jogo! não se passa daqui.

Etc. He boa! porque não poderá elle passar?

Mach. Porque? tu não vez o que elle tem na cabeça?

Zap. Pois que tenho eu na cabeça? será alguma cou-

couſa, que voſſês me pozerão? Mas ai! que diacho he iſto?

Mach. Olhe o aſno! he o arame em que te ſuſtentas.

Zap. Ora vejão voſſês, tendo tanto em que me ſuſtente, ainda aſſim não poſſo paſſar.

Mach. Não nos metas iſſo a graça, que não has de paſſar aſſim: prepara-te para te ſentenciarem.

Zap. Ahi me dáo ſentença de morte.

Etc. Has-de-te fazer cabra cega, e aquelle a quem apanhares, ha de perder; átalhe tu hum lenço pelos olhos.

Zap. Sim, voſſês querem-me cegar para fazerem as ſuas poucas vergonhas: mas ainda que me vendão os olhos, não me háo de tapar a boca.

Etc. Aperta bem, olha não enxergue.

Mach. Oh vê lá não veja.

Zap. Ora ahi eſtou feito, ou Cupido com venda, ou mula com antolhos.

Mach. Notavel traça, meu bem, foi eſta para conſeguir hum amoroſo furto! dáme os teus braços.

Etc. Ai! eſtá quieto: olhe para iſto? ainda não he tempo.

Zap. Eu cuido que eſtou vendado, e eu eſtou vendido: Ai! cuſtou-me os olhos da cara o dizer iſto.

Mach. Ora daſme eſſe abraço?

Et. Ai! guarde lá; quando for tempo, então: quando me der a mão, então lhe darei os bra-

braços. Que quando isso for, vossê com huma mão, e eu com duas. Mas ai que ahi vem Cardenio, eu me vou depressa. *Vai-se.*

Mach. E eu por me não ver em pressas tambem me vou. *Vai se.*

Zap. O diabo da gente como está callada. Quem me déra apanhar algum.

Sahe Cardenio.

Card. Já não ha soffrimento para tolerar tão repetidos combates da fortuna. Invencivel se mostra Altea no seu desagrado. Eu darei morte á Princeza, e procurarei a de Felisardo, a quem desejo destruir, e não posso declarar, e estes estragos se me não servirem de remedio, me servirão de vingança.

Zap. Aqui sinto passos. Ai que o apanhei! Huma, duas, tres. *Pega em Cardenio.*

Card. Oh barbaro, insolente, que louco furor te incita a tal atrèvimento? *Dalhe.*

Zap. Não vai a dar: digo que não quero. Olhe que tambem lhe hei de afincar.

Card. Aparta-te atrevido, ou te abrazará o fogo que respiro.

Empurra-o, e cae-lhe o lenço.

Zap. Ai estripado de mim! isto parece cousa de encantamento. *á p.* Senhor, não Senhor, eu estava aqui, porque não estava; mas se acaso v. m. faz caso disso, eu farei....

mas

mas não farei couſa nenhuma; porque eu cá ..... mas eilo vai. *Vai-ſe.*

Card. Quem faria eſte louco daquella ſorte? Alguma das ſuas deſengraçadas galanterias devia ſer: mas ElRei vem. Senhor.

Sahe ElRei.

Rei Cardenio, a alteração do peito te conheço no ſemblante: que he o que te dá pena?

Card. O que a ti, Senhor, te póde dar o maior cuidado.

Rei. Não me dilates o ſabello; porque não ſeja o ſuſto parcial do tormento.

Card. Já ſabes, Senhor, que houve quem intentou darte morte, dirigindo o golpe ao peito da Princeza tua filha, para deſſa ſorte duplicar o eſtrago.

Rei. Já eſſe receio me tirou grande parte da vida.

Card. Pois ſabe, Senhor, que neſtes viſinhos boſques anda disfarçado, e occulto o traidor, que ſolicita tão barbara empreza. E agora venho de fazer a diligencia de buſcallo.

Rei. Já eu tenho noticia, que entre eſſas montanhas, veſtido de toſcas pelles, ſe vio eſſe que dizes, que eu de longe teſtemunhei, que com Hipolito contendia? Porém como o cuidado com que ſe buſcou, não teve effeito, e como Florisbela affirmou, que nenhuma offenſa delle recebêra, mais ſem ſuſto me deixou o peito.

Card.

Card. A Princeza minha Senhora, como tão discreta, ha de assegurar-te do receio para livrarte do cuidado, que eu mesmo vi, que aquelle traidor queria tirar-lhe os alentos, estando ella ao sono rendida; porém por mais diligencia, que puz em chegar, já Hipolito se tinha adiantado, ou por ser mais venturoso, ou por achar-se mais visinho: e quando eu em certo sitio o esperava, para lhe dar castigo, elle me frustrou os intentos, metendo-se por aquella horrivel gruta.

Rei. Ai de mim! Pois Cardenio a ti te encarrego o cuidado desta diligencia: tu serás a guarda mais segura da pessoa da Prineza. *Vai-se.*

Card. Fia, Senhor, do meu braço a sua defensa. Boa occasião tenho para conseguir os meus intentos: logre eu o que solicito, que depois não faltaráõ industrias para desculparme.

RECITADO.

O tyranno rigor da dura pena,
Que a táo feros pezares me condemna,
Faz que fluctue o coração violento
No tormentoso mar de meu tormento.
Navega táo perdido,
Que já se vê das ondas combatido,
Derrotado, infeliz, confuso, absorto,
Sem norte que seguir, sem achar porto.

ARIA

ARIA.

Noite eſcura, vento irado,
Alto mar, Ceo ſcintillante,
Dão ao triſte navegante
Medo, aſſombro, eſpanto, horror,
Aſſim pois meu triſte peito,
De mil ſuſtos combatido,
Se vê quaſi ſubmergido
De outros mares no rigor. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Mutação de arvoredo do principio com a gruta. Sahe Machavello.

Mach. TOdos vierão a gozar os recreios do campo por vontade, e eu por força ſaio tambem a dar hum verde ao goſto, para aſſim entreter, e ſuſtentar a minha eſperança: mas a contenda com que vejo encaminhar-ſe a eſte ſitio a Cardenio, e Altea, me faz não paſſar daqui com deſejo de ſaber o que com tanto empenho vem tratando. Elles vem chegando, e como ainda me não virão, quero fazer que durmo, por ver ſe acaſo o negocio he couſa, que me toque ou á meu Amo. Ora eu me eſtendo ao comprido, e ha de ſer aqui neſta pedra, que eu não faço ceremonia nem quando eſtou de comprimento. *Deita-ſe.*

Sa-

Sahem Cardenio, e Altea sem repararem.

Card. Has de ouvirme, bella ingrata, pois a solidão do sitio convida a queixas amantes.

Alt. Deixa-me, Cardenio, que em quanto na minha memoria estiver a tua offensa, nem quero conceder o meu ouvido ás tuas vozes.

Card. Oh não queiras, bella inimiga, que o verme desattendido de quem he o unico objecto de minhas finezas, seja occasião infallivel de hum desesperado precipicio.

Alt. Ainda que desejo usar deste pretexto para dissuadillo, temo os furores do seu genio. *á parte.*

Card. Nem me respondes, nem me escutas? Pois eu farei o ultimo sacrificio da minha vida aos teus olhos, dando na minha morte fim ás tuas tyrannias.

Alt. Que tens que dizer-me, falso? Para que he enganar-me, quando vi que o recato com que fallaste á Princeza, me deo claros finaes do teu engano? Pertende-a a ella, que he mais digno emprego da tua pessoa.

Card. Oh que enganada te tem essa imaginação quando eu sou o maior inimigo da sua vida, pois nella dura hum embaraço á minha fortuna! Mas não poderá este durar muito, porque sei quem determina dar-lhe morte. Disto a avizei, quando com recato me viste fallar lhe. Do seu damno lhe dei aviso por teu respeito, mas ao seu mal não darei remedio pela minha utilidade, pois já tu sabes quiz eu ser executor do golpe. *Alt.*

Alt. Que eſcuto! *á parte.* Pois tu havias ſer tão deshumano, que conſeguiſſes a minha peſſoa offendendo o meu ſangue?

Card. Foi tal o exceſſo do meu amor, que cegamente o intentei, bem que advertido o não conſegui. Preciſo he diſſimular o meu intento, e emendar o erro de lho ter já declarado no jardim. *á parte.*

Mach. Bonito! Com que eſte he o mata Princezas?

Alt. Em fim tu ſabes quem offendella determina?

Card. Eu o ſei, e quando ſucceda, tu não pódes faltar a quem és, negando-me a palavra, que já me déſte de ſer minha: e porque agora me não obrigues a declarar o ſujeito, que contra ella conſpira, pelos teus olhos te juro de não dizer mais, que he hum diſfarçado eſtrangeiro, que neſtas Regiões habita ſó a eſte fim.

Mach. Se hirá iſto dar em meu Amo? Nunca foi máo adormecer, pois aſſim ſei mais dormindo, que outros acordados.

Alt. Confuza eſtou! Se ſerá eſte o eſtrangeiro Sigiſmundo? *á parte.*

Card. Tão ſuſpenſa a deixou eſta declaração, como ſe a não tivera ſabido já da minha boca. *á parte.* Que me reſpondes?

Alt. Só te poſſo reſponder neſte caſo, que eu hei de ſer a vigilante ſentinella da vida da Princeza, e que quem a offender a ella o terei por meu maior inimigo. *Vai-ſe.*

Card.

Card. Tirado huma vez eſte impedimento da minha ventura, ou tu me cumprirás a palavra, ou eu me darei a mim meſmo a morte; e aſſim ou terei a maior dita que lograr, ou não terei a menor pena que ſentir.

Mach. Oh quem pudéra agora hir-ſe como hum paſſarinho. *á parte.*

Sahe o primeiro Soldado.

Card. Lidoro, já accuſava a tua tardança.

Sold. Senhor, como vi que com Altea eſtavas, quando aqui cheguei, eſcondido attendi quanto com ella paſſaſte, e juntamente vi, que por entre aquellas arvores vem a Princeza Florisbela, a quem determinas dar morte.

Mach. Ai meus peccados, o que aqui hirá ſe ella vem! Oh quem podéra voar com tantas penas! mas alguma induſtria me ha de valer. *Ronca.*

Card. Para aqui ſe encaminha, eu me reſolvo a não perder eſta occaſião. Mas que he o que eſcuto!

Sold. Notavel inadvertencia! Não viſte, Senhor, que aqui eſtava gente?

Card. Como tão cego da paixão cheguei a eſte ſitio, e fallando com Altea, não reparei em tal.

Sold. Elle entregue ſe acha a hum profundo ſono; porém agora não poderás lograr aqui o que deſejas; porque deſpertando, não ſeja huma teſtemunha do teu delicto. Aſſim deſejo embaraçar a ſua temeridade. *á parte.*

Mach.

Mach. Se eu dormindo embaraçar esta morte, posso andar dormindo pelo mundo. *á parte.*

Ronca.

Card. Ai de mim! Sou tão desgraçado, que até se me malogrão os intentos em que se arrisca a minha vida; que até a morte foge de hum infeliz. Desperta o tu, Lidoro, que não quero perder esta occasião.

Sold. Homem, deixa o sono, e acorda.

Mach. Qual! nem que cá viesse quem viesse.

Ronca.

Sold. Desperta: ah tal lethargo!

Mach. Ai, ai. *Abre a boca.*

Card. Que tal me succeda! Este he hum simples, que agora vive em Palacio, criado de hum estrangeiro, a quem ainda não vi. Menos mal receio. *á parte.*

Sold. Ainda não estás em ti?

Mach. Ora não quero, não quero, ora, ora.

Ronca.

Card. Homem, estás alienado? Cobra o acordo.

Mach. Ora isto vio-se, ou ouvio-se? He boa ociosidade vir acordar quem dorme!

Sold. Ainda dormes?

Mach. He boa! Se eu dormíra, não lho havia de dizer?

Sold. Acorda.

Mach. A corda? qual corda? Eu não vi cá nenhuma corda.

Card. Já me falta a paciencia: da-lhe, maltrata-o.

Mach. Máo.

Sold.

Sold. Levanta.te.

Mach. Não ſe canſem, que não hei de acordar, nem que cá vierão os ſete dormentes.

Card. A Princeza ſe aviſinha, eu me reſolvo em matallo.

Mach. Eu tomo outro acordo, que não quero aqui morrer como hum bruto. *á parte.*

Sold. Matallo, Senhor, ſerá fazer hum delicto accuſador de outro delicto.

Mach. Bom homem! acordado ſejas todos os dias da tua vida. *á parte.*

Sold. Já parece que deſperta.

Mach. Ai, ai. Ora ſalve Deos a voſſas mercês.

Card. Homem, levanta-te, e vaite deſte ſitio já, antes que a minha cólera te mate.

Mach. Ui, Senhor, eu me vou no meſmo inſtante, que me poděra hir ſem me ſentir, ſe v. m. me manda dormindo. Vou correndo a ver ſe poſſo encontrar Feliſardo para lhe dar aviſo de tão grande traição. *á p. e Vai-ſe.*

Sold. Com tal preſſa vai, que parece hum gamo pelo boſque.

Card. Vai, Lidoro, e junto á fonte de alabaſtro eſpera a noticia do ſucceſſo.

Sold. Já te obedeço. *Vai-ſe.*

Card. Eu me retiro, para lograr com o ſeu deſcuido melhor a minha determinação. *Vai ſe.*

Sahe Florisbella.

Flor. Divertida nos meus cuidados me emboſquei até chegar a eſte ſitio, e vim mais con-

du-

zida de meus amoroſos penſamentos, que guiada de acertados diſcurſos, pois ſendo eſte lugar aonde naſcêrão os perigos da minha vida, delle devia fugir, ſe não fora o meſmo em que tiverão principio os amantes enleios de meu coração; porque tenho quaſi infalliveis evidencias de que foi Sigiſmundo o meſmo que aqui começou a uſar comigo os encantos, que me trazem tão alheia do ſentido. Mas não ſei que ſobreſalto ſente o peito na ſolidão deſte boſque. Eu darei por eſta parte volta, para livrar-me do perigo, que o ſuſto me vaticina. Mas ai de mim triſte!

Querendo ir-ſe lhe ſahe Cardenio ao encontro com hum punhal.

Card. Detem os paſſos.
Flor. Valha-me a fuga.

Quer fugir pela outra parte, e ſahe-lhe Feliſardo ao encontro, com outro punhal na mão.

Fel. Suſpende os rigores.
Flor. Outro inimigo, fortuna! *á parte.*

Ficão os dous ſuſpenſos.

Card. Inanimada eſtatua me conſidero. *á parte.*
Fel. Tronco inſenſivel me julgo. *á parte.*
Flor. Tal eſtou, que não morrer do ſuſto, não he valor, he inſenſibilidade. *á parte.*

Card. Com a razão ſe perdeo o diſcurſo; não ſei em que me reſolva. *á parte.*

Fel. Do valor naſceo a cobardia: não ſei a que me determine. *á parte.*

Flor. Ai de mim! Como a pena que me embaraçou o ſentir me não privou do diſcorrer? Cardenio, que me aviſou do meu damno ſe faz author da minha ruina? Sigiſmundo, que me ſacrificou a vida, me intenta dar a morte? Não ſei a qual attribua a culpa, ſe em ambos acho igual a ſuſpenſão. *á parte.*

Card. Eu me reſolvo. *á parte.*

Fel. Eu me animo. *á parte.*

Flor. Rompa já hum o ſilencio, ou executem já ambos o golpe: ou acabe a duvida, ou tenha já fim a vida: morra conhecendo quem vive ignorando.

Card. Não tenho, formoſa Florisbela, mais que dizerte em minha defenſa, que eu fui o que te aviſei do preſente mal.

Fel. Não he neceſſario, galharda Princeza, para juſtificar-me, mais que lembrar-te, que eu fui quem ſe offereceo a defender-te.

Flor. Quando os meus olhos em ambos examinão offenſas, e os meus ouvidos de ambos os deſcargos, em qual ſe hoſpeda a lealdade?

Fel. e Card. No meu peito.

Flor. Oh como o meu deve recear, ſe ambos ſe conformão para o damno, como ambos ſe unirão para a deſculpa!

Card. Eu vendo de entre aquellas ramas, que eſſe eſtrangeiro vinha ameaçando ruinas a

teu

teu peito, ſahi apreſſado á tua defenſa.

Fel. Eu vendo ao dobrar aquellas rochas, que eſſe traidor vibrava raios de furor contra a tua vida, me apreſſei, valido deſte punhal, para livrar-te.

Crad. Tu meſma viſte ao voltar, que elle ameaçava a tua vida á traição.

Fel. Tu meſma examinaſte com os teus olhos, que elle determinava darte morte.

Flor. Quem ſe vio em igual confuzão!

Card. Eſte eſtrangeiro he o Principe Feliſardo esforçarei mais a minha affirmativa, para ve: ſe logro o meu intento, e o ſeu damno. *á p*r

Fel. Eſte he Cardenio, que dizem logra delRe: todo o valimento: procurarei occaſião de ti: rar-lhe a vida para aſſegurar a da Princeza. *á p.*-

Zapete ao baſtidor pela parte de fóra.

Zap. Aqui ſinto vozes; dar-ſe-ha caſo que... Mas que he o que vejo! a Princeza mettida entre duas facas a riſco de lhe darem algum couce! Senhores, que ſerá iſto?

Flor. Em fim tu és o leal? *a Card.*

Card. Tu ſabes, que eu ſó vim a defender-te.

Zap. Logo o outro he o traidor? Oh quem me dera ſer quadrilheiro, para lhe tomar as armas, e dar com elle no cagarrão: mas hirei logo dar parte a ElRei. *Vai-ſe.*

Etcætera ao baſlidor.

Etc. Aqui ouço fallar : ſerá por ventura ?. ! Mas ai que he iſto ! Dous punhaes nús diante de minha Ama ! He boa deſcompoſtura. iſto he grande caſo.

Flor. Com que tu me intentas defender ? *a Fel.*

Fel. Tu não ignoras , que em tua defenſa quero perder a vida , e já me offereço a dar o merecido caſtigo a eſſe traidor.

Etc. E tem razão , que Cardenio tem cara de poucos amigos , e elle tem huma cara de quem todos são amigos. Eu voume a chamar gente. *Vai-ſe.*

SONETO.

Flor. De dous féros impulſos combatido
(Ai infeliz !) meu peito deſgraçado
Ignora de qual vive ameaçado ,
Não ſabe de quem ſe acha defendido.
Inda faz o tormento mais creſcido ,
O ver (tanto horror embaraçado)
O odio com o amor equivocado ,
O favor com o aggravo confundido.
Nem beneficio , nem rigor preságo
Sigo , ou fujo : ſómente a bem não levo.
Que perca amor ſeu premio em meu eſtrago.
Ou bem , ou mal nem a eleger me atrevo ,
Que a fineza , ſe morro , não a pago ,
E ſe vivo , não ſei a quem a devo.

Card.

Card. Senhora, da minha lealdade não duvides; pois quando eu intentaſſe contra ti offenſas, não te avizára para que te acautelaſſes: mas pois me não cres, eu me retiro da tua viſta, e tu verás quando caſtigue traidores, que fica a tua vida ſegura, e conhecida a minha verdade. *Vai-ſe.*

Fel. Eſpera, não te auſentes. Mas pois vós, Senhora, manchais com eſcrupulos a pureza da minha fidelidade, eu me auſento dos voſſos olhos, para que vindo á voſſa noticia que dei morte a eſſe barbaro, que contra vós conſpira, conheçais que já neſte meſmo ſitio expuz a minha vida para defender a voſſa. *Quer ir-ſe.*

Flor. Eſpera, eſpera Sigiſmundo: e pois te detenho os paſſos, fiando de ti ſem mais companhia a minha peſſoa, já pódes conhecer quam pouco de ti receio. Cardenio he ſem duvida o que intenta ſer meu homicida, cujos motivos ignoro; e ſem duvida o ſeu aviſo foi cautela, para depois juſtificar a ſua cauſa. Ai de mim! ſe ſerá a conjuração feita com Hypolito, pois tantas ſuſpeitas tenho de que me offende, deſde hontem, que no Jardim me fallou? *á parte.*

SONETO.

Fel. Meu bem, do iniquo fado nos decretos
Não receies ſer alvo aos meus furores:
Tão excelſos divinos reſplandores
Só são em mim da adoração objectos.

Só

Se vês, que são de amor os meus projectos,
Em vão causa o meu peito os teus temores
Que mal seria archivo dos rigores,
Quem nasceo para centro dos affectos.
Oh não vivas de mim desconfiada;
Como deixará a estragos reduzida,
Vida, que só merece idolatrada?
Vinha a ser de mim mesmo hum homicida;
Porque estando ao meu peito vinculada,
Fora matar-me a mim, tirar-te a vida.

Sahe ElRei, e cantão os tres o seguinte

RECITADO.

Rei. O semblante alterado?
Que he isto amada filha? Oh duro fado!
E por mais sentimento,
Nesta mão hum mortifero instrumento!
Que intentas, Sigismundo?
Oh tormento immortal! rigor profundo!
Se matão os temores por preságos
Nada deixão os sustos aos estragos.
Flor. Heroico Pai .....
Fel. Magnifico Monarca .....
Flor. Aminha vida segue a dura Parca.
Fel. Omeu braço defende a sua vida.
Rei. Primeiro a minha se ha de ver perdida.
a Fel.
Rei. Entre tantos horrores.
Fel. Que tal consigo barbaros traidores.
Flor.

Flor. Mais ſinto que o meu dano a tua pena.
Rei. Quem te maltrata, á morte me condena.
Flor. Não ſintas.
Fel. Não receies a ruina.
Rei. Tema quem furias contra ti fulmina.
Fel. e Rei. Pois ha de ſer neſta temida offenſa.....
Rei. O meu braço caſtigo.
Fel. O meu defenſa.

TERCETO.

Flor. Que conſegue a infauſta eſtrella
Em tirar-me a triſte vida,
Se da pena combatida
Já não temo a meſma morte?
Rei. Por lograr na minha ſórte
O rigor mais exceſſivo,
Ameaça o fado eſquivo
Minha vida no teu peito.
Fel. Será eſcudo hum firme peito
Deſſa vida, ó Florisbella.
Flor. Oh fortuna.
Ambos. Oh injuſta eſtrella!
Todos. Ceſſe já tanto rigor!
Flor. Mas ſe a vida has de tirar-me,
Para menos maltratar-me
Mata-me de hum golpe ſó.
Rei. e Fel. Dura pena, porém vaite,
Que antes do que a morte a ti
Me ha de a mim matar a dor.

Sahe

Sahe Cardenio.

Card. Senhor, a buſcar-te venho com ancioſo cuidado, para te dar parte como eſſe eſtrangeiro intentou tirar a vida á Princeza minha Senhora, a tempo que a minha preſença lhe ſervio de embaraço; e como o reſpeito me embargou a acção de caſtigallo, ſeja a tua indignação executora da vingança.

Rei. Notavel pena! *á parte.*

Fel. Rei ſoberano, não ſinto tanto a falſidade com que ſe me imputa tão execrando delicto, como o attrivimento com que ſe profana a immunidade do teu reſpeito; porque em mim, ainda que ſe offenda a vida, não ſe macúla a innocencia; e em ti ainda que ſe não deſcubra a falſidade, ſempre ſe ultraja o decoro. Eſſe traidor, que me culpa, he quem merece o caſtigo.

Rei. Quem ſe vio em maior confuſão! *á parte.*

Flor. Todo o ſangue ſe gelou nas vêas. *á p.*

Rei. Todo o tempo que gaſto em diſcurſos, perco de vinganças. *á parte.*

Card. Elle he, Senhor, o traidor, não o deixes com vida.

Fel. Ha maior malevolencia! Que me embarace ElRei o tomar vingança de tão grande offenſa! *á parte.* Senhor caſtiga eſſe barbaro offenſor do teu Real ſangue.

Rei. Já parece que me falta a vida, pois me ſinto ſem acções, e ſem diſcurſos. *á parte.*

Sahe

Sahe por huma parte Zapete , e por outra Etcætera.

Etc. Para aqui dizem que veio ElRei.
Zap. ElRei diz que veio para aqui.
Etc. Sim , eilo cá eſtá ; eu hei de fallar.
Zap. Não me enganei ; eu hei de dizer.
Etc. Senhor.
Zap. Senhor.
Etc. Saiba Voſſa Mageſtade , que Cardenio he o traidor.
Zap. Saberá Voſſa Mageſtade , que he traidor Sigiſmundo.
Card. Ainda mais iſto , pezares ! *á parte*
Fel. Tormentos ainda mais iſto ! *á parte.*
Rei. Piedoſos Ceos , novos esforços cobra a minha confusão ! *á parte.*
Flor. Injuſtos fados , novos ſoccorros conſegue a minha deſgraça ! *á parte.*
Rei. E qual he o motivo com que affirmais eſta contradição ?
Etc. Eu meſmo ouvi dizer á Princeza minha Senhora , que Cardenio lhe queria tirar a vida.
Zap. Eu méſmiſſimo ouvi dizer a minha Senhora a Princeza , que Sigiſmundo a queria matar.
Rei. Que dizes tu , Florisbella !
Flor. Senhor , ambas as couſas me ouvirão dizer ; porque em ambos via ſinaes de traidores , ainda que em cada hum ouvi ſatisfações de leal.
Rei. Ah da minha guarda.

Sahem

Sahem os Soldados.

Sold. Que nos ordena Voſſa Mageſtade ?

Rei. Perplexo eſtou ! Não ſei qual hei de caſtigar , nem a qual hei de favorecer ; em ambos acho circunſtancias eſtimaveis , e ambos vejo calumniados juſtamente. *á parte.*

Flor. Iſto ha de ſer. *á parte.* Senhor , ſe hei dizer o que ſinto , Cardenio foi o primeiro , que contra mim vibrou as iras de hum agudo punhal. E ſuppoſto que ao fugir ao ameaço , vi a Sigiſmundo com ſemelhante acção , ſem duvida era em minha defenſa,pois chegando mais tarde a eſte ſitio , vinha dizendo : *Suſpende os rigores* , palavras que ſó ſe devião proferir , a quem offender-me queria.

Card. Senhor , adverte. . . . .

Rei. Não he eſſa prova baſtante para condemnar a Cardenio , e mais ſendo a ſua peſſoa em quem tenho conhecido por larga experiencia tanta lealdade , ſendo em tudo as ſuas maximas as mais ſeguras baſes da minha Monarquia. E para haver de caſtigar por indicios , mais ſe deve eſcrupulizar de hum disfarçado , e não conhecido eſtrangeiro , em cuja peſſoa ſe não deve conſiderar tanta lealdade , e tanto valor , que arriſcaſſe a ſua vida pela tua defenſa.

Fel. Senhor , repara. . . . .

Flor. Ai Sigiſmundo , e quanto receio mais a tua pena , que os meus damnos !

Etc. Deſta feita fica deſvalido o Senhor Cardenio. *á parte.*

Zap.

Zap. Desta assentada morre enforcado o Senhor Estrangeiro. *á parte.*

Card. Favoravel se me mostra ElRei, mas eu como culpado receio. *á parte.*

Fel. ElRei contra mim se declara: que farei para escapar do perigo, sem declarar a minha pessoa? *á parte.*

Rei. Resoluto estou no que hei de obrar. *á parte.* Cardenio, Sigismundo, hum de vós outros intentou com barbaro atrevimento derramar o meu sangue, executando o golpe na parte mais sensivel, pois o he da minha alma Florisbella minha filha. Em cada hum acho indicios para a pena ainda que em ambos razões para a desculpa. E assim para que descubra a innocencia, e se castigue a maldade, sejão distinctas prisões deposito das vossas pessoas.

Card. Já huma vez mettido no risco, quero seguir a corrente da fortuna. *á parte.*

Fel. Grande mal receio, se ás prisões me entrego: escapar determino a todo o risco. *á parte.*

Rei. Vós outros levai a differentes, e seguras prisões a Cardenio, e Sigismundo, de donde hum delles sahirá para o supplicio.

Flor. Ai infeliz, que em Sigismundo me tirão a vida, pois estando sem elle, fico sem alma! *á parte.*

Em quanto Cardenio diz o seguinte, se vai Felisardo chegando para a giuta.

Card. Senhor a todo o exame se offerece a minha pessoa,

peſſoa, eu me entrego voluntario ás prisões a que me condemnas, fiando que dellas me tirará a minha innocencia.

Fel. Eu, Soberano Monarca, como me acho ſem culpa, não me offereço ao exame, mas para o empenho de tirar em limpo a minha verdade, me retiro do teu rigor.

Entra pela boca da gruta.

Rei. Segui eſſe traidor, que já na ſua fugida declara a ſua culpa, como Cardenio na ſua ſujeição a ſua lealdade: mas ſuſpendei os paſſos, que pois elle meſmo ſe condenou, razão he que ſeja executiva a pena que merece. Parti logo augmentando o numero das guardas, e tapai a outra boca da gruta com bem argamaſſados materiaes, e o meſmo ſe faça a eſta, aſſiſtindo com vigilante cuidado em quanto ſe executa o que ordeno; negueſe-lhe a reſpiração e ſeja primeiro que morro, e ſepultado, e Cardenio goze da liberdade, pois no pouco receio ſe moſtra inculpavel.

Vão-ſe os Soldados.

Etc. Oh má grado tenha o diabo! Eu entendo que paga o juſto pelo peccador. *á parte.*

Zap. Ora couſas farão eſtrangeiros! Eſte, ſem ſer enforcado, tambem vio o ſeu enterro em vida. *á parte.*

Card. Bem me ſuccede. *á parte.* Senhor, aos teus pés renderei eternamente as graças, pois fias tanto da minha lealdade.

Flor. Oh caião os montes ſobre mim: que neſte conflicto ferá a minha morte amaior felicidade da minha vida. *á parte* *Rei.*

Rei. Dê-se logo á execução o que ordenei.

Vão sahindo algumas figuras.

Card. Só do teu grande talento poderá nascer tão acertada resolução.

Rei. Vamos, Florisbella, que já a tua vida está segura.

Flor. Hum penhasco arranco em cada planta que movo. *Vai-se ElRei, Card. e Flor.*

Etc. Ah Zapete, quanto melhor fora ficares tu fazendo penitencia dos teus peccados naquella cova, e que fosses entaipado, porque em ti nada se perdia: e não o pobre de Sigismundo, que nenhuma culpa tem.

Zap. Eu folgo muito que tal lhe succedesse, e só sinto que o Machavello não ficasse tambem ás boas noites aonde nunca lhe luzisse o buraco: mas espero que brevemente acompanhe a seu Amo; se não foi na cova, será na sepultura. *Vai-se Etc. e Zap-*

SCENA IV.

Mutação de muros de Jardim com figuras, e varanda e no fundo janellas de Jardim.

Sahe Hypolito.

Hyp. OH! quando se cansará a sorte de atormentar-me? Mas em mim fora felicidade, se assim como me tem sem alentos para a queixa, me deixára sem esforço para a vida. Eu tenho grande parte de culpa na pena que me affligе; pois vacilante entre dous af-

affectos, me não determinei a seguir o que mais favoravel me concedia a fortuna: mas já que em Florisbella reconheço desprezos, e em Altea se declarão ciumes, o norte de suas luzes quero seguir, por ver se amor nella me offerece seguro porto ás minhas tormentas. Na janella deste Jardim costuma ás vezes vir divertir-se: verei se logro a fortuna de vella.

Apparece Altea na janella.

Mas já vejo, que he ditoso oriente do mais brilhante Sol. Eu chego a fallar-lhe.

Alt. Hypolito he este. Ai amor, e se não fora o meu mesmo ouvido testemunha da sua falsidade, oh quanto melhor me estivera o seu engano, se nelle podesse existir a minha duvida! *á parte.*

Hyp. Galharda Altea, quem pela culpa de hum erro padece a pena da tua indignação, poderá ter algumas sombras de bem, ao menos nos longes de huma esperança? que com qualquer luz se contenta, o que vive tão desconfiado de remedio.

Alt. Como tem tanto de sua parte ao meu amor, não posso totalmente vingar-me da sua tyrannia, negando o meu ouvido á sua queixa. *á parte.* Que pertendes de mim, ingrato? Que offensa te fez a minha fé, para exercitares contra o meu peito os repetidos golpes dos teus novos enganos? Desenganada pela tua mesma boca da tua aleivosia que mais pretendes da minha paciencia? *Hyp.*

Hyp. Juſtificar-me da culpa, que mè impões.

Alt. Pois ainda com induſtrias intentas multiplicar confuſões, para accreſcentar mais horrores ao delicto, dizendo, que com a Princeza não fallaſte no Jardim, quando eu te vi para a parte donde ella eſtava, e mudando as duas de lugar, tu valido das ſombras chegaſte a fallar-me, cuidando ſer Florisbella, a quem fizeſte expreſsões da tua fineza?

Hyp. Eu confeſſo, Senhora, que com a Princeza tua irmã fallei, e que confuſo, e perturbado das ſombras, e de hum rumor que (Amor ajuda a deſculpar-me *á parte.*) cahindo tarde em que era ella a com quem fallava, quiz antes parecer atrevido com expreſſar-lhe finezas, que dar-lhe a entender o noſſo amor. (Oh que mal me deſculpo! *á parte.*) Pois cuidando que eras Florisbella, me não offereceo a turbação outras palavras, que dizer-lhe. Eſta he a verdade.

Alt. Oh que frivola deſculpa! Mas oh que grande razão tem da ſua parte no meu affecto para deſculpallo! *á parte.* Quando fora poſſivel ter eu certeza, de que he verdade o que me dizes, pudera admittir os teus rogos.

Hyp. Alviçaras amor, que já me favorece a fortuna! Mas paſſos ſinto por aquella parte, retirar-me quero. *á parte.*

Retira-ſe a hum lado.

Alt. Mas a Princeza ſe encaminha a eſte lugar, quero auſentar-me delle. *Vai-ſe.*

Sahe

Sahe Cardenio.

Card. Já tenho hum embaraço menos na vida do Principe Feliſardo. Oh dê-me a ſorte occaſião de conſeguir o que deſejo, dando a morte á Princeza.

Apparece Florisbella na janella.

Mas na janella do Jardim eſtá; eu chego a fallar-lhe, que deſejo aſſeguralla do que contra mim julga, para executar melhor os meus deſignios.

Flor. Não he piedade não que o mortal corte.
Do golpe horrivel minha vida guarde;
Antes creſce o rigor da dura morte,
Pois ſe faz mais cruel em vir mais tarde.
Venceo, roubou-me o bem a adverſa ſorte,
Mas em deixar-me a vida andou cobarde:
Oh não exalte do triunfo a gloria,
Se deſcobre a fraqueza na victoria.
Mata-me, ſem matar-me o ſentimento,
Para ſer muitas vezes homicida:
Oh pezar! porque dure no tormento
A meſma morte me dilata a vida,
Do deſmaio parece fórma alento
A memoria em tragedia repetida:
Mas ai, que deſta auſencia na impiedade
Imagino que he vida o que he ſaudade.

Card. Em fim, Senhota, ainda negais a fé á minha.

nha fidelidade? He poſſivel, que ainda manchais a minha innocencia com o voſſo eſcrupulo?

Flor. Ah cruel! ah tyranno! Ainda te atreves a ſer objecto dos meus olhos?

Hyp. Ah cruel! ah tyranna! Como me argúes de culpas, ſe aſſim com Cardenio me offendes! *á parte.*

Card. Aqui, Senhora, ſerei vigilante Argos da tua peſſoa, até perder a vida aos teus olhos, para que ſe conheça na minha morte a minha verdade.

Hyp. Ainda mais iſto, irada ſorte! Cardenio lhe tributa rendimentos, e ella lhe moſtra amantes enfados!

Flor. Traidor, vai-te da minha preſença; que mais dura morte me dá a tua viſta, que a que receio do teu braço. *Vai-ſe.*

Card. Irritada a tem a paixão: quero retirar-me, pois não poſſo convencer o ſeu bem fundo receio. *Vai-ſe.*

Altea á janella; chega Hypolito a fallar-lhe.

Hyp. Para que, enganoſa Hyena, me ſignificavas finezas, e me accumulas aggravos ſe tens a quem dês queixas mais affectuoſas, e por quem faças finezas mais verdadeiras? Proſegue o teu empenho, que o meu ſerá deſde hoje lançar-me nos braços da deſeſperação, para ver ſe ha morte para hum deſgraçado.

Canta Hypolito a ſeguinte

ARIA.

Não poſſo, não devo,
Tyranna deidade,
Es falſa, és féra,
Nem guardas lealdade,
Barbara já ſem fé
Te deixo cruel;
Se acaſo pretendes
Agora enganar-me
Dizendo ſou firme
Promette adorar-me;
Reſpondo; que direi? *Vai-ſe.*

Alt. Eſpera Hypolito, eſpera, que não entendo a tua queixa, nem ſei de que naſce a tua deſeſperação. Mas já ſe foi. Ai de mim! Que louca paixão o incita a tanto deſpenho? Quando me buſcava rendido, quando com extremos me intentava ſatisfazer, não ſei que novo furor lhe perturba o ſentido. Encanto me parece quanto amor em ambos executa; mas eu procurarei ſahir de tão eſcuro labyrintho. *Vai-ſe.*

SCE-

SCENA V.

Mutação de jardim, e á roda do escotilhão ramas de que esteja a boca cuberta. Sahe Machavello com huma trouxa, que mete pelo escotilhão.

Mach. OH que industrioso he o medo! Aqui venho tão carregado de trastes, como cheio de temores. Todo o Palacio está feito hum tormentoso mar, e eu receio muito hir-me ao fundo, porque não posso tomar pé em tanto golfo de penas: mas como a gala do nadar he guardar a roupa, eu quero agora fazer guarda-roupa de certa buraca, que aqui ha de haver. Trago aqui hum vestido desconhecido para me livrar de ser investido; trago isca, e talvez que alguem ma coma, e que no cabo me faça aquillo no anzol; trago mecha para ver se assim me livro das que se mettem nas feridas; trago hum cabo de vella para ma metterem na mão, se algum der cabo de mim; trago papel para assim fazer melhor o meu; porque queimando-o, hei de-me tingir de negro se não der a meu Amo ajuda, e sustento, e eu, e elle havemos de ter boa sahida. Ninguem me tem visto: felicidade foi. Mas donde terá a boca a senhora gruta, que deve ser tão pequena, que ninguem a vê? Mas cá está: vejão vossês porque eu a não via, he porque tem a barba mui crescida. Deito primeiro a tal trouxa. *Chega á gruta, e bota a trouxa.*

Lá vai eſta pirola, veja ſe a póde tragar, que eu nella lhe dou quanto trago.

Sahe Etcætera.

Etc. Quem me achou hum menino perdido, por quem eu me perdi de amores, dar-lhei de alviçaras a pena, que tenho de perdello, pois eſtão quaſi perdidas as eſperanças de achallo.

Mach. Se tu déras melhores alviçaras, eu to entregára: porém acho que he melhor eſtar perdido, que ter a pena por premio.

Etc. Ai meu rico Machavello! tu em Palacio?

Mach. Eu em Palacio? não cuides tal. Eu era aſno que eſtiveſſe em Palacio? não por certo: antes folgo de eſtar aqui no Jardim, aonde tenho minhas verduras, e lá não as hei de ter, porque anda tudo azul. Olá, tens ſentido muito a minha falta?

Etc. Eu não hei de dizer iſſo.

Mach. Porque?

Etc. Por não fallar nas faltas alheias.

Mach. Pois eu, ſe queres ſaber o que ſinto, eſcuta.

Neſta auſencia dilatada
Morto de pena me vi:
Ora eſcuta o que ſenti,
Ficarás embasbacada.
Senti, mas não ſenti nada:
(De o dizer não me reporto)
E terá o juizo abſorto

Quem

Quem de eu não ſentir ſe admira:
Olha a tolla, ſe eu ſentira,
Então não eſtaria eu morto.

Etc. Ora ouve-me a mim.

Deſta auſencia no tormento
Forão minhas penas tais,
Que te foſtes e nunca mais
Me vieſte ao penſamento.
Com eſte encarecimento
Bem ufano ficarias;
Eu não ſei que mais querias
De minhas firmezas raras;
Porque ſe tu me lembraras
He certo que me eſquecias.

Sahe Florisbella.

Flor. Machavello, Machavello, como te não auſentas deſte Palacio? Queres ſeguir a infelicidade de Sigiſmundo? Ai tyrannas memorias! ai infelices amores! aquellas vivas para matar-me com a paſſada gloria, e eſtes ſem vida para immortalizar-me na preſente pena.

á parte.

Mach. Senhora, não te laſtimes com tanto exceſſo, que não he o caſo para tanto.

Flor. Que loucura!

Mach. Ora não he tão loucura como iſſo; porque, Sigiſmundo tem alguma perna quebrada?

Etc. Não he peior eſtar ſepultado?

Mach. Pois ſou tão fiel criado, que brevemente me eſpero ver na ſua companhia.

Flor.

Flor. Vai-te, que és hum ſimples.

Mach. Eu te prometto, que eu deſappareça da tua viſta brevemente, e iſſo ha de ſer já. Mas ai que eſtou perdido! ahi vem o excommungado de Cardenio: eu fiz mal em me deter.

Sahe Cardenio.

Card. Ainda, Senhora, vos fiais de traidores? Eſte não he criado daquelle barbaro eſtrangeiro, e talvez companheiro nas ſuas atrocidades?

Mach. He preciſo fingir-me bebado, que já o ſer tollo he pouco. *á parte.*

Etc. Ai coitadinha de mim, que deſta fico viuva antes de cazada! *á parte.*

Card. Com que intento ouſas apparecer neſte Palacio? Queres ſer tambem eſcramento de ſacrilegos?

Mach. Quero ſer huma balla, que o atraveſſe: voſſê ſabe com quem falla? ha maior pouca vergonha! eſcremento de tiſicos a mim!

Card. A voſſa ſoberana preſença me embaraça o dar-lhe morte.

Flor. Que amigo ſois de matar!

Mach. Pois ſe o amigo he amigo de matar, va-ſe eſpulgar ao Sol, que não lhe faltará ſangue que derramar, que elle he tal, que nem a huma pulga perdoará com ſer ſeu ſangue.

Etc. Elle ſe eſtá fingindo bebado; queira Deos que lhe ſaia bem a machavelhice,

Card. Vai-te barbaro.

Mach. Barbeiro ſelo-ha ſua mercê, e perdoe a minha confiança. *Card.*

Card. Que soffra a minha cólera esta indecencia?
Flor. Industrioso he o que entendi simples.
á parte.
Card. Vai-te, vai-te, que não he pouco escapares com vida das minhas mãos.
Mach. Que me vá? boa graça! Porque, eu sou descortez, que faça isso diante de gente? nunca me fui em minha vida. Que me vá? cá para traz: se vossês souberão quem eu sou, não me havião de tratar assim. A mim ninguem me manda cousa nenhuma. Porque, vossê he que manda? Só o Senhor meu Amo tem esse poder.
Etc. Tinha que já não tem.
Mach. Meu Amo tinha? Tinhosa será vossê: Meu Amo, que he tão limpo da carepa, que póde ser asseado na cabeça de hum tinhoso. Meu Amo, que he hum Principe tamanho como não sei que diga.
Card. Elle sem duvida declara a Felisardo, e he preciso embargar-lhe as mal concertadas vozes.
Mach. Meu Amo....
Etc. Que Deos tem.
Mach. Assim te leve o diabo. Ora veja vossa paternidade se póde haver maior desaforo, chamando morto a meu Amo! E eu o farei resuscitar brevemente, se o senhor matador mór do Reino, o Senhor Cardenio da Mata der licença.
Card. Atrevido, não te ha de valer o estares tão alienado com os fumos de Baco.
Mach. Tabaco! isso he quererme cheger aos narizes? *Flor.*

Flor. Detem os paſſos, injuſto, que aos meus olhos não permitto deſacatos.

Etc. He boa! não vê como eſtá o pobre homem! Elle ſabe o que diz?

Flor. Vai-te, Cardenio, de minha preſença.

Card. Eu me vou corrido, mas eu me verei vingado. *Vai-ſe.*

Mach. De boa eſcapei: agora tomára encovar-me. *á parte.*

Flor. Etcætera?

Etc. Que mandas?

Flor. Leva-o tu ao teu apoſento, e dahi pela janella, que cahe ao campo, lhe dá paſſagem porque o não prendão.

Põem-ſe Machavelo junto do eſcotilhão.

Mach. Agora que eſtão divertidas me chafurdo; a fortuna me tire com bem. *Mette-ſe pelo eſcotilhão.*

Etc. Vou Senhora a obedecer-te.

Flor. Vai-te, Machavelo, e.... Mas que he o que vejo!

Etc. Vem comigo..... Mas que he o que não vejo!

Flor. A terra ſem duvida o tragou.

Etc. Sem duvida ſe foi pelos ares.

Flor. Eſtranho ſucceſſo!

Etc. Caſo raro! Ai Senhores, ſe o levaria o diabo, ſó porque eu o não levaſſe?

Sahe ElRei, e dous Soldados.

Rei. Prendei eſte traidor, que ainda intenta aſſuſ-

tar

tarme como ſombra de hum tyranno. Mas aonde.....

Sold. Em quem, Senhor, havemos de dar á execução as tuas ordens?

Rei. Florisbela?

Flor. Pai, e Senhor?

Rei. Aonde ſe occulta eſte atrevido criado de Sigiſmundo?

Flor. Enganos são de Cardenio, e quiméras, que finge a ſua louca fantaſia; ſe não he querer com falſidades novas ultrajar o teu reſpeito.

Rei. Examinai, não ſó todo o jadim, mas não ſe reſerve em Palacio nada ao voſſo exame. *Vão-ſe os Soldados.*

Quem ſe vio em mais raras confuſões? ſonho me parece quanto por mim paſſa. *á parte.* Filha Florisbela, já o meu eſpirito ſe afflige, e cança de padecer os golpes da fortuna; as confuſões creſcem, e os alentos faltão, a voſſa vida eſtá ameaçada de occulta violencia. Eu quero, dando-vos conſorte, eximir-vos do perigo, e livrar-me do cuidado. O Principe de Dinamarca he tão capaz de ſer preferido, que não ſó ſerá o mais forte eſcudo da voſſa vida, mas o mais infallivel ſeguro deſta Monarquia. Eu tenho inſpirações, que me facilitão eſte empenho. Bem ſei que por noticia de algumas leves traveſſuras, lhe não vive inclinado o voſſo affecto; porém como conheço que haveis de ſeguir o meu goſto, eſpero que vençais a voſſa repugnancia. Diſponde-vos a obedecerme, que eu vou a diſpôr com toda a brevi-

da

dade, não ſó os ſeguros da voſſa vida, mas as conveniencias da minha Corôa. *Vai-ſe.*

Flor. Ha maior infelicidade! ſobre huma deſgraça huma violencia! Oh que bem receava o meu coração o effeito infeliz deſte conjecturado conſorcio! Mas de que me queixo, ſe he tal a pena que me afflige, que ſerá a minha morte embaraço aos ſeus deſignios?

Etc. Pois a Princeza eſtá entregue aos ſeus ſentimentos, quero hir ver ſe acho quem me roubou os meus ſentidos, que eſtou tão deſeſperada de ver que deſapareceo da viſta dos meus olhos, que ſe me não fizera mal, havia de me enforcar de pena. *Vai-ſe.*

Flor. Que acho nos fados injuſtos!
Suſtos.
Que achei de amor nos encantos!
Eſpantos.
Que acharei em ſeus ardores?
Horrores.

Sem duvida o Deos de amores,
Quer no mal eternizar-me,
Pois não baſtão a matar-me.

Flor. e Fel. Suſtos, Eſpantos, Horrores.

Flor. Que dáo eternas diſtancias?
Ancias.
Que ha de dar o pranto em mares?
Pezares.

Que

Que derão tantos portentos?
Tormentos.
Oh que duros ſentimentos
Me motiva o ver oppoſtos
A allivios, pezares, goſtos.

Flor. e Fel. Ancias, Pezares, Tormentos.

Flor. Mas parece que compadecidos de minhas duras penas ſe abrandão os rudos troncos, e os inſenſiveis marmores deſte Jardim, acompanhando ſuaves os écos de minhas queixas. Eu morro de ſaudades. Ai amado Sigiſmundo! Aonde eſtás, vida minha?

Sahe pela gruta Feliſardo cantando a ſeguinte

ARIA.

Aqui eſtá, prenda querida,
Huma vida,
Que de amor recebe alentos,
Para ſoffrer entre ardores
Suſtos, eſpantos, horrores
Ancias, pezares, tormentos.
Não te aſſuſte a infauſta eſtrella,
Florisbela,
Por me veres ao teu lado;
Que o que viſtes ſepultado,
Se eſtá morto, he de amores.

Flor. Amor que encantos são eſtes? *á parte.* Sigiſmundo, como são eſtes pordigios? dize, porque ao ver-te, não tire o aſſombro alguma parte á gloria. *Chega Feliſardo a Florisbela.*

Sa-

Sahe Zapete ao baſtidor.

Fel. Maravilhas são de amor, e impulſos da minha fineza, o querer por fim de tantas infelicidades fazer aos teus olhos venturoſa a minha ruina.

Zap. Olá, olá, renuncio o pacto: valhão-me trezentos e ſeſſenta e ſeis abrenucios. Eſte homem he feiticeiro de todos os quatro coſtados: cuidei que a eſtas horas eſtiveſſe chuchado das carochas, e eſtá ainda capaz de lhe pôrem huma na cabeça. Mas eu voù dar parte deſte caſo. *Vai-ſe.*

Flor. Pois, meu bem, retira-te pelo meu amor a eſſe occulto, e eſcondido depoſito da tua vida, que eu cuidarei de livralla de todo o perigo: vai-te antes que alguem te veja.

Zap. Vem, Senhor, ao Jardim, verás ſe he cerro o que digo. *Dentro.*

Rei. Já he forçoſo retirar-me, e obedecer-te. *Mette ſe pela gruta.*

Sahe Zapete.

Zap. Olha para elle; mas que he delle? Ai eu aqui ouvi, mas eu nunca tal vi.

Hyp. Aqui, Senhora..... mas he loucura imaginallo.

Flor. Que dizes, Hypolito?

Zap. Não diz nada; mas como quem não diz nada, vinha a ver o Poeta que eu ainda agora vi neſte Jardim.

Flor. Que Poeta?

Zap. O Muſico.

Flor.

Flor. Que Muſico, louco?

Zap. Ai! o Eſtrangeiro.

Hyp. Senhora, affirmou com tantas véras, que aqui vio a Sigiſmundo eſtar fallando comtigo, que me obrigou a vir fazer eſte exame.

Zap. Eu não digo que ſeria elle, mas era o diabo por elle, que ainda que tinha muitas couſas boas, eu ſempre entendi que era couſa má.

Flor. Pois todos não o virão ſepultar na eſcura eſtancia daquella horrivel gruta?

Hyp. Couſas são deſte ignorante.

Zap. Couſas minhas? Não he ſenão a alma do eſtrangeiro, que anda barregando por eſte Jardim.

Flor. Fortuna, ajuda os meus intentos. *Vai-ſe.*

Hyp. Amor, favorece os meus cuidados. *Vai-ſe.*

Zap. Aprelá! eu cá ſó no Jardim? Ai que me pegão! ai que me agarrão! Valha-me toda a a folhinha, com luas, quartos, e tudo. *Vai-ſe.*

Sahe Etcætera.

Etc. Que gritaria he eſta cá no Jardim? Anda por Palacio huma voz, que ſe vio aqui a Sigiſmundo: mas mal peccado! O outro eſtá feito bicho de toca, e eſtará já comido de bichos na buraca. Agora o meu Machavelo hè que deve eſtar aqui convertido em tronco, ou transformado em pedra; ou elle eſtá feito já hum cepo ao pé de alguma arvore, ou carranca em cima de algum chafariz. Ora não jogues comigo as eſcondidas; e ſe tu me negas

a falla em algum tronco, permittá Deos que ahi te façáo em achas; e ſe me fazes carranca em alguma fonte, queira Deos, que ahi te dem dores de pedra.

Sahe Mochavelo de negro.

Mach. Não poſſo deixar de ſahir a taes conjuros.

Etc. Ai appello eu! que he iſto?

Mach. Oh mias menina, quere vozo cagar as boca? que mim sé huns pletinho honraro, e nenhuns mar vos vem fazé.

Etc. Ai guarde para lá, olhe que griro: Ai que medo!

Mach. Tão feio ſar os pai Flancico, que mete medo a vozo? aqui sá huns rendido amadoro, e o ſer deſſe cor, he que sá chamuſcaro dos fogo de amoro: em mim tem vozo huns cativo, huns eſclavo, que morre por eſſes oio tão ſlemozo.

Etc. Paſſa fóra, já te cheira?

Mach. Aos cheiro deſſas coizia tão bonita ando ſemple ao rabo de vozo.

Etc. Olhe o cachorro.

Mach. Mim ſar tua canzarrão.

Etc. Oſſo cão.

Mach. Mim não quer roer oſſo ſem plimero comer os carne.

Etc. Eu me vou, e te deixo como hum preto.

Canta Machavelo a ſeguinte

ARIA.

Menina tão flemoza,
Que mai non pori sé,
Mim ſar o pai Flancico,
Que a vozo quere bam.
Por iſſo ſuas feſſa
Vos vem aqui fazé....
Ai le le le, gurguiá gurguié,
Gibalé, cambu:
Gibelé, ſahi,
Ai le le le
Gurguiá, gurguié.

Sahe Cardenio por huma porta, e Altea por outra.

Alt. Aqui dizem que virão a Sigiſmundo.
Card. Aqui dizem que virão a Feliſardo.
Alt. Mas quem aqui.....
Card. Mas que vejo! Quem podia aqui trazer eſte negro eſtando as guardas avizadas de que a ningnem deixaſſem entrar.
Mach. Se eu deſta eſcapo, tenho muito que contar. *á parte.*
Alt. Dize tu, Etcætera, como veio aqui eſte homem?
Etc. Eu, Senhora, ſe não foi por arte do demonio, não ſei como elle aqui vieſſe; porque de improvizo me appareceo como couſa do outro mundo. Eu não ſei; aqui diz que appa-

apparecem defuntos, e eu eſtou com muito medo deſte canzarrão; porque o diabo he negro. *Vai-ſe.*

Alt. Raras couſas ſuccedem neſte Palacio.

Card. Homem, dize como entraſte aqui, ſe não ſerás caſtigado eſperamente.

Mach. Eu ſioro ſar hum trombetero, que ando fazendo feſſa por eſſa terra e angola vinhe eu, e como os ſioro, que he ſioro de huns pleto, que toca os churumera, e os churumera dos pleto, ſabia tocar os ſioro dos pleto, que sá churumelero, vai o ſiora muiere dos ſioro, que sá ſioro dos pleto dos churumera, e....

Card. Devagar homem, explica-te melhor, que te confundes.

Alt. O medo o perturba.

Mach. Inda que mim sá pleto, eu quero falaro craro. Tomo vozo tento. Eu ſioro sá pleto de huns ſiora, que caſou com meus ſioro, e quando mia ſiora caſou, era mé ſioro ſoltero; vai ſioro, que faze mé ſioro toma hum churumera, e dá huns trombeta a outro pleto que era pleto de hum ſioro, que tinha huns pleto trombetero, e que faze os pleto, toma.....

Card. Já ſe acabou a paciencia: mas ſeja o que for, como aqui ſe acha Altea não quero perder a occaſião de fallar-lhe. *á parte.* Lidoro? *Sahe hum Soldado.* Leva a eſſe preto, e no meu quarto o fecha em huma caſa, cuja janella cahe para eſte Jardim. *Mach.*

Mach. Não vai máo isto; o que eu quero he ficar em Palacio, que depois tudo fica em casa. *Vai-se Mach. e o Sold.*

Alt. Oh quanto sinto este encontro!

Card. Ainda, cruel Altea, dura no teu peito a tyrannia? ainda estás de animo de faltar á palavra promettida?

Alt. E de retirar-me da tua presença.

Card. Até esse favor queres negar aos meus olhos?

Alt. Cardenio, eu tenho quasi averiguada a tua tyrannia, e nella consiste o negar-te licitamente a palavra offerecida.

Card. Como, tyranna? Como, ingrata? que he o que dizes?

Alt. Não te disse eu, que só quando tu offendesses a minha vida, me desobrigaria eu da palavra que dei?

Card. Sim, mas mal póde offender-te quem te adora.

Alt. Em eu averiguando que intentaste tirar a vida á Princeza minha irmã, absoluta estou da tua amorosa instancia; porque a minha vida offende quem o meu sangue derrama.

Vai se.

Card. Espera, tyranna.

Sahe El Rei.

Rei. Quem he a tyranna, que de ti foge? Detem-te, espera.

Card. Sorte inimiga, isto mais? *á parte.* Senhor.

Rei. Dize, de quem te queixas?

Card. Huma criada, Senhor, que aqui atrevidamente me reſpondeo, talvez deſprezando a minha peſſoa, porque a Princeza minha Senhora deu motivo ao ſeu atrevimento, calumniando-me de traidor.

Rei. Não ſei que conceito faça de Cardenio em tanta contrariedade! Mas ceſſe por agora a duvida. *á parte.* Não te offendas, Cardenio, deſſe falſo conceito, quando tens da tua parte o meu favor. Saberás como tenho determinado dar eſtado a Florisbella, dando-lhe por eſpoſo ao Principe de Dinamarca, para o que ſó me falta a tua approvação.

Card. Nada perco em approvar o ſeu intento, quando pela morte de Feliſardo, fica impoſſivel o logro dos ſeus deſignios. *á parte.* Acertada me parece, Senhor, a tua reſolução, pois na união deſtes dous Imperios, ſe fará invencivel o teu poder.

Sahe Florisbella.

Flor. Aqui me conduz o meu cuidado.....
Mas aqui eſtá ElRei.

Rei. Filha, o meu deſejo moveo os teus paſſos. Eſtá já o teu animo diſpoſto a agradar-me, recebendo por eſpoſo ao Principe de Dinamarca?

Flor. Não és tu, Senhor, o que tantos exceſſos tens feito por conſervar a minha vida, que mil vezes ſe vio accommettida da rigoroſa Parca? Não és tu o que com tanto cuidado pertendias defendella de quem traidor a ameaçava?

Rei

Rei. E eu sou o mesmo, que exporei a minha por defender a tua.

Flor. Pois, Senhor, a minha obediencia está prompta, mas a minha vida não está segura.

Rei. Como?

Flor. Eu darei a mão de esposa a Felisardo, mas tu darás o meu corpo á sepultura: obedecerei ao teu preceito, mas sendo o consorcio contra a minha inclinação, se da obediencia vivo a cabarei da violencia.

Rei. Oh quanto tem o amor de enternecido! Parece que o coração quer sahir pelos olhos a dar-lhe favor. *á parte.* Florisbella, filha, não permitta a fortuna, que te condemne a martyrios quem só te deseja conseguir descanços. Não seja teu esposo Felisardo, pois he contra a tua inclinação; mas hoje te darei digno consorte, com o qual espero não tenhas queixa da ventura.

Flor. Que intentará ElRei? *á parte.*

Card. Não alcanço o seu pensamento. *á parte*

Sahe Hypolito.

Hyp. Senhor, agora me affirmárão ter visto a Machavello, esse criado do estrangeiro, a quem condemnaste á morte, e dizem que está no quarto de Cardenio escondido.

Card. Que novo azar he este, fortuna! *á p.* Não he possivel, que no meu quarto se ache esse de quem sou o maior inimigo, por ser criado de quem intentou offender a Princeza minha Senhora.

Rei. Já creſce a minha confuzão, e eſcrupulizo de Cardenio. *á parte.*

Flor. Bem ſei, Cardenio, quanto te devo. Ah cruel! *á parte.*

Card. Se o criado publíca a Feliſardo, ſerá preciſo eſcrupuliſarem da minha verdade; e aſſim melhor ſerá que eu o communique a ElRei em ſegredo. *á parte.*

Rei. Tratemos agora do que mais importa, depois ſe examinará o que diz Hypolito. Filha, como tenho percebido que de inveja naſcem os perigos da tua vida, quero com toda a brevidade aſſegurar na tua cabeça a minha Corôa; e aſſim me determino a que admittas por teú eſpoſo a teu primo Hypolito.

Sahe Altea.

Alt. Ai de mim! Se he verdade o que eſcuto? *á parte.*

Flor. Ha maior conflicto, amor! *á parte.*

Hyp. Ha mais raro ſucceſſo, fortuna! *á parte.*

Card. Senhor, ouça-me Voſſa Mageſtade em ſegredo.

Rei. Dize, Cardenio.

Card. O Eſtrangeiro, a quem mandaſte dar morte, he, Senhor, o Principe Feliſardo, a quem conheci, por ter eſtado em Dinamarca algum tempo, no diſcurſo do qual o vi muitas vezes.

Rei. Ha maior infelicidade! Que dizes? Já acabou o ſeu engano de confirmar as minhas ſuſpeitas. *á parte.*

Card.

Card. Parece que o ſentio. *á parte* Eu vendo que elle intentava contra ti offenſas, conſenti na ſua morte, a qual dando tambem ao ſeu criado, ficará ignorada no mundo a ſua deſgraça, ficando ſó em o noſſo ſegredo a ſua traição.

Rei. Não ficará ſem caſtigo a tua maldade. *á p.*

Flor. Que myſterios ſerão eſtes? *á parte.*

Hyp. Em que parará eſta confuzão? *á parte.*

Alt. Que fim terão as minhas finezas? *á parte.*

Rei. Grave pena! *á parte.* Florisbella, cada vez ſe te faz mais preciſo admittir logo por eſpoſo a Hypolito.

Alt. Pouco me falta para perder a vida. *á p.*

Hyp. Reſoluto eſtou em fazer por Altea a maior fineza. *á parte.*

Card. Em huma ſó palavra conſiſte a minha deſgraça. *á parte.*

Rei. Que eſperas? Dá pois a Hypolito a mão de eſpoſa.

Sahe Feliſardo apreſſado pela gruta.

Fel. Antes quero, Senhor, perder a vida ás mãos do teu rigor, que aos impulſos da minha deſgraça. Aos teus reaes pés.....

Rei. Ha mais nunca viſto acaſo da ventura! Não ſei como me não matou a ſubita alegria que me cauſou eſte ſucceſſo. *á parte.* Como são eſtes prodigios, Sigiſmundo?

Fel. De tudo, Senhor, te darei depois parte.

Card. Que he o que vejo! Como não me traga a terra em tanta pena! *á parte.*

Alt.

Alt. Raro assombro! *á parte.*

Flor. Dando primeiro atenção ao teu respeito, que lugar á minha admiração, digo, Senhor, que não posso admittir por esposo a Hypolito; porque como sei que a outro objecto dedica os seus affectos, não quero que nelle seja violencia, o que devia ser vontade.

Falla El Rei a Cardenio em segredo.

Rei. Com que affirmas ser este o Princepe Dinamarquez? *á parte.*

Card. A minha vida te offereço por fiadora dessa verdade. *á parte.*

Rei. Eu aceito a fiança. *á parte.* Pois Florisbella, ou has de admittir ao Principe proposto, ou aqui has de ficar casada com este humilde Estrangeiro.

Fel. Que he o que escuto, fortuna! Ou he afflicção do meu dezejo, ou ludibrio da minha pessoa. *á parte.*

Flor. Amor, que he o que ouço! Ou isto he examinar o meu animo, ou exaltar a minha ventura. *á parte.*

Alt. Pois, Senhor, como com tão desigual sujeito intentas.....

Rei. Filha, basta, que o meu gosto he lei.

Hyp. Ainda que verdade, Senhor, que eu a outra imagem venero, sempre sinto, que a distancia, que vai da humildade desse Estrangeiro á soberanidade.....

Rei. Sobrinho, cessa, que ignoras os mysterios, que inclue essa differença.

Card.

Card. Ai quanto mal receio neſte horrivel conflicto em que me vejo! *á parte.*

Flor. Amor, eu me aventuro. *á parte.* Pois Senhor, por não admittir ao Principe de Dinamarca, antes quero dar a mão de eſpoſa a eſte Eſtrangeiro não conhecido.

Vai a dar-lhe a mão.

Fel. Eſperai, Senhora, que não poſſo admittir tão alta ventura.

Flor. Ha maior deſar! *á parte.*

Alt. Tudo he aſſombro quanto admiro. *á part.*

Rei Que intentas com eſſa repugnancia?

Fel. Não violentar a vontade da Princeza tua filha; pois ſe ella por não admittir ao Principe de Dinamarca, quer fazer feliz a hum humilde ſujeito, já eu não poſſo ſer conſorte ſeu.

Flor. Porque?

Fel. Porque eu ſou Feliſardo.

Flor. Eſte he o maior encanto de amor: pois faz que receba goſtoſa aquelle meſmo a quem a vontade vivia repugnante. Já admitto ao Principe Feliſardo; eſta he a minha mão.

Dão a s mãos.

Fel. Na minha tenho agora todo o poder da fortuna.

Rei. Que alegria!

Card. Que deſeſperado furor! *á parte.*

Hyp. Permitte, Senhor, que acompanhe a ſua felicidade com a de ſer eſpoſo de Altea.

Alt. Já ſatisfeita eſtou da ſua fineza: alviçaras alma. *á parte.*

Rei. Goſtoſo o concedo.

Alt.

Alt. E eu mais goſtoſa o admitto.

Dão as mãos.

Card. Deu fim a minha vida. Oh, abraze hum raio o meu coração! Deſeſperado me vou a buſcar o ultimo precipicio. *Vai-ſe.*

Rei. Olá, detenhão a Cardenio, que já me são manifeſtas as ſuas traiçõeſ.

Sahem Zapete, e Etcætera.

Zap. Qual detenhão a Cardenio! Eſcuſado he, porque como louco furioſo vai por eſſes campos correndo, que nem hum cavallo ſolto.

Etc. Parece que leva o diabo no corpo.

Dentro Mach. Agora vai: eu me não poſſo ter: eu vou a terra: guarda debaixo.

Cahe de alto.

Hyp. Da janella do quarto de Cardenio ſe arrojou.

Zap. Vieſte aqui como hum raio.

Mach. O meu intento era partir-te, mas não te pude colher debaixo.

Etc. Não calças grande çapato para ſer tamanho o ſalto.

Zap. E que queres tu aqui agora?

Mach. Primeiramente beijar os pés a Sua Mageſtade, e depois a mão a meu Senhor o Principe Feliſardo: e já que fui tolo até aqui, quero agora deſaſnar-me caſando (que tambem ſou vivo) com Etcætera; que ſuppoſto que já andei como hum negro, nunca lhe eſtará mal admittir-me por ſeu cativo; pois já mudei de côr, lavando-me no quarto de Cardenio, aonde elle me mandou metter,

ter, entendendo que eu era preto; mas elle ſempre ficou ſujo com os ſeus enganos, e eu a fiz limpa com as minhas induſtrias.

Etc. Com que tu eras o negro? Eu ſempre entendi que tu eras bonito, ſe te lavaſſes.

Zap. Eu te arrenego diabo! Tu já eſtás branco, mas eu ficarei como hum preto.

Mach. Pois, Senhores, eu quero caſar com Etcætera, ah que delRei.

Rei. Eu to concedo, e offereço o dote.

Mach. Vivas mais que vinte ſogras.

Zap. E tu caſas com elle, Etcætera, tambem?

Mach. Pois não, ſe vim pelos ares buſcalla?

Etc. Olha, Zapete, iſto não podia deixar de ſer, porque os caſamentos vem lá de cima.

Zap. Até iſſo me parece encanto, e eu tambem ficarei encantado, porque fico poſto ao canto.

Mach. Pois acabemos com elle, dando fim a eſta ſcenica ficção, moſtrando que nunca a haverá na vontade com que obſequioſamente feſtejamos a tão illuſtre, como diſcreto auditorio.

CÓRO.

Pois de applaudir-vos já logrão o fim
Eſtes obſequios, que a idéa formou;
Hum victor voſſo mereção aqui
Hoje eſtes Novos Encantos de Amor.

F I M.

ADRIA-

ADRIANO EM SYRIA;

Opera que se representou na Casa do Theatro publico do Bairro Alto.

ARGUMENTO.

VEncendo o Imperador Adriano aos Parthos, cativou a ElRei Osroas, e a sua filha Emirene, e ao Principe Farnaspe, amante de Emirene. Esta pela sua grande formusura foi desejada de Adriano para esposa, ao que ella sempre repugnou, por ser constante a Farnaspe. Osroas por traição pretende vingar-se tirando a vida a Adriano: errou o golpe, e foi prezo; e não obstando ser apanhado no delicto, falla sempre soberbamente ao Imperador. Finalmente Adriano sabendo do honesto, e firme amor de Emirene para com Farnaspe, com heroica resulução os manda livres, perdoa a Osroas, e acceita por esposa a Sabina Romana. Tudo o mais constará melhor do contexto da obra.

INTER-

INTERLOCUTORES.

Adriano, *Imperador de Roma*, *amante de Emirene.*
Osioas, *Rei dos Parthos*, *Pai do Emirene.* *Emirene*, *Princeza dos Parthos*, *prizioneira de Adriano*, *e amante de Farnaspe.*
Sabina, *Romana*, *amante*, *e promettida espoſa de Adriano.*
Farnaspe, *Principe Partho*, *amigo*, *e tributario de Osioas*, *amante*, *e promettido espoſo de Emirene.*
Aquilio, *Tribuno*, *Confidente de Adriano*, *e amante occulto de Sabina.*
Beringella, *Gracioſa.*
Chichello, *Gracioſo.*
Guardas.
Soldados Romanos, *Soldados dos Parthos.*

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Praça de Antioquia &c.*
II. *Sala de Palacio.*
III. *Pateo de Palacio com rotura por huma parte onde apparece incendio.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Galaria no quarto de Adriano correſpondente a diverſos gabinetes.*
II. *Eſtrada delicioſa de Jardim.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Sala com cadeiras.*
II. *Lugar magnifico de Palacio com eſcadas: viſta de Náos em o Rio, e de Jardim.*

ACTO I.

SCENA I.

Praça grande de Antioquia, com huma ponte ſobre hum rio, a hum lado hum throno imperial, e junto delle Adriano levantado ſobre os eſcudos dos Soldados Romanos: Aquilio, guardas, e povo, da outra parte do rio: Oſroas, Farnaſpe, e Chichello com acompanhamento dos Parthos, que conduzem varias féras, e outras dadivas para offerecer a Adriano.

CORO.

VIve Auguſto, vive, e reina
Gloria a nós, e a Roma ſendo,
E no Oronte a chama tendo
O primeiro ſacro ardor.
Dos Soldados, patria, e povo
Capitão, e Pai te jurão,
E contentes te ſegurão
Lealdade, fé, e amor.
Palma o Ganges te prepare
E de auguſto o nome adore,
Aonde incognito inda morte
O remoto habitador.

Em quanto o Coro canta, desce Adriano do throno de escudos, que servião de sustentallo, e os Soldados se põe em fileira com os mais.

Aquil. Farnaspe, Principe dos Parthos, te supplica, Senhor, licença para se presentar aos teus pés. *a Adr.*

Adr. Venha, e ouça-se.

Passa Aquilio a ponte, e falla Adriano sobe ao throno, em pé.

Valorosos Soldados, e companheiros, vós me offereceis hum Imperio, não menos com vosso sangue adquirido, que com o meu sustentado, procurando, que delle (sendo commum o trabalho) seja só meu o fruto: mas se não puder inteiramente cumprir com o vosso desejo, farei ao menos que neste magestoso grão que me entregais, sempre o mesmo me acheis. Para mim não quero a vangloria de me servires; só fim, que empregueis esse cuidado em segurar a gloria de Roma, a grandeza do vosso nome, e a publica esperança.

senta-se.

CORO.

Vivo Augusto &c.

Ao tempo que repete o Coro, paſſão a ponte Farnaſpe, Oſroas, e Chichello com acompanhamento dos Parthos, todos ſeguindo Aquilio, que os conduz.

Farn. Hoje que Roma adora em ti o ſeu Auguſto Ceſar, reverente ao docel em que mageſtoſo te oſtentas, o Principe Farnaſpe huma mercê te ſupplica. Bem ſei que foi inimigo; mas já depoſta a politica aversão, beija reverente as tuas ceſareas plantas, depondo a ira, e jurando a fé.

Oſr. Tanta vil ſubmiſsão não he preciza, Farnaſpe. *á parte.*

Chic. Choramiga-lhe mui bem o teu papel.

Cdr. Mãi commua de todos os povos he Roma: nos ſeus braços ſabe agazalhar aos que delles ſe querem valer: aos amigos honra, perdoa aos vencidos, e com ſublime heroicidade aos humildes, exalta e aos ſoberbos caſtiga.

Oſr. Que ſoberba arrogancia! *á parte.*

Chic. Que cara de Polifemo! *á parte.*

Farn. Huma grandeza em Roma coſtumada te venho, Senhor, pedir.

Cdr. E qual he?

Farn. Do Rei dos Parthos.....

Chic. Da Rainha das Parthas.....

Oſr. Cala-te louco.

Chic. Pois calemo-nos ambos. *á parte.*

Farn. Geme entre as voſſas prisões a ſua amada filha.

Adr. E que pedis.

Chic.

Chic. Pede-lhe as barbas para huma eſcova.
Farn. Que lhe rompas, Senhor, as ſuas cadêas.
Adr. Oh Deoſes! *á parte.*
Farn. Enxuga da ſua patria o pranto: a mim ma entrega, que quanto eu trago em refens te deixo.
Adr. Principe, eu ſó vim á Aſia como Soldado, e não como mercador: Adriano não vende com eſtillo de barbaras nações a liberdade alheia.
Chic. Ora toma.
Farn. Concede-ma, pois, Senhor.
Oſr. Que dirá! *á parte.*
Chic. Que não quer.
Ddr. Venha ElRei ſeu Pai, que para elle a guardo.
Chic. Chega-te, Senhor, a elle.
Farn. Depois do fatal conflicto ignoramos a ſua ſorte. Ou conſerva em outro paiz deſconhecido a vida, ou na batalha o rendeo a morte.
Adr. Em quanto de Oſroas ſe não ſouber o ſeu deſtino, eu terei della cuidado.
Farn. Já que tão zeloſo te moſtras da ſua honra, deixa eſſe cuidado ao ſeu eſpoſo.
Adr. Como! He caſada Emirene?
Farn. Para ſe effeituar o ſeu hymeneo, ſó falta o ſagrado rito.
Adr. Oh Deoſes! *á parte.* E ſeu eſpoſo aonde eſtá?
Farn. A teus pés ſe manifeſta: eu ſou o eſpoſo feliz.
Adr. Tu meſmo?
Chic. Não, he outrem por elle. *á parte.*

Adr.

Adr. E ella te ama?

Farn. Teve amante chamma em noſſas vidas o principio, primeiro que em noſſos deſejos: creſceo com a idade o amor, e das noſſas almas ſe formou huma ſó Eu já não deſejava mais que a formoſa Emirene, nem ella mais appetecia, que o ſeu fiel Farnaſpe: mas quando em eſtreito vinculo (oh inconſtante fortuna!) nos eſperavamos unidos, então nos vemos ſeparados.

Adr. Que pezar rigoroſo! *á parte.*

Farn. No ſemblante conheço que vos turbou a minha petição. Offendeo-vos a minha fraqueza? De Roma os filhos naſcem heroes. Entre vós ſerá culpa qualquer affecto, que não ſeja gloria. Em mim não he deſdouro eſte rendimento de animo. Ceſar, eu criei-me entre os Parthos, não naſci entre os Romanos.

Chic. Ai que me cheira a haver rezinga! *á p.*

Adr. Ah cruel amor, já entras a fazer em meu peito oſtentação do teu imperio! *á parte.* Principe, da ſua ventura ſeja árbitra a bella prizioneira. Vai, e ſe ella obrigada do ſeu amor ainda te quer..... (eſtale de huma vez eſta chamma *á parte.*) recebe-a, e vai-te. *para elle.*

Deſce do throno, e canta a ſeguinte

ARIA.

Do precioſo alento
Da nacarada flor

A minha ſorte pende,
Depende o meu amor.
Eſſa tyranna pena.
Tambem já me condemna,
Que a dor, que a ti te fere,
He do meu peito a dor.

Vai-ſe Adriano, os Soldados, e os guardas.

Oſr. Farnaſpe, comprehendeſte as palavras de Adriano? Elle parte de ti zeloſo, e de Emirene amante: nella confia. Que ame mais ao meu inimigo! Ah! com eſta meſma eſpada, diante dos teus olhos quizera..... Mas não, não o creio: ella he minha filha.

Farn. Rei, e Senhor que imaginas? Ceſar he juſto, Emirene fiel: que temor te aſſalta?

Chic. Gabo-lhe a lhaneza: eſte moçoſinho tem bom coração. *á parte.*

Oſr. Quem imagina o mal, poucas vezes ſe engana.

Farn. Eu vou a fallar-lhe. Verás....

Oſr. Vai, mas ninguem ſaiba que eu aqui eſtou.

Farn. Nem tua Filha?

Chic. Menos, que he mulher, a quem cuſta o guardar ſegredo.

Oſr. Sim: ſobello-ha, quando ſe logrem os noſſos intentos.

Farn. Pois Senhor, com ella te buſcarei.

Vai-ſe com todo o acompanhamento barbaro.

Oſr. Que temor me acobarda? Vencido eſtou; mas não prizioneiro.

Chic.

Chic. Mas perto está o fogo das barbas ; pois se te conhecem , cedo estarás vencido , e prizioneiro.

Osr. Não , Chichello , ainda se deixou caminho ao meu furor : tema o Romano as minhas iras , que sempre me ha de achar o mesmo para a sua ruina.

Chic. E que pretendes ?

Osr. Ver abatida a sua soberba ás máos do meu furor.

ARIA.

Vence o furor do vento
Forte , e robusto lenho ,
Passando invernos cento ,
Sem que da terra sua
Se possa separar.
Porém precipitado
O vôo ás ondas dando ,
Força no vento achando ,
Vai contrastando o mar. *Vai-se.*

SCENA II.

Quarto destinado para Emirene no Palacio Imperial. Sahe Aquillio , e depois Emirene.

Aquil. SE me não valho de algum engano para prevenir a Emirene , sem duvida perco a esperança de Sabina. Adriano generosamente a entrega a Farnaspe ; e se com elle

ſe auſenta, tornará Adriano a amar a Sabina; cuja belleza trago ſempre impreſſa no meu coração. Deoſes, aonde encontrarei a Emirene para lhe tecer o engano que procuro? Mas já chega: amor me ajude.

Sahe Emirene.

Emir. He verdade, Aquilio, (ainda o duvido) que o meu Farnaſpe he chegado?

Aquil. E melhor talvez que não o foſſe.

Emir. E porque tanto te afflige a minha felicidade?

Aquil. A tua deſgraça he que eu lamento, Senhora: Farnaſpe a Auguſto te pedio, ſegurando-lhe que te ama, e que tu igualmente o queres. Eſte ſeguro abrio em o peito de Ceſar franca porta a zeloſos incendios, para que, ſe ao Principe ſegues, ligada como deſpojo do ſeu triunfo ao ſoberano carro te leve pelas praças de Roma até o capitolio.

Emir. Eſte he o heroe do voſſo povo? O idolo de Roma he eſte? Jura-me que não ſerei deſprezada, nem viſta como deſpojo, e agora quebranta o ſeu juramento? Entre vós não he injuria o faltar á palavra?

Aquil. Se hum violento amor lhe eſcurece a razão, que vos admira? Emirene, os heroes tambem são humanos.

Emir. Como triunfo, Emirene? Não o eſpere Adriano. Não ſó na Africa ſe ſabe triunfar, tambem na Aſia ſe ſabe morrer.

Aquil. Barbara lei na verdade, que huma don-

zel-

zella real ſinta o pezo de rigoroſas cadeias!

Emir. Aonde acharei remedio?

Aquil. O mais certo eſtá na voſſa máo. Ceſar vem offendido, e offerece-vos a Farnaſpe, para aſſim deſcubrir o ſegredo do voſſo peito. Não vos fieis na ſua fingida tranquillidade: fazei-vos, Senhora, deſconhecida do Principe, pois elle ſó pertende examinar ſe lhe chegais a querer.

Emir. Ah infeliz Farnaſpe! E que dirás de mim? Mal conheces os enganos daquelle peito traidor. Mas ainda eſpero vello perder a meus olhos a vida, como a elles vejo perder de Farnaſpe a eſperança.

Aquil. Preparai-vos de melhor conſelho.

Emir. Dizei-me, Aquillio; e vem o Principe?

Aquil. Tambem chega, Senhora.

Emir. Oh Deoſes!

Aquil. Armai-vos de fortaleza: já vos encaminhei a evitar o voſſo funeſto deſtino.

Vai-ſe.

Emir. Infeliz de mim! Que duro golpe he eſte!

Sahe Adriano, e Farnaſpe.

Adr. Principe, aquelle he o Sol que vos abraza?

Farn. Aquellas são as luzes, que examino cada vez mais bellas.

Adr. Conſtancia, coraçáo meu: veja Emirene a generoſa acçáo, com que me apreſento a ſeus olhos, entregando-lhe o ſeu amor.

Emir. Quem he, Senhor, eſte Eſtrangeiro?

Farn. Eſtrangeiro! *aſſuſtado.*

Adr.

Adr. Que! Não o conheces, Emirene?

Emir. Parece-me que vi já o seu retrato, mas não me lembro aonde. Ajuda-me amor a fingir. *á parte.*

Adr. He esta, Principe, aquella, que comtigo aprendeo igualmente a viver, e a amar?

Farn. Vede, Senhor, que faz gosto de zombar comigo Emirene; e que o disfarce he effeito do amor.

Emir. Coração, que vive em prizões, não sabe fazer zombaria.

Farn. Não sabeis quem eu seja?

Emir. Não me lembra. Que pena! *á parte.*

Adr. Que alegria!

Farn. Bella Emirene, basta já de atormentar-me. Que novo estilo he este? Assim tratas ao teu Farnaspe?

Emir. Tu és Farnaspe? Agora pelo nome te conheço.

Farn. Oh Deoses! que rigor!

Emir. Perdoa a violenta injuria. Reconheço quanto deve ao teu valor meu Pai: lembro-me dos teus triunfos: tenho na memoria os teus merecimentos.

Farn. Ah meu bem, torna, torna a lembrar-te de mim, menos me offenderá a tua loucura.

Emir. Em que te offendo, se os teus merecimentos digo?

Farn. Justos Deoses, que tormento! Eu perco o juizo.

Adr. Qual de vós me engana? Finge Emirene, ou simula-se Farnaspe?

Emir.

Emir. Eu não ſou quem te engana.
Farn. Logo ſou eu ?
Emir. Ai triſte ! *á parte.*
Adr. Se reſpeito foi , Princeza , o teu diſfarce , deixa-o já. Do coração alheio não quero ſer tyranno : aqui te entrego o teu amante , ſe he verdadeiro eſſe amor.
Emir. Não te creio. *á parte.*
Farn. Não reſpondes ?
Emi. Eu não aceito.
Adr. Tens ouvido ? *á Farn.*
Farn. Aonde eſtou! Sonho! Deliro! Iſto he morrer!
Emir. Iſto he ſó penar ! *á parte.*
Farn. Princeza , idolo , a quem idolatra meu peito , que aggravo te fiz ? Em que merece pena o meu coração ? Em que foi falſo o meu peito ? Tu comigo irada ? Duvidas das veras do meu amor ? Falla Senhora.
Emir. Que hei de dizer-te ? Deixa-me.
Adr. Eſtás deſenganado ?
Farn. Eſtas são aquellas finezas que me juraſte ? Aquellas conſtancias que me prometteſte ? Infeliz affecto ! Deſgraçado Farnaſpe ! Infiel Emirene ! Enſina-me ao menos eſſa tyranna arte de eſquecer a hum tão antigo amor.
Emir. Por piedade me deixa: calla-te Farnaſpe , e vai-te.
Farn. Eu me auſento : obedeço-te , cruel : mas volta , repara em mim ; lê , lê nas anguſtias de meu ſemblante , as ancias da minha alma. Mas não vejas cruel: ſó te lembre que parto obediente , quando me deixas ingrata.

A-

ARIA.

Farn. Depois de ver-te os olhos,
Partir não poderei,
Mas só me lembrarei
Desse enganoso amor.
Não vejas meu semblante,
Que na aleivosa pena
Irado só condemna
Teu barbaro rigor. *Vai-se.*

Adr. Aonde vás, Emirene?

Emir. Sómente a chorar; pois entre tudo o que perdi, só o pranto me ficou.

Adr. Tu não perdeste cousa alguma; eu sim he que perdi o meu socego. Tu és a senhora da minha ventura; tu me pódes fazer feliz, ou desgraçado; tu só triunfaste do teu vencedor.

Emir. Cesar, mais respeito espero do vosso valor. O animo regio não se perde com o Reino. Se o Reino era da fortuna, o coração he só meu. *com soberania.*

Adr. Que engraçada ira! Que delicto commetteo contra a tua formosura o meu affecto? Quando o queiras, posso offerecer-te com minha mão o meu Imperio.

Emir. Não, que será fazer-te servo dos mesmos de que és Senhor. Só da Nação Romana podeis escolher Rainha. Ainda a desgraça de Cleopatra choro, Berenice me lembra, e da ingratidão de Tito me não esqueço.

Adr. Então mais nova estava a servidão de Ro-

Roma : hoje não vive ſujeito o Sceptro ao ſeu dominio.

Emir. Pois ſe o povo o ſoffre , Sabina o não ſoffrerá : a ella eſtá promettida a tua mão.

Adr. Não o nego : dous luſtros ha , que ſeu amante ſou ; mas como não ſupponho nella tanta firmeza , que muito he que me mude ? Tu me rendeſte , Sabina eſtá em Roma , e eu em Antioquia.

Sahe Aquilio apreſſado.

Aquil. Senhor.

Adr. Que dizes ?

Aquil. De Roma chega. . . . .

Adr. Quem ?

Aquil. Sabina.

Adr. Oh Deoſes , que pena eſtranha !

Amir. Já confio o meu remedio. *á parte.*

Adr. E que pretende ? Como ſem minha ordem . . . . Vê ſe te enganas.

Aquil. O tumulto do povo já a ſauda , e to affirma.

Adr. Oh Deoſes ! Para outra parte , Aquillio , a conduze , que eu me pretendo encobrir.

Aquil. Como , ſe ella já chega ?

Adr. Confuzo eſtou !

Sahem Sabina , Beringella , e acompanhamento.

Sab. Eſpoſo , Auguſto , e Senhor , eſta foi ſempre a hora de mim mais deſejada. Já me vejo em tua preſença : Que amargoſo tempo ſentia o meu coração , dividido de teu peito !

O teu perigo quanto me fez temer! Em toda a empreza te acompanhava a minha alma. Quantos ſuſpiros eſte amor me tem cuſtado!

Adr. Que direi? *á parte.*

Sab. Não me reſpondes?

Adr. Eu não eſperava (oh Deoſes!) tão repentina chegada. Olá, deſte Palacio ſe retire Sabina a melhor quarto, onde receba em a noſſa preſença todas as honras devidas á ſua peſſoa.

Faz que ſe vai.

Sab. Que! tu me deixas? O meu deſcanço ſó em ti buſcava.

Adr. Perdoa-me, Senhora; maior negocio me chama.

Bering. Ai como me cheira a haver mudança na caſa!

Sab. Já ſei que não acho Adriano em Ceſar. *á parte.* Mais deſejava, amado eſpoſo, o teu ſocego, que o teu Imperio.

ARIA.

Adr. Já ſei que violencias
A ſorte me ordena;
Mas cauſa da pena
O Sceptro não he.
Eu fórmo em mim meſmo
A pena que ſinto,
Alheia a não pinto,
Que em mim ſó ſe vê. *Vai-ſe.*

Sab. Aquilio, eu não entendo a Adriano.

Aquil. Pois o ſegredo he facil de entender. Ceſar

ſar eſtá namorado. Eſſa he a tua competidora
á parte. para Sabina.

Emir. Piedoſa Imperatriz, pois o Ceo te guardou dignamente para Adriano; huma mulher infeliz, que a teus pés chega, benigna ſoccorre. Reino, eſpoſo, Patria, Pai, tudo perdi.

Sab. E que pedis?

Emir. A fortuna de beijar eſſa mão, que inveja he.....

Sab. Deſvia-te: ainda a ſorte me não fez mulher de Auguſto. Não te chames deſgraçada, deixando-te ainda a fortuna toda a gentileza. Se quizeres, poderás alcançar mais do que chegaſte a perder. Antes eu a piedade, que me ſupplicas, te poderei rogar.

Emir. Mais não tenho que dar-te, que as cadêas que arraſto.

Sab. Baſta: deixa-me ſó.

ARIA.

Emir. Prizioneira, e deſprezada,
A dous males me condemno,
Hum por ti mais novo peno,
Outro a ſorte me ordenou.
Na fortuna confiada
Me deſprezas? Oh repara,
Que naſci tambem preclara,
E chorando a ſorte eſtou.

Vai-ſe.

Aquil. Agora tentarei a minha ſorte. *á parte.*

Sab. Que te parece, Aquilio? Não he digno de piedade o meu ſucceſſo? *Aquil.*

Aquil. Grande he, Senhora, a injuſtiça de Auguſto: elle não adverte que te pódes vingar.

Sab. E como?

Aquil. Porque em ti não ha formoſura, e poder? Qual ſerá o coração de marmore, que ao ver eſſes raios, ſe não converta em cera? Aos ſeus meſmos olhos devias.....

Sab. O que devia? *Com ſoberania, e ira.*

Aquil. Enſinallo a amar; moſtrar-lhe a firmeza, e fazello envergonhar de te ſer ingrato.

Sab. Baſta.

Aquil. Errei o tiro á minha ventura.

á parte. e vai-ſe.

RECITADO.

Sab. Chorarei, oh cruel, a minha pena;
Que ingrata me condemna;
Mas não, ſentida ſeja, ſeja urgente,
Mas não ſeja patente,
Por não dar hum claro deſengano
A quem a cauſa he deſte meu damno.

ARIA.

Deoſes, ſe juſtos ſois,
Tornai-me o meu amor;
Perdello não, pois ſinto
Me cuſta a vida já.
Vós bem ſabeis, que he meu;
Pois mo jurou, (que dor!)
Se á minha fé me falta,
A vós vos faltará. *Vai-ſe.*

Bering. Eis-aqui: fiaivos lá em homens! Isso não. Vem a pobresinha de Roma a esta terra, soffrendo os descommodos dos caminhos para ver o seu bem, e no cabo acha o seu mal, e a sua pena. Por isso nós outras vivemos mais alegres; porque a cada passo agarramos nosso Adonis para zombarmos delle, sem os embelecos da constancia. O ponto he haver o bicho, apparecer o aceno, sahir o escarro, que logo entramos na dança, sem se nos dar do respeito. Aqui ando eu com hum certo ao engodo da minha vista, e mais se me apparece outro, logo entra na pesca. Mas todos por fim se desenganão da sua tolice.

Sahe Chicheilo.

Chic. Como já lhe conheço as manhas, bem posso entrar na compra.

Bering. Mas vamos ver alguma cousa desta terra, em que sou nova, que me dizem há nella bons feitios.

Chic. Hum dos feitios, que quer entrar na compra, e mais na venda, sou eu.

Bering. Pois não me serve pelo preço.

Chic. Antes he em bom commodo; porque se dá de graça.

Bering. Não desgosto dessa sua.

Chic. Nem eu de vossa mercê. Ora chegue-se para cá.

Bering. Não; desvie-se.

Chic. Já me não quer?

Bering. Não trago troco, com que o possa comprar.

Chic.

Chic. Aceite-me, ſe me quer, e não me falle em trocos, que não lhe peço demaſias.

Bering. De donde viria eſta criança?

Chic. Da roda dos engeitados.

Bering. Pois he juſto que de mim o ſeja.

Chic. Melhor ſerá, que neſſa roda dos engeitados encontre eu a da fortuna.

Bering. Sómente ſe for para lha deſandar.

Chic. Ah tyranna! Já ſei que ſe declara por minha inimiga.

Bering. E em que o julga?

Chic. Em que podendo-me fazer venturoſo, ſómente me promette deſgraças.

Bering. Não me deſagrada o tal moçoſinho. *á parte.*

Chic. He poſſivel que deſejando v. m. achar neſta terra algum feitio, que lhe ſirva, e agora dando-ſe-lhe eſte de tão boa vontade, v. m. o não queira, com tanta ingratidão?

Bering. Quem lhe diſſe que o não queria?

Chic. Eſſe deſdem me deſengana.

Bering. Não tenha deſconfiança que eu aceito o partido.

Chic. Com que ajuſte?

Bering. Olhe iſto! baſta eu dizer que o quero (lograr.) *á parte.*

Chic. Aceito, e verei.... mas ainda aſſim receio a ſua conſtancia.

Bering. O que diz?

Chic. Bom ſeria, que neſſa mão de papel levaſſe aſſignada a promeſſa.

Bering. Não ſei ſe pede muito.

Chic.

Chic. Antes peço pouco, ainda que valho muito.
Bering. Aqui eſtá.
Chic. Aceito, e digo.

MINUETE.

Chic. Eſta mãoſinha,
Que neve oſtenta,
Por mais que izenta
Se quer moſtrar,
Poſto que he branca,
Como bem creio,
Muito receio,
Que a ſorte em branco
Me venha a deixar. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Pateo do Palacio Imperial com rotura por huma parte, aonde apparece incendio, e gaſtadores que andão nelle. Sahe Oſroas com a eſpada na mão direita, e na eſquerda huma tocha accezã ſeguindo os incendiarios dos Parthos. Depois Farnaſpe.

Oſr. INvenciveis Parthos, bem vedes como piedoſo favorece o Ceo o noſſo valor: tornemos a ver as ruinas deſta corte inimiga, que na ſua laſtima eſtamos contemplando a noſſa victoria. Já de alguma ſorte vamos recobrando a noſſa perda com eſta ſombra da noſſa vingança. Como ſe atêa o voraz incendio! E como ſe elevão ao Ceo os globos do fumo,

e das chammas! Oh ſe naquelles muros, que pela violencia do fogo ſe vem agora abatidos, ſe comprehendeſſe tambem todo o Senado, o Capitolio, e a meſma Roma!

Sahe Farnaſpe.

Farn. Oſroas, Pai, Rei, e Senhor.

Oſr. Attende Farnaſpe: aquella obra he effeito de minha irada mão.

Apontando para o incendio.

Farn. Oh Deoſes! E voſſa filha?

Oſr. Quem ſabe? Talvez que entre eſſas chammas ſeja laſtimoſa victima de Cupido com o ſeu cruel Adriano: pagando aſſim da tua injuſtiça a rigoroſa pena.

Farn. Ai Emirene! ai meu bem!

Querendo partir.

Oſr. Eſpera, aonde vás?

Farn. Ou a ſalvalla do perigo, ou a morrer entre o incendio. *Querendo partir.*

Oſr. Como! A huma ingrata, que te faltou á fé, e poz no eſquecimento.....

Farn. He falſa, bem o ſei, mas eu ſou amante.

Larga a capa, e entra pelo fogo.

Oſr. Se aquelle como louco ſe quer perder, nós nos queremos ſalvar. Amigos a outra empreza: no lugar deſtinado vos eſcondei. *Vão-ſe.* Experimenta, ſim, o meu furor; mas ſou Pai, e não me poſſo auſentar. Vejo o incendio, ſei que nelle acaba, o coração o ſente. De Farnaſpe deſejo ſaber o deſtino, e de Emirene a ſorte. Mas que tumulto he eſte, que no-

novamente ſe ouve da parte do incendio? De Ceſar he a gente, auſentar-me quero. Mas não, fico: ſem ſalvar-te me perderei. Mas pois te não poſſo dar outro remedio, ſó te deixo os meus ſuſpiros. *Vai-ſe.*

Sahe Sabina e Aquilio.

Sab. Ninguem me ſabe dizer ſe eſtá livre o meu eſpoſo? Aquilio, aonde eſtá Ceſar?

Aquil. Ao menos me deixa reſpirar.

Sab. Aonde eſtá? falla?

Aquil. Como, ſe o não ſei?

Sab. Eſte he o eſtylo do falſo adulador, que adora ao Throno, e não ao Monarca! *á p.* Em quanto da ſua grandeza o Ceo vias ſereno, tu o giravas; agora que o vês tempeſtuoſo, o deixas?

Aquil. Já vem, não te enfades.

Sahe Adriano.

Adr. Viſte Emirene? *a Sab.*

Sab. Eu te buſcava.

Adr. Aonde eſtá Emirene? *a Aquil.*

Aquil. Eu a não tenho viſto.

Adr. Infeliz Princeza!

Sab. Vive: não vês como creſce o incendio? Tu, Senhor, não cuidas no reparo?

Adr. Os abraſados muros ſe arruinão; Aquilio, vê que não paſſem as chammas aos lugares intactos.

Aquil. Já vou ſervir-te. *Vai-ſe.*

Sab. Ceſar.

Adr. Que pena! impaciente.....

Sab. Que descuidado andas de ti, Senhor! Não buscas o traidor? Assim ha de escapar o réo?

Adr. Já está descuberto: eu o conheço: he Farnaspe: amor o entregou ao acto cruel: já fica entre prisões: não ha mais que temer.

Sab. Espera, e attende.

Adr. Sem saber de Emirene, nada attendo.

Vai-se.

Sab. Assim me deixas? Este desprezo me fazes? Seguirei os teus passos, acreditando as minhas constancias.

Sahe Emirene.

Emir. Em ti, Sabina, o meu remedio busco.

Sab. Oh Deoses! Ainda para atormentar-me esta faltava?

Emir. Que foi isto, Senhora?

Sab. A mim mo perguntas? Queres que a minha voz publique o teu triunfo? Os teus olhos são o motivo de tantos estragos. Que me perguntas! Tu és Helena, e aquella he Troya.

Emir. Que rebuçado sentido me manifestão as tuas palavras?

Sab. Ahi tens Farnaspe, pergunta-lhe a elle.

Vai-se.

Sahe Farnaspe prezo com guardas, e Chichello.

Emir. Farnaspe?

Farn. Princeza?

Emir. Tu prisioneiro?

Farn. Tu livre?

Chic. Voſſas mercês vejão como me levão, que eu ſou homem branco.

Emir. Aos infelices he difficultoſo o morrer.

Chic. Não direi ſenão, que não ha couſa mais facil.

Emir. Daquelle incendio foſte tu talvez author?

Farn. Não, mas aſſim o ſuppõem.

Emir. E porque?

Farn. Porque ſou Partho.

Chic. E eu ſou gemeo; por iſſo o ſuppozerão.

Farn. Porque ſou deſgraçado; porque fui achado naquellas ruinas.

Chic. E eu nellas fui perdido.

Emir. E a que foſtes a ellas?

Farn. A livrar-te, ou a morrer: mas já alcancei algum beneficio, pois vejo que hoje deves a vida á minha morte.

Chic. Ah Senhor, morre por ambas.

Emir. Piedoſos Miniſtros, ſoltai-lhe os laços, ou ao menos reparti comigo as prisões.

Farn. Porque? ainda de mim zombas? Não vês, que he mais cruel eſſa piedade fingida?

Emir. Fingimento lhe chamas?

Farn. Como a hei de crer verdadeira? Já te não lembras do que me diſſeſte?

Emir. As palavras ſim forão outras, mas eu ſempre ſou a meſma.

Farn. E aquelle deſdem teu?

Chic. Foi hum bichinho.

Emir. Era temor do zeloſo coração de Adriano.

Farn. Pois que temias delle?

Emir. O horror de hum triunfo.

Farn. Se magnanimo te offereceo a minha mão.
Emir. Foi arte da ſua ira para deſcobrir o meu peito.
Chic. Ah Senhor, tu cuidas em converſar, ou em morrer?
Farn. Logo ſou eu.....
Emir. A minha eſperança, e o meu amor.
Farn. E és tu, meu bem.....
Emir. A tua conſtante eſpoſa.
Farn. E vives....
Emir. E vivo fiel ao meu Farnaſpe.
Farn. Baſta, já vou contente.
Emir. Deixas-me? oh Deoſes, que ſerá de mim!
Farn. Nada temo, ſe me queres.

DUETO.

Farn. Se morro, já contente
Me faz morrer ſómente
Eſſa ſegura fé.
Emir. Se vivo, ainda contente
Serei, por ver ſómente,
Que vês a minha fé.
Farn. Adeos, e vê que eſpero.
Emir. Adeos, e vê que quero.
Farn. Deverte firme ſer.
Emir. A vida tua ver.
Farn. Se acabo.
Emir. Tu não digas
Ambos. Eſpera amado bem.

ACTO II.

SCENA I.

Galaria no quarto de Adriano correſpondente a diverſos gabinetes. Sahe Emirene, e Aquilio.

Aquil. MAis do que iſto não he preciſo, formoſa Princeza, para penetrar o ſeu intento: Ceſar te buſca, adverte o que elle intenta.

Emir. Aquilio, ſó te recommendo o meu Farnaſpe, que eſtá innocente: procura que Ceſar ſe applaque.

Aquil. Quem melhor do que tu poderá rebater o ſeu enfado? Tu do ſeu coração pódes abrandar as iras. Que não conſeguirás de hum Monarca que te adora?

Emir. A mim me não agrada; porque o não amo.

Aquil. He preciſo que te finjas amante.

Emir. E eu hei de mentir?

Aquil. Muitas vezes vence hum enganoſo amor, mais do que hum fino affecto: vale-te da arte, já que falta a natureza. Hum ſuſpiro de tempo em tempo, huma palavra mal articulada, hum movimento, hum rizo, hum ſilencio, hum pejo, hum dar a ſuſpeitar o que não chega a dizer, fazem faceis os amantes de liſonjear-ſe. Elle jurará que o amas: e tu, quando quizeres, lhe poderás ſempre dizer que ſe engana.

Emir.

Emir. Não ſei aonde ſe aprenda a uſar de ſemelhante arte.

Aquil. Vós nella já naſceſtes meſtra. Ter nos olhos promptas as lagrimas: na boca hum rizo, que não exceda os limites do coração: desmaiar, quando vos parecer, e moſtrar rubicundo o ſemblante, são privilegios proprios do voſſo ſexo. O Ceo vo-los concedeo para nós termos que padecer.

Emir. Mas tu, que na Corte és já ancião, não devias ter delles inveja. Jurarei, que não és mantenedor da antiga honeſtidade. Quando te he conveniente, ſaberás com ſemblante riſonho acariciar hum inimigo: pollo no precipicio para que caia, e depois laſtimar-te da ſua queda: offerecer-te para tudo a todos, e não ſervir a nenhum: cobrir de falſos louvores o crime, e fazer aggravantes as culpas, moſtrando querer defendellas: retirar ſempre os bons do Throno: deixar o odio ao Scptro para todo o caſtigo, e uſurpar o merecimento a todo o beneficio: ter debaixo de hum apparente zelo eſcondido hum perverſo fim: e não fabricar ſenão ſobre as ruinas de outrem.

Aquil. Juſtamente, Emirene, te quizeſte vingar das injurias, que proferi contra o teu ſexo. Eu não julguei, que tanto te feriſſe na alma. Não me queixo das tuas palavras; antes creio que ambos diſſemos verdade. No que eu diſſe, quiz ſómente aconſelhar-te.

Emir. Se eu te peço ſoccorro, não queiras darme conſelho.

Aquil.

Aquil. Eu ſempre cuidei que hum ſaudavel conſelho era grande ſoccorro: crê o que te digo, Princeza, e adeos que gente chega, entendo que he Adriano. *Vai-ſe.*

Sahe Sabina.

Sab. Oh Ceos, eſta he a minha competidora! *á parte.*

Emir. Oh Deos; eſta he Sabina! *á parte.*

Sab. Na verdade, Emirene, que ſempre te acho mui cuidadoſa! Ainda ſe vê mal extincto o incendio, e já te acho tão ſolicita em o quarto de Adriano?

Emir. Eu vim ſó....

Sab. Já ſei: virás liſongear ao teu Senhor com os agrados.

Emir. Humilde a ſupplicar.

Sab. Humilde tambem eu a Ceſar quererei manifeſtar os meus cuidados; mas não pretendo, que elle a ti me prefira: e não ſerá pouca dita, quando elle (dando-te o lugar primeiro) me conceda o ſegundo.

Emir. Baſta Sabina: deſſe amor de Adriano he ſó minha a pena, e não a culpa. O perigo de Farnaſpe me atormenta: eſte he o deſvélo que me guia a eſta parte. Hei de vello morrer ſem lhe fallar? Senhora, Farnaſpe he o idolo a quem tenho ſacrificado o meu coração: mui antigo he já o noſſo amor.

Sab. Iſſo em ti he verdade, ou fingimento?

Emir. Talvez o fingiſſe, ſe aſſim te não fallaſſe.

Sab.

Sab. E não reparas, que a Ceſar irritas, quando por elle rogas!

Emir. Se eu não acho outro caminho, que hei de fazer?

Sab. Quando tu o queiras, melhor to moſtrarei. Deſte Palacio foge com o teu Farnaſpe: o ſeu guarda he o Capitão Lentulo: mais me deve. Se tu queres, da ſua parte entregar hum coração regio, ainda que pobre.

Emir. Ah ſe pudeſſe ſahir do meu tormento!

Sab. Duvidas no que te ſeguro? A partir te prepara. A' maior fonte dos Jardins de Ceſar virei com o teu eſpoſo: lá me eſpera, antes que o Sol chegue ao Zenith.

Emir. E virás? Do meu deſtino tão coſtumada eſtou a tolerar a furia. . . .

Sab. A minha mão to affirma, em final a toma.

Emir. Que alegria não eſperada! Feliz eu, e generoſa tu. Eu parto, Senhora, a buſcar a minha ventura, e a publicar a tua generoſidade. *Vai-ſe.*

Sab. Quem ſabe? Quando longe eſtiver Emirene, talvez que torne o meu eſpoſo ao ſeu primeiro amor. Não dura ſem materia o fogo: o rio não creſce ſeparado da fonte donde naſce.

Sabe Adriano.

Adr. Emirene, meu bem..... Oh Ceos, que diſſe! retirar-me pretendo. *á parte.*

Faz que ſe vai.

Sab. Porque foges, Adriano? Hum ſó moment o-

me

me não negues a tua vista, e depois ao teu bem torna.

Adr. Como! suppões.... Qual he o meu bem?

Sab. Não pretendas o disfarce; que na confusão das vozes do meu amado Adriano, o coração sincero enganar-me não sabe. Não, não me occultes esse honesto pejo, que tanto me agrada. Quem se envergonha, conhece a culpa, e o que a conhece, perto está da emenda.

Adr. Oh Deoses!

Sab. Suspiras? A mim me deixa o suspirar. Deoses celestes, quem o julgaria! A honra do nome, dos heroes o exemplo, a minha esperança, Adriano inconstante! He possivel! He verdade! Quem te enganou? Falla, dize: como foi?

Adr. Que queres que responda, se me vejo confuso? Oh deixa-me só este desafogo. Chama-me cruel, chama-me traidor, que tens razão. Os teus merecimentos, as tuas finezas me lembrão, as minhas promessas cem vezes me accusão. Mas que aproveita? Não sou meu: conheço a tua fidalguia, a tua formosura, e talvez..... Mas não tenho coração para amar-te: a mim mesmo me aborreço de minha injustiça lembrado. Sei que he justa a tua vingança: queres, queres a minha morte? Aqui me tens, mata-me: he justo, não o nego. Intentas despojar-me do diadema a Augusto? Eu o ponho na tua mão, pois sei seria feliz o mundo inteiro, se á tua gentileza se visse tributario.

Sab. Não peço o teu Imperio; o teu coração só busco.

Adr.

Adr. Teu era o coração: se o defendi, só para ti o guardava: amor o sabe, todos os Deoses a testemunhas chamo. As formosuras da Asia para mim erão sombras: fria toda a vida com a tua lembrança imaginei que fosse.

Sab. E depois?

Adr. E depois..... Não sei. Fiado no meu esforço, zombei da defeza, e amor me venceo: estava no campo fazendo ostentação de huma victoria, quando me foi presentada Emirene. A hum diverso affecto he facil a entrada, quando a alma se vê desapercebida. Eu a vi arrastando cadeas, supplicando piedades, fazendo rica de perolas nas lagrimas esta mão, que apertava nos sustos: poz nos meus os seus formosos olhos, com agrado tão doce..... Ah se no meu semblante se visse a sua imagem, seria digno de desculpa até para Sabina.

Sab. Já basta de injuria. Na minha presença louvas a sua formosura? Queres que seja complice no teu delicto, e no meu querer aggravado? Isto te mereço barbaro, enganador, perjuro, e falso?

Adr. Perdido estou!

Sab. Que disse? Ah, não: perdoa-me as injuriosas palavras, que a desculpa merecem, porque de amor nascem: dispõe de mim ao teu gosto: instavel, ou inconstante ao meu bem serei sempre. Que sei? Eu o espero: chegará aquelle dia, que pagando a quem fiel te adora, me dirás..... Mas não, que já serei morta.

Assen-

Assenta-se em huma cadeira, e sahe Aquilio ao bastidor.

Aquil. Aqui está Sabina! *á parte.*
Adr. Já não posso vella penar, aquelle pranto me faz enternecer. *á parte.* Sabina vencerão-me os teus extremos: aos teus laços felices tornar quero: já sou teu.
Aquil. Ah infeliz estrella! *á parte.*
Sab. Que dizes?

Olhando para elle com ternura.

Adr. Que estou rendido, e o meu coração te entrego.
Sab. Não, não te creio.
Aquil. Atalharei este mal. *á parte.*
Sab. Se outra vez a Emirene tornas a ver...
Adr. Não a verei.
Sab. Poderei de ti fiar-me?
Adr. Resoluto estou: quando o gosto se empenha, nada se difficulta.

Sahe Aquilio.

Aquil. Aos teus pés a afflicta prisioneira prostrar-se deseja: tempo ha que te busca, e não te acha.
Sab. Agora farei prova. *á parte.*
Adr. Não, Aquilio; já não desejo ver Emirene: tempo he já de me lembrar de Sabina.
Sab. Oh doces palavras! *á parte.*
Aquil. E não he injustiça negar-se a Emirene o que aos mais se concede? Se está escrava, nasceo Rainha.

Adr.

Adr. Na verdade, Sabina, que parece crueldade não lhe attender á ſupplica.

Sab. Oh Deoſes!

Adr. Não, ſe não queres, não venha: mas temo.... Que farias, Senhora, em hum aperto como o meu?

Sab. Não pediria conſelho.

Adr. Pois va-ſe Emirene ſem me ver. Aquilio executa eſſa diligencia.

Aquil. Que ha de dizer? Oh deſgraçada Princeza!

Adr. Olá, que dizes?

Aquil. Nada Senhor; a obedecer-te vou.

Faz que ſe vai.

Adr. Eſpera: melhor he, que do ſeu deſtino ouça a minha voz. Que me póde fazer chegalla a ouvir?

Sab. Ouviſte, Aquilio? e ſe ha de dizer, que Adriano ſoube faltar? *Vai-ſe.*

Aquil. Quem não he réo, quando o amor he delicto?

Adr. E com que juſtiça caſtigarei as culpas alheas, ſe as rédeas deixo ſoltas ás minhas? Não, não ſe deixe Sabina, não ſe attenda Emirene: torne eſta alma ao primeiro amor. Mas oh Deoſes! como o hei de deixar, ſe delle me não poſſo eſquecer? *Vai-ſe.*

Aquil. Soffrimento, coração. A tua victoria ſe não a vês diſtante, não a achas ſegura. O amor de Auguſto, os deſdens de Sabina por mim pelejão: eſperarei occaſião de aſſalto, para conſeguir o triunfo.

SCE-

SCENA II.

Eſtrada delicioſa, pela qual ſe paſſa ao ſerrado das féras. Sahe Emirene.

Emir. AQui Sabina não vejo: eſta a fonte he: tudo examino, mas não a encontro á viſta: que ſerá não ſei, ſei ſó que a cada momento desfalece o peito amante.

Sahem Sabina, Farnaſpe, e Chichelo.

Sab. Aqui tens a tua eſpoſa. *a Farn.*
Farn. Bella Emirene.
Emir. Es tu, amado Principe? Apenas o creio.
Farn. Sim, meu bem, eu....
Sab. De ternuras não he agora tempo: convem ſalvar-nos: aquella he a eſtrada para a fugida.
Chic. Não namores com ſuſtos, que he ſer cobarde.
Sab. Pouco diſtante da primeira entrada ſe divide em dous caminhos: o da direita guia ao rio; o da eſquerda a Palacio: a vós vos convem evitar o ſegundo: hide, a fortuna vos ampare, e amor vos guie.
Emir. Piedoſa Imperatriz....
Farn. Galharda Senhora....
Ambos. E como pagarei eſta mercê?
Sab. Pouco appeteço.
Chic. Peça a ſeu goſto, não tenha pejo.
Farn. Guarda-te louco.
Chic. Beijo-lhe a mão pela honra. Ainda eſperamos?

Sab.

Sab. Lembrai-vos de Sabina algumas vezes; e ſe entre a voſſa felicidade chegar a minha lembrança, mereça acompanha-me no meu martyrio a voſſa ſaudade. *Vai-ſe.*

Chic. Vá deſcançada, que tudo ſe fará. Ainda não vamos?

Farn. E he verdade, que és minha, Emirene! Vejo a dita ſegura, e me parece ſonha la.

Emir. Nada falta, amado eſpoſo, mais que a preſença de meu Pai. E que contentamento me não daria eſta felicidade?

Chic. Tanto, quanto me dá o ver-me fóra daquella maſmorra, aonde entrei ſem culpa, mas tambem ſahi ſem pena.

Emir. Sabes em que terra eſteja?

Chic. Iſſo he facil de ſaber; em nós topando com elle, logo o ſabemos.

Farn. Os teus deſejos ſerão ſatisfeitos.

Emir. Sabes aonde Oſroas eſtá?

Farn. Sim, mas por ora não cuides mais que em ſeguir os meus paſſos.

Vão ſahindo para a eſtrada.

Farn. Suſpende. *detendo Emir.*

Emir. Porque?

Farn. Não ouves ruido de armas?

Emir. Ouço, mas aonde não o ſei dizer.

Chic. Iſſo não tem que ver.

Emir. Aonde he?

Chic. He na minha cabeça, que he aonde hão de vir dar os golpes.

Farn. He no meſmo caminho, que nós havemos de ſeguir.

Emir.

Emir. Ai de mim!

Chic. Ai de nós ambos. Oh Senhor, por vida ſua, e da Senhora Dona Emirene, que fujamos daqui para alguma parte, que não nos agarrem a todos.

Farn. Não temas, até que o motivo não ſaibamos. Eſconde-te, Emirene, que eu chego, e Chichelo, a ver a cauſa que os move.

Chic. E a mim que me importa iſſo? Vá Voſſa Alteza, que eu ficarei com a Senhora, que não ha de ficar ſó.

Farn. Pois eu vou. *Vai-ſe.*

Chic. Que lhe faça bom proveito. Eu fico.

Emir. Que mais tenho que penar!

Eſcondem-ſe junto ao cancelo do cerrado, e ſahem da eſtrada enſinada por Sabina Oſroas em traje Romano com a eſpada nua, e Farnaſpe.

Oſr. Conte mais eſte troféo entre os ſeus triunfos Roma.

Farn. Aonde, Senhor, vás correndo com eſtes deſpojos?

Oſr. Amigo, vingados eſtamos, a terra livre, e Adriano morto: eſta eſpada lhe acabou a vida.

Farn. Como?

Oſr. Coſtumava eſſe cruel Romano paſſar por eſta eſtrada a buſcar Emirene: hum ſeu valido, e guarda do ſegredo mo deſcobrio; que tambem entre eſtes heroes do Tibre pôde o ouro deſcobrir a hum traidor. Eſta noite o eſ-

pe-

perei, quando paſſou com o criado; e com tão feliz ſucceſſo, que abrio nova eſtrada para a vingança em aquella vida a minha eſpada.

Farn. E ſe em vez do inimigo vos obrigaſſe o eſcuro da noite a matar outro?

Oſr. Não. Eſtava prevenido o caſo: fingio que cahia, quando juntos eſtivemos; e aſſim com eſte final Ceſar ficou expoſto, e elle livre, pois ao cahir o ſervo, ao Senhor cortei a cabeça.

Emir. Quem ſerá aquelle Romano, que me parece eſgrime ſanguinolenta eſpada? Se eu pudera ao menos ver-lhe o ſemblante. *á parte.*

Chic. Querem voſſés apoſtar, que deſtas detenças hei de eu pagar as cuſtas? Quem ſerá eſte eſpadachim, que nos vem meter na dança?

Farn. Agora que havemos fazer? Fugindo pelo caminho que trazeis, encontraremos a mil que vos ſeguem; pelas outras partes os guardas vigião ſempre.

Oſr. Pois com o ferro abriremos caminho.

Farn. Neſtes termos buſquemos outro remedio. Eu quero examinar primeiro ſe ha outra eſtrada por onde poſſamos fugir.

Emir. Tão baixo fallão, que entendellos não poſſo. *á parte.*

Chic. Eſtá bom ſegredo fóra de horas! Quem ſerá eſte cuchichador, que nada lhe poſſo perceber? *á parte.*

Farn. Entre eſtas ramas te eſconde: eu voltarei de preſſa.

Oſr. Se tardas, ſó me hirei.

Eſ-

Eſconde-ſe Oſroas ao pé de Chichelo.

Farn. Eſte.... não. Aquelle eſtreito... Mas ſe eu tentaſſe o caminho que Sabina me aſſinou? De Adriano o caſo ainda não eſtá público, e no encanto nós teremos fugido. Sim, eſte elejo.

Ao voltar para o caminho, ſahe pelo meſmo Adriano com a eſpada nua na mão ſeguido dos guardas.

Adr. Eſpera traidor.

Encontrando-ſe com Farnaſpe.

Farn. Que vejo! *Fica ſuſpenſo.*

Adr. Guardas, impedi todo o paſſo á fugida.

Farn. De marmore eſtou!

Emir. Eſtamos deſcubertos. *á parte.*

Adr. Admiras-te, ingrato, porque me vês vivo? Entendeſte que a mim me matavas? Nas palavras injurioſas, que ao ferir-me proferiſte, bem te manifeſtaſte.

Emi. Eis-aqui o erro; aquelle que ſe eſcondeo he o traidor. *á parte.*

Chic. Elle eſtá enganado, e eu hei de pagar a má viſinhança. *á parte.*

Adr. Perfido, não reſpondes? A que vieſte aqui? Que motivo te guiou? Quem te rompeo as cadeas? Falla.

Farn. Não poſſo.

Adr. Aconſelhai-me, oh Deoſes, que farei.

Chic. O rabinho já parece que ſente o medo.

Adr. Olá no carcere mais eſcuro guardai o delinquente.

Sahe Emirene.

Emir. Senhor, attendei, que elle eſtá innocente.
Deſcobre-ſe com impeto.

Farn. Princeza, que fazes?

Chic. Em boa ſe vai metter! O outro eſtá capaz de matar a todos. *á parte.*

Adr. Oh Ceos, tu tambem com Farnaſpe, e ao traidor defendes?

Emir. Eſſe não he o traidor, entre aquellas ramas. . . .

Farn. Calla-te.

Chic. Quirão os Deoſes que ſe não engane.

Emir. Eſte malvado que ſe eſconde, he quem buſcou o teu damno.

Farn. Oh Deoſes! Não ſabe que he ſeu Pai. *á parte.*

Adr. Queres que te creia? O defender de Farnaſpe o perigo, mais o condemna á morte; pois na confuſão que moſtra, mais o ſeu delicto augmentas.

Farn. Confundamos o erro. *á parte.*

Emir. Se me não crês. . . . .

Farn. Em que te agrada, Senhora, por tão pouco tempo encobrir? Tu me condemnas no querer-me eſcuſar. Em nada me offendes, quando réo me fazes: attento eſtimo a culpa, que não quero ſer innocente.

Adr. Oh perverſa alma!

Emir. Eu não o entendo.

Farn. Que goſtoſo morro, ſe o meu Senhor defendo! *á parte.*

Emir.

Emir. Porque, eſpoſo meu? porque, Senhor, fórmas contra ti o damno? Náõ és cruel e queres parecer aleivoſo? Tão feia culpa.....

Farn. Deixa-me, que não he tão feia como a julgas.

Adr. Eſte he aquelle Farnaſpe, que tu não conhecias? Como agora ſe converteo no teu bem? Aonde deixaſte aquella tibieza, coraçáo enganoſo, e feiticeiro?

Emir. Senhor.....

Adr. Eſte pagará a pena de ambos os golpes. Olá. *aos guardas.*

Emir. Mas eſpera: e o traidor quem he?

Farn. Emirene, ſe me amas, calla-te eſta vez.

Emir. Eu te amarei, ſe tu obedeces. Os meus paſſos ſegui, que aqui ſe eſconde o traidor. *aos guardas.*

Farn. Oh Deoſes! Detem-te.

Emir. Ceſar eſte he.

Aponta para onde eſtá Oſroas.

Segurão os guardas a Chichelo.

Chic. Não ſe enganem na porta; he a hi mais abaixo.

Adr. Es tu, aleivoſo?

Chic. Eu era capaz de matar ninguem? Veja voſſa inſolencia, que aqui eſtá neſta eſquina.

Farn. Calla-te louco.

Emir. Ainda eſte não he.....

Farn. Suſpende Emirene.

Chic. Vê o que dizes, que não ſou eu.

Adr. Levai eſte louco inſolente.

Chic. Apalpe-me bem voſſa Ceſarice, e veja ſe eu trago comigo couſa a eſtas horas, que poſſa matar ninguem.

Emir. O Criado não foi, que com Farnaſpe vinha. Ahi eſtá.

Farn. Não deſcubras.

Emir. Eſte he Auguſto.....

Deſcobre a Oſroas.

Oſr. Que ha de ver! Eu ſou.

Emir. Oh amado Pai!

Chic. Irra, de que eu eſcapei! *á parte.*

Adr. ElRei dos Parthos em habito Romano! Quantos são os cumplices em entregar-me?

Chic. Eu forro o meu coito.

Oſr. Eu ſó, eu ſó o teu ſangue buſcava; mas o golpe ſe errou: porém ſe a vida me deixas, ainda emendarei o damno com o acerto.

Adr. Aſſim entre as ſombras me aſſaltaſte, cruel? Porque viſte que eu cahia, a morte me buſcavas?

Oſr. Oh barbara ſorte! Eis-aqui o engano. O teu companheiro he o que devia cahir, e tu acaſo o fizeſte, e na confusão do final o tiro errei.

Farn. Quando o traidor não ſentio a meſma traição!

Adr. Olá, Miniſtros; em carcere deſtinado á ſua pena ſegurai eſtes réos.

Farn. E tambem Emirene?

Adr. Eſſa ingrata tambem.

Farn. Que injuſtiça he eſſa? Que delicto lhe encontras!

Chic.

Chic. Oh Senhor, vê que eu culpa não tenho.
Adr. Livre o deixai.
Farn. E Emirene não?
Adr. Não.

ARIA.

Adr. Todos os portos vejo
Todos trèmer eſpero,
Perfidos, deſeſpero,
E me acendei o ardor.
Que barbaro governo
Fazem neſta alma minha
Amor, e zelo interno,
Enfado, e ternura!
Não tem mais fogo o averno,
Que applique ao meu furor. *Vai-ſe.*

Emir. Pai, e Senhor..... Oh Deoſes, com que palavras te poderei chamar Pai, ſendo cumplice na tua morte! Ai de mim, que a meu reſpeito.....
Oſr. Vai-te; não confundas a minha conſtancia.
Emir. Bem conheço a razão, mas o perdão te pede eſta culpada. A teus pés Senhor..... *ajoelhando.*
Oſr. Deixa-me, filha; comtigo não eſtou irado, neſtes braços te entrego o perdão. Adeos amada filha, eſtimavel porção da minha alma.
Emir. Oh funeſto adeos!
Farn. Oh divisão amargoſa!

ARIA.

Emir. Eſte abraço, aquelle mimo,
Eſte agrado, eſſe lamento,
Faz mais juſto o meu tormento,
Mais culpada ainda me faz.
Qual me foſte, e qual te veja
Vê no amante peito afflicto,
Que pondera o ſeu delicto
Na piedade que me faz. *Vai-ſe.*

Farn. Oh ſe com todo o meu ſangue pudeſſe conſervar a vida do meu Rei, e da minha eſpoſa!

Oſr. Amigo, baſta, não me enterneças: vingue-ſe o traidor Ceſar, e veja lhe rende a minha cabeça a fortuna, e não a fraqueza. *Vai-ſe.*

Chic. Ainda não creio que fiquei livre: fóra com a graça! por pouco que não fico ſem cabeça.

RECITADO.

Farn. Que terrivel tormento, que amargura
Eſta alma minha paſſa!
Como de tantos golpes da ventura
Poderei eſcapar? Aſtros tyrannos,
A vida me roubais em tantos damnos.

ARIA.

Horrida em vulto he triſte
Sem que troveje a nuvem;
Tacito inchado exiſte

Sem

Sem vento o mar ſalgado,
E o peito ao paſſageiro
Aſſim faz palpitar.
Naquelle horror occulto
O funebre ſe alenta
Qual ſilencio he moſtra
Da proxima tormenta,
Que vão deixando os ventos
Aberto o peito ao mar. *Vai-ſe.*

Chic. Ora vou-me pendurar de ſebo ao Deos Saturno. Por hum és não és, que não vou provar ſegunda vez as enxovias.

Sahe Beringela.

Bering. Minha Ama eſtá aſſuſtada com eſte motim, e quer ſaber ſe Emirene ſe hiria. Mas aqui tenho quem mo diga. Senhor Chichelo?
Chic. Que diz, Senhora Tamanca?
Bering. Falle bem.
Chic. Eu não ſei que iſto ſeja fallar mal, pois tudo vai dar no calçado velho.
Bering. Não me dirá ſe o Principe Farnaſpe eſtá na terra?
Chic. Não, Senhora, não direi.
Bering. Porque?
Chic. Porque me pede que o não diga.
Bering. Sabe ſe elle fugio?
Chic. Nem elle era capaz de o fazer, nem eu de o chocalhar.
Bering. Pois que faz?
Chic. Supponho, que ſe eſtará lavando, que he hum porcalhão.

Bering.

Bering. Ora falle com termo.
Chic. Com termo lhe fallo. Ah perra, que raivas me fazes!
Bering. Tambem voſſé me não faz pouca raiva com os ſeus diſparates.
Chic. Pois já que lhe dei o mal, dar-lhe-hei o remedio.
Bering. E qual he!
Chic. Hir ás ondas, ſe tem raivas.
Bering. Ora calle-ſe, que não eſtou para graças, reſponda ao que lhe digo.
Chic. E que me diz?
Bering. Se fugirão Farnaſpe, e Emirene, que voſſé ha de ſabello?
Chic. Elles não o fizerão, porque os ſegurárão.
Bering. Ai mofina de mim!
Chic. Náo te aſſuſtes por iſſo, pois já que elles não abalárão, nós bem podemos ſer firmes.
Bering. E prenderão-os?
Chic. Não que elles hião ſoltos, e livres.
Bering. Eu não o entendo. *Faz que ſe vai.*
Chic. Pois iſſo he claro. Eſpere menina.
Bering. Deixe-me, que o vou dizer.
Chic. A quem?
Bering. Já o queria ſaber?
Chic. Não te has de hir ſem o dizer. *pegando-lhe.*
Bering. A'gora não.
Chic. Náo, por força não vás.

DUETO.

Bering. Sempre ateimas, qual cachorro,
Que á ſua bella cachorrinha
Sempre eſtá dizendo xó,
Bonitinha anda cá.
Chic. Sempre irada qual ſaloia
Ao ſeu burro, ſem que esbarre,
Te verei dizendo arre
Arre, arre, arrelá.
Ambos. Oh que teima, que tormento,
Tão ſem goſto, ſem contento
Eu me ſinto ſupportar! *Vai-ſe.*

ACTO III.

SCENA I.

Sala terrena com cadeiras. Sahem Sabina, e Aquilio.

Sab. COmo? Manda que eu me auſente? He cega eſta ſentença! Eſte preceito he juſto? De que delicto me quer caſtigar Adriano?
Aquil. Sabe, que de Emirene, e Farnaſpe foſte conſelheira na fuga: crê, que da guarda foſte a enganadora: queixa-ſe dizendo, que offendeſte as ſacras, e inviolaveis leis do throno de Auguſto: que ſe não caſtigar o teu arrojo, apren-

aprenderáõ a ſer-lhe infieis os ſeus vaſſallos : e com tal arte pinta a tua culpa , que o que o ouve , lhe chama piedoſo , vendo que ſó eſte he o caſtigo.

Sab. Não ſe ha de pôr o nome de culpa a huma obra de merecimento. Eu quiz , guardando a ſua gloria , e liſongeando huma competidora , procurar delle o ſeu coração ; e delle a ſua amizade , o odio , e a ira não forão meus conſelheiros : a piedade , e o amor forão ſó os meus empenhos : ſe foi erro he tão leve , que não merece pena.

Aquil. Sabina , eu o conheço , e talvez o conhece tambem Adriano , mas he de ſeu agrado eſta leve deſculpa para buſcar o teu retiro.

Sab. Eſtá bem;mas ouça-me, e talvez que ſe mude.

Aquil. Aparecer-lhe diante dos ſeus olhos não conſente , que eſta he a ordem que mais me encarregou.

Sab. Oh Deoſes ! Hei de auſentar-me ſem vello ?

Aquil. Sim.

Sab. E quando ?

Aquil. Já as náos eſtão promptas.

Sab. A hum tal preceito não ſe deve obedecer.

Faz que entra.

Aquil. Oh não , que te perdes. Vai-te , e fia de mim , que em não lhe reſiſtir o ſaberás vencer. Eu buſcarei algum inſtante para que elle te torne a buſcar.

Sab. Mas dize-lhe ao menos.....

Aquil. Vai , que ſem me dizeres mais , te entendo tudo.

ARIA

ARIA.

Sab. Dize-lhe, que he ingrato,
Dize-lhe, que he traidor,
Ouve, que féro rigor!
Não, não lhe digas tal,
Dize-lhe só que parto,
Mas sempre o sei amar.
E se no meu tormento
O vires suspirar,
Torna-me a consollar,
Que antes de morrer,
Quero esta gloria achar. *Vai-se.*

Aquil. Eu disponho o enredo, para que Sabina se ausente: sente o meu coração vella partir, mas tambem sente, que ficando a chegue a perder. Porém soffra o meu peito do seu bem a ausencia, se intenta conseguir alguma alegria na sua esperança.

ARIA.

Primeiro fere a planta,
Que em suavidade espanta,
Se o balsamo procura
Arabico Pastor.
Assim meu justo affecto,
Que esta ferida ordena,
Procura em tanta pena
Lograr mais certo amor.

Faz que ſe vai, e ſe ſuſpende ao ſahir Adriano.

Adr. Aquilio, que tens feito? De Sabina que alcançaſte?

Aquil. Nada, Senhor. Para que cumpriſſe com o teu deſejo, diſpuz a ſua vontade; mas nunca achei razões para a ſoſter. Eſtá reſoluta a deixar-te; tira por argumento, que fica mal ao ſeu decoro demorar-ſe na tua preſença; que te não quer ſer mais moleſta; e em fim me parece, que ſerve outro amante: eu o ſuſpeito, e que tira da tua inconſtancia deſculpa para a ſua infelicidade.

Adr. Não, não me agrada eſſa ſoberba paz. Vamos a vella.

Aquil. Porque? Temes, Senhor, o enfado de huma dama?

Adr. Não.

Aquil. E queres Sabina para tua eſpoſa?

Adr. Oh Deoſes!

Aquil. Pois logo que ella fique, de que nos aproveita?

Adr. Eu meſmo o não ſei dizer.

Aquil. Aſſim me desfaz o engano, mas eu lhe teço outro. *á parte.* Olha, Senhor, toma o meu conſelho: qualquer preceito de Oſroas baſtará para que Emirene te queira: ſe ella te deſdenha, he porque entende, que a ſeu Pai agrada; e para elle ſerá grande ventura recompenſar hum Reino com as tuas bodas. Eſte conſelho não te agrada?

Adr. Mais do que iſſo tenho feito: do carcere man-

dei que Oſroas foſſe conduzido á minha preſença; e elle ajuſtará o que dizes.

Aquil. E porque não o tinhas feito?

Adr. Tu não conheces a guerra cruel, que a minha alma levanta nos penſamentos. Roma, o Senado, Emirene, Sabina, a minha gloria, o meu amor, tudo tenho na preſença, tudo conſervo na memoria: acho hum riſco que temer, temo hum bem que hei de deixar: reſolvo-me, e me arrependo, e de me arrepender me torna a pezar: tal vivo, que vacilante fico na duvida, ſem determinação na eſcolha: tal, que entre o mal não ſei eſcolher o melhor.

Aquil. Pois Senhor, acaba huma vez de te atormentar: nos teus braços tens quaſi eſſa belleza por quem ſuſpiras; eu não tenho paciencia para te ver penar. Vou conduzir a ElRei dos Parthos.

Adr. A fineza quero de o hir eſperar. *Vai-ſe.*

Sahem Chichelo, e Beringela.

Chic. Com que em fim v. m. me deixa com eſſe deſamor?

Bering. Se não tenho outro, que quer que lhe faça?

Chic. Ora volta eſſas duas eſtrellas da alva, que na madrugada deſſa carinha, ſem conſciencia, quando eſperava me deſſem hum bom dia, me deixão ás boas noites.

Bering. Não ſabe que ſirvo a Senhora Sabina, e que ella por ordem de Adriano ſe auſenta?

Chic

Chic. Tudo ſei.

Bering. Pois então para que ſe queixa , ſem motivo , da minha auſencia ? Hei de ficar deſarranjada ?

Chic. Não ficará ; antes ſerá do meu rancho , ſe quizer ſeguir as bandeiras de amor.

Bering. Seguir as bandeiras , iſſo não , ſó porque me não digão que ſou moça de ſoldada.

Chic. Ora menina tem dó de mim , não me deixes no mar do meu pranto fluctuando na tormenta da tua auſencia.

Bering. Não me detenha com eſſes ditos , que por ahi me não peſca.

Chic. Pois cuidei que o anzol do meu affecto a pilhaſſe no mar do meu amor.

Bering. Olhe que ſe póde afogar , não nade tanto.

Chic. Não importa , que eu não me afogo em pouca agoa.

Bering. Não o poſſo mais ouvir ; fique-ſe embora , e ſaiba que. . . . .

Chic. Que ?

Bering. Que ſó de voſſé levo. . . . .

Chic. Ora dize , o que levas ? Es muito bonita !

ARIA.

Bering. Levo huma pena ,
Que me atormente ,
Tão rabujenta ,
Tão rezinguenta
Que nada quer.
Não ſei que he

Se

Se he ſaudade,
Não ſei dizer.
Sei que me mata,
Pois ſem reparo
Eu nunca paro,
Nem poſſo eſtar
Aqui, ahi, alli, acolá.
Ai que ſerá! *Vai-ſe.*

Chic. Eſpera, não fujas: ouve que te darei o remedio. E foi-ſe! Mas eu tambem quero hir, que..... Mas não, eu ſó ſem amo, que a barriga me ſuſtente, e namorando em jejum! Iſſo não, vá com o diabo, que não quero taes amores: alto, abalo, iſto ha de ſer. Mas ai aqui vem Adriano com ElRei Oſroas: vejamos em que iſto pára; deſta cadeira me valho.

Eſconde-ſe debaixo de huma cadeira, e ſahem Adriano, Aquilio, e Oſroas com cadêas.

Adr. Que dirá o mundo! Mas o conſervar a vida he razão da natureza, e eu não poſſo viver ſem Emirene.

Oſr. Que ſe me ordena?

Adr. Que ElRei dos Parthos ſe ſente, e me eſcute: ſocegue o ſeu deſtino.

Aquil. Do meu ſe trata.

Aſſentão-ſe Adriano e Oſroas.

Adr. Oſroas, no mundo tudo he ſujeito a inconſtancias, e ſerá eſtranho, que ſó os noſſos rancores ſejão eternos: a paz he util ao vencido, e conveniente ao vencedor: entre nós

já

já falta a materia para a contenda : o fado tanto te quiz tirar quanto a mim o Ceo benigno me quiz permittir , que já nem a mim ficou que ganhar , nem a ti que perder.

Ofr. Se conſervo o primeiro odio , ainda me ficou alguma couſa.

Aquil. Que barbara arrogancia ! *á parte.*

Adr. Não te glories de hum bem , que poſſuido atormenta ao poſſuidor. Apaga eſſe incendio , porque te não deſtrua. Sabe que tu és o juiz árbitro do meu ſocego , aſſim como eu o ſou da tua vida : ordena as couſas de maneira o Ceo , que todas a todos ſejão convenientes ; e o mais feliz muitas vezes acha no mais miſeravel , que eſperar , e que temer.

Chic. Aonde hirá parar iſto ! E eu aqui eſpremido , ſem me poder remexer !

Adr. Só com que tu falles , ſerá a Princeza minha , e ſó com que eu queira , ſerás tu livre, e Rei. Uſemos , oh amigo , do noſſo poder com conveniencia de ambos ; eu te peço a filha , e te offereço o Reino.

Aquil. Tremo da reſpoſta. *á parte.*

Adr. E pois que dizes ? Tu te ris , e não fallas ? *a Ofr.*

Chic. Se o caſo he para rir , que ha de fazer ?

Ofr. E queres que eu creia , que he tão fraco Adriano ?

Chic. Valente lhe chamo eu , pois te inveſtio como hum raio.

Adr. Muito , Oſroas , o ſou , ſe comigo não vejo a bella Emirene unida em doce jugo.

Nem

Nem a paz conheço, nenhum bem poſſuo, nem vida quero.

Oſr. Quando tão pouco baſta para te fazer feliz, eu ſou contente, que a filha ſe chame.

Chic. Eu fico pela ſua alegria, como lhe entregues o que elle deſeja. *á parte.*

Adr. Aceitas pois as minhas offertas?

Oſr. Quem recuſallas poderá!

Adr. Tu me entregas, amigo, o perdido ſocego. Aquilio, vai chamar a Princeza.

Aquil. Vou fazer o que ordenas. Já de Sabina a eſperança tenho. *Vai-ſe.*

Chic. Vá, que tambem eu me tomára daqui fóra.

Adr. Agora começo a viver. Olá, tirai aquellas cadeas ao Rei dos Parthos.

Sahem dous guardas.

Oſr. Agora não he tempo, Adriano. Eu não quero goſar primeiro das tuas offertas, que tu das minhas.

Adr. Hide, fazei o que mando.

Oſr. Não he preciſo retirai-vos.

Vão-ſe os guardas.

Adr. Do pezo injurioſo te verei livre.

Oſr. Aſſim ſatisfaço o meu contentamento.

Adr. Ainda não vem?

Chic. Elle eſtá deſeſperado. *a parte.*

Oſr. Impaciente eſtou juntamente comtigo.

Adr. A Princeza hirei buſcar. *Levanta-ſe.*

Oſr. Não he preciſo, que já chega.

Levanta-ſe detendo-o.

Sahe Emirene.

Emir. Que quererão ? *á parte.*
Adr. Bellissima Emirene.
Osr. Melhor será, que lhe relate tudo.
Chic. Eis o touro com Pedro Bonito.
Adr. He verdadade. . . . .
Emir. Porque estaráõ alegres ? *á parte.*
Osr. Filha, entre as nossas miserias tambem achamos alguma ventura. Nunca o imaginei. Achei na tua belleza a recompensa da minha perda.
Emir. Que me queres dizer nisso ?
Adr. Aquella abrazadora chamma. . . .
a Emir.
Osr. Deixai-me finalizar. *a Adr.*
Chic. Deixe-o, que elle he muito bom procurador.
Adr. Seja como te agrada.
Osr. Tal virtude te quiz conceder benigno o Ceo, que te sujeitou como servo o mesmo vencedor: por ti suspira, tudo por ti offerece, esquece se das offensas, sujeita-se aos rogos, aborrece a vida sem os teus agrados, e por sua Deosa te adora.
Adr. Tu pois, bella Emirene. . . . .
Osr. Ainda não acabei.
Chic. Ora está boa impertinencia !
Adr. Tal demora me mata. *á parte.*
Osr. Eu quero, (escuta, oh filha, este ultimo suspiro do intimo da alma) ao menos quero, já que morro, deixar-te como vingadora da minha offensa. Aborrece este tyranno, como eu até agora aborreci, e esta seja a herança paternal. *Adr.*

Adr. Ofroas, que dizes!
Chic. O velho endoudeceo.
Ofr. Nem temor, nem eſperança te ſujeitem a elle: ve-o ſim a todas as horas, mas ſeja arder em ira, e enlouquecer de amor.
Adr. Juſtos Deoſes, e que he iſto!
Ofr. Adriano, já pódes fallar, que Ofroas acabou.
Adr. Louco, infeliz! Não vês, que aſſim atêas aquelle incendio, que ha de ſer o teu eſtrago?
Ofr. Deſeſpera ſoberbo, que as tuas furias cantão os meus triunfos.

RECITADO.

Adr. Oh Deoſes! que raiva! que ira! que pena!
Meu peito condemna!
Que dizes? que fallas? Tal furia me acende
Que da vingança os paſſos prende.

ARIA.

Barbaro, não comprehendo
Se féra, ou louco és;
Se teu ſemblante viſſes,
Talvez que te ſentiſſes,
Horror tendo de ti.
O Urſo deshumano,
O Tigre enfurecido,
O Leão, que eſtá ferido,
Igual a ti não he. *Vai-ſe.*

Ofr. Filha, ſe queres que eu veja como me amas, hum Pai ſoccorre, que piedade te pede.
Emir. Se baſta o ſangue, he teu; e ſe não ha quem mo eſpalhe, eu meſma o tirarei.

Chic. Não digo, que eſtá doudo? Agora quer que a outra dê o remedio, depois de elle faltar á palavra.

Oſr. Livra-me das iras do cruel tyranno. Sem prisões te vejo: ſós eſtamos.

Emir. Se conhecco Auguſto de todas as traições innocente a Farnaſpe, e a mim, que te admira da noſſa ſoltura? Mas que ſoccorro te poſſo dar?

Oſr. Hum ferro, hum laço, hum veneno, huma morte, qualquer que ſeja te peço que me dês.

Chic. Faça-lhe já iſſo por caridade; e acabemos com eſſa bulha.

Emir. Pai, e Senhor, que dizes? E feria prova de amor, ſer a meſma filha o algoz que... Ah! ſem temor o não poſſo comprehender. Não o eſperes; o coração o teme; e quando o coração ſe reſolveſſe, a mão o não ſaberia executar.

Oſr. Vai, eu te queria mais digna da tua origem. Teme já a morte, que eu hei de levar.

ARIA.

Não teme huma alma forte
A ferida que conſente,
Só lamenta, chora, e ſente
A vileza do morrer.
Que dos males ſeja a morte
O peor já não alcanço,
Antes he juſto deſcanço
Donde pára o obedecer. *Vai-ſe.*

Emir. Oh infeliz, a que conſelho devo obedecer?

Chic.

Chic. O que eu der.
Emir. Quem me reſponde!
Chic. He hum criado de Voſſa Alteza.
Sahe debaixo da cadeira.
Emir. Tu aqui?
Chic. E bem contra minha vontade; pois ſaio eſpremido, e entrei medroſo.
Emir. Ouviſte à minha deſgraça?
Chic. Não acaba de entender, que ſeu Pai eſtá tonto?
Emir. Oh que tambem eu perco o juizo!
Chic. Não, ſe iſſo he achaque que ſe pega, eu não quero perder o pouco que tenho.
Emir. Que hei de fazer?
Chic. Caſar com Adriano.
Emir. Tu me aconſelhas iſſo, ſabendo o que a Farnaſpe quero?
Chic. Pois caſe com Farnaſpe.
Emir. Eſtás louco!
Chic. Já ſe me pegaria o achaque.
Sahe Farnaſpe apreſſado.
Farn. Corre, Emirene.
Emir. Aonde?
Farn. Ao Ceſar.
Emir. E para que?
Farn. Procura que o mandado revogue, que contra teu Pai publica.
Emir. E qual he?
Farn. Quer que arraſtrando cadeas vá....
Emir. Aonde?
Chic. Fazer a ſua penitencia.

Emir.

Emir. A morrer!

Farn. Não, peior.

Chic. Peior! ſó ſe o manda para Plutão.

Emir Pois aonde?

Farn. A Roma.

Emir. E de que proveito lhe poſſo ſervir?

Chic. Hir-lhe ajudar a carga.

Farn. Vai, roga, chora, offerece-te eſpoſa a Adriano, obriga-lhe a eſperança, e o amor. Tudo ſe perca, ElRei ſe ſalve.

Chic. Outro terceiro temos.

Emir Elle me poz o preceito de aborrecer ſempre a Adriano.

Farn. Tu não deves ſeguir huma ordem dada com ira: nós, oh amada Emirene, o devemos ſoccorrer, ainda a ſeu pezar.

Emir. A outros braços eu devo hir? Tu o aconſelhas? E com tanta firmeza?

Chic. Eu não vi homem mais bem afortunado: todos são por elle.

Farn. Ah Princeza, que não vês o meu coração. Não ſabes a pena, que eſte esforço me cuſta. Ainda que aſſim fallo, não tenho parte em mim, que não ſinta tremer; gota de ſangue não acho, que pelas veias geladas não corra. Eu ſei que perco o unico bem, por quem lograva doce vida: eu ſei que fico afflicto, e deſeſperado, moleſto para os mais, e para mim. Mas que dirá a Aſia toda de nós ſe Oſroas morre, podendo nós ſalvallo? Minha alma, ſacrifiquemos a eſte preciſo reparo a noſſa paz. Vai conſorte, ſer de Auguſto: o

grão

grão mais alto da terra occupa: huma vantagem ſerá talvez para mim eſta meſma pena: já que déſte leis ao meu coração, vai, e dá leis ao mundo.

Chic. Eu não entendo eſta tramoia.

Emir. Se tu queres que te eu perca, meu bem, para que te moſtras tão digno de amor?

Farn. Meu bem; tu não me perdes. Em quanto viver, ſempre te hei de amar. Sei quanto devo ás tuas finezas. Conſagrar-te o meu amor juro a todos os Deoſes, e o juro áquellas formoſas luzes, que nos teus olhos adoro. E tu alma deſta alma que.... Mas aonde me leva a conſideração da minha dor? Ah! que nos falta o tempo para ſentir. Oſroas morre em quanto diſcorremos em livrallo.

Emir. Adeos.

Farn. Adeos, meu bem. E nos veremos? Ouve-me.

Emir. Que me queres?

Farn. Vai..... Eſpera.... Oh Deoſes! Quizera que me deixaſſes, e não quizera.

Chic. Aqui andará o diabo fazendo das ſuas? Elles querem caſar, elles querem deſcaſar: elles chorão, elles riem. O certo he, que ſó eu ſei tratar o Senhor Cupido. Não ha couſa, como não dar confiança a hum rapaz cégo.

RECITADO.

Se elle a mim me fizera eſtas gaifonas,
Com formoſas taponas
O cuſinho mui bem lhe esfrangalhára,

E quanto mais guinchára,
Eu então com mais ancia ſim lhe déra,
Que o ſangue pelo rabo lhe eſcorrêra.

ARIA.

Mas qual o cão raivoſo,
Se algum rapaz o aſſanha,
Os dentes lhe arreganha
Fazendo-lhe am, am,
Logo o rapaz lhe foge,
Temendo o ſeu ladrar.
Aſſim ao Deos Cupido
Os dentes lhe arreganho,
E vendo que me aſſanho,
A's trancas logo dá. *Vai-ſe.*

SCENA II.

Lugar magnifico do Palacio Imperial, eſcadas ornadas de eſtatuas, pelas quaes ſe ſobe ao alto do monte Orante. Viſta das Náos em o rio; de Campanha, e Jardim em cima da rocha, que cerca o rio. Sabem Sabina com acompanhamento de matronas, e Cavalheiros Romanos, Aquilio, e Beringella.

Sabin. TEmerario! Tu tens animo para me fallar em amor? Não te lembras de quem tu és, e quem eu ſou?

Aquil. Amor aos differentes iguala: o reſpeito me fez até agora mudo: aſſim vos auſentais, e neſte ultimo refugio, me foi preciſo manifeſtar-te o meu amor. *Sab.*

Sab. Não tem deſculpa hum affecto, que he tão temerario. Vamos.

Aquil. Bem vejo o porque me deſprezas. Ainda eſtá no teu coração o barbaro, injuſto, e inconſtante Adriano?

Sab. Que he iſſo? Aſſim fallas do teu Soberano?

Aquil. Eſte fallar de ti o aprendi.

Sab. Sei que não he tudo o meſmo. Eu queria, e os zelos me davão deſculpa de fallar atrevida. *partindo para embarcar.*

Aquil. Oh féra! Outra vez te receberá Roma ſem Ceſar.

Sahe Adriano com numeroſo ſequito.

Adr. Sabina, eſcuta, ouve, Senhora.

Aquil. Ai de mim! *á parte.*

Sab. Deoſes! Que queres? *Tornando a traz.*

Adr. Tão odioſo te ſou, que ſem me veres queres partir?

Sab. Senhor, já baſta de zombaria. Se tu me mandas, e me prohibes que te appareça. . . .

Adr. Eu? quando? Aquilio, não pedio Sabina a liberdade de deixar-me?

Sab. Oh Deoſes! Não foi vontade de Adriano, que eu me auſentaſſe, ſem que o viſſe?

Aquil. Se fallo me condemno, e ſe não fallo... *á parte.*

Sab. Perfido, emmudece: já conheço os teus enredos. Sabe Adriano. . . .

Aquil. Eu ſerei quem deſcubra o meu meſmo erro. He verdade, Senhor, que a Sabina adoro: temi que venceſſe a ſua formoſura; por iſſo diſtante. . . . *Adr.*

Adr. Não digas mais, tudo entendo. Ah coração traidor! Esta he a graça, que me rendes dos beneficios, que te faço? Esta he a té que ao teu Soberano deves? Tu sendo meu competidor! Tu opposto á minha gloria, e a Sabina querendo? Olá, seja prezo.

Aquil. Sorte adversa! *Vai-se com os guardas.*

Adr. Comigo fique a minha espoſa.

Sab. Eu espoſa tua, e quando?

Adr. Não tardará muito, deixa-me compôr os meus sentidos, e verás.

Sab. Verei que esse dia nunca chega.

Adr. Chegará, chegará, pois já vejo, oh Sabina, que vou sarando do meu mal, a minha justiça, os despojos de Emirene, os odios de seu Pai.

Sahem Farnaspe, e Emirene.

Emir. Piedade, oh Cesar.

Farn. Senhor, piedade.

Adr. De que ma pedis?

Emir. De meu querido Pai.

Farn. De meu desgraçado Rei.

Adr. O Senado, e Roma o julgará. Tão offendido estou, que perdoar-lhe não quero; e tanto temo a minha ira, que o não quero julgar.

Emir. Mais então o castigas; maior pena será essa para Osroas.

Adr. Nem quero, que mo nomees.

Farn. Senhor, não te compadeces de Emirene, que chora, que he tua espoſa, se o quizeres?

Adr. Espoſa?

Farn.

Farn Seu Pai te pede. Aquella mão, que fazer-te feliz póde, rendido te offerece.

Adr. Mas ella mo não diz.

Sab. Ai de mim! *á parte.*

Farn. Falla, Emirene.

Adr. Com quanta força a offerta conſente! O coração te conheço. Não, não que o odio paterno, e o teu primeiro emprego he mais forte, que eſſe rendimento; e não quero que me ſejas inimiga, ainda depois de eſpoſa.

Emir. Não, Ceſar, te enganas; a minha obrigação fará eſtrada ao meu amor. Revoga a ſentença, perdoa a quem me gerou, por aquelle ſereno raio do Ceo, que no teu ſemblante adoro, por eſta invencivel mão, que he ſuſtento do mundo, e eu beijo, aperto, e com lagrimas banho. *ajoelha.*

Adr. Levanta-te; mais não chores. Que vejo! He mulher, ou he Deoſa! Quando me namorou aſſim chorava. *á parte.*

Sab. Que eſpero mais? *á parte.*

Farn. Reſolve-te Senhor.

Adr. Se ao menos aqui não eſtivera Sabina. *á parte.*

Sab. He certo o meu deſprezo. *á parte.*

Adr. No ſemblante moſtra a ſua offenſa. *á p.*

Sab. Tome alento huma vez.... Ceſar, eu vejo, que.....

Adr. Que ſódes ver, Sabina? Eu ainda não fallei, não reſolvi, e já te queixas? Já réo me chamas! Que lei manda ſe faça o caſtigo antes do delicto?

Sab.

Sab. Não te enfades, Senhor: escuta, e crê, que sem fingimento de amor, sem encubertos enganos te fallo. No meu semblante lerás o meu coração.

Adr. Falla, já te attendo.

Sab. Eu estou vendo, Augusto, e todos vem, que no semblante te reparão, que comtigo pelejas por te render a ti. Eu em vez de me irar comtigo por tantos desprezos, quantos sinto, sei que ao ver-te me compadeço. Bem sei, que são mortaes as nossas feridas. Hum de nós neste combate deve ser o que renda a vida ás mãos da morte: ou eu, se te perco; ou tu, se Emirene não gozas. Pois não consinta amor, que para se conservar de huma inutil mulher, como eu sou, a vida, se perca hum tão grande heroe, como tu és. Guarda-te pois, oh amado, não para mim, sim para a tua Patria, para a tua gloria, e para o mundo todo: de toda a obrigação te absolvo, te perdo-o toda a offensa; e eu mesma quero ser o teu refugio.

Adr. Que direi! *á parte.*

Sab. De mim não tenhas cuidado: serão breves as minhas penas, e morrerei contente, sabendo que a brevidade de meus dias he o augmento de teus amores.

Adr. Oh alma generosa! oh digna de mil Imperios! Que excesso he este de tão soberana virtude? Todos me quereis reprehender, e envergonhar? Fiel vassallo (*a Farn.*), tu me cedes a esposa por salvar a vida do teu Rei! Piedosa filha, (*a Emir.*) tu a ti mesma te

sa-

ſacrificas pela liberdade de teu pai! Injuriada eſpoſa (*a Sab.*), tu deſprezas a vida ſó porque eu viva em ſocego! E eu entre tanta conſtancia, hei de ſer o mais puſilanime? E não me envergonho? E não fujo da communicação dos viventes? E me aſſento no throno? E dou leis ao mundo? Ah, não ſeja aſſim. Já que em voſſos peitos ſublimes vejo luzir eſpiritos de virtude, aprendendo comvoſco, quero ſahir do lethargo profundo, em que vivia adormecido. Oh illuſtre minha libertadora. Vê o novo incendio de gloria, que agora ſe me atêa na alma. Hoje a todos quero fazer felices: a Oſroas reſtituo o Reino, e a liberdade: a Farnaſpe entrego a ſua amada Emirene: a Aquilio abſolvo de toda a culpa: e a ti, ſó de ti digno, me entrego todo.

Sab. Que gloria!

Emir. Que alegria!

Farn. Não eſperado contentamento!

Sab. Eſte ſó he o verdadeiro Adriano.

Farn. Permitte, ó Ceſar, que Oſroas ás tuas plantas venha.

Adr. Não, que ſe mudará, á viſta daquelle peito, meu generoſo coração, em aquellas meſmas mãos aonde foi priſioneiro. Vá aonde lhe parecer, e ſe me quer amigo, direis, que Adriano o deſeja: ſe lho não pede, he porque quer que ſeja a amizade divida, e não mercê.

Farn. Oh magnanimo coração!

Adr. E tu, Princeza, quanto de mim pretendes, pede, que ſe te concederá, deixando-

me

me ſó, que tambem te peça o ſegredo de meu peito. Pouco o ſinto ſeguro, em quanto junta a mim te vejo. Auſenta-te, já que aſſim te peço. Aqui tens o teu eſpoſo, acolá acharás teu Pai. Vivei alegres, e todos tres entregai ao eſquecimento eſtes dilirios de meu amor.

Emir. Ao menos Senhor....

Adr. Baſta, Emirene, adeos.

CORO.

Manda, impera a terra, ó Ceſar,
Surca, Auguſto, o ſalſo mar,
Do teu nome excelſo dando
Hum padrão mais ſingular.

FIM.

INDICE

DAS OPERAS, QUE CONTÉM este terceiro Tomo.

Adolonimo em Sydonia, pag. 3.
A Ninfa Syringa, ou os Amores de Pan, e Syringa, pag. 72.
Novos Encantos de Amor, pag. 158.
Adriano em Syria, pag. 314.